

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E  
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

EDUARDO TADEU ROQUE AMARAL

**Nomes próprios:  
análise de antropônimos  
do espanhol escrito**

São Paulo

2008

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E  
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA**

# **Nomes próprios: análise de antropônimos do espanhol escrito**

**Eduardo Tadeu Roque Amaral**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mirta María Groppi Asplanato de Varalla.

**São Paulo**

**2008**

**Aos nossos nomes.**

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Mirta Groppi, pela dedicação e empenho com que me orientou.

À CAPES, pelos recursos concedidos durante o segundo ano de desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores Maria Elizabeth Fonseca Saraiva, Neide González, Rodolfo Ilari, Zilda Zapparoli, pelos esclarecimentos e pelas sugestões.

Aos colegas e alunos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo apoio que me deram.

A todos do Programa de Pós-graduação em Letras (Área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana), pela oportunidade oferecida e pelo ótimo convívio.

À minha família, por estar sempre ao lado.

Aos amigos Junia dos Santos Cruz, Márcia Souto Ferreira, Maria de Lourdes Lima e Daniel Mazzaro.

Ao Renan Chácara, pelo apoio e compreensão.

Ao amigo Wellington Costa, pelo incentivo e pela colaboração com a língua francesa.

Ao amigo e prof. Dr. Bruno Zenóbio, pelas sugestões de correção e demais contribuições.

“pois uma personagem pode ter diversos nomes, conforme o caso, pode ser designada pelo primeiro nome, pelo apelido, pelo sobrenome ou pelo patronímico e, também, por coisas como ‘a viúva de Jan’ ou ‘o atendente do cerealista’. Mas o que importa são os detalhes físicos que o romance sublinha, as unhas ruídas de Bronko, a pelugem nas faces de Brigd, assim como os gestos, os utensílios manejados por um e outro, o martelo de carne, o escorregador de agrião, a espátula de manteiga, de modo que toda personagem receba uma primeira definição segundo seu gesto ou atributo, ou melhor, é sobre isso que se deseja obter mais informações, como se a espátula de manteiga já determinasse o caráter e o destino de quem no primeiro capítulo manipula um utensílio desses, e como se, a cada vez que a personagem reaparecesse no curso do romance, você, Leitor, se preparasse para exclamar: ‘Ah, é aquela da espátula de manteiga!’, forçando assim o autor a atribuir-lhe atos e eventos relacionados a essa espátula inicial.”

Italo Calvino (*Se um viajante numa noite de inverno*)

## RESUMO

O objetivo principal desta tese é apresentar uma análise dos diferentes usos de antropônimos (nomes próprios de pessoa) em textos do espanhol escrito contemporâneo. Primeiramente, são discutidas questões relacionadas ao sentido e à referência, retomando-se teorias clássicas sobre os nomes próprios desenvolvidas a partir do século XIX principalmente por lógicos e filósofos: a teoria descritivista ou teoria do sentido e a teoria referencial direta ou teoria causal. Já no âmbito dos estudos gramaticais, são expostos alguns pressupostos de Kleiber (1981), com ênfase nas idéias sobre *predicado de denominação e nomes próprios modificados*, as quais servem de base para diversos trabalhos de lingüistas contemporâneos que se dedicam ao tema (Fernández Leborans, 1999a; Gary-Prieur, 1994; Gary-Prieur, 2001; Jonasson, 1994; Leroy, 2004; entre outros). Também são comentadas diferentes propostas de classificação dos nomes próprios. Essa exposição teórica possibilita apresentar definições importantes para a análise como a de *antropônimo, referente e uso referencial ordinário* do antropônimo. Para alcançar o objetivo inicialmente proposto, foi utilizado um *corpus* constituído pelos textos da seção *Entretenimientos (Espectáculos)* publicados na página *web* do jornal argentino *La Nación* durante o mês de julho de 2005. Devido aos problemas que o uso do termo *nome próprio modificado* acarreta – conforme já apontado por trabalhos recentes (Gary-Prieur, 2005; Kleiber, 2006; Noailly, 2000) –, a análise o abandona e, partindo de critérios semânticos (principalmente relativos à referência), mas sem ignorar os sintáticos, são identificados três grupos de usos antroponímicos, cujas ocorrências são apresentadas em um contínuo referencial que toma por base a referência ao indivíduo portador do nome próprio. No primeiro grupo, estão os casos em que o referente do SN antroponímico se identifica com o portador inicial do antropônimo. No segundo, aqueles em que o SN antroponímico não corresponde com o portador inicial, mas mantém com este uma relação que pode surgir a partir de propriedades ou produtos seus. No terceiro grupo, já saindo dos casos autênticos de antropônimos, enquadram-se as ocorrências em que o referente discursivo do SN não mantém nenhuma relação com o indivíduo portador do nome próprio. Além de oferecer uma nova classificação para os usos dos antropônimos, este trabalho revê a noção de *nome próprio modificado*, postula um *uso próprio do antropônimo* relacionado à nomeação e comprova que uma análise de nomes próprios deve considerar toda a diversidade sintática e semântica das construções em que ocorrem.

**Palavras-chave:** nomes próprios; antropônimos; sentido; referência; língua espanhola.

## RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo principal presentar un análisis de los diferentes usos de antropónimos (nombres propios de persona) en textos del español escrito contemporáneo. En primer lugar, se discuten cuestiones relacionadas con el sentido y la referencia propuestas por teorías clásicas sobre los nombres propios desarrolladas a partir del siglo XIX principalmente por lógicos y filósofos: la teoría descriptiva o teoría del sentido y la teoría referencial directa o teoría causal. En el ámbito de los estudios gramaticales, se exponen algunas ideas de Kleiber (1981), con énfasis en aquellas en torno al *predicado de denominación* y a los *nombres propios modificados*, las cuales sirven de base a varios trabajos de lingüistas contemporáneos que se dedican al tema (Fernández Leborans, 1999a; Gary-Prieur, 1994; Gary-Prieur, 2001; Jonasson, 1994; Leroy, 2004; entre otros). Se comentan asimismo distintas propuestas de clasificación de los nombres propios. Esa exposición teórica nos posibilita la presentación de definiciones importantes para el análisis, como la de *antropónimo, referente y uso referencial ordinario* del antropónimo. Para alcanzar el objetivo inicial, se utilizó un corpus constituido por textos de la sección *Entretenimientos (Espectáculos)* publicados en la página *web* del periódico argentino *La Nación* durante el mes de julio de 2005. Debido a los problemas que presenta el término *nombre propio modificado* –según trabajos recientes (Gary-Prieur, 2005; Kleiber, 2006; Noailly, 2000)–, el análisis lo abandona y, a partir de criterios semánticos (relacionados a la referencia principalmente), pero sin ignorar los sintácticos, se identifican tres grupos de usos antroponímicos, cuyas ocurrencias se presentan en un continuo referencial que tiene como base la referencia al individuo portador del nombre propio. En el primer grupo, se encuentran los casos en que el referente del SN antroponímico se identifica con el portador inicial del antropónimo. En el segundo, aquellos en que el SN antroponímico no corresponde con el portador inicial, pero mantiene con éste una relación que puede surgir a partir de propiedades o productos suyos. En el tercero, ya sin auténticos ejemplos de antropónimos, están las ocurrencias en que el referente discursivo del SN no mantiene ninguna relación con el individuo portador del nombre propio. Además de ofrecer una nueva clasificación de los usos de antropónimos, este trabajo revé la noción de *nombre propio modificado*, defiende un uso propio del antropónimo relacionado con el acto de nombramiento y comprueba que un análisis de nombres propios debe considerar toda la diversidad sintáctica y semántica de las construcciones en que ocurren.

**Palabras clave:** nombres propios; antropónimos; sentido; referencia; lengua española.

## ABSTRACT

The main purpose of this work is to present an analysis of the different uses of anthroponyms (proper names) in contemporary written Spanish texts. At the outset, issues related to meaning and reference are discussed, recovering classic theories about proper names which have been developed since the XIX Century mainly by logicians and philosophers: the descriptivist theory or the meaning theory and the direct referential theory or causal theory. Regarding grammatical studies, a group of assumptions by Kleiber (1981) are exposed, with emphasis on the ideas about *predicate of denomination* and *modified proper names* which are basis for several studies by current linguists who are dedicated to this theme (Fernández Leborans, 1999a; Gary-Prieur, 1994; Gary-Prieur, 2001; Jonasson, 1994; Leroy, 2004; among others). Different proposals for classification of proper names are also discussed here. This theoretical framework enables the presentation of important definitions for the analysis such as *anthroponym*, *referent* and *ordinary referential use* of anthroponym. To accomplish our goal, we gathered a *corpus* composed by texts from the section *Entretenimientos (Espectáculos)* published on the web page of the Argentinian newspaper *La Nación* during July 2005. Due to the complications caused by the expression *modified proper name* – in accordance with recent works (Gary-Prieur, 2005; Kleiber, 2006; Noailly, 2000) –, the analysis here disregards this expression. Based on semantic *criteria* (related to reference), without nevertheless abandoning the syntactic ones, three groups of anthroponymic uses are identified. Their occurrences are presented in a continuous referential which is based on the reference to the subject that bears the proper name. The first group is composed by cases in which the referent of the anthroponymic NP is identified to the initial bearer of the anthroponym. In the second group, there are cases in which the anthroponymic NP does not correspond to the initial bearer, but keeps a relationship with this one that may arise from properties or products. In the third group, without authentic cases of anthroponyms, there are occurrences in which the discursive referent of the NP does not have any relationship with the subject that bears the proper name. Beyond offering a new classification for the use of anthroponyms, this work revisits the notion of *modified proper name*, postulates a *proper use of anthroponym* related to nomination, and attests that analysis of proper names must consider the whole syntactic and semantic diversity of the constructions in which they appear.

**Keywords:** proper names; anthroponyms; sense; reference; Spanish.



## LISTAS

### ABREVIATURAS

Adj. – adjetivo  
Antr. – antropônimo  
Art. – artigo  
Art. def. sing. – artigo definido singular  
Art. def. pl. – artigo definido plural  
Dem. – demonstrativo  
NC – nome comum  
Num. – numeral  
NPr – nome próprio  
Pos. – possessivo  
SN – sintagma nominal  
SPrep – sintagma preposicionado

### FIGURAS

FIGURA 1.1 – Obras representativas das teorias sobre os nomes próprios publicadas entre 1843 e 1981

FIGURA 4.1 – Esquema classificatório de nomes próprios (López García, 2000: 186)

### GRÁFICO

GRÁFICO 3.1 – Comparação entre os pesos lexicais de antropônimos e de antropônimos modificados segundo as variáveis

### QUADROS

QUADRO 2.1 – Exemplos de usos do nome próprio (elaborado a partir de Fernández Leborans, 1999a)

QUADRO 4.1 – Relação e definição dos itens considerados antropônimos

### TABELA

TABELA 3.1. Relação de *antropônimos modificados* por número de palavras de quatro seções do jornal *La Nación* referentes ao período de 01/07/05 a 07/07/05

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. OS ESTUDOS SOBRE OS NOMES PRÓPRIOS .....	18
1.1. As diferentes abordagens sobre os nomes próprios.....	19
1.1.1. Os nomes próprios na tradição gramatical .....	19
1.1.2. Os nomes próprios: objeto de estudo interdisciplinar.....	20
1.2. Nome próprio: questões de sentido e referência .....	20
1.2.1. A teoria descritivista ou teoria do sentido .....	22
1.2.1.1. Frege e Russell .....	23
1.2.1.2. Strawson e Searle .....	26
1.2.2. A teoria referencial direta ou teoria causal.....	30
1.3. Nomes próprios e predicados.....	39
1.3.1. O nome próprio como predicado .....	39
1.3.2. A teoria do predicado de denominação .....	40
2. OS NOMES PRÓPRIOS NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS .....	42
2.1. O <i>predicado de denominação</i> e os nomes próprios modificados.....	44
2.2. Abordagem cognitiva do nome próprio (Jonasson, 1994).....	46
2.3. Por uma gramática do nome próprio (Gary-Prieur (1994); Gary-Prieur (2001))	50
2.4. O fim do <i>predicado de denominação</i> (Kleiber (1995) e Kleiber (1996)) .....	55
2.5. Os nomes próprios modificados: antigos problemas, questões recentes.....	58
2.6. Os nomes próprios nos estudos da língua espanhola .....	60
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	62
3.1. O nascimento da pesquisa e as primeiras opções metodológicas.....	63
3.2. A coleta de dados: sobre os dados de língua oral e de língua escrita .....	64
3.2.1. <i>Corpora</i> de língua oral.....	65
3.2.2. <i>Corpus</i> de língua escrita.....	67
3.3. A análise .....	67
3.3.1. A utilização de um método matemático-estatístico-computacional .....	67
3.3.2. A análise de Leroy (2001) e o tratamento automático da antonomásia .....	70
3.4. As escolhas metodológicas definitivas .....	72

4. NOMES PRÓPRIOS E ANTROPÔNIMOS: QUESTÕES DE CLASSE E DE DEFINIÇÃO .....	73
4.1. A classe dos nomes próprios .....	75
4.1.1. Os antropônimos entre os nomes próprios .....	78
4.2. O uso próprio do nome próprio.....	80
4.2.1. A noção de <i>nomear</i> .....	81
4.2.2. A <i>nomeação</i> nos dados do espanhol escrito .....	83
4.2.2.1. Exemplos com o verbo LLAMAR [llamar + Antr.] .....	84
4.2.2.2. Exemplos com o verbo CONOCER [conocer + como + Antr.].....	85
4.2.2.3. Exemplo com o verbo BAUTIZAR [bautizar + Antr.].....	86
4.2.2.4. Exemplos com itens lexicais <i>classificadores</i> de antropônimos.....	86
4.2.2.5. Exemplos com estruturas apositivas e com a estrutura [el + SN [NC/Adj + Antr.]] .....	87
4.2.2.6. Outros exemplos .....	90
4.3. O uso do antropônimo em oração copulativa e outras formas de nomeação ...	91
4.4. O uso referencial ordinário do antropônimo.....	96
4.5. Usos <i>modificados</i> : uma proposta de análise semântico-textual.....	98
5. ANÁLISE DOS DADOS .....	101
5.1. Grupo 1 .....	103
5.1.1. Antropônimos precedidos por artigo definido singular [Art. def. sing. + Antr.] .....	106
5.1.2. Antropônimos precedidos por artigo definido plural [Art. def. pl. + Antr.]..	112
5.1.3. Antropônimos precedidos por nome de parentesco [Art. def. pl. + nome de parentesco + Antr.].....	116
5.1.4. Antropônimos precedido por numeral [num. + Antr.].....	120
5.1.5. Antropônimos precedidos por <i>mismo</i> [Art. def. + mismo/a + Antr.] .....	122
5.1.6. Antropônimos precedidos por <i>propio</i> [el/la propio/a + Antr.] .....	127
5.1.7. Antropônimos precedidos por adjetivo [Art. def. + Adj. + Antr.].....	130
5.1.8. Antropônimos precedidos por possessivo [Pos. + Antr.].....	134
5.1.9. Antropônimos precedidos por demonstrativo [Dem. + Antr.].....	138
5.1.10. Antropônimos precedidos por <i>tal</i> [art. + tal + Antr.].....	140
5.1.11. Outros casos .....	141
5.2. Grupo 2 .....	142
5.2.1. A interpretação “manifestação”, “fase” ou “imagem” do referente .....	142
5.2.2. A interpretação metafórica .....	152
5.2.3. A interpretação metonímica.....	162

5.2.4. O antropônimo como qualificativo.....	165
5.3. Grupo 3.....	169
5.4. O uso metalingüístico do antropônimo .....	172
CONCLUSÕES.....	174
BIBLIOGRAFIA.....	183
ANEXO .....	195

# Introdução

Perder nuestro nombre es como perder nuestra sombra; ser sólo nuestro nombre es reducirnos a ser sombra. La ausencia de relación entre las cosas y sus nombres es doblemente insoportable: o el sentido se evapora o las cosas se desvanecen.

Octavio Paz

O texto abaixo foi extraído da edição *on-line* de 3 de julho de 2005 do jornal argentino *La Nación*. Considerem-se os itens lexicais destacados:

### Una historia de vida llevada al escenario

(...)

*Se llama **Juana González**; tiene hoy ochenta años y en los 50 del siglo último fue la stripper más osada y famosa de Rosario y sus alrededores, con el seudónimo de **Rita la Salvaje**. Su historia contiene todos los ingredientes del consabido folletín de la muchacha de origen humilde, de la que abusaba desde la pubertad su padrastro, loca por el baile, las lentejuelas, las plumas y las luces de la gran ciudad, que a fuerza de tesón, audacia y cálculo se convierte en reina de la vida nocturna sin perder una suerte de inocencia esencial.*

*El libro de **Gonzalo Demarúa** ("Houdini") se remonta desde la actualidad, cuando **Juana-Rita** vive una vejez modesta y apacible, hasta sus comienzos, sin ocultar la sordidez del ambiente en que triunfó, sus decepciones amorosas, su inquebrantable fe en la Virgen María y en Eva Perón, y el mantenimiento, pese a todo, de una ética profesional. El recurso es el habitual: el joven periodista que procura rescatar del olvido a una vieja gloria en decadencia.*

*Y es **la Rita actual** la encargada de la evocación, en una caracterización de veras conmovedora, y muy divertida a la vez, de **la notable Lidia Catalano**.*

*Los autores ponen el acento en el paso de la protagonista, ya madura y olvidada, por una clínica neuropsiquiátrica donde es sometida a un régimen atroz.*

*Esto da lugar a un encuentro imaginario con **tres Ritas famosas** -Hayworth, Pavone y Lee (por cierto, irreconocibles si no se las mencionase)- y a un estafalario número de acrobacia aérea, con arneses, al comienzo de la segunda parte, para el cual no se presta el reducido escenario del Maipo. Suprimirlo favorecerá el saldo final del espectáculo.*

(...)

(<http://www.lanacion.com.ar/718073>)

Analisando os nomes próprios destacados no texto acima, é possível observar que eles recebem interpretações diferenciadas. No primeiro parágrafo, *Juana González* serve para nomear a mulher que foi uma *stripper* famosa da cidade de Rosário e de seus arredores durante os anos 50. Nesse caso, o nome apresentado da *stripper* está constituído por um prenome (*nombre de pila*, em espanhol) e um sobrenome (*apellido*). Ainda no primeiro parágrafo, *Rita la Salvaje* também nomeia a mesma pessoa, com a diferença de que se informa para o leitor que se trata de um pseudônimo. Nesse caso, tem-se um nome próprio *complexo*, ou seja, constituído por um antropônimo seguido de um sintagma determinante, para usar a nomenclatura de Fernández Leborans (2003: 68).

No segundo parágrafo, *Gonzalo Demaría* tem uma interpretação diferente. Nesse caso, o nome próprio refere-se a um indivíduo específico, o autor Gonzalo Demaría. Novamente, está constituído por prenome e sobrenome. Em seguida, com a mesma função referencial, está *Juana-Rita*, fusão de nome (de batismo) e pseudônimo.

No terceiro parágrafo, o nome próprio *Rita* está antecedido por artigo definido e acompanhado pelo adjetivo classificador *actual*, o que leva a uma interpretação diferente do SN: cria-se uma distinção entre uma Rita atual e outra não atual e predica-se algo da primeira. Na mesma frase, o nome *Lidia Catalano* também está acompanhado de artigo definido, mas apresenta o adjetivo qualificador *notable*, o que mantém a interpretação semelhante àquelas do parágrafo anterior.

Finalmente, no último parágrafo, o nome *Rita* está pluralizado e acompanhado por *tres* e *famosas*. Nesse caso, caberia então questionar que diferença de interpretação teria esse exemplo dos demais.

Ocorrências como *la Rita actual* e *tres Ritas famosas* têm sido chamadas de usos *modificados*. Com efeito, os diferentes usos do nome próprio como esses têm sido amplamente investigados por pesquisadores contemporâneos, principalmente por lingüistas franceses: Georges Kleiber, Kerstin Jonasson, Marie-Noëlle Gary-Prieur, Sarah Leroy, entre outros. Nos estudos com dados do espanhol, depois do clássico texto de Eugenio Coseriu, *El plural en los nombres propios*, é o artigo de Maria Jesús Fernández Leborans (1999a) o que mais atenção dá aos aspectos sintáticos e semânticos dos nomes próprios.

Mas se, por um lado, nos diferentes usos dos nomes próprios existem muitos fatores envolvidos além da questão do número levantada por Coseriu, por outro lado, a análise de Gary-Prieur também deixa algumas indagações. Tendo em vista que a autora utiliza dados de introspecção e que os agrupa segundo a sua configuração

sintática<sup>1</sup>, pode-se questionar: selecionado um *corpus* específico da língua espanhola contemporânea, é possível encontrar os mesmos usos tratados pelos autores? Esses usos podem ser enquadrados nas classificações das análises já existentes ou é possível propor uma nova análise?

Partindo da hipótese de que os usos de antropônimos em textos escritos e suas respectivas interpretações não coincidem totalmente com os dos estudos existentes e que é possível propor uma nova análise para os dados do espanhol, este trabalho tem como objetivo principal **analisar os usos do antropônimo em textos do espanhol escrito, com ênfase nos chamados usos *modificados***. Constituem objetivos secundários: a) rever o rótulo de *modificado* utilizado por vários lingüistas contemporâneos; b) rever a noção de uso típico ou prototípico do nome próprio; c) discutir a noção de nomeação e relacioná-la aos usos do antropônimo; d) observar aspectos da configuração interna do antropônimo; e) diferenciar os diferentes usos de acordo com critérios semânticos primordialmente, mas não abandonando os traços sintáticos.

A tese está dividida em cinco capítulos. A seguir, apresenta-se o conteúdo de cada um, de acordo com as seções que os compõem.

O Capítulo 1, que retoma os principais estudos sobre os nomes próprios, está dividido em 3 seções. A primeira, 1.1, cita diferentes abordagens sobre esses itens. Depois de visto como os gramáticos tradicionais tratam o tema, chama-se a atenção para o fato de que os nomes próprios são um objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento. Na seção 1.2, são discutidas questões relacionadas ao sentido e à referência, as quais despertaram um fervoroso debate entre os pesquisadores nos últimos séculos. Para essa discussão, são expostos os principais argumentos de duas teorias clássicas: a teoria descritivista ou teoria do sentido e a teoria referencial direta ou teoria causal. Da primeira, apresentam-se algumas idéias de Frege, Russell, Strawson e Searle; da segunda, retomam-se idéias de Kripke e Recanati. O capítulo termina com a seção 1.3, que apresenta teorias mais recentes sobre os nomes próprios, elaboradas por Burge (1973) e Kleiber (1981). Alguns argumentos contra essas teorias já nos conduzirão ao capítulo seguinte.

No Capítulo 2, retomam-se os estudos lingüísticos sobre os nomes próprios. Esse capítulo está dividido em seis seções. Após a constatação de que esses itens têm interessado a diferentes âmbitos da Lingüística, volta-se, em 2.1, a Kleiber (1981), que apresenta dois temas de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho: as idéias sobre o *predicado de denominação* e sobre

---

<sup>1</sup> Trata-se da seção 2.4 de Fernández Leborans (1999a): *La sintaxis de los nombres propios*.



os *nomes próprios modificados*. Em seguida, são apresentados e discutidos alguns trabalhos recentes de lingüistas que pesquisaram os usos dos nomes próprios. Jonasson (1994) e sua proposta de apresentar uma abordagem cognitiva do nome próprio é o tema da seção 2.2. Gary-Prieur (1994) e Gary-Prieur (2001), que elaboram uma *gramática* do nome próprio a partir da análise dos vários usos no francês, são apresentados e discutidos em 2.3. Na seção seguinte, 2.4, volta-se novamente a Georges Kleiber e, a partir da discussão de Kleiber (1995) e (1996), chega-se ao abandono da teoria do *predicado de denominação*. Na apresentação das principais idéias dos trabalhos citados, privilegiam-se as análises e discussões relativas ao chamado *nome próprio modificado*, conceito que é o principal tema da seção 2.5. Por fim, em 2.6, passa-se dos lingüistas franceses a Fernández Leborans (1999a), que é a autora que mais detalhadamente estudou os diferentes usos do nome próprio no espanhol, conforme comentado acima.

O terceiro capítulo expõe os aspectos metodológicos do desenvolvimento deste trabalho. Na primeira seção, explica-se brevemente como nasceu esta pesquisa para então serem apresentadas as primeiras opções metodológicas. Nas duas seções seguintes, 3.2 e 3.3, descreve-se o percurso metodológico realizado antes das escolhas definitivas. 3.2 está dedicada aos *corpora* consultados e 3.3 às possibilidades de análise que se chegou a cogitar. Por fim, na última seção, apresentam-se as escolhas metodológicas definitivas.

O quarto capítulo, dividido em 5 seções, discute temas de fundamental importância para a análise que será apresentada posteriormente. Inicialmente, na seção 4.1, são apresentadas diferentes propostas que têm sido feitas por vários autores para a delimitação da classe dos nomes próprios: Allerton (1987), Wilmet (1995a), Jonasson (1994), López García (2000). Chega-se então aos antropônimos, enquadrados sempre dentro do conjunto dos nomes próprios. Assim, apresentam-se os itens considerados antropônimos nesta tese, bem como uma definição de antropônimo. Na seção seguinte, 4.2, discute-se a noção de nomeação para poder chegar ao que se chama neste trabalho de *uso próprio* do antropônimo. Nessa seção, são apresentados vários exemplos, já extraídos do *corpus* desta tese. Outros usos ainda são discutidos nesse capítulo: o uso do antropônimo em orações copulativas, tema da seção 4.3; o uso referencial ordinário, em 4.4, e, na última seção, o uso *modificado* do antropônimo.

O Capítulo 5 está destinado à análise dos dados. O conteúdo das três primeiras seções está definido de acordo com o resultado da própria análise. Por isso, denominam-se *Grupo 1* (seção 5.1), *Grupo 2* (5.2) e *Grupo 3* (5.3). Em cada um, são apresentados e discutidos todos os exemplos de antropônimos do *corpus* que

possuem as características do grupo explicitadas logo no início do capítulo. Antes de terminar, em uma última e breve seção, apresentam-se os casos de uso metalingüístico do *corpus*.

Após o quinto capítulo, seguem-se as considerações finais e a bibliografia.

Como anexo, em CD-ROM, encontram-se todos os textos dos quais foram extraídos os dados da análise. Embora cada exemplo da tese traga o *link* em que se pode encontrar o texto completo, acredita-se que, estando o conteúdo em CD, pode-se evitar uma futura falta de acesso aos dados em caso de indisponibilidade dos textos na *web*.

# **Capítulo 1**

## **Os estudos sobre os nomes próprios**

*C'est vraiment une bonne théorie. Le seul défaut que je lui trouve est probablement commun à toute les théories philosophiques: elle est fausse. Vous pourriez me soupçonner de vous proposer une autre théorie à la place ; mais j'espère que non, parce que je suis sûr qu'elle serait fausse aussi, en tant que théorie.*

Saul Kripke (1980: 51)

Neste capítulo, faz-se uma retomada dos estudos dedicados aos nomes próprios. Inicialmente, são comentadas as diferentes abordagens que têm sido utilizadas para o estudo dos nomes próprios e, em seguida, discutem-se questões centrais que têm sido levantadas para a compreensão e análise dessa classe de nomes: em primeiro lugar, noções de sentido e referência – sobre essas noções, os pontos levantados têm como origem discussões originadas com teóricos dos séculos XIX e XX, principalmente da Filosofia e da Lógica – e, em segundo lugar, a relação entre nomes próprios e predicados.

## **1.1. AS DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE OS NOMES PRÓPRIOS**

### **1.1.1. Os nomes próprios na tradição gramatical**

As gramáticas costumam incluir os nomes próprios na categoria dos nomes ou substantivos, dividindo-a em nomes (ou substantivos) próprios e nomes (ou substantivos) comuns ou apelativos. Essa divisão está presente tanto nas gramáticas antigas (Nebrija, 1492; Arnauld e Lancelot, 2001: 36; Bello, 1988: 205; Salvá, 1988: 138) quanto nas contemporâneas (Alarcos Llorach, 1999; Di Tullio, 2005<sup>2</sup>; Gómez Torrego, 2000: 35). Para Alarcos Llorach (1999: 83), os substantivos comuns ou apelativos “clasifican los objetos de la realidad física o mental como pertenecientes a una determinada clase”, enquanto os substantivos próprios “identifican con su etiqueta a un objeto dado, que resulta inconfundible para los interlocutores”.

---

<sup>2</sup> Diferentemente dos demais autores, Di Tullio (2005) distingue os substantivos próprios dos nomes próprios, embora reconhecendo que normalmente coincidem, como em *Gabriel García Márquez*. Mas o argumento que sustenta a distinção da autora é que há nomes próprios formados por substantivos comuns, como em *Cem anos de solidão* ou por uma combinação de substantivos comuns e substantivo próprio, como em *Universidad Nacional do Comahue*. Por outro lado, ainda conforme a autora, os substantivos próprios podem aparecer em SN que não é um nome próprio, uma vez que não designa uma entidade única: *el Buenos Aires de mi infancia; todos los García de la guía telefónica; un tal Pérez; todo un Cicerón*.

A noção do nome (ou substantivo) próprio como etiqueta é freqüente nas gramáticas (cf. também Gómez Torrego, 2000: 35 e Di Tullio, 2005), bem como a idéia de unicidade. Segundo Alarcos Llorach (1999: 83), os nomes próprios designam objetos únicos. Esse autor ainda distingue os objetos únicos “en absoluto” (*el Sol, la Luna*), dos únicos na situação de fala (*Juan, Fernández, etc.*) – para ele, situação de fala seria “el universo de preocupaciones y saberes comunes al hablante y al oyente” (p. 83).

Embora os nomes próprios estejam presentes nas gramáticas e, de fato, sejam objeto de pesquisa de estudos lingüísticos de distintos interesses, não são poucos os estudiosos de outras áreas que têm se preocupado com essa *classe* de nomes. Pode-se inclusive dizer que, historicamente, os nomes próprios têm maior peso nos estudos de áreas diferentes da Lingüística, conforme será visto adiante.

### 1.1.2. Os nomes próprios: objeto de estudo interdisciplinar<sup>3</sup>

Como foi mencionado, os nomes próprios têm sido objeto de estudo em diferentes áreas, como na Psicologia (Martins, 1991, Leite, 2004), na Psicopedagogia (Russo, 2000), na História e na Antropologia (Christin, 2001), na Lógica e na Filosofia (Mill, 1984, Frege, 1978, Russell, Kripke, 1982, Brito, 2003 e muitos outros), etc. Entre os trabalhos mais relacionados à Lingüística, os nomes próprios têm interessado a diversos campos de pesquisa, como a Sociolingüística (Allerton, 1987 e Allerton, 1996), a Semântica (Recanati, 1983; Flaux, 1991), a Dialetoлогия (Amaral, 2003), a Lingüística Histórica (Mendes, 2000), a Lexicologia e a Lexicografia (Fontant, 1998, Lecomte-Hilmy, 1989), a Tradução (Moya, 2000) e a Lingüística de *Corpus* (Leroy, 2002, 2004 e 2005; Marin; Martinez e Miramón, 2003; Maurel, 2004).

A partir da próxima seção, serão tratados temas relacionados ao sentido e à referência do nome próprio, que são os que têm despertado a atenção dos estudiosos há bastante tempo. Para isso, partir-se-á dos trabalhos de lógicos e filósofos, que são os que mais têm se dedicado a essas questões.

## 1.2. NOME PRÓPRIO: QUESTÕES DE SENTIDO E REFERÊNCIA

*Ao contrário do que em geral se crê, sentido e significado nunca foram a mesma coisa, o significado fica-se logo por aí, é directo, literal, explícito,*

<sup>3</sup> Cf. Morala (1986) para discussão a respeito da interdisciplinaridade nos estudos sobre os nomes próprios, especialmente dos topônimos.

*fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer, ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, ferveilha de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direções irradiantes que se vão dividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projectar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições.*

(*Todos os nomes*, José Saramago)

Entre os filósofos, especialmente entre aqueles que se ocupam da filosofia da linguagem, os nomes próprios, juntamente com as descrições definidas singulares e os pronomes pessoais, pertencem à classe dos chamados *termos singulares* (por oposição aos *termos gerais*), constituindo todas expressões que permitem fazer referência singular a objetos. A partir dessa divisão, a pergunta que se faz é: como diferenciar os nomes próprios dos demais termos singulares? Para tentar responder a questões como essa, discute-se quais seriam as propriedades dos nomes próprios. Vários pontos relativos a tais propriedades têm sido motivos de fervorosos debates. A seguir, serão vistos alguns dos principais temas que têm sido objeto de discussão.

Uma das questões mais discutidas nos estudos sobre o nome próprio refere-se à questão de saber se ele tem ou não um sentido ou significado (*Sinn* ou *Bedeutung*<sup>4</sup> – *meaning* ou *sense*). Apesar de lingüistas contemporâneos aceitarem o fato de que o tema não pode ser posto simplesmente como presença ou ausência de sentido, voltando-se aos trabalhos clássicos sobre nomes próprios, é possível distinguir pelo menos três grupos de autores<sup>5</sup>.

No primeiro, estariam os autores que argumentam que o nome próprio tem um sentido. Os argumentos desse grupo vão ao encontro da proposta de Russell (1956), que considera que os nomes próprios são descrições definidas abreviadas. Formariam parte deste grupo autores como Frege (1978), Strawson (1985) e Searle (1958) e (1969).

No segundo grupo, estariam os trabalhos que defendem que os nomes próprios não possuem sentido. Os defensores desse ponto de vista costumam ser relacionados à proposta do filósofo John Stuart Mill, para quem os nomes próprios somente denotam e não conotam. A esse grupo, relaciona-se a proposta de

<sup>4</sup> Utilizo esses termos no sentido corrente do alemão contemporâneo.

<sup>5</sup> Essa é uma divisão adotada por Fernández Leborans (1999a) e é a que guiará o conteúdo das próximas seções. Para uma divisão mais refinada, conferir García Suárez (1997).

considerar o nome próprio como *designador rígido*, segundo idéias de Kripke (1982) (cf. também Recanati, 1983 e Martin, 1987).

Em um terceiro, estariam os trabalhos de autores que pertencem mais ao campo da Lingüística. Muitos dos autores não colocam a questão como simplesmente presença ou ausência de sentido. Em geral, partem do trabalho de Kleiber (1981), que associa o sentido do nome próprio ao *predicado de denominação*<sup>6</sup>.

A seguir, são apresentados alguns aspectos das idéias centrais de cada grupo. Retomam-se os argumentos não só de autores da Lingüística, mas também da Lógica e da Filosofia da Linguagem, uma vez que os estudos lingüísticos são tributários de um longo debate realizado por lógicos e filósofos sobre o nome próprio.

Antes, porém, é preciso deixar claro que a divisão acima tem mais um caráter didático e que, ao ser apresentada, pode obscurecer diferenças importantes de argumentos de autores de um mesmo grupo. Como afirma Brito (2003: 40), as diferenças entre *sentido* e *significado* e também a concepção do que é um nome próprio são questões que dificultam o cotejamento entre as teorias. Espera-se que as próximas seções possam, na medida do possível, esclarecer tais diferenças. Para um aprofundamento no confronto entre as teorias filosóficas, pode-se consultar García Suárez (1997) e, mais recentemente, Brito (2003) e Fernández Moreno (2006).

### 1.2.1. A teoria descritivista ou teoria do sentido

Para a teoria descritivista (ou teoria do sentido), o nome próprio possui sentido e referência – ele está associado à(s) descrição(ões) definida(s) que permite(m) identificar o referente. Seria por meio do sentido a que os nomes estão vinculados que eles desempenhariam seu papel referencial. Entretanto, é preciso ressaltar que as diferenças entre as concepções de sentido acarretam variações entre os representantes dessa teoria.

Na literatura de concepção descritivista, tenta-se resolver o problema que revelam enunciados como *Túlio es Cicerón* – que seria tautológico se se consideram os nomes próprios como exclusivamente designadores. *Túlio* e *Cicerón* teriam aqui a mesma referência, mas sentidos diferentes.

Esta subseção será dividida em duas partes. Na primeira, serão expostas as idéias de Frege e de Russell, e na segunda, de Strawson e Searle.

---

<sup>6</sup> A noção de *predicado de denominação* foi abandonada posteriormente pelo próprio autor, como será visto adiante.

### 1.2.1.1. Frege e Russell

Gottlob Frege é considerado um autor pioneiro desta teoria e seu trabalho *Über Sinn und Bedeutung* é inspirador para os autores posteriores. Antes de ver alguns pontos importantes expostos por Frege, faz-se necessário aclarar que os *nomes próprios* para ele relacionam-se aos chamados *termos singulares* e incluem tanto os nomes próprios ordinários quanto as descrições definidas.

Em seu trabalho, o autor considera como nomes próprios palavras ou outros signos que designam um objeto singular. De acordo com Frege: "Um nome próprio (palavra, sinal, combinação de sinais, expressão) exprime seu sentido e designa ou refere-se a sua referência. Por meio de um sinal exprimimos seu sentido e designamos sua referência." (Frege, 1978: 66-7). Vê-se, então, que os nomes próprios, como termos singulares portadores de sentido, não diferem das descrições definidas.

O autor elabora sua teoria diferenciando sentido (*Sinn*) de referência (*Bedeutung*). Veja-se o seguinte fragmento:

O nome (*Eigenname*), do modo como uso o termo, precisa ter pelo menos um sentido (*Sinn*). Caso contrário ele seria uma seqüência vazia de ondas e não teria direito de ser chamado nome (*Name*). Para o uso científico deve-se exigir do nome (*Eigenname*) que ele tenha também um significado<sup>7</sup> (*Bedeutung*), que ele refira ou nomeie um objeto. Deste modo, o nome (*Eigenname*) refere-se ao objeto pela mediação dos sentidos (*Sinnes*) e somente por ela (Frege, 1892-1895, p.34 *apud* Brito, 1999: 48)<sup>8</sup>.

Ainda segundo o autor, "o sentido de um nome próprio é entendido por todos que estejam suficientemente familiarizados com a linguagem ou com a totalidade de designações a que ele pertence" (Frege, 1978: 63). Em nota, Frege explica que, para o caso de um nome próprio *genuíno* como *Aristóteles*, pode ser tomado como sentido: *o discípulo de Platão e o mestre de Alexandre Magno*. Segundo o autor, variações de sentido podem ser toleradas embora devam ser evitadas no quadro teórico de uma ciência demonstrativa e não devam existir em uma "linguagem perfeita". Como será visto adiante, uma noção semelhante de sentido para o nome próprio foi ampliada posteriormente por outros autores.

<sup>7</sup> Em Brito (1999: 48), *Bedeutung* está traduzido por *significado*. Entretanto, essa palavra alemã poderia ser traduzida aqui como *referência*, para marcar a distinção que Frege deseja realizar entre *sentido* e *referência*, como apontado pelo próprio Brito (1999: 48).

<sup>8</sup> FREGE, Gottlob. *Ausführung über Sinn und Bedeutung*. In: GABRIEL, G. (org.). **Schriften zur Logik und Sprachphilosophie**. 3.ed. Hamburgo: Felix Meiner, 1990.



Sobre a questão da referência, na análise de Frege, um enunciado de identidade é verdadeiro quando os nomes que nele aparecem têm a mesma referência, ou seja, designam o mesmo objeto, e é informativo quando têm sentido diferente. Seja o exemplo: *A estrela da manhã é a estrela da tarde*. A referência é a mesma (o planeta Vênus), mas os sentidos são diferentes (Frege, 1978: 62). Uma descrição apresenta o referente sob um aspecto e a outra sob outro. Dessa forma, o autor explicaria construções como *Leopoldo Alas é Clarin*, pois, como foi visto, sua distinção se aplica tanto para as descrições definidas quanto para os nomes próprios ordinários.

É necessário destacar que o autor distingue: referente (o próprio objeto), sentido (o modo de apresentação do objeto) e representação (ou imagem) – esta de caráter subjetivo. Segundo Frege, entender um sentido não garante a referência. Assim, para ele, *o corpo celeste mais distante da Terra* tem um sentido, mas é duvidoso que tenha uma referência<sup>9</sup>.

É possível perceber que não era objetivo de Frege construir uma teoria sobre os nomes próprios ordinários e nem apresentar particularidades da classe desses itens em relação a outras ou mesmo às descrições definidas. Um problema crucial em sua obra é o dos enunciados de identidade verdadeiros, ou seja, como explicar que sentenças da forma  $a = b$  em relação às de  $a = a$  teriam valor informativo? Além do mais, segundo aponta Brito (2003: 44), o interesse de Frege estava voltado para o projeto de desenvolver uma língua científica e, com respeito aos nomes próprios, para a “função semântica que esses termos desempenham nas sentenças que são relevantes para uma língua científica” (Brito, 2003: 45).

No entanto, a importância da obra de Frege se explica por ter servido de base para posteriores trabalhos sobre os nomes próprios. Costuma-se assim associar as idéias de Frege às de Russell, Strawson e Searle, que serão vistas a seguir. Os dois primeiros, Frege e Russell, junto com Wittgenstein, Carnap e Quine, são, para Pérez Otero (2006: 13), os principais representantes da tradição filosófica analítica, na qual desempenha um papel primordial a análise lógica da linguagem.

Segundo Russell (1956: 200), o nome próprio condensa uma descrição definida: “Os nomes que geralmente usamos, como ‘Sócrates’, são realmente abreviações de descrições”.<sup>10</sup> Assim, ao usar o nome *Sócrates*, estaríamos de fato

---

<sup>9</sup> A noção de *sentido* em Frege é tema polêmico. Fernández Moreno (2006: 37) ressalta que é uma noção de caráter epistêmico (“el sentido de una expresión es una propiedad de la expresión que conocemos, aunque implícitamente, cuando entendemos la expresión”), mas também semântico (“el sentido de una expresión *determina* su referente”). Para Burge (1977), não há, na teoria de Frege, uma noção coerente de sentido (*apud* Fernández Moreno, 2006: 37).

<sup>10</sup> No original: “The names that we commonly use, like ‘Socrates’, are really abbreviations for descriptions” (Russell, 1956: 200).

usando uma descrição (p.201). Para o autor, o nome *Sócrates* condensaria uma descrição como “o mestre de Platão”.

Já que os nomes próprios conhecidos como tal são, para Russell, abreviações de descrições, não podem ser autênticos nomes. De acordo com o autor, os únicos elementos que poderiam ser denominados nomes próprios no sentido lógico seriam palavras como *this* e *that*. Em *This is white*, a palavra *this* pode ser usada como um nome próprio, funcionando como um dêitico. Nesse caso, segundo Russell, *this* cumpriria a função de *estar por um particular*. Pelo que foi visto, é possível perceber, como explica Brito (2003: 59), que a teoria da denotação de Russell aplica-se às descrições definidas e de forma derivada aos nomes próprios, uma vez que o autor reduz estes últimos a descrições.

Fernández Moreno (2006: 46) argumenta, por outro lado, que Russell teria construído duas teorias sobre os nomes próprios. A primeira sobre os nomes próprios “no sentido lógico” (nomes logicamente próprios) e outra sobre os nomes próprios ordinários (no sentido usual de nomes próprios). No primeiro caso, os nomes próprios seriam identificados com os pronomes demonstrativos e, no segundo, caracterizados como descrições definidas abreviadas.

Uma das questões que se colocam ao considerar que os nomes próprios são descrições abreviadas é: qual é a descrição ou quais são as descrições que um nome próprio abrevia? Russell considera que diferentes falantes podem associar diferentes descrições definidas a um nome próprio e que o mesmo falante pode associar a um nome diferentes descrições em distintas ocasiões<sup>11</sup>. Veja-se o trecho a seguir, citado por Fernández Moreno (2006: 50):

Las palabras ordinarias, incluso los nombres propios, son generalmente, en realidad, descripciones. Es decir, el pensamiento en la mente de una persona que usa un nombre propio correctamente sólo puede ser expresado explícitamente, por regla general, si reemplazamos el nombre propio por una descripción. Más aún, la descripción requerida para expresar el pensamiento será distinta para diferentes personas, o para la misma persona en diferentes momentos. La única cosa constante –en la medida en que el nombre es usado correctamente– es el objeto al que el nombre se aplica. Pero en la medida en que éste permanezca constante, la descripción en cuestión no afectará la verdad o falsedad de la proposición en la que el nombre aparece (Russell 1911: 206; 1912: 29 s.)<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Essa *variação* das descrições definidas associadas a um nome próprio, conforme foi visto acima, também foi tolerada por Frege, embora com certa rejeição.

<sup>12</sup> RUSSELL, B. Knowledge by acquaintance and knowledge by description. **Proceedings of the Aristotelian Society**. 11. reimp. 1911. In: RUSSELL, B. *A Free Man's Worship and Other Essays*. Londres: George Allen & Unwin, 1976. p. 200-221.

Após uma síntese das idéias de Frege e Russell, autores que são considerados precursores de teorias mais recentes sobre a referência dos nomes próprios e representantes clássicos da teoria descritivista, passa-se agora a um resumo das teorias de Strawson e Searle sobre os nomes próprios. Segundo Fernández Moreno (2006: 59), as teorias desses dois autores constituem a versão clássica da teoria descritivista contemporânea.

### 1.2.1.2. Strawson e Searle

De acordo com o que aponta Fernández Moreno (2006: 59), a teoria da referência dos nomes próprios de Strawson se enquadra em uma teoria da comunicação lingüística, que se preocupa com o uso de expressões para que possamos referir-nos a objetos ou indivíduos. Existe, por exemplo, uma preocupação com o conhecimento prévio do falante e do ouvinte.

Strawson sustenta que os nomes próprios, juntamente com os pronomes demonstrativos singulares, os pronomes pessoais e impessoais no singular<sup>13</sup> e também frases que começam com o artigo definido seguido de um substantivo, qualificado ou não, no singular (*a mesa*; *o homem velho*) são usados freqüentemente para mencionar ou fazer referência (*refer*) a uma pessoa, objeto singular, acontecimento, lugar ou processo ou para fazer algo como a execução de um enunciado (*statement*) sobre aquela pessoa, objeto, lugar, acontecimento ou processo. A esse uso o autor chama de utilização referencial individualizante (*uniquely referring use*) (Strawson, 1985: 261).

O autor reconhece que algumas palavras possuem, predominantemente, se não exclusivamente, um papel referencial, como os pronomes e os nomes próprios. Pensando em uma escala de dependência do contexto para referência, de acordo com Strawson (1985), os pronomes estariam em uma dependência máxima, ocupando um extremo da escala, ao passo que no outro extremo estariam expressões como *o autor de Waverley* e *o décimo oitavo rei da França* (Strawson, 1985: 276).

Com respeito ao grau de significação descritiva<sup>14</sup>, os nomes próprios estariam em um extremo da escala, enquanto frases substantivas (*a mesa redonda*) possuiriam o máximo de significação descritiva. Para o autor, o “puro nome” não teria

---

RUSSELL, B. **The problems of philosophy**. Londres: Willian & Norgate, 1912. Reimp. em Oxford: Oxford University Press, 1967.

<sup>13</sup> São exemplos do autor: *he, she, I, you, it*.

<sup>14</sup> Por *significação descritiva* entende o autor: “a limitação convencional, quanto à aplicação, a coisas de um tipo geral determinado ou a coisas que possuem certas características gerais” (Strawson: 1985: 276).

nenhuma significação descritiva, com exceção daquela que ele adquire durante o uso. Entre as outras expressões que Strawson (1985) situa nessa escala de significação descritiva estariam os pronomes como *ele* (com significação descritiva mínima) e os nomes próprios que o autor chama de *impuros*, como *a Távola Redonda* – “frases substantivas que adquiriram, com o tempo, letras maiúsculas” (p. 276).

Por fim, o autor situa os nomes próprios na classe das expressões cujo uso referencial não é regulado por convenções gerais, mas por convenções *ad hoc*. Strawson completa: “Ignorar o nome de um homem não é ignorar a linguagem. Essa é a razão pela qual não falamos da significação dos nomes próprios. (E não é uma resposta satisfatória dizer que eles são desprovidos de significação.)” (Strawson, 1985: 276).

No trabalho de Strawson (1985), vale a pena ressaltar um ponto importante sobre a referência. De acordo com o autor, não seria possível dizer que uma expressão – e aqui se incluem também os nomes próprios – faz referência, assim como não seria possível dizer que uma sentença é verdadeira ou falsa. Para Strawson, mencionar ou referir é algo que alguém pode fazer ao utilizar a expressão, ou seja, é uma “característica de uma utilização de uma expressão” (Strawson, 1985: 266)<sup>15</sup>.

Das idéias anteriores, chega-se à teoria do feixe (*racimo*) de descrições de Strawson, elaborada, segundo García Suárez (1997), a partir das idéias de Wittgenstein. Para essa teoria, o sentido do nome próprio não se associa a uma só descrição, mas a um conjunto (*racimo*) de descrições. Seria então completo ou saturado por um conjunto pressuposicional formado por proposições acerca do indivíduo portador do nome. Strawson afirma ainda que falante e ouvinte devem ter em mente a mesma pessoa.

Para Searle (1969), que foi quem, conforme García Suárez (1997) popularizou a teoria do feixe de descrições, o significado de um nome próprio equivale à disjunção lógica de um número determinado de descrições. Vejam-se a seguir alguns pontos importantes tratados por aquele autor.

Antes, porém, destaca-se que Fernández Moreno (2006: 72) afirma que a teoria da referência dos nomes próprios de Searle compreende duas teorias, desenvolvidas em períodos diferentes. Uma teoria complementar a outra, mas também haveria diferenças. Entre as diferenças, Fernández Moreno aponta que a primeira seria parte integrante de uma teoria sobre o uso da linguagem na comunicação, ao passo que a segunda formaria parte de uma teoria acerca de como a

---

<sup>15</sup> Argumentação semelhante será feita posteriormente por Lyons (1977).

mente representa o mundo (p. 72). Nesta tese, serão expostas idéias da primeira, a partir de Searle (1969), considerada a obra que contém uma formulação mais completa da teoria.

Em Searle (1969), o autor propõe-se discutir, entre outras, a seguinte questão: Os nomes próprios têm sentido?<sup>16</sup> Primeiramente, apresenta três objeções à visão de que o nome próprio não tem sentido.

De acordo com a primeira, os nomes próprios são usados em proposições existenciais como *there is such a place as África* e *Cerberus does not exist*. Conforme o autor, uma proposição existencial não refere, ela expressa um conceito e declara que esse conceito é instanciado. Logo, conclui, se um nome próprio ocorre em uma posição existencial, como nos exemplos, ele deve ter algum conteúdo conceitual ou descritivo.

A segunda objeção baseia-se no fato de que sentenças com nomes próprios podem ser usadas em proposições de identidade que contêm informação factual e não meramente lingüística, como *Everest is Chomolungma*, proposição que pode ter caráter informativo. Para o autor, se os nomes próprios não tivessem sentido, tal sentença seria equivalente a *Everest is Everest*. O próprio Searle salienta que esse é o argumento de Frege de que o nome próprio tem sentido (p. 165).

O terceiro argumento de Searle contra a tese de que o nome próprio não tem sentido baseia-se na idéia de que uma ocorrência com nome próprio, da mesma forma que uma ocorrência com uma descrição definida, deve, pelo princípio de identificação, conter uma descrição. Sem detalhar nem exemplificar sua terceira objeção, o autor afirma que os nomes próprios poderiam ser descrições definidas abreviadas (*shorthand*). Mas ele expõe um argumento contrário, o fato de que não se tem em geral definição de nomes próprios.

A apresentação dessas objeções leva o autor a ir formulando sua própria teoria sobre os nomes próprios. Para ele, se pedíssemos aos usuários do nome *Aristóteles* para dizer o que consideram como sendo essencial e estabelecido sobre ele, ouviríamos respostas que constituiriam um conjunto de descrições identificadoras. Searle sustenta que, embora uma descrição apenas não seja analiticamente verdadeira de Aristóteles, a disjunção delas o é. Conforme o autor, seria necessário, para um objeto ser Aristóteles, que ele satisfizesse pelo menos algumas dessas descrições. Essa argumentação leva-o a concluir:

---

<sup>16</sup> O autor ressalta que usa o termo *sense* no sentido de Frege: "For according to Frege the sense of a proper name contains the "mode of presentation" which identifies the referent, and of course a single descriptive predicate does not provide us with a mode of presentation; it does not provide an identifying description" (Searle, 1969: 168).

Minha resposta, então, para a questão, “Os nomes próprios têm sentidos?” – se com isso se pergunta se os nomes próprios são usados para descrever ou especificar características dos objetos – é “Não”. Mas se se pergunta com isso se os nomes próprios estão logicamente conectados com características do objeto que eles referem, a resposta é “Sim, de maneira não estrita”.<sup>17</sup> (Searle, 1969: 170)

Searle (1969) pode assim posicionar-se frente a outros teóricos. De acordo com o autor, o que ele afirma estaria entre Mill e Frege. Searle sustenta que Mill estava correto em dizer que o nome próprio não implica nenhuma descrição particular, que ele não tem definição, mas que Frege estava correto em assumir que qualquer termo singular deve ter um modo de apresentação e logo um sentido. O erro de Frege, para Searle, foi considerar a descrição identificadora substituível pelo nome como sua definição. A partir disso, o autor encaminha sua proposta para o seguinte:

“A peculiaridade e grande conveniência pragmática dos nomes próprios na nossa linguagem reside precisamente no fato de que eles nos possibilitam a referência pública aos objetos sem levar a questionamentos e permitem chegar a um consenso sobre quais características descritivas constituem exatamente a identidade do objeto. Eles funcionam não como descrições, mas como ganchos nos quais penduramos descrições.”<sup>18</sup> (Searle, 1969: 172)

A tese central de Searle é que o *sentido* do nome próprio é formado por um conjunto de descrições. Essas, no entanto, não formariam um grupo fechado. Por fim, o autor distingue os nomes próprios paradigmáticos dos “degenerados” (*degenerate*) – *the Bank of England*. Segundo o autor, neste último caso o sentido seria dado como em uma descrição definida. Para o outro caso, Searle (1969: 173) declara que *Homero* “just means ‘the author of the *Iliad* and the *Odyssey*’”. Percebe-se, claramente, nessa citação de Searle, a atribuição de um sentido descritivo ao nome próprio *Homero*.

Fernández Moreno (2006: 89), ao analisar a teoria que ele chama de *teoría descriptiva de Searle-Strawson*, afirma que também se costuma substituir *descrições* por *propriedades*. Searle (1969: 164), de fato, disse: “descrições representam

---

<sup>17</sup> No original: “My answer, then, to the question, “Do proper names have senses?” – if this asks whether or not proper names are used to describe or specify characteristics of objects – is “No”. But if it asks whether or not proper names are logically connected with characteristics of the object to which they refer, the answer is “Yes, in a loose sort of way.” (Cf. também Searle, 1958: 173)

<sup>18</sup> No original: “the uniqueness and immense pragmatic convenience of proper names in our language lies precisely in the fact they enable us to refer publicly to objects without being forced to raise issues and come to an agreement as to which descriptive characteristics exactly constitute the identity of the object. They function not as descriptions, but as pegs on which to hang descriptions”.

aspectos ou propriedades de um objeto”<sup>19</sup>. Levando em conta o que se apresentou, Fernández Moreno (2006: 90) conclui:

cabría caracterizar la teoría descriptiva de Searle-Strawson, en tanto que aplicada a los nombres propios, como la teoría según la cual la referencia de un nombre propio viene determinada por un conjunto de propiedades que los hablantes asocian con el nombre; las condiciones suficientes para que un objeto sea el referente de un nombre propio consisten en que el objeto posea un número suficiente –o la mayoría– de las propiedades de dicho conjunto, muchas de las cuales serán propiedades identificadoras.

Conforme será discutido no próximo capítulo, a idéia de propriedades associadas a um nome próprio fará parte do que Gary-Prieur chama de *conteúdo* dos nomes próprios, embora a teoria dessa autora esteja construída sob uma perspectiva teórica diferenciada da de Searle. Vale ressaltar, entretanto, a importância que a noção de propriedades exerce em diferentes estudiosos do nome próprio.

Como se viu, da teoria de Frege aos postulados de Searle, houve um deslocamento tanto nas definições terminológicas quanto nas caracterizações dos nomes próprios. Mas todos os autores defendem, à maneira de cada um, certo sentido atribuível a esses itens. Na próxima subseção, será vista a posição diferenciada de outro grupo com relação ao *sentido* do nome próprio.

### 1.2.2. A teoria referencial direta ou teoria causal

*“Um nome próprio não é mais do que uma marca sem significação que juntamos em nossas mentes à idéia do objeto, a fim de que sempre que a marca encontrar nossos olhos ou ocorra aos nossos pensamentos, possamos pensar naquele objeto individual.”*

John Stuart Mill  
(*Sistema de lógica dedutiva e indutiva*)

*“Un monde possible n’est pas un pays lointain qu’on rencontre sur son chemin ou qu’on regarde au télescope. En général, un monde possible différent du nôtre est trop éloigné: même si nous voyagions plus rapidement que la*

---

<sup>19</sup> No original: “descriptions stand for aspects or properties of an object”.

*lumière, nous ne pourrions pas l'atteindre.*”

Saul Kripke  
(*La logique des noms propres*)

Entre as divisões que Mill (1984: 97) propõe para os nomes, há a distinção entre os nomes conotativos e os não conotativos. Estes seriam os que “denotam um sujeito ou um atributo” e aqueles seriam os que “denotam um sujeito e implicam um atributo”. Para o autor, nomes como *João*, *Londres* ou *Inglaterra* denotam um sujeito apenas e nomes como *brancura*, *comprimento* e *virtude* denotam só um atributo. Por outro lado, *branco*, *comprido* e *virtuoso* seriam conotativos porque *branco*, por exemplo, denota todas as coisas brancas como *neve*, *papel*, *espuma do mar*, etc. e implica ou conota<sup>20</sup> o atributo *brancura*.

Logo, de acordo com o que afirma o autor, os nomes próprios “não são conotativos; denotam os indivíduos a quem dão o nome, mas não afirmam nem implicam qualquer atributo como pertencente a esses indivíduos” (Mill, 1984: 99). São, ainda segundo Mill, “sinais usados para indicar esses indivíduos [uma criança chamada Paulo ou um cachorro chamado César] como sujeitos possíveis de um discurso” (Mill, 1984: 99).

Convém destacar, como o faz Fernández Moreno (2006: 25), que as idéias de Mill sobre os nomes estão enquadradas em uma teoria da proposição – que constitui, para o autor inglês, “o primeiro objeto que se apresenta no limiar mesmo da ciência e da lógica” (Mill, 1984: 89). Para a análise da proposição, Mill sustenta que ela se constitui pela reunião de nomes e passa, então, a elaborar sua teoria, na qual se insere a divisão entre nomes conotativos e não conotativos comentada acima.

Como é possível perceber, Mill (1984) não chega a construir uma teoria específica sobre os nomes próprios. Mas suas idéias serão retomadas várias décadas depois por autores que propõem novas análises para o tema. Assim, surge uma teoria para os nomes próprios nos anos 70 do século passado, a qual tem sido relacionada às idéias de Donnellan, Kaplan, Putnam, Kripke, entre outros. Para defensores dessa tese, o nome próprio não pode ser reduzido a uma descrição definida, pois ele só serviria para fixar a referência, não para dar o significado. Retira-se o sentido fregeano do nome próprio. Argumenta-se ainda que não é possível estabelecer nenhuma relação de sinonímia entre os nomes próprios e uma descrição ou um conjunto de descrições.

---

<sup>20</sup> O termo *conotar* é utilizado no sentido de “indicar junto com”, “indicar alguma coisa com ou em acréscimo a outra” (Mill, 1984: 98).



Saul Kripke pode ser considerado o principal representante da teoria causal. Esse filósofo é visto como um dos criadores da *semântica formal dos mundos possíveis*<sup>21</sup> (cf. Pérez Otero, 2006: 15) e é dentro desse quadro teórico que se desenvolvem os pontos que serão retomados adiante. Em sua obra, *Naming and Necessity*, cumprem um papel fundamental as relações entre um nome próprio e sua denotação e entre um nome próprio e as descrições definidas.

Antes de discutir as idéias do autor, convém deixar clara uma questão terminológica relacionada ao que este autor chama de *nome*:

Por um nome, eu compreendo aqui um nome próprio, quer dizer, o nome de uma pessoa, de uma cidade, de um país, etc. (...) Nós utilizaremos o termo “nome” de modo a não incluir as descrições definidas desse gênero [como “o homem que corrompeu Hadleyburg”], mas somente o que na linguagem ordinária chamaríamos de “nomes próprios”. Se queremos um termo comum abrangendo ao mesmo tempo os nomes e as descrições, podemos empregar o termo “designador”<sup>22</sup>.

Pela citação acima, presente nas primeiras páginas de sua obra, é possível ver que Kripke já se afasta de outros autores, como Frege, que reunia as descrições definidas e os nomes próprios ordinários em um mesmo grupo. Também se pode ver já a noção de “designador”, que será desenvolvida pelo autor em sua obra – e comentada aqui mais adiante. Com respeito às críticas de Kripke a Frege (e também a Russell), é bem explícita a posição daquele autor: sobre a referência dos nomes próprios, Kripke afirma que “a concepção de Frege e Russell é falsa”<sup>23</sup>.

De acordo com Kripke (1982), os nomes próprios são designadores rígidos: designam o mesmo indivíduo em todo mundo possível no qual esse indivíduo existe<sup>24</sup>. Retomando suas palavras sobre designador rígido:

Quando eu qualifico um designador como rígido, como designando a mesma coisa em todos os mundos possíveis, eu quero dizer que tanto empregado em *nossa* linguagem ele

<sup>21</sup> O conceito de *mundo possível* foi introduzido, segundo Pérez Otero (2006: 103), por Leibniz.

<sup>22</sup> Na tradução para o francês: “Para un nom, j’entends ici un nom propre, c’est-à-dire le nom d’une personne, d’une ville, d’un pays, etc. (...) Nous utiliserons le term « nom » de façon à ne pas inclure les descriptions définies de ce genre, mais seulement ce que dans le langage ordinaire on appellerait des « noms propres ». Si nous voulons un terme commun couvrant à la fois les noms et les descriptions, nous pouvons employer le terme « désignateur » ” (Kripke, 1982: 13).

<sup>23</sup> Cf. também em Kripke (1982: 123) a postura do autor frente a Frege, Russell e Mill com relação à caracterização dos termos singulares e dos termos gerais.

<sup>24</sup> Sobre uma segunda definição de *designador rígido* na obra de Kripke, veja-se a discussão em Fernández Moreno (2006: 94), que traz também a definição que Kripke remeteu a Kaplan em carta: “un designador *d* de un objeto *x* es *rígido* si designa *x* con respecto a todo mundo posible en el que *x* existe y no designa ningún objeto distinto de *x* con respecto a ningún mundo posible” (Kaplan, 1989: 569 *apud* Fernández Moreno, 2006: 95).

designa essa coisa, quanto quando falamos de uma situação contrafactual (Kripke, 1982: 65)<sup>25</sup>.

Essa seria a tese fundamental de Kripke sobre a referência dos nomes próprios. As descrições definidas, por outro lado, seriam designadores não rígidos: mudam de referência de um mundo possível a outro mundo possível<sup>26</sup>. Por não estar associado a nenhuma descrição, o nome próprio refere independentemente dos atributos do referente. É por esse motivo que a tese de Kripke é relacionada à de Mill.

Para Kripke, o nome próprio se estabelece mediante um primeiro ato de denominação (o batismo inicial), em que há uma nomeação ostensiva. O receptor deve aceitar a referência primeira e a cadeia seguirá, ou seja, o nome passa de *degrau* em *degrau* em um grupo social. Qualquer uso posterior remeteria a esta primeira função denominadora. Veja-se o exemplo apresentado pelo autor:

Um bebê nasce; seus pais lhe dão um nome. Eles falam sobre a criança a seus amigos. Outras pessoas passam a conhecê-la. Por meio de conversas de todos os tipos o nome próprio é transferido como por uma corrente, elo a elo. Um locutor que está situado inteiramente em uma extremidade da corrente e que ouviu falar, em um mercado ou em outro lugar, de (por exemplo) Richard Feynman, pode fazer referência a Richard Feynman mesmo que ele não possa se lembrar de quem falou pela primeira vez sobre Feynman ou mesmo de quem nunca falou sobre Feynman. Ele sabe que Feynman é um célebre físico. Ele está unido a uma corrente de comunicação em cuja extremidade se encontra o homem ao qual ele faz referência. (Kripke, 1982: 79)<sup>27</sup>

O desenvolvimento de argumentos como os anteriores leva o autor a afirmar que é falso que determinamos o objeto de uma referência graças às propriedades qualitativas disponíveis que permitem singularizá-lo (p. 82), numa clara

<sup>25</sup> No original: “Quand je qualifie un désignateur comme rigide, comme désignant la même chose dans tous les mondes possibles, je veux dire qu’en tant qu’employé dans *notre* langage il désigne cette chose, quand *nous* parlons d’une situation contrefactuelle.”

<sup>26</sup> O exemplo de Pérez Otero (2006: 109) é bem esclarecedor:

“Podemos razonar y hablar sobre lo que habría hecho Aristóteles si no hubiera sido el maestro de Alejandro Magno. Cuando hacemos eso especulamos sobre otros mundos posibles. En tales especulaciones usamos el nombre ‘Aristóteles’ (o algún signo mental que funcione como un nombre propio que refiere a Aristóteles) y éste no debe interpretarse como si denotara en cada mundo posible al maestro estagirita de Alejandro Magno (pues en ese caso sería imposible que Aristóteles no hubiera sido maestro de Alejandro Magno). El nombre ‘Aristóteles’ denota en cada mundo posible a Aristóteles.”

<sup>27</sup> No original: “Un bébé naît; ses parents lui donnent un nom. Ils parlent de lui à leurs amis. D’autres personnes font sa connaissance. A travers des conversations de toutes sortes, le nom est transmis comme par une chaîne, de maillon en maillon. Un locuteur qui est situé tout à fait à l’extrémité de la chaîne et qui a entendu parler, au marché ou ailleurs, de (par exemple) Richard Feynman, peut faire référence à Richard Feynman même s’il ne peut pas se rappeler qui a été le premier à lui en parler ou même qui lui en a jamais parlé. Il sait que Feynman est un physicien célèbre. Il est relié à une chaîne de communication à une extrémité de laquelle se trouve l’homme auquel il fait référence”.

crítica à teoria descritivista, principalmente no que se refere ao feixe de descrições ou propriedades. O que Kripke almeja é fornecer uma representação mais fiel da referência: “não é uma teoria que eu apresento, mas uma representação mais fiel do modo que as coisas acontecem” (p. 84)<sup>28</sup>.

Nesse sentido, é importante destacar que o autor fala em esboço de uma teoria (*l'esquisse d'un début de théorie*), a teoria do batismo inicial, segundo a qual se pode nomear um objeto por ostensão ou fixar a referência por descrição. Em nota, Kripke adverte que, no caso de introdução de um nome próprio por meio de uma descrição durante um batismo inicial, essa descrição não seria sinônima do nome próprio, mas serviria para fixar a referência – nova crítica ao descritivismo. A noção de batismo inicial seria a seguinte:

**Batismo inicial:** “operação que fixa a referência por descrição ou por ostensão”.

Passa-se a chamar a teoria de Kripke de teoria causal, a qual seria, para Fernández Leborans (1999a: 93), a mais influente atualmente entre lógicos, filósofos da linguagem e lingüistas no que concerne ao significado e à referência dos nomes próprios. A autora reconhece que esta teoria apresenta uma explicação social da relação de referência – embora não explique satisfatoriamente a condição semântica dos nomes próprios. Fernández Leborans ainda destaca que são discutíveis os mecanismos do batismo inicial e da cadeia causal: o primeiro, pela falta de aplicação geral, ou seja, nem todos os seres passariam pela *cerimônia* do batismo; e o segundo, pela possibilidade de mudança de referência, isto é, a cadeia causal que o nome segue, e que o conduz ao ato inicial de denominação, não decide a fixação do referente ao nome.

Nesse ponto, é necessário observar que, no *Suplemento* da sua obra, Kripke (1982) esclarece que, com respeito aos nomes próprios, nem sempre se pode localizar um batismo inicial e que se teria, então, uma representação um pouco *caricatural*. Levando em conta isso, é possível ver com ressalvas a primeira crítica de Fernández Leborans. Com respeito à segunda, é possível contraargumentar a autora se se considera que a mudança de referência implica outro *batismo*.

Com base nos argumentos anteriores, pretende-se aqui defender a idéia do batismo, mas um batismo associado à noção de nomeação. Considera-se que a existência de um nome próprio implica necessariamente um ato de nomeação e que,

---

<sup>28</sup> No original: “ce n'est pas une théorie que je présente, mais une représentation plus fidèle de la façon dont les choses se passent”.

para o uso de um antropônimo em um texto, é preciso que o locutor deixe claro qual batismo toma como base – essas idéias serão desenvolvidas durante a análise dos dados.

Na teoria defendida por Kripke, também é possível incluir Recanati (1983), cujo trabalho ajuda a aclarar alguns pontos da obra do autor. Recanati esclarece que compreender a frase *Mitterrand é um homem de esquerda*<sup>29</sup> é saber qual estado de coisas deve ser realizado para que ela seja verdadeira, ou seja, é ser capaz de dizer o que deve se passar em um mundo M para que a frase seja verdadeira em M. Em sua análise, há um indivíduo único tal que, para qualquer um, a frase é verdadeira neste mundo se e somente se este indivíduo é um homem de esquerda. *Mitterrand*, logo, seria um designador rígido.

Por outro lado, a descrição “o presidente da República” na frase *O presidente da República é um homem de esquerda*<sup>30</sup> não é rígida. Essa frase é verdadeira em todos os mundos onde um certo indivíduo é ao mesmo tempo presidente da República e de esquerda, qualquer que seja esse indivíduo. A interpretação seria: para todo mundo M e para todo indivíduo X, se X é presidente da República em M, logo o enunciado anterior é verdadeiro em M se e somente se, em M, X é um homem de esquerda. A descrição “o presidente da República” não é rígida (p.112-113).

Ainda sobre a rigidez, Recanati (1983) ressalta que Kripke reconhece que as descrições matemáticas são rígidas, o que implica que a rigidez não é o que distingue os nomes próprios das descrições definidas. Confrontando Kripke e Mill, Recanati ainda aponta que não se pode identificar não-conotativo com rígido e conotativo com não-rígido. Entretanto, continua o autor, a rigidez, se não é condição suficiente para que um designador seja não-conotativo, é uma condição necessária (Recanati, 1983: 115).

Em outra crítica, a de García Suárez (1997: 103), o autor afirma que o modo como um objeto recebe um nome é assunto sociológico sem relevância semântica. De acordo com esse autor, a noção de batismo inicial parece desnecessária. Mas a crítica é feita tomando literalmente a noção de batismo inicial e, conforme já exposto, não se pode tomar a expressão ao pé da letra, o que geraria uma visão *caricatural* da teoria, para utilizar o termo do próprio Kripke. Levando esse fato em conta, García Suárez questiona sobre o que fazer com o mecanismo do batismo inicial: “¿Debe desaparecer del cuadro la noción de bautismo inicial, puesto que no tiene la requerida aplicación general?”. E também: “¿O hemos de admitir que,

<sup>29</sup> No original: *Mitterrand est un homme de gauche* (p. 112).

<sup>30</sup> No original: *Le président de la république est un homme de gauche* (p. 112).

aunque no se trate de un bautismo *sensu strictu*, tiene que haber al menos alguna ‘actividad de nombrar?’” (p. 104).

Sobre a segunda questão, o autor espanhol afirma que se choca com o fato de que muitos nomes se adquirem simplesmente com o uso, o que aconteceria com os apelidos, pseudônimos, etc. Entretanto, apoiando Kripke, defende-se neste trabalho que a noção de *batismo inicial*, não só não deve ser tomada literalmente, mas tem de ser unida sim a uma atividade de nomeação. Essa nomeação, conforme será visto, é de fundamental importância para a interpretação dos antropônimos dos textos escritos.

Além da crítica acima, García Suárez (1997) também questiona a cadeia causal, partindo da reformulação teórica que fazem Devitt e Sterelny (1987)<sup>31</sup>, para a qual seria o uso e não a origem histórica que determinaria o referente. García Suárez então afirma:

Si se admite que la intención de preservar el referente puede frustrarse, la ascendencia causal del nombre ya no resulta decisiva en la fijación del referente, sino que se subordina a consideraciones descriptivas o de otra índole, con lo cual la cadena causal pierde el papel central que la teoría le asignaba. (García Suárez, 1997: 104)

Mas para a análise que se apresenta aqui, não há problema em considerar que o uso determina o referente. Pelo contrário, na análise dos dados, será visto que os SNs que contêm antropônimos podem fixar referentes diferentes do portador inicial do nome e isso possibilitaria a criação de uma nova cadeia causal.

O mesmo autor, García Suárez (1997), ainda argumenta que “las oraciones existenciales negativas y los nombres vacuos plantean graves dificultades a las teorías de la referencia directa”. Um exemplo seria: *Zeus não existe*. O autor assinala também que outros tentaram apresentar soluções, como a de admitir que a forma lógica de uma oração dependeria de um assunto contingente, ou seja, um nome seria genuíno ou semanticamente próprio só se efetivamente denotasse. García Suárez afirma então que “la pertenencia de una expresión a una categoría semántica no puede depender de un asunto empírico”. Esse não é um problema para o trabalho que se apresenta aqui, uma vez que se parte dos usos dos antropônimos e não de uma categorização semântica prévia dos nomes próprios de pessoa.

Por fim, convém ressaltar que, se a teoria referencial direta ou teoria causal identificou e criticou vários pontos da teoria descritivista ou teoria do sentido, aquela tampouco deixa de apresentar problemas em seus postulados teóricos. Mas há ainda outro grupo cuja tese pode ser diferenciada das anteriores e que relaciona os

---

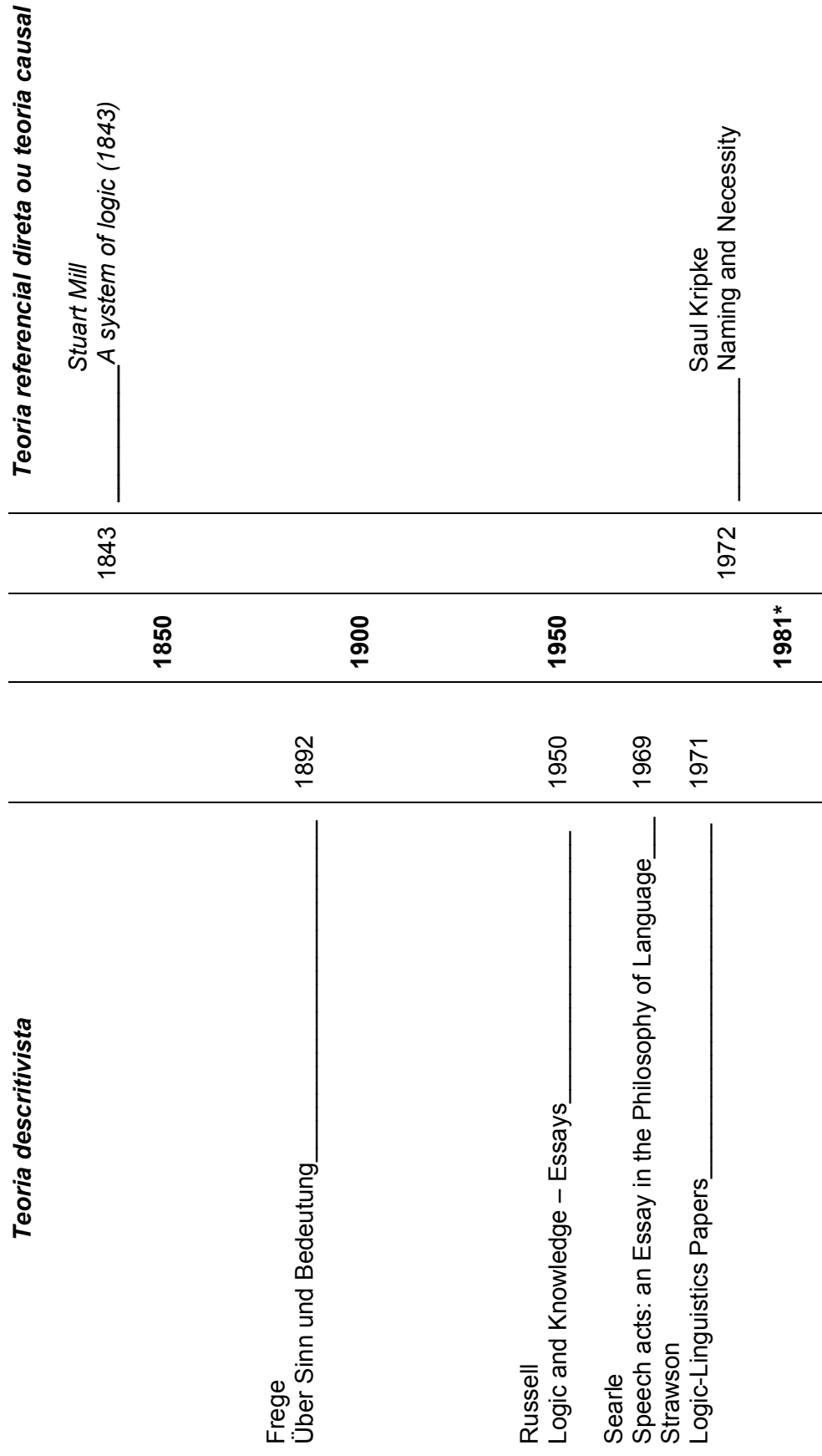
<sup>31</sup> DEVITT, M.; STERELNY, Kim. **Language and reality**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

nomes próprios a predicados. Algumas idéias desse grupo serão expostas na próxima seção. Antes, porém, apresenta-se a Figura 1, que expõe a cronologia de obras representativas sobre os nomes próprios, todas com o título original e o ano da publicação de cada uma<sup>32</sup>. Partindo-se da coluna cronológica central, têm-se à esquerda os títulos originais e os anos de publicação dos trabalhos da teoria descritivista e à direita, os títulos e os anos da teoria referencial direta ou teoria causal.

---

<sup>32</sup> Conforme pode ser observado na *Bibliografia*, o ano de algumas obras consultadas para esta tese nem sempre coincide com o ano da primeira edição dos originais. Por esse motivo, a Figura 1 contribui para uma visualização cronológica das obras.

**FIGURA 1.1 - Obras representativas das teorias sobre os nomes próprios publicadas entre 1843 e 1981**



\*Ano de publicação de *Problèmes de référence: descriptions définies et noms propres*, por Kleiber.

### 1.3. NOMES PRÓPRIOS E PREDICADOS

#### 1.3.1. O nome próprio como predicado

Dentro do quadro teórico de uma semântica formal e preocupado principalmente com a questão do papel lógico dos nomes próprios em uma teoria formal da linguagem, Burge (1973) argumenta que esses elementos são predicados. Criticando a abordagem de Russell segundo a qual os nomes próprios são descrições abreviadas ou manufaturadas, o autor afirma: “Eu argumentarei primeiro que os nomes próprios não abreviam predicados, mas são predicados por si mesmos”<sup>33</sup>.

Burge critica a sugestão de Russell de que um nome próprio abrevia a descrição “o objeto chamado nome próprio”. Para aquele autor, essa explicação seria antiintuitiva, uma vez que, intuitivamente, nomes próprios não descrevem. Ele alega ainda que é indesejável postular regras de abreviação se elas podem ser evitadas. Além do mais, Burge sustenta que a falha de visões anteriores reside no fato de que concentram atenção no uso singular não modificado dos nomes próprios. Então ele apresenta exemplos de usos *modificados* dos nomes próprios (chamados assim por ele):

- a) no plural: *There are relatively few Alfreds in Princeton.*
- b) precedidos por artigo indefinido e definido: *An Alfred Russell joined the club today; The Alfred who joined the club today.*
- c) precedidos por quantificadores: *Some Alfreds are crazy; some are sane.*

Burge (1973) chama a atenção para o fato de que tais usos seriam gramaticais e literais (não metafóricos ou irônicos) e que não devem ser chamados de usos “especiais”. Para o autor, é equivocado pensar que ocorrências modificadas e não modificadas são semanticamente independentes. Esses argumentos levam-no a afirmar que os nomes próprios cumprem o papel semântico de **predicado** em todas as ocorrências.

Outro ponto defendido por Burge (1973) refere-se à comparação entre o uso dos nomes próprios e construções com demonstrativo. Para o autor, nomes próprios no singular, funcionando como termos singulares, teriam a mesma estrutura

---

<sup>33</sup> No original: “I shall argue first that proper names do not abbreviate predicates but are predicates in their own right”.



semântica que *that book*. Com os exemplos *Jim is 6 feet tall* e *That book is green*, Burge destaca a importância do contexto, do extralingüístico, para a interpretação de tais sentenças.

Em resumo, citam-se dois pontos importantes de Burge (1973): “nomes próprios não abreviam outros predicados, mas são eles mesmos predicados”<sup>34</sup>; “nos usos mais comuns os nomes próprios implicam um elemento demonstrativo”<sup>35</sup>.

A crítica que García Suárez (1997) faz a Burge (1973) toca em um ponto que este autor considera inovador em sua teoria. García questiona: por que explicar os usos predicativos modificados, que são mais raros, e apelar depois a essa explicação para dar conta dos usos singulares? A crítica de García Suárez vai ao encontro desta pesquisa: como será visto nos próximos capítulos, os usos chamados de modificados são mais raros e aqui não serão utilizados para explicar os usos ordinários. Nos dados analisados, tais usos serão diferenciados, embora não seja mantida essa distinção entre modificado e não modificado.

Independentemente da forma como Burge expõe sua tese, seu trabalho cumpre fundamental importância no desenvolvimento de teorias posteriores. Como se verá adiante, as idéias do autor abrirão caminho para Kleiber (1981) e, para a pesquisa que se apresenta aqui, deve ser considerado um dos pioneiros, por incluir em sua análise os diferentes usos do nome próprio.

### 1.3.2. A teoria do predicado de denominação

A teoria do predicado de denominação teve uma aceitação relativa entre lingüistas e foi se difundindo em trabalhos recentes. A seguir, será visto em que se diferencia das anteriores. Alguns aspectos ficarão para o Capítulo 2, em que serão tratados com mais detalhes os principais estudos contemporâneos sobre o nome próprio.

As idéias dessa teoria são atribuídas a Kleiber (1981), que se apoiou em Algeo (1973)<sup>36</sup> e Burge (1973). De acordo com essa proposta, o sentido do nome próprio pode ser descrito como um predicado de denominação que não descreve o objeto denotado. O sentido de um nome como *João* será compreendido com a ajuda da fórmula *ser chamado João*. Para Kleiber (1981), o nome próprio tem o estatuto de um verdadeiro signo lingüístico, comportando significante e significado.

<sup>34</sup> No original: “proper names do not abbreviate other predicates but are themselves predicates”.

<sup>35</sup> No original: “in their most common uses proper names involve a demonstrative element”.

<sup>36</sup> Algeo, John. **On defining the proper name**. Gainesville - Florida: University of Florida Press, 1973 *apud* Jonasson (1994).

Analisando a tese de Kleiber, Jonasson (1994: 118) questiona: para que postular um sentido ao nome próprio se a impressão que se tem é que são desprovidos de sentido? Simplesmente para guardar o estatuto de signo lingüístico e integrá-lo ao sistema da língua? Mas, continua a autora, numerosos lingüistas já destacaram o caráter excepcional do nome próprio (p. 118).

Outro problema da teoria de Kleiber (1981) levantado por Jonasson (1994) é que a tese não dá conta de explicar usos como *Eu me chamo Bernardo, Seu nome é Paulo*, etc., nem o uso vocativo. Em ambos os casos, não é possível substituir o nome próprio pela fórmula *ser chamado nome próprio*. Gary-Prieur (1994: 44) também aponta alguns usos que não são explicados pelo predicado de denominação, especialmente aqueles em que, conforme a autora, provêm da multiplicação de imagens de um mesmo indivíduo, como em *D'abord éparse, écartelée entre toutes les Toscanes qui font la Toscane, elle va peu à peu se concentrer sur une seule Toscane...* (p. 46)

Jonasson também argumenta que, se Kleiber (1981) tem razão em considerar a teoria causal de Kripke insuficiente, parece ter aquele autor também se equivocado. O que falta para a autora na descrição de Kripke é uma explicação da capacidade dos falantes de selecionar o referente certo em um ato de referência efetuado por um nome próprio pertencente a vários particulares (Jonasson, 1994: 120). Tal constatação leva a autora a elaborar uma teoria de base cognitiva, segundo a qual é propriedade característica do nome próprio estar associado na memória estável a uma entidade individual e não a um tipo, a um conceito (p. 120).

No capítulo seguinte, serão vistos outros pontos da teoria de Kleiber (1981), bem como a proposta de Jonasson (1994) e as de outros lingüistas.

## **Capítulo 2**

# **Os nomes próprios nos estudos lingüísticos**

Conforme já se afirmou, os nomes próprios não têm estado tão presentes nos estudos lingüísticos quanto em outras áreas. Somente nas últimas décadas, tem havido uma preocupação maior dos lingüistas em estudar os aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos, etc. dos nomes próprios. Como afirma Leroy (2005: 1): os lingüistas “se reapropriaram do nome próprio, durante muito tempo abandonado à lógica, antropologia ou crítica literária”<sup>37</sup>.

Nos estudos contemporâneos, é possível colocar como marco temporal a obra já mencionada de Kleiber (1981), que abriu a porta para vários trabalhos posteriores. No ano seguinte ao da publicação do autor, é lançado o número 6 da revista *Langages*, dedicado aos estudos sobre o nome próprio. Destaque-se nessa publicação o trabalho de Molino (1982), que será comentado mais adiante.

Nos anos 90, surgem várias obras de maior peso dedicadas ao nome próprio. Podem-se mencionar o número 92 da revista *Langue Française*, cujo tema é a sintaxe e a semântica dos nomes próprios, as atas de Noailly (1995) e ainda as publicações de Jonasson (1994) e Gary-Prieur (1994).

Nos últimos anos, os nomes próprios seguem atraindo atenção de vários lingüistas e de pesquisadores que lidam com a linguagem. É possível citar o número 15 da revista *Lexique* (Lexique, 2000), cujo tema são os nomes próprios; os livros Gary-Prieur (2001) e Leroy (2004) e ainda artigos e teses: Amaral (2003), (2004) (2006a), (2006b), (2007), Kleiber (2006), Leroy (2001), (2002) e (2005), Oliveira Filho (2001), Osuna García (2003), Vicario Arjona (2001), etc. O número 146 da revista *Langue Française*, publicado em 2005, novamente é dedicado aos nomes próprios, dessa vez à modificação desses elementos.

Além do mais, os nomes próprios seguem atraindo a atenção de estudiosos de distintas áreas de pesquisa sobre a linguagem. Nos trabalhos sobre léxico, os nomes próprios continuam sendo objeto de investigação (Fontant, 1998; Lecomte-Hilmy, 1999), assim como nos trabalhos de tradução (Moya, 2000). Também é possível mencionar aqui os estudos da lingüística informática e do tratamento informático da linguagem (Casanova *et al.*, 2001; Maurel, 2004).

De todos os trabalhos citados, serão comentados adiante aqueles que se relacionam mais diretamente com os objetivos propostos para esta pesquisa. Será feita uma retrospectiva a partir de Kleiber (1981), que, como foi visto, cumpre um papel importante na história dos estudos lingüísticos sobre os nomes próprios. Em seguida,

---

<sup>37</sup> No original: “se sont réapproprié le nom propre, pendant longtemps *abandonné* à la logique, l’anthropologie ou la critique littéraire” – cf. também Noailly (1999).

será dado enfoque especial aos trabalhos que se preocupam com os chamados nomes próprios *modificados*.

## 2.1. O PREDICADO DE DENOMINAÇÃO E OS NOMES PRÓPRIOS MODIFICADOS

Conforme se afirmou anteriormente, a obra de Kleiber (1981) pode ser considerada um marco importante na história dos estudos lingüísticos sobre os nomes próprios. Embora o autor trate de vários aspectos desses elementos (sintaxe, semântica, pragmática, etc.), interessa aqui a sua análise semântico-lógica, uma vez que é ela que abre novos caminhos para os trabalhos que lhe seguiram sobre os nomes próprios. O autor defende uma definição predicativa do nome próprio e uma diferenciação entre usos *modificados* e usos não *modificados*. Esses dois pontos serão retomados com mais detalhes a seguir.

Depois de rejeitar uma concepção do nome próprio como constante individual, Kleiber (1981) apresenta diferentes propostas que trataram os nomes próprios como predicados, como a de Quine, a de Burge (1973) e de Boyer (1974)<sup>38</sup>. Em seguida, o autor identifica problemas nas teorias citadas e defende a tese de que o nome próprio representa a abreviação do predicado de denominação “*être appelé /N/ (x)*”.

É preciso ressaltar que a associação que Kleiber (1981) faz do nome próprio ao predicado de denominação não foi totalmente inovadora. Embora tenha sido esse autor quem abriu o caminho para posteriores lingüistas que se preocuparam com o nome próprio, outros estudiosos já tinham, ainda que timidamente, discutido idéias semelhantes. Kneale (1962: 630) afirma que Sócrates significa “o indivíduo chamado Sócrates” – cf. também Jakobson (1963: 177).

Ao defender a tese do predicado de denominação<sup>39</sup>, Kleiber (1981) chega ao segundo ponto, referente à modificação do nome próprio. Para o autor, a distinção entre nome próprio *modificado* e nome próprio não *modificado* permite dar conta da diferença entre *Paul danse* e *C'est un Paul qu'elle a mis au monde*. Além do mais, reafirma Kleiber (1995: 12), sua teoria oferece uma saída satisfatória ao dilema

<sup>38</sup> BOYER, N. Remarques sur le nom propre. In : *Annales de l'Université de Toulouse-Le Mirail*, tome X, n. 4, Grammatica, III, pp. 111-119 *apud* Kleiber (1981 : 330).

<sup>39</sup> Em trabalho posterior, Kleiber (1996) acata várias críticas que foram feitas à sua teoria de 1981, abandona um ponto central do seu trabalho (o predicado de denominação), mas mantém a hipótese de um sentido de denominação para os nomes próprios – cf. 2.4.

semiótico relativo ao sentido do nome próprio. Como seria possível explicar que um nome próprio, sendo um signo lingüístico, não tivesse significado? Para o autor, conforme já exposto, o nome próprio tem o comportamento de um verdadeiro signo lingüístico, comportando significante e significado. Em Kleiber (1995: 13), lê-se: “o nome próprio tem um sentido, mas não é um sentido descritivo composto por propriedades verdadeiras do portador; esse sentido se limita à indicação denominativa”<sup>40</sup>. Essa questão será retomada mais adiante.

O autor, na realidade, utiliza a nomenclatura de Burge (1973), o qual, como se viu, pretende sustentar a tese de que os nomes próprios são predicados. Conforme apontará Gary-Prieur (2005), em Burge (1973), a oposição entre nome próprio *modificado* / *não modificado* tem uma dimensão sintática (os *não modificados* se encontram sem determinante) e uma dimensão lógica (não-modificados equivalem a termos singulares).

É possível observar que a oposição *modificado* / *não modificado* surge em um contexto da lógica e posteriormente foi adotada pelos lingüistas. Atualmente, continua sendo usada por aqueles que pesquisam o comportamento lingüístico do nome próprio, embora haja críticas à adoção do termo *modificado* (tema que será tratado mais adiante). Pouco depois da obra de Kleiber (1981), é publicada a de Molino (1982) que, embora não adote a nomenclatura da *modificação*, cumpre papel importante na história dos estudos lingüísticos sobre os nomes próprios. Veja-se brevemente do que trata o trabalho.

Molino (1982) não chega a aprofundar nos temas tratados, mas tem o mérito de comentar o estudo dos nomes próprios nas diferentes áreas de lingüística e em âmbitos fora dela. Depois de observar que até um período recente (ao do autor), o nome próprio era “un parent pauvre de la linguistique” (p. 5), Molino (1982) faz um breve panorama sobre o histórico dos estudos sobre o nome próprio e, em seguida, aborda diversos aspectos relativos aos nomes próprios: classificação e definição do nome próprio, grafia e fonética, morfossintaxe, semântica e pragmática. Por fim, o autor situa o nome próprio em um campo intermediário entre o campo dêitico e o campo da representação. Àquele pertenceriam elementos como os pronomes pessoais e, a este, elementos como os nomes. Nesse aspecto, Molino diverge dos outros autores que enquadram o nome próprio na classe dos nomes, como o faz

---

<sup>40</sup> No original: “le Npr a un sens, mais ce n'est pás un sens descriptif composé de propriétés vrais du porteur ; il se limite à l'indication dénominative”.

grande parte dos gramáticos e lingüistas, e daqueles que o relacionam com os dêiticos (cf. também Osuna García, 2003)<sup>41</sup>.

Molino (1982) e Kleiber (1980) abrem caminho para muitos outros que aprofundarão aspectos lingüísticos mais específicos dos nomes próprios. Serão vistos a seguir os principais trabalhos que desenvolveram os temas acima, especialmente aqueles que deram continuidade à noção de *modificação* do nome próprio – defendendo-a ou criticando-a.

## 2.2. ABORDAGEM COGNITIVA DO NOME PRÓPRIO (Jonasson, 1994)

Para Jonasson (1994: 17), o nome próprio tem como função cognitiva fundamental nomear, afirmar e manter uma individualidade. Ainda segundo a autora, o nome próprio é *qualquer expressão associada na memória de longo prazo a um particular em virtude de um laço denominativo estável* (Jonasson, 1994: 21)<sup>42</sup>. O essencial, para ela, é que o particular associado ao nome seja sempre o mesmo.

Após precisar o termo *nome próprio*, Jonasson (1994) fala em estrutura prototípica da categoria dos nomes próprios, ou seja, para ela é possível identificar certas propriedades típicas dos membros da categoria, sem que, no entanto, sejam definitórias: introdução por maiúscula, flexão fixa, ausência de determinante em função referencial, falta de sentido lexical, designação de pessoas e de lugares, mono-referencialidade (p. 22).

Sobre a categoria dos nomes próprios, haveria, para a autora, membros centrais, que, possuindo um grande número das propriedades típicas, constituiriam o núcleo da categoria (p. ex. *Socrate, Paris, Londres*) e membros periféricos e menos típicos, com um número limitado dessas propriedades (*l'étoile Polaire, le Bal des Débutants, la Caisse d'É(é)pargne*, etc.<sup>43</sup>).

Ao tratar dos níveis morfológico e lexical dos nomes próprios, Jonasson delimita o que ela chama de *nome próprio puro*, constituído por uma forma lexical especializada no papel de nome próprio, à qual normalmente não se associa nenhum conteúdo conceitual. Os nomes próprios puros – que são os únicos normalmente considerados nos trabalhos sobre o tema –, seriam, para a autora, percebidos como

<sup>41</sup> Flaux (1995), por sua vez, defende que o nome próprio não é uma subcategoria do nome e aproxima-o dos sintagmas nominais e principalmente dos pronomes.

<sup>42</sup> No original: "Toute expression associée dans la mémoire à long terme à un particulier en vertu d'un lien dénominatif stable, sera donc un Npr."

<sup>43</sup> Em português : a estrela Polar; o baile de debutantes; a Caixa Econômica, etc.

não-descritivos ou opacos e constituiriam o núcleo duro da categoria dos nomes próprios, ou seja, nesse núcleo duro estariam, para Jonasson, os nomes próprios puros sem artigo (Jonasson, 1994: 41). São exemplos: *Aristote*, *Paul*, *Paris*, *Céline*, *Huguette*, etc. Esse tema, da classificação dos nomes próprios, será retomado mais adiante, na seção 4.1. Por esse motivo, ir-se-á às questões mais específicas para esta pesquisa.

Após tratar das funções típicas dos nomes próprios, a autora chega aos *nomes próprios modificados*, que são os que mais interessam para a proposta que está sendo apresentada nesta tese. Por *modificados*, Jonasson entende aqueles nomes próprios que perdem sua característica única ou singular, característica do uso referencial chamado *prototípico*. Eles não teriam mais a função distintiva e identificadora e seriam então descritivos, classificadores ou caracterizadores. Para a autora, o nome próprio modificado constitui o núcleo de um SN indefinido ou definido que é primeiramente interpretado como denotando um papel e em seguida designando um valor (= referente).

Em uma primeira análise, parece ser coerente a divisão proposta, uma vez que ela resolveria, de certa forma, a questão amplamente discutida sobre a existência ou não de *sentido* do nome próprio. Ao propor uma separação entre os usos *modificados* dos *não modificados*, verifica-se que o tema não pode ser posto como: ausência ou presença de sentido, como muitas vezes se fez nos estudos lógicos, filosóficos ou lingüísticos. Assim, seria necessário considerar as diferenças de uso para poder explicar o funcionamento dos nomes próprios na língua.

Com respeito aos nomes próprios *modificados*, Jonasson (1994: 173) os divide em quatro tipos de interpretações, descritos e exemplificados a seguir:

**a) denominativo**

(2.1) J'ai connu *une Minville*, il y a longtemps, très longtemps.

(2.2) Il n'y a pas *d'Huguette* au numéro que vous avez demandé.

(2.3) Rentrée chez moi, j'ai cherché *les Schneider* du Petit Larousse. (p. 182)

Nesse tipo, o papel do nome próprio é definido pela propriedade *ser chamado Npr* ou, no caso de nome de família, *ser membro da família chamada Npr*. Assim, é possível parafrasear os exemplos: conheci uma pessoa chamada *Minville*,



não há nenhuma pessoa chamada *Huguette* e assim por diante. O nome próprio com essa interpretação nunca seria empregado para falar do seu portador, portanto se desfaria o laço direto e rígido entre o nome próprio e seu portador (p.194).

Sobre os aspectos sintáticos, Jonasson (1994) identifica dois ou três tipos sintáticos dominantes nos seus dados que apresentam interpretação denominativa: por um lado, um grande número de SNs singulares indefinidos e, por outro lado, SNs plurais, introduzidos principalmente pelo artigo definido *les* (os/as), mas também por determinantes e adjetivos indefinidos (p. 184 e ss.).

#### b) **metafórico**

(2.4) Paul est *un vrai Napoléon*.

(2.5) *Quelques petits Davids* vont finir par vaincre *un Goliath* qu'ils combattent depuis 21 ans. (p. 214)

Considerando o primeiro exemplo, de acordo com Jonasson (1994), o papel não será definido mais pela propriedade *ser chamado Napoléon*, mas por certas propriedades de *Napoléon*. De acordo com a autora, no tipo de interpretação metafórica, o SN que contém o nome próprio, em vez de designar um particular, designa um papel (*un type* ou *un rôle* (p. 214)). Jonasson estabelece a divisão entre *referente discursivo* e *referente original*. Em (2.4), o referente discursivo corresponderia ao referente de *un vrai Napoléon* e o referente original, ao de Napoleão, o imperador. Na análise que será apresentada no capítulo 5, essas noções de referente discursivo e referente original serão retomadas.

O nome próprio metafórico é, ainda de acordo com Jonasson, geralmente precedido de um determinante e freqüentemente acompanhado de diversos tipos de complementos. Mais raramente, recebe um “s” de plural. Mas, segundo a autora, parece não haver restrições quanto ao tipo de determinante que antecede o nome próprio, nem quanto ao seu número (singular ou plural). Também não haveria restrições quanto ao tipo de nomes de pessoa (prenomes, nomes de família, etc.) (p.215).

#### c) **exemplar**

(2.6) *Un Bukowsky* se compromet du matin au soir. Il n'est pas fait pour...

(2.7) J'aime donc la traversée du désert d'*un de Gaulle* ou d'*un Mitterrand*  
(p. 229)

Segundo Jonasson (1994: 229), o nome próprio da interpretação exemplar pertence geralmente a um referente histórico ou notório, bem conhecido na comunidade lingüística (escritor célebre, pesquisador eminente, etc.). Ele, o nome próprio, indica também um papel, mas dessa vez remete ao mesmo particular que faria o nome próprio não modificado. Comparando o tipo exemplar com o metafórico, Jonasson afirma que o primeiro constitui o primeiro passo para a metaforização. A diferença entre os dois tipos seria que o metafórico, na enunciação, é aplicado a um referente diferente do portador original (p. 233). No quinto capítulo, será discutida a necessidade de se manter essa diferenciação para a análise dos dados desta pesquisa.

Sobre o aspecto sintático, a autora destaca que no tipo exemplar o SN contém apenas o nome próprio (geralmente nome de família ou nome completo), precedido pelo artigo definido *un* (um/uma).

#### d) **manifestação**

(2.8) Ce qui est sûr, en tout cas, c'est que *le Celine antisémite* est *un Celine souriant*. (p. 171)

Nesse tipo, o SN que contém o nome próprio refere-se a diferentes aspectos ou manifestações do portador do nome. A autora não explora as características desse tipo, como o faz para os anteriores. Essa interpretação, no entanto, já foi pesquisada por outros autores e será discutida mais adiante.

A exposição que se acabou de fazer do trabalho de Jonasson (1994) justifica-se pelo fato de que são exemplos como os da autora que motivaram a realização desta pesquisa e que também têm interessado a alguns lingüistas contemporâneos. Entre eles, encontra-se Gary-Prieur, que, no mesmo ano de Jonasson (1994), publicou a *Grammaire du nom propre*, a qual será comentada adiante.

### 2.3. POR UMA GRAMÁTICA DO NOME PRÓPRIO (Gary-Prieur (1994); Gary-Prieur (2001))

Marie-Noëlle Gary Prieur é uma autora que tem pesquisado bastante o tema dos nomes próprios. Dos vários trabalhos que tem publicado sobre o assunto, serão retomados dois livros – *Grammaire du nome propre*, de 1994, e *L'individu pluriel: les noms propres et le nombre*, de 2001 – cujos conteúdos interessam bastante a este trabalho.

Gary-Prieur (1994) analisa diferentes usos do nome próprio nos enunciados e descreve o que chama de “competência específica” usada para interpretá-lo. Na primeira parte de sua obra, ao tratar do funcionamento semântico do nome próprio, apresenta algumas noções que merecem ser destacadas, como a de *referente inicial* e a de *conteúdo* do nome próprio.

A primeira é definida da seguinte maneira:

“O referente inicial de um nome próprio em um enunciado é o indivíduo associado por uma pressuposição a esta ocorrência do nome próprio em virtude de um ato de batismo do qual o locutor e o interlocutor têm conhecimento”<sup>44</sup>.

Assim, ao utilizar um antropônimo, é necessário que tenha havido previamente um ato de batismo e que os interlocutores tenham conhecimento dessa associação prévia (cf. Gary-Prieur, 1994: 28-29).

A segunda noção é a de *conteúdo*: “o conteúdo de um nome próprio é um conjunto de propriedades atribuídas ao referente inicial desse nome próprio em um universo de crença”<sup>45</sup>. Essas propriedades, complementarmente Gary-Prieur (2001: 78), não se encontram no léxico – pois para ela o nome próprio não tem sentido conceitual –, mas surgem da experiência associada pelos locutores com o referente do nome próprio. Conforme distingue a autora, o *conteúdo* não se confunde com o *conhecimento enciclopédico*, construído fora do discurso e tampouco com as *conotações*<sup>46</sup> do nome próprio, estas construídas sobre o signo e não sobre o referente, sendo um objeto de preocupação da onomástica literária. Convém

<sup>44</sup> No original: “Le référent initial d'un nom propre dans un énoncé est l'individu associé par une présupposition à cette occurrence du nom propre en vertu d'un acte de baptême dont le locuteur et l'interlocuteur ont connaissance” (Gary-Prieur, 1994 : 29).

<sup>45</sup> No original: “Le contenu d'un nom propre est un ensemble de propriétés attribuées au référent initial de ce nom propre dans un univers de croyance” (Gary-Prieur, 1994 : 51).

<sup>46</sup> Escrito em plural para, conforme a autora, não ser confundido com o termo *conotação* da lógica, usado especialmente por Mill.

esclarecer um pouco mais as diferenças entre essas noções expostas por Gary-Prieur (1994).

O conhecimento enciclopédico, para Gary-Prieur (1994), seria representado pelas informações dos dicionários de nomes próprios, as quais não serviriam para compreender a ocorrência de um nome próprio em um enunciado. Um dos seus exemplos é o seguinte: *Tout se passe comme si Saddam Hussein, ce Faust moderne, avait choisi la transgression comme mode de comportement*. De acordo com a análise que apresenta, é inútil recorrer ao *Petit Robert 2* (dicionário francês de nomes próprios) para interpretar esse enunciado, uma vez que a relação estabelecida entre Saddam e Fausto não será compreendida por meio da leitura desse dicionário, mas sim por meio do próprio enunciado: Saddam é comparado a Fausto porque este também escolheu a transgressão como modo de comportamento (Gary-Prieur, 1994: 48). O que a autora está defendendo é que para compreender um nome próprio, inclusive quando entra em jogo seu *conteúdo*, como no caso acima, não é necessário saber tudo sobre seu referente original.

Por outro lado, as *conotações*, tanto de nomes comuns como de nomes próprios, seriam compreendidas como um significado segundo, que pressupõe um significado primeiro. No caso dos nomes próprios, o significado segundo seria acrescido ao significado primeiro, estabelecido pelo *predicado de denominação*. São exemplos de Gary-Prieur (1994: 53 e ss.): *Les Lola sont brunes avec des yeux noirs et le teint d'une fleur de magnolia* ; *Un Mohamed ne peut pas être français*. Nesses exemplos, as conotações dos nomes *Lola* e *Mohamed* são representadas respectivamente por: *ser morena com olhos negros e a tez de uma flor de magnólia e ser árabe*. De acordo com a autora, nada impede, no plano referencial, uma Lola ser loira de olhos azuis e nem Mohamed ser um francês, mas o que ela deseja destacar é que tais nomes carregam um (ou mais) significado(s) (as *conotações* ou propriedades atribuídas ao nome enquanto unidade formal), culturalmente associado(s) a eles.

Para Gary-Prieur (1994), o *conteúdo* é específico do nome próprio. A autora afirma:

“se os nomes comuns têm um sentido e eventualmente conotações, os nomes próprios têm um sentido e/ou conteúdo, e também em certos casos conotações. O *conteúdo* corresponde a um nível de descrição diferente das conotações:

ele representa a inscrição do referente inicial no funcionamento semântico do nome próprio<sup>47</sup>

A discussão de noções como as anteriores leva a autora a terminar a primeira parte de sua obra distinguindo três modos de funcionamento semântico do nome próprio (p. 58). O primeiro é chamado de *interpretação denominativa* e está fundado sobre o *sentido* – nos termos do predicado de denominação de Kleiber (1981) – do nome próprio (*Il y a un William dans ma classe*). O segundo representa a *interpretação identificadora*. Trata-se dos casos em que o nome próprio se encontra sem determinante e em posição referencial<sup>48</sup>, emprego considerado típico do nome próprio (*Cecily dort*). Por último, encontra-se a *interpretação predicativa*, fundada sobre o *sentido* e o *conteúdo* do nome próprio (*Pierre, ce nouveau Zorro, se précipita sur Marc; Passe-moi un San Antonio; Elle a bien le style Madonna*). Nesse grupo, entrariam as interpretações metafóricas, metonímicas e qualificadoras.

Contrastando Gary-Prieur (1994) com Jonasson (1994), observa-se que as classificações de ambas assemelham-se no que se refere à *interpretação denominativa*. Com respeito ao uso considerado típico do nome próprio, Gary-Prieur o classifica como interpretação identificadora, enquanto Jonasson fala em *nome próprio puro*. Entretanto, aquela autora afirma ainda que a interpretação identificadora não está ligada à ausência de determinante. Assim, em exemplos como *Il n'a pas la classe d'un Gerard Philippe* e *Quel acteur, ce Gérard Philippe*, funcionaria igualmente a interpretação identificadora. Gary-Prieur defende que, nesses casos, só intervém na interpretação do nome próprio um conhecimento global da existência do referente inicial, que assegura que os dois interlocutores conhecem o mesmo indivíduo, e o conhecimento enquanto indivíduo. Isso distinguiria esses exemplos dos casos de interpretação predicativa, em que intervém o conteúdo do nome próprio. Nesse ponto, vê-se que os casos de interpretações manifestação, metafórica e exemplar de Jonasson (1994) correspondem aos de interpretação predicativa de Gary-Prieur (1994).

Na segunda parte, Gary-Prieur (1994) descreve os diferentes tipos de SN contendo nome próprio e as interpretações associadas a cada uma das construções.

<sup>47</sup> No original: "si les noms communs ont un sens et éventuellement des connotations, les noms propres ont un sens et/ou un contenu, et aussi dans certains cas des connotations. Le contenu correspond à un niveau de description différent des connotations : il représente l'inscription du référent initial dans le fonctionnement sémantique du nom propre" (Gary-Prieur, 1994 : 57).

<sup>48</sup> É necessário lembrar que a autora está analisando exemplos do francês, em que os antropônimos são usados geralmente sem determinantes. Em outras línguas, como o português, o antropônimo pode ocorrer com ou sem artigo.

Assim, são objeto de análise estruturas em que o nome se encontra sem determinante, com artigo definido, com artigo indefinido, com demonstrativo, etc. Conforme a estrutura, a autora trata das interpretações semelhantes às aquelas apresentadas por Jonasson (1994) e que têm sido atribuídas aos usos *modificados* do nome próprio. Entretanto, Gary-Prieur (1994), bem como Gary-Prieur (2005), é contra o uso do termo *modificado* tal como vem se estabelecendo, tema que será tratado mais adiante.

Em obra posterior, Gary-Prieur (2001) propõe-se explicar o que seria o paradoxo do plural de um nome próprio. O objetivo do livro é confrontar os enunciados em que os nomes próprios estão no plural com a definição de nome próprio como termo singular. O que a autora defende é que é possível oferecer uma descrição semântica do plural dos nomes próprios, a qual não implica uma renúncia nem à idéia de indivíduo nem a de nome próprio como operador de individualização (p. 15).

Sobre a posição que adota sobre o sentido do nome próprio, a autora afirma que este se aproxima do artigo definido, na medida em que dá a instrução de identificar um objeto singular em uma situação dada (p. 10). Ainda conforme Gary-Prieur, o nome próprio se aproxima do demonstrativo, uma vez que designa um objeto do mundo diretamente, sem o intermédio de um conceito, contrariamente a uma descrição definida. Dessa forma, a autora propõe atribuir ao nome próprio um *sentido instrucional* – oposto a um sentido *conceitual* ou *descritivo* - semelhante ao de um determinante.

Gary-Prieur (2001: 23) ressalta que há uma tendência a considerar que nomes próprios no plural não são verdadeiramente nomes próprios. A autora supõe que essa tendência esteja ligada à idéia implícita de que um verdadeiro nome próprio se emprega sempre sem artigo. Mas o que ela defende é que o nome próprio – que pode aparecer em todas as estruturas possíveis para um SN – pode ser encontrado em um SN plural sem mudar de categoria e tornar-se um nome comum<sup>49</sup>. Para Gary-Prieur, o problema que se coloca é o da compatibilidade de um determinante comportando a idéia de plural e de um nome comportando a idéia de singular. A lingüista mostra que, apesar de a interpretação do plural não se construir da mesma maneira em todos os SNs que comportam nome próprio, a idéia geral é que, “mesmo em um SN plural, um nome próprio conserva praticamente sempre sua especificidade de termo singular e que não há nenhuma razão para se construir o plural de um nome

---

<sup>49</sup> Nesta tese, também não será adotada a posição de que um antropônimo em um SN plural deva ser considerado um nome comum.

próprio com base no modelo do plural de um nome comum”<sup>50</sup> (Gary-Prieur, 2001: 25). Ainda conforme a autora, a multiplicidade introduzida pelo plural não diminui em nada a singularidade inerente do nome próprio.

Como o objetivo deste trabalho é a análise de antropônimos, será focalizado a partir de agora o que Gary-Prieur afirma para os nomes de pessoas (incluídos os nomes de famílias). Para esses nomes, a autora propõe distinguir dois tipos de plural, que não teriam o mesmo funcionamento lingüístico. O primeiro seria um *plural lexical*, que corresponderia aos nomes de família e que teria um funcionamento comparável ao dos nomes de arquipélagos, e o outro um *plural sintático*, que corresponderia à interpretação denominativa comum aos nomes de pessoas e de cidades.

Sobre o nome de família, Gary-Prieur (2001: 42) afirma que não tem a arbitrariedade de outros nomes próprios, porque não designa diretamente uma pessoa: ele a designaria como membro de uma família, que seria um indivíduo coletivo. O nome de família, da mesma maneira que o nome próprio, também teria, segundo a autora, um *conteúdo*, conforme definido abaixo, e seria uma categoria bem particular dos nomes de pessoas:

“o conteúdo de um nome de família é, com efeito, constituído por todas as propriedades que são (consideradas) comuns a todos os membros da família, cada membro tendo, por outro lado, as propriedades singulares que não têm nada a ver com o fato de pertecerem à família” (Gary-Prieur, 2001: 42)<sup>51</sup>.

No que se refere à morfologia, Gary-Prieur inclui o nome de família na categoria [les Np-s], que apresenta um artigo definido plural e a marca de plural –s, este último traço diferenciá-lo-ia de um patronímico, que resiste à marca de plural. À análise dos dados desta pesquisa, também interessará a presença ou não de uma marca de plural.

Observem-se agora as três interpretações discutidas por Gary-Prieur (2001: 46):

a) les Bourbons ≡ la famille Bourbon comme totalité singulière (ou ‘groupe)

<sup>50</sup> No original: “même dans un GN pluriel, un nom propre conserve pratiquement toujours sa spécificité de terme singulier, et qu’il n’y a aucune raison de chercher à construire le pluriel d’un nom propre sur le modèle de celui d’un nom commun”.

<sup>51</sup> No original: “le contenu d’un nom de famille est en effet constitué par toutes les propriétés qui sont (censées être) communes à tous les membres de la famille, chaque membre ayant par ailleurs des propriétés singulières qui n’ont rien à voir avec son appartenance à la famille”.

b) les Boulivet  $\cong$  Boulivet + sa femme (et ses enfants)

c) les Cohen  $\cong$  les frères Cohen

De acordo com a autora, em (a) tem-se um plural lexical e a construção de um grupo como indivíduo coletivo. As entidades de (b) e (c) não seriam indivíduos coletivos, mas a simples adição de vários indivíduos. Estas estariam baseadas em uma construção sintática, e não lexical, do plural (p. 46). Outras idéias apresentadas por Gary-Prieur (2001) serão retomadas no Capítulo 5, durante a análise dos dados.

#### **2.4. O FIM DO PREDICADO DE DENOMINAÇÃO (Kleiber (1995) e Kleiber (1996))**

Nos textos de 1995 e 1996, Kleiber reconhece alguns pontos fracos da sua teoria de 1981, abandonando, como ele mesmo afirma, um dos pilares da sua tese, que é a idéia de que os nomes próprios são predicados. Na proposta de 1981, o autor defendia que o nome próprio corresponderia a um predicado de denominação *être appelé /N/* e que um nome próprio não articulado representaria a abreviação de uma descrição denominativa do tipo *le x appelé /N/*. Entre os méritos daquela proposta, Kleiber (1996) aponta o de permitir “um tratamento único para os nomes próprios não articulados e os nomes próprios articulados ou *modificados*<sup>52</sup>” (p.571). Mas, entre as várias críticas, merece destaque a que questiona a presença do N na fórmula *être appelé /N/*. Se N representa um nome próprio, então seria um caso de outro nome próprio para explicar o primeiro, o que criaria os problemas explicitados por Wilmet (1995a): o enunciado *Je m'appelle Socrate* seria falso – uma vez que “meu nome não é *le x qui est appelé Socrate*” – ou redundante – porque teríamos a interpretação *Je m'appelle le x qui est appelé Socrate* – e suscetível de leitura infinita – *je m'appelle [le x qui est appelé {le x qui est appelé <le x qui est appelé >, etc., etc.}] Socrate*.

Após reconhecer os problemas da teoria, Kleiber (1995) e (1996) abandona a tese de que os nomes próprios são predicados de denominação, mas mantém a hipótese de um sentido de denominação para o nome próprio. Esse sentido de denominação não seria uma propriedade ou descrição do referente, mas um *sentido instrucional*: em suas palavras, seria a “instrução de procurar e de encontrar

<sup>52</sup> Nota-se que neste ponto Kleiber associa nome próprio modificado a nome próprio articulado. Essa maneira simplista de considerar a modificação do nome próprio será criticada por outros autores, o que se verá mais adiante.



na memória estável o referente portador do nome próprio” (p. 573 – cf. também Kleibler, 1995: 26)<sup>53</sup>.

Para rebater a crítica de que o sentido de denominação também se aplicaria aos nomes comuns, Kleiber (1996) afirma o seguinte: no uso dos nomes próprios, “a relação de denominação constitui o sentido do nome próprio”, porque ela é ao mesmo tempo uma relação de designação. Para o autor, nesse caso, a designação se faz sobre o modo denominativo. Já com os nomes comuns, segundo Kleiber (1996), a relação de denominação e a relação de designação não coincidem na maior parte das vezes. A designação, para os nomes comuns, se faria sobre o modo descritivo: se se deseja falar de sentido instrucional para o nome *árvore*, poder-se-ia dizer que *árvore* leva o ouvinte a buscar na memória estável “um x que tem as propriedades ou traços ou atributos definitórios ou prototípicos do conceito ou da categoria nomeada *árvore*”<sup>54</sup> (p. 576).

Conforme pôde ser visto, a tese do sentido de denominação se assemelha um pouco à de Jonasson (1994), na medida em que ambas prevêm a presença de um mecanismo, acessado a partir da memória do ouvinte, que lhe permita chegar à associação entre o nome próprio e seu referente. Mas, no trabalho dos dois autores, faltaria incluir a importante noção de *conteúdo* de Gary-Prieur, que também cumpre papel importante para o tratamento semântico dos nomes próprios, uma vez que permite explicar muitos dos usos chamados de *modificados*.

Em artigo mais recente, Kleiber (2006) propõe-se revisitar o tema dos nomes próprios *modificados*. Ele retoma os principais aspectos da versão *corrigida* de sua teoria sobre os nomes próprios formulada em Kleiber (1995) e (1996), expõe as críticas de Noailly (2000) e as refuta. Logo, mantém a distinção binária entre nomes próprios nus, *standard*, ou *não modificados versus* nomes próprios *modificados*. Para defender que os nomes próprios *standard* não são definidos com relação aos nomes próprios *modificados*, Kleiber (2006: 38) afirma que a definição de nomes próprios *modificados* supõe a existência dos *não modificados*: “só se pode falar de nomes próprios *modificados* se há nomes próprios sobre os quais se pode exercer uma modificação”<sup>55</sup>.

---

<sup>53</sup> Por sentido, o autor considera aquilo que está convencionalmente preso (*attaché*) à expressão, seu conteúdo intrínseco. Ainda para Kleiber (1995: 27), os nomes próprios seriam um símbolo denominativo: símbolos porque têm um sentido convencional e marcadores (*marqueurs*) denominativos, porque esse sentido leva a buscar na memória estável o referente portador do nome.

<sup>54</sup> No original: “*arbre* invite a retrouver en mémoire stable un X qui a les propriétés ou traits ou attributs définitoires ou prototypiques du concept ou de la catégorie nommée *arbre*” (Kleiber, 1996 : 576).

<sup>55</sup> No original: “on ne peut parler de noms propres modifiés que s’il y a déjà des noms propres sur lesquels peut s’exercer une modification”.

Entre os aspectos de sua teoria retomados, estão: o abandono da tese do *predicado de denominação*, a manutenção do sentido de denominação para os nomes próprios (sentido instrucional e não descritivo), a idéia de que os nomes próprios não podem remeter às instâncias (*instances*) espaço-temporais dos indivíduos, ou seja, os nomes próprios não modificados só se aplicam ao indivíduo enquanto acumulador de tais instâncias – daí a necessidade do uso *modificado* chamado de *fracionamento, imagem, fase* ou *manifestação* (cf. Cap. 5).

As críticas de Noailly (2000) rebatidas por Kleiber (2006) referem-se principalmente à inadequação da etiqueta *modificado* versus *não modificado* e à concepção do nome próprio enquanto *agrupador de instâncias* (*rassembleur d'instances*). O primeiro tema será retomado na seção seguinte. Com respeito ao segundo, Kleiber (2006) defende-se afirmando que a identidade supõe uma operação de reconhecimento de duas coisas diferentes como sendo a mesma coisa, ou seja, um indivíduo seria o mesmo apesar de suas diferentes ocorrências espaço-temporais (p. 47). Supõe o autor que nessa operação individualizadora, estaria a origem do caráter não descritivo ou do estatuto de designador rígido do nome próprio. Kleiber (2006: 49) continua: “permanece a questão de saber o que é finalmente conservado, qual é o critério de identidade dessa categorização individualizadora”<sup>56</sup>, tema que o autor não desenvolve. Entretanto, voltando aos lógicos, é possível relacionar a questão posta por Kleiber (2006) com o tema metafísico da identidade transtemporal, ou seja, da identidade através do tempo, discutido por Pérez Otero (2006: 153). Este autor recorda que o assunto se coloca mediante perguntas como: “qué determina que un objeto X que existe en un momento de tiempo determinado, t, y un objeto Z que existe en un momento de tiempo t', posterior a t, sean o no el mismo objeto?”. E ainda: “¿Existen condiciones necesarias y suficientes para que se dé esa relación de identidad transtemporal? Si existen, ¿cuáles son?”.

Não é objetivo desta tese retomar esse tema metafísico, mas é preciso mostrar que as questões que são postas por Kleiber (2006) e por Pérez Otero (2006) são importantes para esta pesquisa, na medida em que servirão para a análise dos diferentes usos dos antropônimos no *corpus* coletado, a qual será desenvolvida a partir da idéia de permanência ou mudança de referente.

---

<sup>56</sup> No original: “Il reste évidemment la question de savoir ce qui est finalement retenu, quel est le critère d'identité de cette catégorisation individuante.”

## 2.5. OS NOMES PRÓPRIOS MODIFICADOS: ANTIGOS PROBLEMAS, QUESTÕES RECENTES

Conforme exposto anteriormente, o número 146 da revista *Langue Française* (2005) é voltado aos nomes próprios chamados de *modificados*. Os artigos dessa publicação dedicam-se a diferentes estruturas como *un + certain + nom propre* (Schneidecker, 2005) ou *même + nom propre* (Kleiber, 2005). Aqui será retomado o trabalho de Gary-Prieur (2005), que levanta questões importantes para esta pesquisa.

Em primeiro lugar, a autora afirma que evita o termo *modificado*, usado por muitos lingüistas, porque esse termo introduz, segundo ela, a idéia de que o nome próprio não é mais verdadeiramente ele mesmo. Além do mais, argumenta Gary-Prieur (2005), a *modificação* de que tratam os lingüistas é sintática, ou semântica, ou semântica e sintática e, normalmente, não se diz o que está modificado e como.

A autora parte da seguinte definição (D) do nome próprio:

“(D)

- a) /Npr/ é uma forma definida na língua e atribuída como nome, no mundo, a um indivíduo.
- b) Em um enunciado, uma forma /Npr/ dá ao destinatário a instrução de identificar o indivíduo portador do nome no quadro enunciativo de sua ocorrência e de considerar esse indivíduo como o referente do nome próprio;
- c) A relação referencial estabelecida pressupõe que locutor e destinatário compartilhem o conhecimento do ato de batismo durante o qual tal forma /Npr/ foi atribuída como nome a tal indivíduo, a que chamaremos seu “referente inicial”.
- d) A referência a  $x_i$  implica o conhecimento de certas propriedades suas, que constituem o que chamaremos de “conteúdo” do nome próprio.”<sup>57</sup>

Em seguida, Gary-Prieur (2005) argumenta que as propriedades da definição (D) entram em jogo tanto para a interpretação de um nome próprio em posição referencial, quanto para outras interpretações como *imagem*, *metafórica*,

---

<sup>57</sup> No original:

« (D)

a) /Npr/ est une forme définie dans la langue et attribué comme nom, dans le monde, à un individu ;

b) Dans un énoncé, une forme /Npr/ donne au destinataire l'instruction d'identifier l'individu dont cette forme est le nom dans le cadre énonciatif de son occurrence, et de considérer cet individu comme le référent du Npr.

c) La relation référentielle ainsi établie présuppose que locuteur et destinataire partagent la connaissance de l'acte de baptême au cours duquel telle forme /Npr/ a été attribué comme nom à tel individu, qu'on appellera son « référent initial ».

d) La référence à  $x_i$  implique la connaissance de certaines de ses propriétés, qui constituent ce qu'on appellera le « contenu » du Npr. (Gary-Prieur, 2005 : 59)

*metonímica e exemplar*. Para a interpretação de *un Yasser Arafat plus que réticent*, por exemplo, a autora sustenta que o sentido não é modificado, mas simplesmente incluído em um processo de interpretação mais complexo, que deve levar em conta também o sentido do artigo e da expansão (Gary-Prieur, 2005: 61).

A autora aceita o termo *modificado* somente para interpretação denominativa, a qual não estaria construída sobre a função referencial do nome próprio. Em *Il a épousé une Ariane*<sup>58</sup>, por exemplo, *Ariane* não daria nenhuma instrução referencial e seria equivalente a *uma mulher que se chama Ariane*. De acordo com a autora, o artigo indefinido suprime os elementos (b), (c) e (d) da definição acima. Somente nesse caso então seria possível falar de nome próprio modificado. Para Gary-Prieur, a definição acima é transformada por sua combinação com a de *un*, e conservando-se apenas o elemento (a).

Outro problema relacionado ao uso da expressão *nome próprio modificado* é apresentado por Noailly (2000: 22), que critica a oposição entre *nome próprio modificado* e *nome próprio não modificado*, alegando que é curioso que Kleiber designe os nomes próprios referenciais (ordinários) – que são os mais freqüentes na língua – por meio de uma denominação indireta e negativa (cf. seção anterior). Por isso, defende que seria mais lógico adotar a sugestão de Flaux (1995: 65), segundo a qual se falaria em *nomes próprios* e *empregos derivados dos nomes próprios*. A sugestão desta autora também precisaria ser reavaliada, uma vez que ela identifica os empregos derivados aos usos determinados dos nomes próprios, o que, como se verá na análise, não é possível fazer. A crítica de Noailly (2000) é bem pertinente e foi reconhecida inclusive por Kleiber (2006: 40), o qual, como já foi apontado anteriormente, mantém o rótulo *nome próprio modificado* e alega ser difícil adotar um par de denominações que não seja criticável.

Conforme se observa, não é tranqüila a adoção do termo *modificado* para a análise de certas estruturas que contêm nomes próprios. Por esse motivo, nesta tese, evitar-se-á a utilização do rótulo *modificado* a usos de antropônimos precedidos por determinantes ou com complementos restritivos. A agrupação dos exemplos do *corpus* no Capítulo 5 eliminará essa classificação binária que tem recebido várias críticas pertinentes, entre elas: confunde-se modificação sintática com semântica; termina por dar uma denominação negativa (*não modificados*) aos usos ordinários, que são os mais freqüentes na língua.

---

<sup>58</sup> O exemplo no original é o seguinte: *Mon cousin Pierre vient de se marier. Il a épousé une Ariane. Personne encore dans la famille ne portait ce prénom. Ça nous changera des Marie et des Jeanne.*

## 2.6. OS NOMES PRÓPRIOS NOS ESTUDOS DA LÍNGUA ESPANHOLA

Como pôde ser visto até agora, a maioria dos trabalhos citados analisam dados da língua francesa. Nos estudos da língua espanhola, que é o idioma do *corpus* desta pesquisa, o trabalho que discute mais profundamente os diferentes usos dos nomes próprios é o de Fernández Leborans (1999a). Em sua obra, a autora retoma pontos expostos no capítulo 1 desta tese e, em seguida, apresenta e comenta os seguintes usos do nome próprio:

### QUADRO 2.1 Exemplos de usos do nome próprio (elaborado a partir de Fernández Leborans, 1999a)

I. O nome próprio sem determinante	
a) Em função predicativa	<i>Clarín es Leopoldo Alas.</i>
b) A construção do tipo <i>el abogado Peláez</i>	<i>El presidente Lincoln.</i>
c) A construção do tipo <i>el estilo Luis XV</i>	<i>Su perfil Cleopatra.</i>
d) Uso denominativo	<i>Mi madre se llama Julia.</i>
II. O nome próprio com artigo definido	
e) <artigo def. + nome próprio>	<i>La María.</i>
f) <artigo def. + nome próprio + complemento(s) >	<i>El Madrid de los Austrias.</i>
III. O nome próprio com o artigo indefinido	
g) Interpretação denominativa	<i>Un López no puede ser inglés.</i>
h) Interpretação metafórica	<i>Un nuevo Hamlet.</i>
i) Interpretação relativa a uma fase do referente	<i>Esta mañana me encontré con una María muy rejuvenecida.</i>
IV. O nome próprio com demonstrativos e possessivos	
j) Com demonstrativo	<i>Ese Eugenio de quien tanto hablan, ¿quién es?</i>
l) Com possessivo	<i>Dice que su Pepito no le come nada.</i>

Conforme se observa no quadro acima, vários exemplos enquadram-se nos chamados *usos modificados*, comentados anteriormente. De fato, a própria autora, Fernández Leborans (1999a: 103), revela em nota que as considerações que apresenta sobre a sintaxe dos nomes próprios baseiam-se principalmente em Gary-Prieur (1994) e Jonasson (1994). Por esse motivo, não serão discutidos detalhadamente os exemplos de Fernández Leborans (1999a), mas alguns argumentos que apresenta serão retomados durante a análise dos dados.

# **Capítulo 3**

## **Aspectos**

### **Metodológicos**

Neste capítulo, são apresentadas as principais decisões metodológicas tomadas durante esta pesquisa. Apesar de serem apresentadas aqui algumas posições e idéias que foram descartadas, acredita-se que expor o percurso que levou às decisões finais possui pelo menos duas vantagens: colabora na compreensão das escolhas teórico-metodológicas e facilita o caminho de futuros pesquisadores que tratarão o mesmo tema.

Antes de chegar à análise dos dados tal como será apresentada, algumas hipóteses metodológicas foram aventadas: pensou-se inicialmente em uma análise de dados de língua oral e também em uma coleta e análise de dados com base em pressupostos e técnicas da lingüística informática ou da lingüística de *corpus*. Essas possibilidades foram descartadas, o que será explicado nas seções 3.1 a 3.3. Posteriormente, em 3.4, serão apresentadas as escolhas que efetivamente serviram de base para a análise dos dados desta pesquisa.

### **3.1. O NASCIMENTO DA PESQUISA E AS PRIMEIRAS OPÇÕES METODOLÓGICAS**

As idéias iniciais que levaram ao desenvolvimento da pesquisa que se apresenta aqui nasceram durante o Mestrado em Lingüística, realizado pelo Autor no Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG no período de 2001 a 2003. Naquela época, o objetivo era fazer uma descrição da variação regional da ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos (cf. Amaral, 2003). A pesquisa que foi realizada teve como base teórica alguns pressupostos da Dialetoлогия e outros da Sociolingüística Variacionista. Foram utilizados *corpora* constituídos de transcrições de gravações de língua oral feitas em diferentes localidades de Minas Gerais (Campanha, Minas Novas e Paracatu). Para a análise, foram selecionados apenas os dados em que o antropônimo ocorria com ou sem artigo definido singular (e também sem complementos restritivos), possibilidades que correspondiam às variantes objeto de análise. Por esse motivo, ocorrências como as seguintes ficaram fora da análise naquele momento:



- (3.1) aqui tem **os Ferrera Lopes** tamém (CMP3-BRE/119-120)<sup>59</sup>  
 (3.2) ten[ho] muita amizade... lá naquele ( )... **aquele João da farmaça...**  
 amigo meu (MNV4-JAA/183-184)  
 (3.3) é a cara do/do/do **Veiga daqui** (CMP3-BRE/78)

Nenhum dos exemplos acima, conforme explicado, entrou na análise quantitativa da variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos, por apresentarem respectivamente: a) o antropônimo precedido por artigo no plural (*os*); b) antropônimo precedido por demonstrativo (*aquele*); c) antropônimo seguido de complemento restritivo (*daqui*).

Foram dados como esses que conduziram o Autor a continuar procurando trabalhos que tratassem do tema. Fizeram parte das primeiras leituras (ou releituras) obras como Fernández Leborans (1999a), Valério (2000), Díaz Rojo (2001), etc. Essas leituras levaram à redação do projeto inicial, que, assumindo a posição de vários autores, falava em passagem do nome próprio a nome comum. Até então, não haviam sido delimitadas as estruturas que seriam objeto de análise. Posteriormente, já durante a pesquisa do doutorado, o contato com novos trabalhos, principalmente de lingüistas franceses, fez com que novos rumos fossem dados à pesquisa. Observou-se também que tais trabalhos representavam um grande desenvolvimento nas investigações sobre os nomes próprios, o que levou ao aprofundamento nas leituras e a uma análise mais crítica da bibliografia. Chegou-se assim aos trabalhos teóricos sobre a chamada *modificação* do nome próprio e, em geral, sobre uma gramática do nome próprio. Tais trabalhos se originaram principalmente em Kleiber (1981) e tiveram prosseguimento em obras como Jonasson (1994), Gary-Prieur (1994), Leroy (2004), *Langue Française* (2005), etc – cf. capítulo 2.

### **3.2. A COLETA DE DADOS: SOBRE OS DADOS DE LÍNGUA ORAL E DE LÍNGUA ESCRITA**

Como o trabalho anterior (Amaral, 2003) havia sido feito com dados de língua oral contemporânea, procurou-se abarcar, para a pesquisa de doutoramento,

---

<sup>59</sup> Entre parênteses, estão as indicações para a localização do exemplo no *corpus* original, disponível em Amaral (2003).

dados tanto de espanhol oral quanto de espanhol escrito. O trabalho de coleta de dados começou então a ser feito em diferentes *corpora*, tal como descrito abaixo:

I. *Corpora* de língua oral:

- a) *El español hablado en Bogotá* (Montes Giraldo et al., 1997)
- b) *La lengua hablada en Alcalá de Henares – Corpus PRESEEA-ALCALÁ: I. Hablantes de Instrucción Superior* (Moreno Fernández, 2002)

II. *Corpus* de língua escrita:

- a) Textos do jornal argentino *La Nación On-line* ([www.lanacion.com.ar](http://www.lanacion.com.ar))

Mas uma análise prévia revelou que os *corpora* de língua oral não forneceriam dados suficientes para a análise dos diferentes usos de antropônimos. Os motivos serão expostos a seguir, junto com a explicação sobre cada *corpus*.

### 3.2.1. *Corpora* de língua oral

#### a) *La lengua hablada en Alcalá de Henares – Corpus PRESEEA-ALCALÁ*

Em Moreno Fernández et al. (2002), está publicada uma série de textos que são transcrições de gravações de língua oral. Os autores apresentam 18 transcrições do *Proyecto para el Estudio del Español de España y de América* (PRESEEA), vinculadas essas aos dados de Alcalá de Henares. Nesse *corpus*, os falantes estão divididos em sexo (homem e mulher) e idade – enquadram-se em três gerações: geração 1 (de 20 a 34 anos); geração 2 (de 35 a 54 anos) e geração 3 (mais de 55 anos). Todos pertencem a um mesmo grupo de instrução (ensino superior) e constituem então representantes da norma culta. Estão incluídos informantes com curso superior completo (Ciências Empresariais, Química, etc.) e estudantes que tenham cursado ao menos dois anos dos estudos universitários.

O trabalho prévio realizado com esse material consistiu em ler as transcrições e selecionar os diferentes usos de antropônimos. Como os autores do *corpus* quiseram manter sigilo com relação aos informantes, dos nomes de pessoas que pudessem identificar os falantes foram registradas apenas as iniciais, conforme se observa nos exemplos abaixo:

(3.4) su madre/ sus tíos/ son los **V**// estos **V** que están por todo Alcalá (Entrev. n. 3, p. 42)

(3.5) los dueños/ una familia muy eminente de Alcalá/ los **L L** se apellidan/ se apellidaban y se apellidan/ los hijos y nietos de aquel señor (Entrev. n. 13, p. 223)

O fato de a transcrição não apresentar o antropônimo na sua forma plena inviabiliza a utilização de ocorrências como essas para a pesquisa, uma vez que a análise sofre as seguintes limitações: a) não se tem a garantia completa de que as iniciais correspondem efetivamente a um antropônimo – embora o contexto forneça várias pistas para que se possa tentar comprová-la; b) não é possível saber se o falante utilizou um prenome, um sobrenome, um apelido ou outro antropônimo; c) não há como averiguar se o antropônimo sofreu uma mudança morfológica, como o acréscimo de uma marca de plural. Com essa análise prévia, concluiu-se que *corpus* como o PRESEEA (que omitem ou substituem os nomes próprios originais) não satisfazia as necessidades da pesquisa<sup>60</sup>.

#### **b) *El español hablado en Bogotá (EHB)***

Montes Giraldo et al. (1997) apresentam a transcrição de 30 gravações realizadas durante o período de 1990 a 1992 com informantes de Bogotá, abrangendo homens e mulheres de diferentes faixas etárias (três gerações), níveis educativos (*primaria, secundaria e universitaria*) e procedência (nativos e imigrantes). Foi objetivo dos autores que os diversos estratos da população da cidade fossem representados na obra. De fato, a variedade dos perfis dos informantes pode ser notada observando-se a ocupação dos informantes: comerciante, desempregado, motorista, dona de casa, psicólogo, nutricionista, atriz de televisão, etc.

Do *corpus* acima, foram observadas as ocorrências que se enquadram nos chamados nomes próprios *modificados*<sup>61</sup>, as quais não constituíram um número significativo. Esse fato pode ser explicado ao se fazer uma análise do conteúdo das entrevistas.

Em primeiro lugar, o assunto discutido durante as gravações não propiciava a realização de nomes de pessoa. Embora as entrevistas sejam

<sup>60</sup> O mesmo pode ser afirmado para os *corpora* de Briz e Grupo VAL.ES.CO (2002) e Dominguez (1998).

<sup>61</sup> Obviamente, privilegiaram-se os nomes próprios de pessoa, os antropônimos.

relativamente heterogêneas com respeito aos temas, são bem recorrentes os temas relacionados aos serviços públicos, especialmente à segurança. Não se quer dizer que tais temas não permitam a utilização de antropônimos, mas percebe-se que na maioria das vezes os informantes dialogam sem mencionar outras pessoas e, muito menos, os nomes de indivíduos.

Em segundo lugar, mas não menos importante, está o tipo de relação entre entrevistador e informante. Ainda que não se tenha acesso ao tipo de contato de ambos em cada entrevista, nota-se pela leitura que não possuíam uma relação íntima. A existência de intimidade entre falante e interlocutor é um fator que permite que se fale o nome de pessoas conhecidas por ambos sem a necessidade de uma nomeação prévia ou de utilizar uma descrição definida no lugar do nome próprio (*Maria* em vez de *a minha vizinha*, *José* em vez de *o namorado da minha irmã*).

Esse baixo número de nomes próprios *modificados* no *EHA*, aliado às normas de transcrição do *corpus* PRESEEA, demonstram a limitação de *corpora* orais para a pesquisa proposta. Por esse motivo, na continuidade da investigação, foi dada preferência aos dados de língua escrita. Também se conclui que, pelos mesmos motivos, não seria viável uma análise contrastiva entre *corpora* orais e escritos.

### 3.2.2. *Corpus* de língua escrita

Na seção 3.4, serão detalhadas as informações relativas à metodologia de coleta de dados do espanhol escrito.

## 3.3. A ANÁLISE

### 3.3.1. A utilização de um método matemático-estatístico-computacional

Com o objetivo de avaliar se as novas tecnologias, em especial às que se relacionam com a lingüística informática e com a lingüística de *corpus*, serviriam para a pesquisa, foi selecionado um *corpus*-piloto com textos contendo diferentes usos de antropônimos, com o qual se empregou um método matemático-estatístico-computacional<sup>62</sup>. Tal método baseia-se na estatística paramétrica e pressupõe a utilização do programa *STABLEX*, desenvolvido por André Camlong e Thierry Beltran

---

<sup>62</sup> Essa análise foi feita para a monografia final da disciplina *Tecnologias Informatizadas em Análises Lexicais, Textuais e Discursivas*, ministrada pelos professores Zilda Maria Zapparoli e André Augustin Camlong.

no Laboratório de Inteligência Artificial da Universidade de Toulouse II. Esse programa realiza um levantamento estatístico do léxico de três ou mais textos (chamados de variáveis) e permite ao pesquisador fazer uma análise discursiva quantiquantitativa dos itens lexicais, ou seja, parte-se do léxico e chega-se ao discurso. Conforme Zapparoli e Camlong (2002), a partir da conjugação dos componentes da estatística paramétrica (aritmética, cálculo algébrico e representação geométrica), é possível descobrir, na arquitetura lexical dos textos, aspectos do discurso. Objetivava-se verificar em que medida o método descrito poderia contribuir para a pesquisa do doutorado.

Para alcançar o objetivo acima, o *corpus-piloto* foi constituído por 10 textos escritos em português padrão e publicados nos jornais *Hoje em Dia* (de Belo Horizonte) e *Folha de São Paulo* (de São Paulo)<sup>63</sup>.

Nos resultados obtidos, verificou-se que os antropônimos eram elementos discursivamente importantes no *corpus-piloto*. Isso era o esperado, uma vez que, na escolha dos textos, haviam sido privilegiados aqueles em que eram recorrentes os nomes próprios de pessoa. Ao conjunto dos antropônimos, foi contraposto o conjunto dos chamados antropônimos *modificados*, exemplificados em (2) e (3)<sup>64</sup>:

(3.6) o clima de thriller policial que faz Brown parecer uma espécie de **Umberto Eco** pop (FSP – 09/08/04)

(3.7) Existe o **Prometeu** de Marx, que quer transformar o mundo. Mas o **Prometeu** grego não é esse. (FSP – 08/08/04)

A análise permitiu observar que itens como os que estão destacados nos exemplos, ao contrário dos antropônimos em geral, não têm grande importância discursiva no *corpus*, ou seja, não são estes elementos os que guiam o discurso dos textos em que estão presentes<sup>65</sup>. Além do mais, analisando os nomes próprios de pessoa de acordo com cada variável (texto), obtêm-se os resultados mostrados no gráfico abaixo:

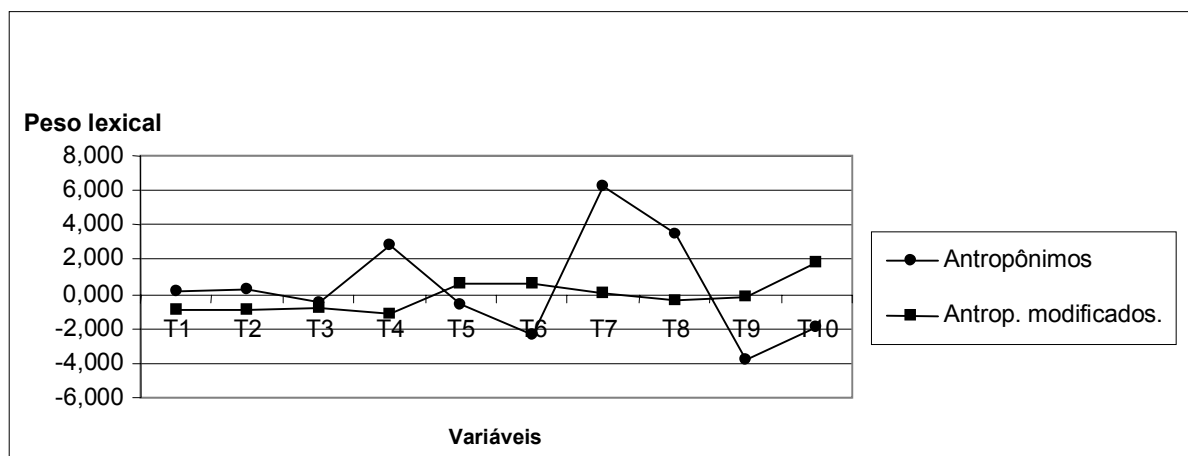
---

<sup>63</sup> Naquele momento, ainda não havia sido feita nenhuma coleta de dados do espanhol. Mas as conclusões não se invalidam por causa da utilização de dados de outro idioma.

<sup>64</sup> Como, naquela época, ainda não havia sido descartada a análise no nível lexical, no *corpus-piloto* entraram dados como os seguintes, em que *titês* e *lazarônês* são derivados de antropônimos:

(i) “A cada dia, Tite *incorpora* uma nova palavra ou frase ao dicionário do futebol. Qualquer semelhança do “**titês**” com o “**lazarônês**” é apenas coincidência.” (FSP - 08/08/04)

<sup>65</sup> As noções discursivas apresentadas têm como base outros trabalhos que também utilizaram esse método matemático-estatístico-computacional.



**GRÁFICO 3.1 – Comparação entre os pesos lexicais de antropônimos e de antropônimos modificados segundo as variáveis**

Observando o gráfico acima e considerando que:

a) T1 representa a variável 1, T2 a variável 2 e assim sucessivamente;

b) o peso lexical em torno do zero (entre 1,96 e -1,96) representa o vocabulário básico do *corpus*;

c) o vocabulário básico é apenas o suporte para a construção do texto e do discurso, não significando preferencialidade discursiva;

pode-se observar que os antropônimos *modificados*, em todas as variáveis, giram em torno do zero. Eles, de fato, não são elementos de grande importância discursiva, se se considera sua frequência com relação aos outros itens lexicais tanto do texto em que se encontram quanto dos demais textos<sup>66</sup>.

A principal conclusão a que se pôde chegar é que a análise dos diferentes usos de antropônimos não pode ser baseada em um método matemático-estatístico-computacional como o que foi utilizado, principalmente porque esses elementos não têm forte influência léxico-discursiva, ou seja, não são elementos que guiam o discurso das variáveis. Além do mais, eles têm frequência baixa nos *corpora*, o que significa que, para que se obtivesse um número alto de ocorrências, seria necessário um volume muito grande de dados, inviabilizando a utilização do programa STABLEX, que pressupõe um preparo prévio do léxico de todos os textos a serem analisados, com a codificação de determinados itens no interior de cada um<sup>67</sup>.

<sup>66</sup> Para mais informações a respeito da base teórico-metodológica, veja-se Zapparoli e Camlong (2002).

<sup>67</sup> Os textos a serem analisados precisam ser convertidos para o formato *txt*. Somente após esse tratamento dos dados é possível *lançá-los* no programa.

### 3.3.2. A análise de Leroy (2001) e o tratamento automático da antonomásia

A conclusão acima pode ser em parte corroborada com a obra de Leroy (2001), que tem como objetivo propor uma descrição e uma análise do fenômeno da antonomásia, tendo como base pressupostos da Retórica e da Lingüística<sup>68</sup>. Em sua tese, a autora trabalha com um *corpus* da imprensa escrita, cujos dados são etiquetados morfossintaticamente e posteriormente submetidos a um tratamento informático para localização de ocorrências de antonomásia (ex.: *le Cousteau du XXIe siècle; Un Indiana Jones sans excès; le nouveau Prométhée*).

Conforme Leroy (2001: 149), o tratamento automático dos nomes próprios se articula em torno de duas etapas. Na primeira, estaria a identificação de nomes próprios conhecidos ou a descoberta de novos nomes próprios, com a sua conseqüente categorização – essa etapa pode ser realizada a partir de traços internos dos nomes próprios (*indices internes*) ou a partir de listas específicas. A etiquetagem, segunda etapa, estaria relacionada a duas tarefas: por um lado, a partir de uma lista de nomes próprios, comparam-se as palavras desconhecidas do *corpus*, que seriam candidatas a nomes próprios; por outro lado, identifica-se o nome próprio com base em critérios externos ao nome, como a análise dos contextos à esquerda e à direita do nome próprio, de acordo com padrões lexicais, sintáticos ou léxico-sintáticos.

O etiquetador empregado pela autora (*Cordial 6 “Universités”* para Windows), utiliza, para o processo de etiquetagem, um dicionário de nomes próprios de mais de 30000 entradas, o qual classifica os nomes próprios em quatro domínios principais (humanos, nomes geográficos, práticas sociais e obras). Além disso, uma palavra desconhecida começando por maiúscula também é considerada como nome próprio. De acordo com Leroy (2001: 150), os erros de etiquetagem de um nome próprio com uma etiqueta diferente de nome próprio são mais raros que o inverso, ou seja, a atribuição da etiqueta nome próprio a outra categoria – este último erro é mais freqüente.

Mas a análise de Leroy (2001) – da mesma forma que a que se apresenta nesta tese – não se apóia simplesmente no nível léxico do nome próprio, mas na definição de antonomásia como um grupo nominal tendo por núcleo um nome próprio e apresentando características sintáticas precisas (Leroy, 2001: 152). Por isso, foi necessário o uso de um sistema de extração de informação, o qual analisa dados

---

<sup>68</sup> Cf. também Leroy (2002).

textuais, com base em uma necessidade específica: no caso da antonomásia, buscar e extrair os segmentos que apresentassem as estruturas suscetíveis de pôr em destaque a antonomásia. Esse trabalho pressupõe a elaboração prévia de padrões morfossintáticos.

Com o objetivo de empregar esse sistema de extração de informação, a autora utilizou um *subcorpus* de *aprendizagem* do tratamento automático da antonomásia e outro de *aplicação*, o primeiro para a aquisição de padrões morfossintáticos e o segundo para validar os métodos. Os padrões foram elaborados a partir de grupos antonomásicos reconhecidos como tais, mas a própria autora reconhece a dificuldade de elaboração desses padrões e afirma que seu trabalho não investiga todos os padrões morfossintáticos possíveis, que ela trabalha com uma lista finita (Leroy, 2001: 156). Definidos os padrões, foram projetados sobre novos textos já etiquetados e preparados.

Depois de discutidos vários problemas encontrados na elaboração e na projeção dos padrões (cf. Leroy (2001: 160 e seg.)), a autora afirma que “é possível a utilização dos resultados fornecidos pelos padrões morfossintáticos, apesar de grosseiros<sup>69</sup>”. Embora tenha apresentado um tratamento automático da antonomásia, ela afirma, em vários momentos do seu trabalho, que é preciso melhorar o sistema empregado.

Neste trabalho, não será utilizado um sistema informático para análise dos antropônimos. Da mesma forma que foi visto que o método matemático-estatístico-computacional testado não se mostrou adequado para os objetivos desta pesquisa, concluiu-se que a utilização de um tratamento automático de nomes próprios também não se mostraria satisfatória, uma vez que requereria um trabalho prolongado de análise informática de dados (programa de etiquetagem de dados do espanhol, elaboração e aplicação de padrões morfossintáticos, etc.) para a obtenção de resultados com um considerável índice de erros.

Por esses motivos, a localização dos usos de antropônimos que interessam a este trabalho foi realizada a partir da leitura individual de textos, conforme será explicado na próxima seção.

---

<sup>69</sup> No original: “L’utilisation des résultats fournis par les patrons morpho-syntaxiques, même grossiers, est cependant possible” (Leroy, 2001: 170).



### 3.4. AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS DEFINITIVAS

A análise que será apresentada foi realizada com dados coletados do espanhol contemporâneo, obtidos em textos do jornal argentino *La Nación*. Primeiramente, foi feito um teste para observar qual seção do jornal seria mais favorável à ocorrência de antropônimos *modificados*. Assim, foram analisados todos os textos das seções *Entretenimientos (Espectáculos)*, *Política*, *Deportiva* e *Cultura* publicados na primeira semana de julho de 2005, ou seja, entre 01/07/05 e 07/07/05. O conjunto dos textos dessas seções totaliza um *corpus* de 317.002 palavras, conforme é possível observar na 2ª coluna da Tabela abaixo:

**TABELA 3.1**  
**Relação de antropônimos modificados por número de palavras**  
**de quatro seções do jornal *La Nación* referentes ao período de 01/07/05 a**  
**07/07/05**

Seção	Total de palavras	Antr. modificados	Relação entre Antr. <i>modificados</i> e número de palavras de cada seção	
<i>Entretenimientos (Espectáculos)</i>	71322	15	4755	0,21‰
<i>Política</i>	68883	3	22961	0,04‰
<i>Deportiva</i>	141079	3	47026	0,02‰
<i>Cultura</i>	35718	1	35718	0,02‰
<b>Total</b>	<b>317002</b>	<b>22</b>	<b>14409</b>	<b>0,06‰</b>

A Tabela anterior também mostra a relação entre o número de palavras de cada seção e o número de antropônimos *modificados*, o que permite chegar à resposta do teste proposto, ou seja, verificar qual seção é mais favorável às ocorrências desejadas. Vê-se, com base nos dados da última coluna, que a seção que mais favorece a presença de antropônimos modificados é a de *Entretenimientos (Espectáculos)*. Essa seção apresentou uma frequência de 1 ocorrência para cada 4755 palavras (0,21‰), enquanto as outras não apresentaram uma frequência abaixo de 1 para cada 20000 palavras. Essa constatação levou a coleta de dados a direcionar-se especificamente para a seção mencionada, ampliando o período de leitura e a busca de ocorrências.

Considerando o exposto acima, foram analisados todos os textos da seção *Entretenimientos (Espectáculos)* publicados *on-line* no mês de julho de 2005. O conjunto desses textos totaliza 324.242 de palavras e constitui o *corpus* da análise que será apresentada no próximo capítulo.

## **Capítulo 4**

# **Nomes próprios e antropônimos: questões de classe e de definição**

## The Naming of Cats

The Naming of Cats is a difficult matter,  
 It isn't just one of your holiday games;  
 You may think at first I'm as mad as a hatter  
 When I tell you, a cat must have THREE  
 DIFFERENT NAMES.  
 First of all, there's the name that the family use  
 daily,  
 Such as Peter, Augustus, Alonzo or James,  
 Such as Victor or Jonathan, George or Bill Bailey--  
 All of them sensible everyday names.  
 There are fancier names if you think they sound  
 sweeter,  
 Some for the gentlemen, some for the dames:  
 Such as Plato, Admetus, Electra, Demeter--  
 But all of them sensible everyday names.  
 But I tell you, a cat needs a name that's particular,  
 A name that's peculiar, and more dignified,  
 Else how can he keep up his tail perpendicular,  
 Or spread out his whiskers, or cherish his pride?  
 Of names of this kind, I can give you a quorum.  
 Such as Munkustrap, Quaxo, or Coricopat,  
 Such as Bombalurina, or else Jellylorum--  
 Names that never belong to more than one cat.  
 But above and beyond there's still one name left  
 over,  
 And that is the name that you never will guess;  
 The name that no human research can discover--  
 But THE CAT HIMSELF KNOWS, and will never  
 confess.  
 When you notice a cat in profound meditation,  
 The reason, I tell you, is always the same:  
 His mind is engaged in a rapt contemplation  
 Of the thought, of the thought, of the thought of his  
 name:  
 His ineffable effable  
 Effanineffable  
 Deep and inscrutable singular Name.

*T.S. Eliot*

Como já foi exposto, o objetivo desta pesquisa é analisar somente os usos de nomes próprios de pessoa, ou *antropônimos*. Por isso, antes de apresentar a metodologia que serviu para a coleta e análise do *corpus*, é preciso delimitar o que se considera *antropônimo*. Para fazê-lo, será necessário discutir brevemente a questão da classe dos nomes próprios e de seus membros. Esse será o tema da primeira seção deste capítulo.

#### 4.1. A CLASSE DOS NOMES PRÓPRIOS

Quando muitos autores tratam dos nomes próprios, analisam geralmente uma classe bastante heterogênea. Entretanto, várias tentativas de classificá-los têm sido feitas. Allerton (1987: 73) apresenta uma classificação semântica, na qual inclui as seguintes subvariedades:

- a) seres humanos (junto também com certos animais): *Socrates*<sup>70</sup>; *Jeremy Blenkinsop*; *Fido*; *Pegasus*.
- b) navios, veículos e máquinas: *the Mayflower*; *(the) Discovery*; *the Orient Express*, etc.
- c) lugares geográficos: *Mars*; *Africa*; *the Adriatic (Sea)*; *(mount) Everest*; etc.
- d) organizações sociais: *I.B.M*; *Rolls Royce*; etc.
- e) publicações e obras de arte: *The Times*; *The Barber of Seville*, etc.
- f) línguas e dialetos: *English*; *Hindi*; etc<sup>71</sup>.

Embora apresente essas seis categorias, o próprio autor reconhece que os limites entre elas são difíceis de estabelecer. Além do mais, não esgotam a classe de todos os nomes próprios – na verdade, como a existência de um nome próprio depende de um *batismo* prévio, pode-se atribuir um nome próprio a qualquer entidade, seja ela física ou não.

---

<sup>70</sup> Mantiveram-se os exemplos como no original em inglês. A opção de traduzi-los ou adaptá-los implicaria a tradução (ou adaptação) de alguns e não de outros, o que geraria uma mistura (um pouco desconfortável) de algumas formas de nomes próprios em inglês e outras em português. Para uma discussão a respeito da tradução dos nomes próprios, veja-se Moya (2000).

<sup>71</sup> Nos trabalhos em espanhol e em português, geralmente não se incluem os nomes de línguas e dialetos entre os nomes próprios. Certamente, isso se deve ao fato de que, em inglês, tais nomes se escrevem com maiúsculas e, naquelas línguas, com minúsculas, o que demonstra a confusão que existe entre questões ortográficas e a delimitação da classe de nomes próprios.

Wilmet (1995a), por outro lado, distingue: nomes comuns essenciais, nomes próprios essenciais, nomes comuns acidentais e nomes próprios acidentais. São exemplos apresentados pelo autor:

- a) *nomes comuns essenciais*: nomes das letras do alfabeto e dos símbolos matemáticos; dos *monotypes* (*ciel, firmament, paradis*, etc.); dos pontos cardeais; das festas (*Noël*); dos períodos históricos; dos meses, dias, etc.; dos nomes *rue, boulevard*, etc. em, por exemplo, *habiter (la) rue Lepic*; de organismos constituídos (*Sénat*); dos períodos históricos (*l'Antiquité*); dos períodos geológicos (*le Miocène*); das classes zoológicas e botânicas; dos derivados de nomes próprios toponímicos (*un Anglais*) ou patronímicos (*un Jésuite*)<sup>72</sup>; das alegorias poéticas (*les Soupçons*).
- b) *nomes próprios essenciais*: nomes de pessoas e animais; de cidades; de continentes, países, regiões, rios, etc; de astros, planetas ou estrelas, etc.
- c) *nomes comuns acidentais*: resultado de metonímia (*écouter du Mozart*); de metáfora (*un Judas*); e também casos como *une (voiture) ou un (camion) Peugeot*.
- d) *nomes próprios acidentais*: nomes de filmes, romances, peças, etc. (*Graziella, Si Versailles m'était conté*<sup>73</sup>..., etc.); placas de restaurantes, cafés, hotéis (*Georges Blanc* – nome próprio essencial do proprietário –, *Le grand Véfour*, etc.)

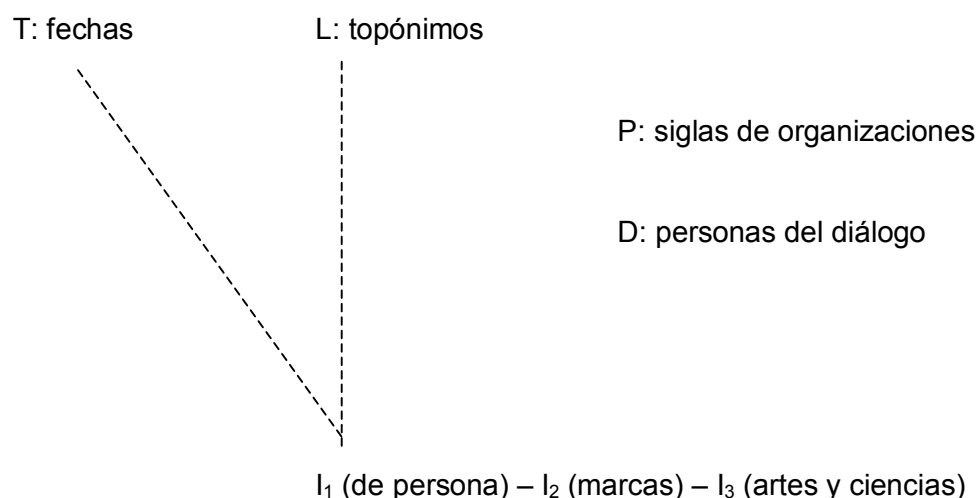
Jonasson (1994), ainda que não tenha o objetivo de apresentar uma classificação de nomes próprios, reconhece a diferença entre os membros da classe. Sendo assim, a autora fala em membros centrais, que constituiriam um núcleo da categoria e que possuiriam um grande número de propriedades típicas, como *Sócrates* e *Paris*. Por outro lado, haveria os membros mais periféricos e menos típicos, como *a estrela Polar, a Loteria Nacional*, etc.<sup>74</sup> (Jonasson, 1994: 22).

Entre os autores de língua espanhola, López García (2000) apresenta o seguinte esquema para classificação dos nomes próprios:

<sup>72</sup> Em francês, escrevem-se com maiúsculas nomes de habitantes, como no seguinte exemplo de Grevisse e Goosse (1995: 35) *J'ai rencontré une Française, exactement une Parisienne*.

<sup>73</sup> Nome de uma produção cinematográfica franco-italiana da década de 50.

<sup>74</sup> No original, *l'étoile Polaire* e *la Loterie N(n)ationale*.



**FIGURA 4.1 - Esquema classificatório de nomes próprios (López García, 2000: 186)**

Esse esquema, que o autor afirma ser uma reelaboração e ampliação do de Bühler<sup>75</sup>, apresenta dois eixos de natureza dêitica (L de espaço e T de tempo), um eixo vetorial relativo ao indivíduo (I), o qual possui três posições que vão se afastando do centro dêitico (I<sub>1</sub> de pessoas, I<sub>2</sub> de coisas e I<sub>3</sub> de qualidades) e dois quantores não dêiticos (P de natureza quantitativa e D de natureza qualitativa). Para López García, os nomes próprios de pessoa constituem o protótipo da categoria, pois estão localizados mais próximos do centro dêitico (I<sub>1</sub>) – seria dessa posição que se originaria prototipicamente um nome próprio. Em sua proposta, estão incluídos também, como nomes próprios, os topônimos (*Valencia*<sup>76</sup>, *España*, *los Pirineos*), as datas (3-7-50 etc.), as siglas (*O.N.U.*, *O.T.A.N.*, etc.), os nomes das pessoas do diálogo (*yo*, *tú*, etc.) e os nomes de artes, ciências e movimentos intelectuais (*el Barroco*, *la Física*, *la Lingüística*, *el Comunismo*).

Apesar de, como visto, os nomes próprios constituírem uma classe bem heterogênea, todos os autores incluem nessa classe os antropônimos e os topônimos, ou seja, os nomes de pessoas e de lugares, respectivamente. Esses dois subconjuntos de nomes próprios chegam a ser um consenso quando se fala em membros da classe, o que não se verifica para outros itens como nomes de línguas e dialetos (apresentados por Allerton, 1987) ou das pessoas do diálogo (defendidos como nomes próprios por López García, 2000).

<sup>75</sup> BÜHLER, K. *Sprachtheorie*. Karl Fischer: Jena, 1934.

<sup>76</sup> Todos os exemplos são do próprio autor.

Os topônimos têm sido, cada vez mais, objeto de subclassificações nos estudos toponímicos. No caso dos antropônimos, embora a sua diversidade não seja tão grande quanto a dos topônimos, é preciso diferenciar uns dos outros. Esse será o tema da próxima subseção.

#### 4.1.1. Os antropônimos entre os nomes próprios

Como foi exposto, a heterogeneidade da classe dos nomes próprios tem gerado propostas bem diferenciadas de classificação de seus membros. Observou-se também que, independentemente da proposta de um ou outro autor, os antropônimos sempre são incluídos entre os nomes próprios. Mas esses itens também não constituem uma subclasse homogênea, como exposto por Fernández Leborans (1999a: 81). Formam parte do conjunto de antropônimos: prenomes, sobrenomes, apelidos, etc.<sup>77</sup> O quadro abaixo procura relacionar e definir todos os elementos que estão sendo considerados como antropônimos neste trabalho.

**Quadro 4.1 – Relação e definição dos itens considerados antropônimos**

Português	Espanhol	Definição
prenome	<i>nombre de pila</i>	Nome de batismo; nome que antecede o sobrenome e que distingue o indivíduo dentro de sua família. Pode ser simples ( <i>Fernando</i> ) ou composto ( <i>José María</i> ).
sobrenome	<i>apellido</i>	Nome de família, que se transmite de pais para filhos e vem após o prenome.
patronímico	<i>patronímico</i>	Formado a partir do nome do pai ou de um ascendente.
apelido (alcunha ou cognome)	<i>apodo (alias, mote, cognombre ou remoquete)</i>	Nome que substitui o nome civil, criado geralmente por um indivíduo diferente do portador do nome próprio e que freqüentemente alude a uma característica física ou intelectual. Pode ser ou não depreciativo.
hipocorístico	<i>hipocorístico</i>	Nome formado a partir de abreviação ou diminutivo do nome próprio e utilizado geralmente em contextos familiares.
pseudônimo (heterônimo, nome artístico ou de guerra)	<i>seudónimo (heterónimo, nombre artístico, nombre de guerra, sobrenombre)</i>	Nome empregado por escritor, artista ou outra pessoa em lugar do seu nome verdadeiro. É escolhido pelo portador do nome próprio.

A partir dessa subdivisão dos antropônimos, pode-se questionar: quais são as características morfosintáticas e semânticas que permitem agrupar todos os itens

<sup>77</sup> Cf. também Lozano Ramírez (1999) e Câmara Júnior (1984).

acima na subclasse de antropônimos? Com respeito à morfossintaxe, assume-se, neste trabalho, que não é possível apresentar traços morfossintáticos que diferenciem os tipos de nomes próprios acima dos nomes comuns. Todos podem estar acompanhados no discurso por determinantes ou modificadores – conforme já comentado no capítulo anterior. O que importará, na análise apresentada nesta tese, serão prioritariamente os traços semânticos dos antropônimos – embora não se deixará de levar em conta traços sintáticos dos exemplos do *corpus*. Por esse motivo, define-se antropônimo do seguinte modo:

**Antropônimo: item lexical que, em um contexto determinado, nomeia um indivíduo ou é utilizado para fazer referência a um indivíduo do mundo real ou fictício.**

Além do mais, tendo servido para uma nomeação prévia, o antropônimo pode contribuir para uma referência a uma ou mais propriedades ou a um ou mais produtos do portador do nome. Essa contribuição ficará mais clara durante a análise dos dados (cap. 5).

Para nomear um indivíduo ou se referir a ele, ou ainda para referir-se a alguma propriedade ou produto de um indivíduo, é possível utilizar separadamente qualquer dos elementos do quadro anterior ou então combinar alguns. Assim, é possível nomear ou referir-se a um indivíduo utilizando somente seu prenome, seu prenome acompanhado de um ou mais sobrenomes ou apenas seu sobrenome. Com relação aos demais antropônimos, geralmente ocorrem isoladamente. Mas nem todas essas possibilidades de utilização dos antropônimos ocorrem em todos os tipos de usos do nome próprio. Esse fato será comentado ao longo da análise.

Faz-se necessário aclarar que a noção de referente de antropônimo adotada aqui será:

**Referente: indivíduo do mundo real ou fictício identificado por meio de um (ou de uma combinação) dos itens antroponímicos (cf. Quadro 4.1).**

Como é possível notar, a noção de referência está próxima à que se utiliza na filosofia da linguagem. De acordo com Fernández Moreno (2006: 13), por *referência* “se entiende genéricamente la relación existente entre el lenguaje y el mundo, entre nuestras palabras y los objetos o individuos del mundo”. Igualmente,



para Orlando (1999: 11), é “la relación semántica entre los signos descriptivos del lenguaje y los objetos del mundo”. É importante destacar que, embora um mesmo indivíduo possa ser identificado por diferentes formas lingüísticas e possa ser física ou psicologicamente diferente em cada referência feita a ele, o que importa aqui é a relação *indivíduo / antropônimo*, ou seja, a relação mantida entre um ser humano e o(s) nome(s) que lhe (é)são atribuído(s) a partir de um ato de nomeação.

Como já foi destacado por muitos autores, a referência é um ato de fala realizado pelo falante. De acordo com Searle (1969: 28):

“a referência é um ato de fala e os atos de fala são realizados por falantes pronunciando palavras, não por elas mesmas. Na nossa terminologia, dizer que uma expressão refere (predica, assevera, etc.) é ou sem sentido ou uma forma abreviada de dizer que a expressão é usada por falantes para referir (predicar, asseverar, etc.)”<sup>78</sup>

No mesmo caminho da citação anterior, afirma Fernández Moreno (2006: 60), ao retomar Strawson: “el referir no es una propiedad de las expresiones en cuanto tales, sino de los *hablantes* que las usan o del *uso* de las expresiones por parte de los hablantes”.

Seguindo a tradição dos trabalhos sobre referência, nesta tese, quando se afirma que um antropônimo se refere a um indivíduo X, pressupõe-se que esteja claro que o responsável pela referência é o locutor durante o **uso** do antropônimo.

#### 4.2. O USO PRÓPRIO DO NOME PRÓPRIO<sup>79</sup>

De acordo com o que foi exposto, a maioria dos autores, ao tratar dos nomes próprios, considera apenas os usos em que esses elementos encontram-se sem determinantes ou complementos restritivos, referindo-se a um único indivíduo. Esse uso tem sido considerado como típico (também chamado de *prototípico*, *estândar*, *referencial* ou *ordinário*) dos nomes próprios – embora não exclusivo a essa classe – e é a partir dele que se tenta defini-los ou levantar as suas características.

<sup>78</sup> No original: “reference is a speech act, and speech acts are performed by speakers in uttering words, not by words. To say that an expression refers (predicates, asserts, etc.) in my terminology is either senseless or is shorthand for saying that an expression is used by speakers to refer (predicate, assert, etc.)”.

<sup>79</sup> “O título desta seção é uma paráfrase do artigo *Lo propio del nombre propio*, de López García (1985), mas isso não significa que se estejam assumindo as idéias do autor.

Proposta distinta foi feita por Granger (1982), segundo a qual a construção típica (ou *pura*, como ele chama) do nome próprio seria o vocativo. O autor afirma: “É então pela possibilidade de funcionar como interpelador que propomos caracterizar o caso puro do nome próprio, mesmo se essa possibilidade se realiza apenas com nomes de pessoas” (Granger, 1982: 29)<sup>80</sup>. Com base na idéia anterior, Granger argumenta que a única especificidade do nome próprio é de natureza pragmática, o que exclui a possibilidade de determiná-lo por meio de traços sintáticos ou semânticos. Entretanto, se se consideram apenas os antropônimos – que, afinal, constituem o centro desta pesquisa –, não parece adequado atribuir o uso vocativo (ou a interpelação) como característico do nome de pessoa, uma vez que é possível realizar o ato de interpelar utilizando recursos lingüísticos diferentes do antropônimo. O que não é possível, conforme será visto, é *nomear* sem fazer o uso de algum tipo de antropônimo.

No capítulo anterior, também foi destacado o fato de que os nomes próprios têm recebido recentemente maior importância na Lingüística e que alguns lingüistas passaram a se interessar pelos chamados usos *modificados* dos nomes próprios. Ainda assim, é comum que considerem o uso referencial sem determinante nem complemento como uso típico. Porém, defende-se aqui que, para uma maior coerência teórica na análise dos usos de antropônimos, é preciso rever o conceito de uso típico dos nomes próprios. Por esse motivo, antes de entrar propriamente na análise dos exemplos dos antropônimos do *corpus*, discute-se a seguir esse tema. Para fazê-lo, serão retomadas inicialmente algumas idéias de Lyons (1977) e de Austin (1990) relacionadas à nomeação.

#### 4.2.1. A noção de *nomear*

“Pero acordándose que el valeroso Amadís no sólo se había contentado con llamarse «Amadís» a secas, sino que añadió el nombre de su reino y patria, por hacerla famosa, y se llamó «Amadís de Gaula», así quiso, como buen caballero, añadir al suyo el nombre de la suya y llamarse «don Quijote de la Mancha», con que a su parecer declaraba muy al vivo su linaje y patria, y la honraba con tomar el sobrenombre della.”

*El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha*  
(Miguel de Cervantes)

---

<sup>80</sup> No original: “C’est donc par la possibilité de fonctionner comme interpellateur que nous proposerons de caractériser le cas pur du nom propre, même si cette possibilité ne s’actualise qu’avec les noms de personnes “.

Para Lyons (1977: 178), os nomes próprios têm duas funções: referencial e vocativa<sup>81</sup>. Com relação à primeira, o autor afirma que eles estariam entre as expressões referenciais singulares, juntamente com sintagmas nominais definidos e pronomes pessoais. Os sintagmas nominais definidos identificam o referente, possibilitando ao ouvinte/leitor distingui-lo de todos os outros indivíduos do universo discursivo. Ex.: *o homem alto ali à frente*. Até então, a posição do autor assemelha-se às dos autores de vários trabalhos dos capítulos anteriores. Entretanto, continua Lyons (1977: 178), é necessário distinguir o uso referencial ou vocativo dos nomes próprios dos usos nos chamados *enunciados apelativos*, como em *Apresento-te o João* e *Ele chama-se João Silva*<sup>82</sup>. Nesses exemplos, ocorre o que o autor denomina de *nomeação didática*<sup>83</sup>, em que se ensina a alguém, formal ou informalmente, que um nome particular está associado a uma pessoa, objeto ou lugar particular por uma convenção preexistente.

O tema em questão recorda as idéias de Austin (1990). Esse autor afirma que proferir uma sentença como *Batizo este navio com o nome de Rainha Elizabeth*, não é descrever o ato nem declarar o que se está praticando: é fazê-lo. O autor chama sentenças como essa de *performativas* ou *proferimentos performativos*, ou seja, aquele ato que indica que se está realizando uma ação e não somente um mero ato de dizer algo (Austin, 1990: 24-25). Ainda dentro da teoria do autor, proferir a sentença seria caracterizado como um ato ilocucionário, ou seja, realiza-se um ato *ao* dizer algo, em contraste com o simples ato *de* dizer algo (p. 89).

Todavia, o ato de nomear (ou de declarar que a um indivíduo está associado um antropônimo X), tal como será tratado neste trabalho, vai além dos casos de Lyons (1977) e de Austin (1990). Vai além, também, dos casos *oficiais* de nomeação, aqueles reconhecidos por lei – conforme assumem autores como Novaes (2006: 88). Mesmo assim, pode-se notar que em todos os exemplos que serão tratados a seguir o falante realiza (ou recorda) um ato de nomeação *ao* dizer o que diz.

Neste trabalho, defende-se, portanto, o seguinte:

<sup>81</sup> Posição semelhante à de Lyons (1977) é a adotada por Fernández Leborans (1999: 103), segundo a qual: “La función referencial es uno de los tres usos prototípicos del NP sin determinante. (Los otros dos usos son: el vocativo –¡Ven aquí, Juan!– y el denominativo –Me llamo María–).”

<sup>82</sup> Lyons inclui entre os enunciativos apelativos tanto os casos de nomeação didática quanto os de nomeação performativa, esta relacionada aos exemplos de Austin, tratados mais adiante.

<sup>83</sup> Alguns autores utilizam o termo *nominação*. Neste trabalho, será adotado o termo *nomeação*.

**O ato lingüístico-textual de nomear (ou seja, informar ou recordar ao interlocutor que a um indivíduo está associado determinado antropônimo) configura o uso próprio (ou típico) do antropônimo.**

Além do mais, considerando-se:

a) a importância que teve a tese de Kleiber (1981), segundo a qual o sentido do nome próprio seria dado, na maioria dos casos, pelo *predicado de denominação* (cf. cap. 1);

b) a proposta de Kleiber (1996), que abandona a noção de *predicado de denominação*, mas mantém a hipótese de um *sentido de denominação* para os nomes próprios (cf. seção X do capítulo 2);

é coerente aceitar que, se o que faz um antropônimo ser nome próprio é sua capacidade de nomear, seu uso típico será aquele que serve discursivamente para **nomear** um indivíduo, como nos exemplos: *Se llama Juan; Te presento a Juan.*

Mas, para esta pesquisa, **nomear** vai além do uso de formas como *llamarse Antr, nombrar a alguien Antr.* Há outros recursos que utilizam os falantes para dizer: *este individuo se llama (o se llamará) Antr.* Esse será o tema da próxima subseção, a qual já utilizará dados do *corpus* coletado para exemplificar as idéias defendidas.

#### **4.2.2. A nomeação nos dados do espanhol escrito**

No período de publicação dos textos que serviram de base para o *corpus* desta pesquisa, encontram-se vários exemplos que se encaixariam no que se está denominando uso próprio (ou típico) do antropônimo. Alguns dos casos que serão tratados são chamados geralmente de *denominativos*, conforme exposto no Capítulo 2. De acordo com o que foi visto, Jonasson (1994: 194) afirma que o nome próprio com essa interpretação nunca é empregado para falar do seu portador, portanto seria desfeito o laço direto e rígido entre o nome próprio e seu portador. Fernández Leborans (1999a: 110), por sua vez, ressalta que essa é uma função ‘não referencial’, que apresenta um nome próprio vazio, “a modo de signo, como ‘etiqueta’ que se proporciona para permitir la fijación y disponibilidad de su referencia”.

A função de fixar a referência, tão discutida entre os filósofos, está diretamente relacionada à nomeação que será tratada. Mas a principal característica dos usos a seguir é que neles o antropônimo ocupa uma posição própria, específica

de um nome próprio. Os exemplos abaixo serão agrupados por proximidade sintático-semântica:

#### 4.2.2.1. Exemplos com o verbo LLAMAR [llamar + Antr.]

Primeiramente, destacam-se os usos construídos com o verbo *llamar*, que pode ser considerado um dos mais típicos para expressar uma nomeação:

- (4.1) Vos tenés un amigo en la secundaria que **se llama Adrián Suar**, que nunca estudió nada y, de repente, es una estrella. (<http://www.lanacion.com.ar/721039>)
- (4.2) El ogro **se llama Polifemo**, Pulgarcito recuerda a Ulises y explota su ignorancia tomada como cierta clase de ceguera, para engañarlo. (<http://www.lanacion.com.ar/719710>)
- (4.3) Ni siquiera a su hermano Raúl, que ahora **se llama Laisa**, viste de mujer y vive como tal. (<http://www.lanacion.com.ar/720539>)
- (4.4) Luis Alberto Spinetta escribe sobre un chico **llamado Oti Bei**. (<http://www.lanacion.com.ar/720819>)
- (4.5) Allí conoció a otro precoz aspirante a actor **llamado Orson Welles**, con quien se reencontró cuatro años después, apenas llegada a Estados Unidos, en un trabajo conjunto en Broadway, una producción de "Heartbreak House" en el teatro Mercury. (<http://www.lanacion.com.ar/722780>)
- (4.6) Las ventas de ese disco –unos 8 millones de libras (16 millones de dólares)– fueron donadas por Geldof, que empezó a ser **llamado "San Bob"**, para ayudar a las víctimas de la hambruna en Etiopía. (<http://www.lanacion.com.ar/717369>)
- (4.7) Un día después, el 19 a las 22, se conocerá **"Me llamo César"** (2003), de Richard Berry, acerca de un niño en edad escolar que cuenta en primera persona y desde su singular mirada cómo se ve la vida a los 10 años y cuáles son las cosas que verdaderamente importan, como la amistad, la relación entre padres e hijos, ser popular entre sus compañeros de escuela y la conveniencia de tener una buena relación con las mujeres. (<http://www.lanacion.com.ar/718537>)

Em todos esses exemplos, seria impossível substituir o antropônimo destacado por um nome comum ou por uma descrição definida. De (4.1) a (4.7), informa-se o nome de um indivíduo em uma espécie de *batismo textual*. O verbo *llamar* implica a presença de um nome próprio.

Os exemplos abaixo não possuem o verbo *llamar*, mas sería possível uma paráfrase com esse verbo:

(4.8) Alfredo, ya para ella **Fred**, no consigue superar el desconcierto y la angustia que le impuso la viudez. (<http://www.lanacion.com.ar/724979>)

(4.9) Hace exactamente un año y siete meses María Alonso (**Mary**, en confianza) pasaba gran parte del día deambulando por las calles de José C. Paz en busca de cartones. (<http://www.lanacion.com.ar/721784>)

Em (4.8), informa-se que o hipocorístico *Fred* passa a ser utilizado pela protagonista do filme *Elsa y Fred* em lugar do nome de batismo Alfredo. Esse exemplo poderia ser parafraseado por: *Alfredo, ya llamado por ella Fred, no consigue...* Igualmente, em (4.9), em que se informa o hipocorístico de Maria Alonso, poderia receber a seguinte paráfrase: *Maria Alonso (llamada Mary en confianza) pasaba...* Dessa forma, valeria para (4.8) e (4.9) o que se afirmou para os usos anteriores. Em (4.9), sería possível ainda construir uma paráfrase com o verbo *conocer*, o que o deixaria próximo aos exemplos que serão vistos a seguir.

#### 4.2.2.2. Exemplos com o verbo CONOCER [conocer + como + Antr.]

(4.10) Para deleite de la muchedumbre, el clavado derriba brutalmente a su adversaria, María Remedios Condori, mejor **conocida como Julia la Paceaña**. (<http://www.lanacion.com.ar/724734>)

(4.11) Nos resultó estupendo el bajo del esloveno Sergei Koptchak, distinguido artista que **se conoció como Fafner**, en la temporada pasada, destacando una vez más la excelencia de su color vocal y de cantante pulcro, con una personificación alejada de la truculencia y estatismo que impuso el pasado. (<http://www.lanacion.com.ar/721089>)

(4.12) Alejandro Wiebe, más **conocido como Marley**, gusta de viajar por el mundo. (<http://www.lanacion.com.ar/717722>)

(4.13) En medio de la Salón Dorado estarán ellos: Aída da Lus, más **conocida como Aída Luz**, y Jorge da Lus, **conocido como Jorge Luz**. (<http://www.lanacion.com.ar/722526>)

(4.14) Los habitantes de Samaniego –en Nariño, Colombia– se reconocen por el apodo. No se salva ni el alcalde Harold Montúfar, al que **conocen como Pescuezón**, apodo que por ahora nadie pronuncia por la dignidad de su cargo. (<http://www.lanacion.com.ar/724465>)

Os antropônimos de (4.10) a (4.14) continuam no uso chamado aqui de próprio. Seria possível imaginar uma descrição definida no lugar de cada um, ou um epíteto, como se encontra na literatura: *el que en buena hora ciñó espada* por Mio Cid, *la diosa de brazos blancos* por Hera. Entretanto, em qualquer um dos casos, teríamos um novo item com caráter antroponímico.

Além do mais, os exemplos anteriores mostram algo comum principalmente no meio artístico, com respeito à atribuição dos nomes próprios: mais de um antropônimo atribuído ao mesmo indivíduo.

#### 4.2.2.3. Exemplo com o verbo BAUTIZAR [bautizar + Antr.]

Como nos casos de 4.2.2.1, não seria possível substituir *Eraclio Catalín* do exemplo abaixo por um nome ou uma descrição definida. Em (4.15), informa-se ao leitor o nome de registro do artista argentino Hocario Guarany.

(4.15) Guarany (hijo de padre indio y madre criolla, bautizado **Eraclio Catalín**) se levanta todos los días a las 7.30 y, después de llevar a su hijo a la escuela, se dispone a tomar mate con galletitas, tostadas “y todas las cosas ricas que prepara mi mujer”. (<http://www.lanacion.com.ar/723676>)

#### 4.2.2.4. Exemplos com itens lexicais *classificadores* de antropônimos

Nos exemplos abaixo, não há verbos como *llamar*, *conocer* y *bautizar*, mas observa-se a presença de itens lexicais *classificadores* de antropônimos, tal como foi visto no Quadro 4.1: *alias*, *apellido*, *nombre*. Em (4.16), informa-se que o apelido do ator argentino Pepe Iglesias (1915-1991) é *el Zorro*; em (4.17), afirma-se que o *alias* do DJ brasileiro Gabriel Serrasqueiro é *Wrecked Machines* – na verdade, o que se tem neste último caso é um nome artístico e não um apelido; no exemplo seguinte, (4.18), é fornecido o verdadeiro sobrenome do diretor, produtor e ator alemão, Werner Herzog. Por fim, em (4.19), informa-se o primeiro nome artístico do cantor e ator argentino, Alberto Castillo.

(4.16) -¿A quiénes admira en la radio?

-Fui un enamorado de Wimpi, de Pepe Iglesias, alias "**el Zorro**", y de Juan Carlos Mareco en aquellos años en que la radio tenía la fuerza de los grandes capocómicos. También me convocaban el "Glostora Tango Club", "Qué pareja" y "Los Pérez García". (<http://www.lanacion.com.ar/720114>)

(4.17) **Wrecked Machines** Es el alias del brasileño Gabriel Serrasqueiro (foto), DJ de reconocimiento en la escena psy trance global y artista de Spun Records. (<http://www.lanacion.com.ar/719719>)

(4.18) Werner Herzog (cuyo verdadero apellido es **Stipetic**) fue uno de los principales referentes de la nueva ola que revolucionó al cine alemán durante las décadas del 60 y del 70 junto con Wim Wenders, Volker Schlöndorff, Margarethe von Trotta, Alexander Kluge o Reiner Werner Fassbinder. (<http://www.lanacion.com.ar/718274>)

(4.19) [Alberto Castillo] Hizo su debut con **el nombre de Alberto Dual** (<http://www.lanacion.com.ar/723728>)

#### 4.2.2.5. Exemplos com estruturas apositivas e com a estrutura [el + SN [NC/Adj + Antr.]]

Observem-se os exemplos seguintes:

(4.20) **Gustavo Mozzi**, el productor que estuvo en la cocina de todo el proceso de grabación, buscó que estos materiales tuvieran la referencia de los estilos característicos de varios directores de orquesta muy reconocidos durante las décadas del cuarenta y cincuenta. (<http://www.lanacion.com.ar/717743>)

(4.21) En la mano derecha portaba una pulsera antigua de esmeraldas y en la izquierda, una tradicional alianza, recordatorio permanente de su matrimonio con el actor Paul Bettany, con quien tiene **un hijo de dos años, Stellan**; ella ya tenía uno anterior, Kai, de siete años, de su relación con el fotógrafo David Dugan. (<http://www.lanacion.com.ar/724689>)

(4.22) El estado del cantante Roberto Sánchez, **Sandro**, experimentó una evolución "levemente favorable", dijeron ayer los médicos que lo atienden en el Instituto Argentino de Diagnóstico y Tratamiento, aunque permanece en estado crítico a raíz de la neumonía que afectó su ya delicado cuadro pulmonar.

(...)

Por otra parte, el neumonólogo y médico de cabecera del artista, Juan Antonio Mazzei, salió a bajarles el tono a los efectos que produjo en la sociedad la posibilidad de que **Sandro** fuera sometido a un trasplante de pulmón. (<http://www.lanacion.com.ar/724727>)



Em (4.20), explicita-se o laço denominativo que existe entre o antropônimo Gustavo Mozzi e *el productor que estuvo en la cocina de todo el proceso de grabación*. O mesmo acontece com *un hijo de dos años* e *Stellan*, do exemplo (4.21). No exemplo seguinte, (4.22), *Sandro* teria a mesma função: neste caso, informar (ou recordar) ao leitor que a um indivíduo (Roberto Sánchez) está associado o antropônimo *Sandro*. Pode-se notar inclusive que, em (4.22), é o antropônimo Sandro que será utilizado em segunda menção.

Observe-se ainda que, de (4.20) a (4.22), temos casos de aposições. Em (4.22), por exemplo, o antropônimo está apostado ao SN *el cantante Roberto Sánchez*. A aposição seria então outra maneira formal para explicitar a idéia de *nomear* ou *renomear* um referente, ou para fixar a referência. Com relação a antropônimos em usos como esse, convém fazer algumas considerações.

Primeiramente, deve-se ressaltar que estamos diante de casos de aposição (*aposición*), como os que são tratados por Suñer Gratacós (1999). Em (4.20), por exemplo, pode-se observar as seguintes características: dois elementos justapostos e co-referentes, em que o segundo constitui uma expressão nominal e estabelece com o antecedente uma relação predicativa; essa predicação tem caráter explicativo. Se *Gustavo Mozzi e el productor que estuvo en la cocina de todo el proceso de grabación* têm equivalência, pode-se, a exemplo do que faz a autora, inverter a posição desses elementos e obter:

(4.20a) El productor que estuvo en la cocina de todo el proceso de grabación, **Gustavo Mozzi**, buscó que estos materiales...

Essa ordem seria a mesma que se encontra no exemplo abaixo, em que se informa ao leitor que ao referente de *la superintendente en Jefe de la Policía londinense* está associado o antropônimo *Helen Ball*:

(4.23) La Superintendente en Jefe de la Policía londinense, **Helen Ball**, dijo que esta podría ser una de las mayores operaciones de policía de los últimos años, comparable con la organizada con motivo del Jubileo de Oro de la Reina. (<http://www.lanacion.com.ar/717696>)

Com base no que discute Suñer Gratacós (1999: 539) sobre valores temáticos e remáticos do discurso seria possível afirmar que o antropônimo teria valor temático em (4.20), mas não em (4.20a) nem em (4.23). Essa autora, ao analisar os

exemplos abaixo, afirma que em (45a)<sup>84</sup> *Neil Armstrong* tem valor temático e que em (45b) é *el primer hombre que pisó la luna* que tem valor temático.

45a. Neil Armstrong, el primer hombre que pisó la luna, fue entrevistado ayer por *El País*.

45b. El primer hombre que pisó la luna, Neil Armstrong, fue entrevistado ayer por *El País*.

De qualquer forma, seja o antropônimo tema ou não, em exemplos como os anteriores, ele cumpre a função de nomear o referente do SN co-referente, esteja este preposto ou posposto. Some-se a isso o fato de que o antropônimo (ou o seu SN co-referente anteposto) serve para introduzir no discurso o indivíduo portador do nome, o que favorece o ato de nomeação e um possível prosseguimento da *cadeia causal*. Outro ponto a ser destacado é que, em (4.20), por exemplo, a partir da primeira menção ao produtor, feita com prenome e sobrenome, as retomadas antroponímicas seguintes serão feitas com o sobrenome *Mozzi*, conforme se observa no exemplo (4.20b). Dessa forma, o leitor, ciente da relação entre *Gustavo Mozzi* e *el productor que estuvo...*, terá, durante a continuação da leitura, de recordar esse ato prévio de nomeação.

(4.20b) **Gustavo Mozzi**, el productor que estuvo en la cocina de todo el proceso de grabación, buscó que estos materiales tuvieran la referencia de los estilos característicos de varios directores de orquesta muy reconocidos durante las décadas del cuarenta y cincuenta. El trabajo de **Mozzi** es impecable, lo mismo que el del violinista Fernando Suárez Paz en la coordinación de las orquestas y los conjuntos preparados especialmente para cada tema.

#### *La difícil selección*

Como a todo DT de seleccionado, a **Mozzi** se le puede criticar por qué llamó a éste y no a aquél para el equipo. Pero eso depende más que nada del gusto del oyente. A favor se debe decir que aún con estilos tangueros tan diversos el resultado ostenta una sonoridad homogénea. En 13 o 14 pistas hay temas instrumentales, cantados, piezas para solistas, dúos, conjuntos y orquestas. (<http://www.lanacion.com.ar/717743>)

Essa função do antropônimo de recordar um ato de nomeação prévio ao discurso também pode ser atribuída à estrutura [el + SN [NC/Adj + Antr.]]. Em trabalho

<sup>84</sup> Apresenta-se a numeração original.

anterior, (Amaral, 2006), foi observado o comportamento discursivo-textual dessa construção, a qual apresenta um antropônimo posposto a um nome comum, ambos integrantes de um sintagma nominal com determinação definida, como em:

(4.24) (...) Kirchner envió el avión sanitario de su provincia a Corrientes para que **el senador Lázaro Chiappe** pudiera llegar a tiempo a votar contra la ley de subversión económica (...).  
(<http://www.lanacion.com.ar/718242>)

(4.25) El anuncio se haría el miércoles próximo, a cargo de quien sería su jefe de campaña: **el diputado Juan José Alvarez**.  
(<http://www.lanacion.com.ar/717605>)

Para aquela pesquisa, foi selecionado um *subcorpus* com dados extraídos também do jornal argentino *La Nación*. A análise revelou que o papel da estrutura em questão é preferencialmente introduzir o referente no discurso. A partir dessa observação, verificou-se que [el + SN [NC/Adj + Antr.]] é um instrumento utilizado pelo usuário da língua para recordar ao seu interlocutor um ato de nomeação anterior ao discurso. Constatou-se também que uma retomada com o antropônimo geralmente se dá com uma forma diferente da que foi introduzido no texto. Essa análise permitiu propor que a interpretação de uma construção como *El senador Lázaro Chiappe* seria algo como *el senador del que voy a hablar (o el senador que interesa) es el senador que se llama Lázaro Chiappe*<sup>85</sup>.

Antes de passar para os últimos exemplos desta seção, é necessário destacar que, embora seja extremamente freqüente a ocorrência de antropônimo preposto ou posposto a um SN co-referente com a função de (re)estabelecer um laço denominativo, como em (4.20) e (4.23), esse uso não pode ser considerado genuinamente próprio do antropônimo, como o foram os casos de 4.2.2.1 a 4.2.2.4. Prova disso é o exemplo abaixo, em que se tem dois SNs definidos co-referentes:

(4.26) **La nieta del gran Oscar Alemán, la cantante Jorgelina Alemán**, se presentará hoy, a las 22.30, en Notorious.  
(<http://www.lanacion.com.ar/717750>)

#### 4.2.2.6. Outros exemplos

<sup>85</sup> Entre os trabalhos que tratam dessa construção, pode-se consultar: Noailly (1991), Gary-Prieur (1994), Jonasson (1994), Forsgren (1995), Fernández Leborans (1999a).

Os casos a seguir, apesar de não apresentarem explicitamente um verbo ou um substantivo típico do ato de nomeação, proporcionam uma interpretação semelhante a exemplos anteriores, ou seja, informam o antropônimo que está associado a um indivíduo. Em (4.27), apresenta-se o antropônimo que é utilizado pelo artista argentino Esteban Chorovicz para assinar suas obras. Em (4.28), o antropônimo Dr. Roldán nomeia o reparador de bonecas Julio Roldán.

(4.27) El responsable de esta nueva vertiente escultórica es Esteban Chorovicz y firma sus obras como **Chorosky**.  
(<http://www.lanacion.com.ar/718293>)

(4.28) Acorde con su propio reglamento, usa un guardapolvo blanco con un bolsillo bordado que lo presenta como **Dr. Roldán**.  
(<http://www.lanacion.com.ar/718550>)

O exemplo abaixo, (4.29), que apresenta a construção [Antr + SER + Antr.], pode ser interpretado como Diane *Denoir se llamaba en realidad Diana Reches*. Novamente, o antropônimo Diana Reches está sendo utilizado com o objetivo de nomear, ou, melhor dizendo, renomear a cantora uruguaia Diane Denoir.

(4.29) Cuenta la leyenda que Diane Denoir era en realidad **Diana Reches**. Antes de ser un nombre artístico, "Diane" fue la manera como la llamaban en sus años en el Liceo Francés.  
(<http://www.lanacion.com.ar/721738>)

Apesar de este exemplo apresentar o verbo *ser*, a interpretação é diferente daquela dos exemplos de oração identificadora que serão vistos adiante.

#### 4. 3. O USO DO ANTROPÔNIMO EM ORAÇÃO COPULATIVA E OUTRAS FORMAS DE NOMEAÇÃO

De acordo com Di Tullio (2005: 130), a oração *Juan es el médico de mi madre* poderia ter duas leituras: uma primeira, chamada de predicação classificadora, em resposta à pergunta *¿Qué es Juan?*, e a segunda em resposta à pergunta *¿Quién es Juan?* Neste último caso, teríamos uma sentença identificadora, que, segundo a autora, “pretende identificar a un individuo atribuyéndole una propiedad que lo caracteriza en forma única: ser *el médico de mi madre*”. Ainda de acordo com Di Tullio (2005: 130), as sentenças identificadoras se caracterizam por estar constituídas por

duas expressões referenciais, que podem mudar de ordem entre si: *El médico de mi madre es Juan*. A cópula, neste caso, estabelece uma relação de identidade, afirma a autora.

Por outro lado, Fernández Leborans (1999b: 2369) afirma que nas sentenças identificadoras somente uma das expressões vinculadas por *ser* é propriamente referencial. A outra, segundo a autora, possui caráter descritivo, seria uma expressão atributiva. Fernández defende ainda que as sentenças identificadoras podem ser de ordem direta (*de orden recto*) ou de ordem inversa (*de orden inverso*). No primeiro caso, a expressão referencial apareceria em posição pré-copular (*Pedro es el alcalde*) e no segundo, em posição pós-copular (*El alcalde es Pedro*). Na realidade, a autora trabalha com a noção de escala de referencialidade, considerando que os constituintes podem ter maior ou menor força referencial.

Sobre as sentenças identificadoras diretas (*Pedro es el presidente del club*), Fernández Leborans (1999b: 2395) sustenta, ao contrário de Di Tullio (2005), que não são reversíveis. Para aquela autora, considerando *El presidente del club es Pedro* com relação a *Pedro es el presidente del club*, a primeira não seria agramatical ou inaceitável, mas não constituiria uma paráfrase da construção original. *El presidente del club es Pedro* responderia à pergunta *¿Quién es el presidente del club?* enquanto *Pedro es el presidente del club* responderia à pergunta *¿Quién es Pedro?* – com base na nomenclatura de Fernández Leborans, a primeira seria uma oração *identificativa especificativa* e a segunda, *identificativa descriptiva* (p. 2395).

Examinando os casos semelhantes do *corpus*, é possível sustentar que além dessa relação de identidade, há uma idéia de nomeação. Embora não se esteja mais diante de um uso próprio do nome próprio (o que será explicado adiante), essa cópula permite ao usuário da língua apresentar ao seu interlocutor o antropônimo que está associado a um indivíduo. Vejam-se os seguintes exemplos, cujos antropônimos aparecem em primeira menção nos textos em que se encontram:

(4.30) Aquí **el protagonista es Max**, un niño marginado por quienes lo rodean que, en un intento por escapar de las reyertas de sus padres y de las burlas de sus compañeros de escuela, se refugia en sus sueños y en sus fantasías. (<http://www.lanacion.com.ar/721059>)

(4.31) Lo notable es que una de las canciones más famosas del siglo pasado estuvo varias veces a punto de no existir. Primero porque el compositor elegido inicialmente era **Alfred Newman**, quien creyó en el rumor de que la película acarrearía mala suerte y se alejó, lo mismo que el reemplazante propuesto, Bernard Herrmann. (<http://www.lanacion.com.ar/720305>)

(4.32) Y los artistas programados para el plato fuerte de la noche sabatina fueron **Adriana Varela, Rubén Juárez**, el flamante sexteto del pianista Cristian Zarate y la Orquesta de Tango de la ciudad de Buenos Aires, con la dirección de Raúl Garelo y Carlos García. (<http://www.lanacion.com.ar/724028>)

Em (4.30), com a construção [SN + SER + Antr.], informa-se ao leitor o nome do protagonista do filme *Las aventuras del Niño Tiburón y la Niña de Fuego*. O mesmo acontece nos exemplos seguintes, que apresentam o verbo *ser* em tempo, número e pessoa diferentes. Observe-se que, apesar de que a inversão dos constituintes é possível gramaticalmente, os resultados não poderiam ser inseridos nos textos de origem: *Aquí, Max es el protagonista, quien...*; *Primero porque Alfred Newman era el compositor elegido inicialmente...*; e assim por diante.

Ao contrário dos exemplos da seção anterior, os casos desta não podem ser caracterizados como próprios do nome próprio. Apesar da existência da idéia de nomeação, os antropônimos poderiam ser substituídos por um SN definido, como *el hijo de la vecina*. Dessa forma, seria possível: *el protagonista es el hijo de la vecina*; *el compositor elegido inicialmente era el hijo de la vecina*; e assim por diante.

Portanto, o que se defende aqui é acrescentar a idéia de nomeação na interpretação do antropônimo presente nas chamadas sentenças copulativas identificadoras inversas (*oraciones copulativas identificativas inversas (especificativas)*), nas quais, segundo Fernández Leborans (1999b: 2398): “se revela la identidad del referente específico que conviene a una descripción determinada; el hablante especifica, mediante la expresión postcopular, el objeto o entidad al que se extiende la intensión descrita en la expresión precopular”<sup>86</sup>. Essa “revelação” da identidade estaria acompanhada pelo ato de informar o nome do referente.

O exemplo seguinte também apresenta o verbo *ser*, mas desta vez entre dois antropônimos. No entanto, a interpretação precisa ser diferenciada. Faz-se necessário fazer uma leitura em que *ser* seja compreendido como *interpretar*. Assim, em (4.33), as leituras favorecidas seriam *Julieta Díaz interpreta a Ana María Gómez Tejerina* e *Cristina Banegas interpreta a Emilia Basil*. O próprio exemplo corrobora essa afirmação quando apresenta: *Dolores Fonzi interpreta a Claudia Sobrero*.

<sup>86</sup> Por assumir a idéia de escala de referencialidade, o exemplo (4.33), que apresenta uma expressão dêitica implícita, seria classificado pela autora como uma sentença identificadora reta (cf. Fernández (1999b: 2388).

- (4.33) 2 Mujer corrosiva: Juana Viale protagoniza una historia de amor ardiente con final infeliz.  
 3 Asesina obstinada: Julieta Díaz es **Ana María Gómez Tejerina**, decidida al crimen más allá de todo.  
 4 Cuchillera: Dolores Fonzi interpreta a Claudia Sobrero, la asesina del dibujante Lino Palacio y de su mujer.  
 5 Cocinera: Cristina Banegas es **Emilia Basil**, una chef con recetario macabro. (<http://www.lanacion.com.ar/722100>)

Para Fernández Leborans (1999b: 2375), o nome próprio adquiriria valor classificador em exemplos semelhantes. A autora afirma: “los nombres propios pueden adquirir valor clasificador cuando se utilizan como expresión de personajes representados por actores (*La estudiante de Clásicas es Cleopatra*). No entanto, parece mais cômodo pensar na polissemia do verbo *ser*, que em outro valor para o antropônimo. Este continuaria com seu valor ordinário de nomear um personagem fictício, estabelecendo uma correspondência entre ator/atriz e personagem.

Casos como o anterior são discutidos também por Miranda (2003: 577). A autora, ao analisar a configuração enunciativa de críticas cinematográficas, observa que os nomes próprios contribuem para a demarcação de planos de enunciação e que a construção predicativa, com ou sem verbo explícito, assinala a transição do plano atual (da realidade) para o plano fictício (do filme). O exemplo seguinte é de Miranda (2003: 577): *Kevin Costner é Wyatt Earp, o fora de lei que chegou a xerife, Isabella Rossellini é a interessante Big Nosed Kate e Dennis Quaid o leal amigo Doc Holliday*. Seguindo a nossa posição acima, seria necessário atribuir a seguinte leitura: *Kevin Costner interpreta Wyatt Earp...*

Embora os objetivos e os fundamentos teóricos da autora sejam distintos dos desta tese, vale a pena ressaltar que quando ela investiga a transição de planos enunciativos, está tratando de formas de nomeação, tal como se entende aqui. Outra estrutura pesquisada por Miranda (2003: 577) é NPr (NPr), ou seja, um nome próprio (antropônimo) de um/a personagem fictício/a é seguido/a pelo nome próprio (antropônimo) do/a ator/atriz que o/a interpreta. São exemplos seus: *Toby (Leonardo di Caprio); Irwin (Robert Redford)*.

Para a autora, interessa observar que existe uma intercalação de planos enunciativos. Segundo os pressupostos deste trabalho, nota-se que essa disposição gráfica tem também uma função de nomeação e que ela, a disposição gráfica, adquire valores diferentes dos que são vistos por Miranda. Em (4.34), os parênteses contêm os antropônimos que nomeiam os atores que interpretam os personagens Enzo e

Soledad, protagonistas da série televisiva *¿Quién es el jefe?*. Nesse caso, existe uma coincidência com a função destacada por Miranda (2003).

- (4.34) La historia de Enzo (**Nicolás Vásquez**) y Soledad (**Gianella Neyra**) y la posibilidad de que el romance florezca entre patrona y empleado se complican por la llegada de Gadano, que hará de novio de Soledad, y de Luna, que será una noviecita del pasado de Enzo, que, celoso de la salida de su empleador, decidirá llamar al personaje de Luna, una chica fea de su barrio que para su sorpresa habrá pasado de patito feo a cisne. (<http://www.lanacion.com.ar/722536>)

Entretanto, os exemplos abaixo são diferentes. Em (4.35), tem-se a nomeação de indivíduos dos quais se apresentam as profissões: um estilista e um *chef*. Em (4.36), há uma mudança na origem dos antropônimos que estão entre parênteses. Celeste García Satur, Pablo lemma e Marcelo Mininno, todos antropônimos parentéticos, são os nomes dos atores que interpretam, respectivamente, os personagens Nina, Konstantin e Trigorin. Por outro lado, Roxana Randón e Julio Ordano são os antropônimos dos atores que interpretam os personagens Irina e Evgueni. Desta vez, são os nomes dos personagens que estão entre parênteses.

- (4.35) Aunque también dio la bienvenida a un diseñador (**Mariano Toledo**) y a un cocinero (**Ramiro Rodríguez Pardo**). (<http://www.lanacion.com.ar/722299>)

- (4.36) Una dirección de actores muy lineal no da la posibilidad de descubrir las aristas verdaderas de personajes fundamentales como Nina (**Celeste García Satur**), Konstantin (**Pablo lemma**) o Trigorin (**Marcelo Mininno**) y cada uno de ellos asoma muy opacado frente a las actuaciones de Roxana Randón (**Irina**), quien se mueve en escena con un desparpajo exagerado o Julio Ordano (**Evgueni**), el único intérprete más convincente. (<http://www.lanacion.com.ar/725653>)

De qualquer forma, o que se tem nesses últimos casos são formas específicas para nomear indivíduos reais ou fictícios ou para distinguir a diferença entre os antropônimos associados a um ator e ao personagem que interpreta.



#### 4.4. O USO REFERENCIAL ORDINÁRIO DO ANTROPÔNIMO

Depois de identificados os usos cuja interpretação relaciona-se à idéia de nomeação, passa-se ao uso mais freqüente dos nomes próprios, chamado pelos autores de uso *referencial, estândar, prototípico* ou *ordinário*<sup>87</sup>. Neste trabalho, será mantida a denominação de uso *ordinário*, considerando o significado de *comum e habitual* que tem esse termo<sup>88</sup>. São exemplos:

(4.37) La ceremonia, conducida por **Jorge Guinzburg** y **Ernestina Pais**, que transmitió la señal de cable Volver, destacó los aportes a la cultura de ciclos como "Telefé cortos", que se llevó el premio en el rubro artístico y cultural y otro llamado "extraordinario". (<http://www.lanacion.com.ar/718829>)

(4.38) Homenaje a **Pierre Boulez**. (...) **Pierre Boulez** cumplió 80 años el 26 de marzo pasado y los está celebrando, activo y vital, recibiendo homenajes y dirigiendo su música y la de los autores que más ama en las principales salas del mundo. (<http://www.lanacion.com.ar/718104>)

(4.39) Lo nuevo de **Spielberg**.  
**Steven Spielberg** comenzó esta semana la filmación de su nueva película basada en el atentado en los Juegos Olímpicos de Munich en 1972. (<http://www.lanacion.com.ar/718788>)

Nos exemplos anteriores, existe a pressuposição de que o leitor conheça os referentes dos antropônimos *Jorge Guinzburg, Ernestina Pais* (apresentadores argentinos), *Pierre Boulez* (diretor e compositor francês) e *Steven Spielberg* (diretor de cinema norte-americano). Em nenhum dos casos, houve um ato textual prévio de nomeação. Pode-se afirmar então que há também a expectativa por parte do locutor de que o leitor identifique o referente, sem que sejam apresentadas informações a respeito. Esse é, então, o uso que será chamado de *referencial ordinário*. Ele acontece quando os interlocutores já têm conhecimento de uma nomeação anterior (ou então quando o locutor pressupõe que o destinatário tenha esse conhecimento). No texto escrito, pode ocorrer em primeira menção do referente, como nos casos anteriores, ou, o que é bastante comum, após uma primeira menção antroponímica, na qual se explicita o ato de nomeação. Para exemplificar esta última situação, retoma-se abaixo o exemplo (4.20), com nova numeração:

<sup>87</sup> E também uso *não modificado*, para aqueles que investigam a chamada modificação dos nomes próprios.

<sup>88</sup> O uso que se discute aqui coincide com o que Gary-Prieur (1994) chama de *interpretação identificadora* e Jonasson (1994) classifica de *nome próprio puro*, conforme visto anteriormente.

(4.40) Gustavo Mozzi, el productor que estuvo en la cocina de todo el proceso de grabación, buscó que estos materiales tuvieran la referencia de los estilos característicos de varios directores de orquesta muy reconocidos durante las décadas del cuarenta y cincuenta. El trabajo de **Mozzi** es impecable, lo mismo que el del violinista Fernando Suárez Paz en la coordinación de las orquestas y los conjuntos preparados especialmente para cada tema.

*La difícil selección*

Como a todo DT de seleccionado, a **Mozzi** se le puede criticar por qué llamó a éste y no a aquél para el equipo. (<http://www.lanacion.com.ar/717743>)

Nesse exemplo, observa-se que, após o estabelecimento da relação entre o antropônimo *Gustavo Mozzi* e *el productor que estuvo en la cocina de todo el proceso de grabación*, o referente é retomado a o longo do texto pelo uso ordinário do nome próprio *Mozzi*.

O uso referencial ordinário fica destinado àquele em que o antropônimo apresenta todas as características dos nomes próprios apontadas por Gary-Prieur (2005) na definição “D” e repetidas abaixo:

“D”

- a) /Npr/ é uma forma definida na língua e atribuída como nome, no mundo, a um indivíduo.
- b) Em um enunciado, uma forma /Npr/ dá ao destinatário a instrução de identificar o indivíduo portador do nome no quadro enunciativo de sua ocorrência e de considerar esse indivíduo como o referente do nome próprio.
- c) A relação referencial estabelecida pressupõe que locutor e destinatário compartilhem o conhecimento do ato de batismo durante o qual tal forma /Npr/ foi atribuída como nome a tal indivíduo, a que chamaremos seu “referente inicial”.
- d) A referência a  $x_i$  implica o conhecimento de certas propriedades suas, que constituem o que chamaremos de “conteúdo” do nome próprio.”

Ressalte-se ainda, como complemento aos traços acima, a caracterização de Jonasson (1994): há um laço denominativo estável entre o nome próprio e o referente.

Retomando o que foi exposto até o momento, pode-se afirmar o seguinte: o uso próprio (ou típico) do antropônimo é aquele em que se nomeia ou se recorda ao interlocutor que a um indivíduo X está associado um antropônimo Y. Ele ocorre em construções com os verbos *llamar*, *conocer*, *bautizar* e com itens classificadores de antropônimos (*alias*, *apellido*, etc.).

Além disso, foi visto que a idéia de nomeação também está presente em estruturas apositivas, em orações copulativas, entre outras construções. Esses usos

ligados à nomeação, convém ressaltar, estão relacionados à primeira menção do antropônimo no texto.

Os pontos que até agora esta tese defende são os seguintes:

**a) No discurso escrito, o ato de nomear (ou renomear<sup>89</sup>) um indivíduo constitui o uso próprio (ou típico) do antropônimo.**

Esse ato de nomear (ou renomear) do texto escrito possui as seguintes características:

**b) realiza-se por meio de diferentes construções sintáticas;**

**c) ocorre geralmente na primeira vez que o indivíduo é introduzido no texto, o que poderia ser chamado de *batismo textual*, parafraseando Kripke (1982).**

A partir desse ato de nomeação (ou de renomeação):

**d) o indivíduo será retomado no texto de diferentes formas, o que poderia ser chamado de *cadeia causal textual*, parafraseando novamente Kripke (1982);**

**e) em uma retomada antroponímica, dificilmente o indivíduo será retomado da mesma forma que foi introduzido no texto— o mais comum é que seja retomado por meio do uso referencial ordinário.**

A partir de agora, volta-se aos chamados usos *modificados* do antropônimo, que são os que mais interessam a esta pesquisa.

#### **4.5. USOS MODIFICADOS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE SEMÂNTICO-TEXTUAL**

De acordo com o que foi exposto, vários usos em que o nome próprio não está nu têm sido chamados de modificados. Também foi visto que a adequação desse

---

<sup>89</sup> *Renomear* não está sendo usado com o sentido de *dar outro nome*, mas com o de (fazer) recordar a um interlocutor que a um indivíduo X está associado o antropônimo Y. Em outras palavras, é uma forma de fixar a referência.

termo é bastante discutida. Um dos motivos dessa discussão é que para alguns autores a modificação estaria relacionada à presença de determinantes, o que os leva a falar também em empregos *articulados*, *determinados* ou *quantificados* (cf. Kleiber, 1994: 92)<sup>90</sup>.

Entretanto, não se pode associar, por exemplo, a presença do artigo à interpretação *modificada*, uma vez que, como se verá a partir dos exemplos seguintes, há usos ordinários em que o antropônimo é precedido por artigo definido<sup>91</sup>. Por outro lado, há usos *modificados* semanticamente em que o antropônimo aparece nu.

Para ilustrar o que se acaba de afirmar, veja-se o caso do artigo antes de antropônimo:

(4.41) No hubiera hecho lo mismo que **la Sandrelli**, que se interpreta a sí misma, sino un personaje. (<http://www.lanacion.com.ar/718278>)

(4.42) Si hasta la conquistó aquella vez, arrodillado como **el Quijote** y cantándole "Dulcinea" frente a todos sus amigos. "Se murieron todos: las mujeres y algunos hombres querían tener su Quijote", recuerda. (<http://www.lanacion.com.ar/717404>)

Nos exemplos (4.41) e (4.42), *Sandrelli*, *Quijote* encontram-se em usos referenciais ordinários e enquadram-se na definição D de Gary-Prieur (2005: 59)<sup>92</sup>, adotada também neste trabalho. Mas ambos estão precedidos por artigo definido, o que iria de encontro à associação do nome próprio articulado com usos *modificados*.

No caso abaixo, o antropônimo também está precedido por artigo definido, agora no plural.

(4.43) La comedia musical es un género en el que los diferentes rubros artísticos dependen uno del otro. Para eso, **los Romay** [Alejandro y Diego Romay] sumaron nombres vinculados con el género y brindaron oportunidades. (<http://www.lanacion.com.ar/717404>)

Se, no último exemplo, é possível falar em modificação sintática, não há como falar em modificação semântica do antropônimo (tal como se assumirá neste trabalho), uma vez que o nome próprio recebe a mesma interpretação que *Pablo* em *Pablo trabaja* – a única diferença reside na não unicidade do indivíduo. Será proposto,

<sup>90</sup> Também se utiliza o termo *predicativo* como sinônimo de *modificado* (Kleiber, 1995).

<sup>91</sup> Naturalmente, seria possível pensar em um grupo de antropônimos em espanhol mais favorável para serem antecidos por tal artigo – o que implicaria a necessidade de se fazer uma distinção do comportamento sintático dos membros da classe de antropônimos.

<sup>92</sup> Cf. seção anterior.

então, conforme se verá no Capítulo 5, colocar exemplos como (4.41), (4.42) e (4.43) em um mesmo grupo, já que são satisfeitas todas as condições para a interpretação ordinária do antropônimo, ou seja, para o seu enquadramento na definição “D” anterior.

Por outro lado, nos exemplos abaixo, observam-se modificações semânticas:

(4.44) "Geldof considera que Tony Blair y [el ministro de finanzas británico] Gordon Brown son **los Lennon y McCartney**" de la lucha contra la **pobreza**, reprochó el parlamentario George Galloway. (<http://www.lanacion.com.ar/718289>)

(4.45) Sin duda, la alternancia en su trabajo profesional no sólo tuvo que ver con las variantes **del Antonio actor y el músico**. (<http://www.lanacion.com.ar/723326>)

Em (4.44), os antropônimos estão precedidos por artigo definido no plural e acompanhados de complemento e recebem a interpretação *metafórica*. Em (4.45), o antropônimo está precedido pelo artigo *el* e acompanhado de um complemento restritivo. Neste caso, recebe uma interpretação chamada *manifestação, fase* ou *imagem* do referente. Casos como esses serão vistos no capítulo 5.

A partir dos dados acima, toma-se a seguinte posição: A análise proposta nesta tese parte, assim como Gary-Prieur (2001) faz para os casos de plural, da noção de **indivíduo**. Mais ainda: partirá da noção de referência a uma pessoa, seja ela real ou fictícia. Defende-se que, sendo um antropônimo essencialmente um nome de pessoa, é a partir da idéia de referência a um indivíduo humano que deve se basear a análise dos dados do *corpus*.

Entretanto, não será usado o rótulo *modificado / não modificado*. A análise dos diferentes usos dos antropônimos será feita com critérios semânticos, principalmente relativos à referência. Apesar disso, não serão ignorados critérios sintáticos (como configuração sintática dos sintagmas, ordem dos constituintes, etc.), nem textuais (como introdução do referente no discurso, retomada anafórica, conhecimento prévio, etc). Esses aspectos serão discutidos todos com base em exemplos extraídos dos dados selecionados para esta investigação.

# **Capítulo 5**

## **Análise dos dados**

Kleiber (1994: 93) separa os usos do nome próprio em três grupos, que teriam as seguintes características:

GRUPO 1 - o referente continua a ser um ou o portador do nome (real ou fictício);

GRUPO 2 - o referente é uma parte ou um aspecto do portador do nome;

GRUPO 3 - o referente não é mais um ou o portador do nome, nem uma parte do portador do nome, mas uma entidade unida a esse portador por uma certa relação.

Na proposta do autor, o grupo (1) inclui os chamados usos *denominativos* (*Un Meyer est venu me voir ce matin*), *exemplares* (*Un Pardo, un Casoni, pour ne citer qu'eux, sont "limite" au plan international!*) e aqueles em que o nome próprio apresenta um adjetivo (*épithète*) anteposto descritivo (*La surprise qu'avait Bernard d'entendre le sentimental Olivier exprimer...*). O grupo (2) inclui o uso chamado *fracionamento* – ou *manifestação* – (*Le Hugo de 1825 ne vaut pas le Hugo de la vieillesse*). O grupo (3) comporta os usos metafóricos (*Alain Delon est notre Clint Eastwood à nous*) e metonímicos (*J'écoute en ce moment du Mozart*).

Com base nas idéias defendidas neste trabalho (cf. cap. 4), será apresentada uma nova classificação dos usos de antropônimos, a qual inclui os seguintes grupos com suas respectivas características:

**GRUPO 1: O(s) referente(s) do SN que contém o antropônimo é(são) o(s) portador(es) inicial(is) do(s) antropônimo(s). Esse SN pode estar constituído pelo antropônimo nu ou não.**

**GRUPO 2: O(s) referente(s) do SN que contém o antropônimo NÃO é(são) o(s) portador(es) inicial(is) do(s) antropônimo(s), mas mantém(êm) uma relação com esse(s) portador(s). Essa relação pode surgir a partir de propriedades ou produtos (obras) do referente.**

**GRUPO 3: O referente do SN que contém o antropônimo não tem nenhuma relação com o indivíduo (real ou fictício) portador do nome próprio<sup>93</sup>.**

A partir de agora, serão apresentados e discutidos todos os grupos, os quais serão também exemplificados com dados do *corpus*.

### 5.1. GRUPO 1

Neste grupo, estão todos os casos em que o referente do SN que contém o antropônimo corresponde ao portador inicial do nome próprio. Obviamente, pertence a este grupo o uso chamado aqui de referencial ordinário. Sintaticamente, os antropônimos aparecem nus e são constituídos de distintas formas: prenome (5.1) – menos freqüente –, sobrenome (5.2) e prenome e sobrenome (5.3):

(5.1) Es Steiner quien reconoce que el magisterio de **Nadia** no tiene parangón en la historia de la música, entre otras razones porque sabía cómo transmitir confianza a generaciones enteras. (<http://www.lanacion.com.ar/719085>)

(5.2) Un mundo de distancia podía separar a los creadores formados por **Boulanger**, pero los unía en cambio la pasión por su maestra. (<http://www.lanacion.com.ar/719085>)

(5.3) Es **George Steiner**, en su libro de reciente aparición "Lecciones de los maestros" (Ed. Siruela-FCE, 187 pp.), quien acepta, usando las palabras del conocido compositor y pedagogo norteamericano **Ned Rorem**, que **Nadia Boulanger** fue, sencillamente, "la maestra más grande que ha habido desde Sócrates". (<http://www.lanacion.com.ar/719085>)

Com respeito às formas antroponímicas, vale a pena apresentar aqui os casos em que o apelido é inserido entre os antropônimos do portador inicial. Em (5.4), o apelido *Cacho* está entre *Jorge* e *Fontana*, composição que faz referência ao locutor e animador de rádio e televisão da Argentina<sup>94</sup>:

<sup>93</sup> Neste grupo, não se enquadram autênticos antropônimos, tal como definidos no Capítulo 4. Mas ele está incluído aqui para explicitar a diferença que possui com os demais grupos.

<sup>94</sup> Na realidade, como é possível observar pelas informações abaixo, extraídas da sua página *web*, Jorge Fontana corresponde a um pseudônimo: "Su sueño era ser locutor de radio: tenía el amor por las palabras, la responsabilidad por su contenido y difusión. Con él nació un estilo, y también un seudónimo que sería determinante en su carrera: Jorge Fontana. Sin embargo, con el tiempo, "Jorge" sería superado por "Cacho", su apodo materno. Así fue que, aún a pesar de sí mismo, sería conocido como Jorge "Cacho" Fontana, tanto en el barrio, como en el escenario, en radio o en televisión." <http://www.jorgefontana.com.ar/portada.htm>



(5.4) **Jorge "Cacho" Fontana** sigue siendo uno de los grandes referentes de la radiofonía local, y si bien en la actualidad no conduce ni participa en ninguna emisora y sólo aparece como invitado de lujo, por alguna circunstancia especial resulta una más que grata sorpresa comprobar que algunas firmas comerciales lo convocaron para que pusiera su espléndida voz a la promoción de sus productos. (<http://www.lanacion.com.ar/725341>)

Estruturas como essa, que não são comuns em textos de língua portuguesa, ocorrem com uma certa freqüência nos textos analisados. Relacionam-se abaixo os outros casos extraídos do *corpus*:

(5.5) Desde el 1° de agosto, Diego Pérez, conducirá "Despertate de una vez", junto a **Diego "Chavo" Fucks**, por la señal de cable TyC Sports. (<http://www.lanacion.com.ar/721418>)

(5.6) Y, entre otros recortes de este reencuentro, **Gabriel "Chula" Clausi** hace ensayar a su bandoneón desde el escenario del Teatro Colón, que todavía lo mira vacío, mientras se prepara para aplaudirlo, como merece, el 12 de diciembre. (<http://www.lanacion.com.ar/721783>)

(5.7) Es un caso de ubicuidad único en la música del siglo pasado, alguien que comenzó actuando junto a precursores en el límite con la leyenda, como **Juan Maglio "Pacho"**, que lo presentaba como su hijo, o la brava bandoneonista Paquita Bernardo, luego estuvo con Roberto Firpo cuando su orquesta era incomparable, participó del primer conjunto de Pedro Maffia y se desvinculó junto con Osvaldo Pugliese para fundar un sexteto ambicioso que fracasó dos veces. (<http://www.lanacion.com.ar/722284>)

(5.8) Esta es una nota con mala onda. Bueno... en realidad, con el payaso Mala Onda, el personaje que creó **Marcos "El Bicho" Gómez** de la mano de Jorge Guinzburg y que todas las mañanas recomienda a los chicos que falten al colegio, que dejen sin hacer los deberes y que no le hagan caso ni a mamá ni a la maestra. (<http://www.lanacion.com.ar/722807>)

(5.9) Actuarán el cantante **Néstor "Piru" Gabetta** y luego el grupo del saxofonista Jorge Retamoza. (<http://www.lanacion.com.ar/724027>)

(5.10) Anteayer, **Alejandro "Marley" Wiebbe** fue a ver "Revista nacional", acompañado por dos amigos. (<http://www.lanacion.com.ar/726023>)

(5.11) Rausch estudió batería con **Horacio "Droopy" Giannello** y se define como un músico nacido en el rock. (<http://www.lanacion.com.ar/726006>)

---

- (5.12) El Centro Cultural Rojas organizó para este mes un encuentro de músicos de jazz con compositores ajenos al género; para ello convocó a los pianistas Adrián laies y Ernesto Jodos y al saxofonista Luis Nacht, quienes harán a su turno música de Charly García, de Gerardo Gandini y de **Gustavo "Cuchi" Leguizamón**, respectivamente. (<http://www.lanacion.com.ar/717371>)
- (5.13) Hoy, a las 21, en el programa "La comisa", que conduce Luis Majul, en América, estarán **Hilda "Chiche" Duhalde**, para hablar de la campaña electoral en la provincia de Buenos Aires, y el jefe de gobierno porteño, Aníbal Ibarra, que dará su posición sobre el posible juicio político contra él que pidió la comisión que investiga la tragedia de Cromagnon. (<http://www.lanacion.com.ar/726007>)

Destaque-se também o caso seguinte, exemplo do que Fernández Leborans (2003: 68) chama de *nome próprio complexo*, constituído, conforme as palavras da autora, por um nome próprio e um sintagma determinante valorativo, qualificativo, "que ya no se siente como aposición explicativa sino como un "título" apelativo distintivo, específico". São exemplos da autora: *Juana la Loca*; *Fernando III el Santo*; *Felipe el Hermoso*<sup>95</sup>. Em todo o *corpus* desta pesquisa, só ocorreu o seguinte caso de nome próprio complexo:

- (5.14) "**Rita la Salvaje**", de Gonzalo Demaría  
 (...)
   
 Se llama Juana González; tiene hoy ochenta años y en los 50 del siglo último fue la stripper más osada y famosa de Rosario y sus alrededores, con el seudónimo de **Rita la Salvaje**.  
 (<http://www.lanacion.com.ar/718073>)

Nos exemplos de (5.1) a (5.13), os antropônimos, embora tenham constituição formal diferenciada, estão nus, ou seja, são os únicos elementos do SN em que se encontram, cujo referente corresponde ao portador inicial do nome próprio – (5.14), como se viu, diferencia-se formalmente dos anteriores, mas recebe uma análise semelhante. Entretanto, no *corpus* coletado, há uma série de usos em que o antropônimo não está nu, mas cujo referente do SN continua sendo o portador inicial do nome próprio. No caso de plural, os referentes seguem sendo os portadores iniciais dos nomes próprios. Vejam-se os exemplos, classificados por configuração sintática.

<sup>95</sup> Numa análise histórica, Spitzer (1945: 273) defende que o francês, e também o espanhol, teriam abandonado formas como *Alde la bele* entre a época medieval e o Renascimento. O autor cita os seguintes exemplos da prosa em espanhol do século XVI analisados por Keniston (*The syntax of Castilian prose*, 1937): *Sócrates el filósofo*, *Eulalia la negra*, *Sancho el Deseado*, *Catón el Censorino*, *Plinio el Sobrino* e fala em uma luta entre o sistema medieval e o latinismo renascentista. Discutir a questão não é, entretanto, objetivo deste trabalho.

### 5.1.1. Antropônimos precedidos por artigo definido singular [Art. def. sing. + Antr.]

Em espanhol, os antropônimos, em seu uso referencial ordinário, são usados sem artigos (cf. exemplos (5.1) a (5.14)). No entanto, há alguns casos em que o nome de uma pessoa pode vir precedido por um artigo definido<sup>96</sup>. Alguns desses usos têm sido associados à familiaridade ou coloquialidade ou chamados de vulgares e são condenados pelos gramáticos normativos (cf. Gómez Torrego, 2000: 35). Mas não se podem descartar os aspectos sociolingüísticos envolvidos na questão. A presença do artigo definido antes de antropônimo constitui um caso de variação lingüística, o que é atestado pelo trabalho de Rojas (2004: 178), que analisa o espanhol do Noroeste da Argentina:

“En cuanto al artículo, digamos que su forma *la* se usa en Jujuy, Salta y Tucumán en todos los niveles socioculturales, con los nombres de pila. Por ej., *la Paula, la Pocha, la Micaela*. La gente de nivel sociocultural alto lo evita, por lo menos, en el habla cuidada. (...)

En cambio, los nombres de pila masculinos se utilizan precedidos del artículo exclusivamente en el nivel sociocultural bajo: *el Rubén, el Damián*. Mientras que antepuesto a apodos, se lo acepta en todos los niveles: el Negro, el Pocho.”

No *corpus* coletado, pode-se observar, como era de se esperar, que os antropônimos, em seu uso referencial ordinário, geralmente não apresentam artigo definido. Entretanto, encontram-se usos com apelidos, com nomes de personagens ficcionais e com sobrenomes de mulheres. Não foram encontrados casos do uso chamado de *familiar*, o que pode ser parcialmente<sup>97</sup> compreendido pelo gênero dos textos: fazem parte de uma seção específica de um jornal publicado *on-line*<sup>98</sup>. Vejam-se os exemplos:

<sup>96</sup> Excluem-se aqui os casos em que o artigo parece estar integrado ao nome como o artigo *el* de *El Duce*:

(i) Y aun el periódico Cinema, órgano oficial dirigido por el hijo **del Duce**, sirvió irónicamente como vehículo de difusión de esas ideas nuevas. (Mussolini)  
(<http://www.lanacion.com.ar/718535>)

<sup>97</sup> Diz-se *parcialmente* porque seria possível encontrar uma reprodução de alguma fala em que houvesse esse uso *familiar*, mas no *corpus* coletado não houve nenhuma ocorrência como essa.

<sup>98</sup> Talvez seja possível atribuir ao seguinte exemplo um uso familiar, em que *Aniceto* e *Francisca* seriam antropônimos de indivíduos familiares ao enunciador. “Este es el romance...” trata-se do nome de um filme argentino de 1966, em que *Aniceto* e *Francisca* são dois personagens que vivem no interior da Argentina, na província de Mendoza.

(i) Leonardo Favio planifica para enero de 2006 el comienzo del rodaje de "Aniceto", proyecto en el que viene trabajando desde hace bastante tiempo, basado en su clásico "Este es el romance

**a) Artículo definido + apellidos:**

É bem freqüente em espanhol o apelido vir antecedido por um artigo definido. No *corpus*, encontram-se ocorrências de [Art + apelido], conforme se vê nos exemplos (5.15) a (5.18) e de [Art. + apelido + sobrenome] tal como ilustram os exemplos (5.19) a (5.25):

(5.15) *Ellos cumplen.* (...) El viernes, Ricardo Pavoni (62), ex futbolista uruguayo. **El Chivo**, como se lo conoce, fue marcador de punta y capitán del mítico equipo de Independiente con el que, entre 1965 y 1976, ganó tres campeonatos argentinos, cinco copas Libertadores, una Intercontinental y tres Interamericanas. (<http://www.lanacion.com.ar/718291>)

(5.16) El encuentro es en el Rojas. A esta troika arriba mencionada se sumó la pianista Paula Shocrón, que estará junto con Nacht en su recreación de la música **del Cuchi**. (<http://www.lanacion.com.ar/717371>)

(5.17) Tributo al poeta **del "Cuchi"** (<http://www.lanacion.com.ar/724451>)

(5.18) **El Chula** recibe a las visitas vestido como para un concierto. (...) Gabriel Chula Clausi siempre pasó con modestia por el ambiente, aunque es admirado secretamente por sus pares y es una de las últimas glorias en actividad.  
(...)  
Con 94 años, **el Chula** muestra una increíble lucidez y goza de una memoria de elefante que le permite acordarse de cada detalle vivido durante los años de oro del tango. (<http://www.lanacion.com.ar/721734>)

(5.19) Desde que **el Chula Clausi** se mudó a esa casa en Agronomía, hace 70 años, el barrio no cambió casi nada. (<http://www.lanacion.com.ar/721734>)

(5.20) Para el final el grupo, que una vez más contó con la colaboración **del "Negro" Fontanarrosa**, se guarda la presentación de la última creación de Hugo Domínguez, el luthier de Les Luthiers, el alambique encantador, un instrumento informal que desempeña un papel decisivo en "Valdemar y el Hechicero", la comedia infantil que cierra el espectáculo y en la que presta su voz Norma Aleandro. (<http://www.lanacion.com.ar/726009>)

(5.21) Mercedes Sosa y Peteco Carabajal recibirán un reconocimiento a su trayectoria. Mañana, a las 19, el folklorista santiagueño recibirá un homenaje del área de cultura de la Cámara de Diputados "por su fundamental aporte a la música popular argentina". El cantante y

compositor aprovechará la ocasión para brindar un concierto gratuito en el Salón de los Pasos Perdidos, Rivadavia 1864. Mientras que **la Negra Sosa** será homenajeada el viernes, a las 19.30, en el Salón Azul del Senado de la Nación. (<http://www.lanacion.com.ar/718282>)

(5.22) León Gieco reeditó su disco sin la canción con **el Pato Fontanet** (<http://www.lanacion.com.ar/721695>)

(5.23) Hasta el jueves, el que pase por su puesto en la Feria del Libro Infantil y Juvenil –pabellón A, stand 138, en la Rural– podrá comprobar con cuánta comodidad se pueden leer –siempre en formato mínimo– la biografía **del Che Guevara**, la Biblia, el Corán, y en la lista también se anotan libros sobre Kurt Cobain, Janis Joplin y Elvis Presley. (<http://www.lanacion.com.ar/724460>)

(5.24) Para muchos, Manuel J. Castilla sólo es conocido por sus versos para temas clásicos **del "Cuchi" Leguizamón** como "La pomeña", "Balderrama", "Zamba de Lozano" o "Maturana", pero su obra poética fue mucho más rica. (<http://www.lanacion.com.ar/724451>)

(5.25) "Copajira", "Los cantos del gozante", "La tierra de uno", "Norte adentro", "De solo estar" son libros **del "Barba" Castilla**, como lo llaman en Salta, que reflejan el paisaje y la gente. (<http://www.lanacion.com.ar/724451>)

Em casos com esses, pode-se levantar a hipótese de uma origem do apelido no nome comum correspondente. Assim, *el Chivo* teria como origem o nome *chivo* (bode); *el Chula*, *chula* (espécie de macaco) e *el Negro*, *negro*. De fato, essa relação (apelido < nome comum) é confirmada quando se busca a origem de alguns apelidos<sup>99</sup>. Esse fato explicaria em parte a presença do artigo e serviria para colocar esses casos em sintonia com os que serão vistos no item seguinte. Diz-se *em parte* porque os antropônimos, em geral, mesmo que originados de ou com correspondência com nomes comuns, não mantêm o uso do artigo (*Rosa* e não *\*la Rosa*).

#### **b) com nomes de personagens fictícios:**

Em espanhol, os nomes de personagens ficcionais seguem a regra geral da ausência de artigo, mas os antropônimos abaixo ocorrem com artigo definido:

<sup>99</sup> Vejam-se abaixo algumas informações encontradas sobre a origem dos apelidos a) *Chula* (5.18 e 5.19) e b) *Pacho* (5.7):

a) "cuando [Gabriel Clausi] nació, su padre exclamó que parecía un "chula". Clausi tardó años en saber el origen de su apodo, hasta descubrir que en el Brasil se le llamaba así a un pequeño mono que habita en el campo. Coincidentemente, sus padres vivieron allí un tiempo, justamente donde Clausi comprobó que habitaban esos monos de destacada cabellera, como la que él trajo al nacer." (<http://www.todotango.com/Spanish/biblioteca/cronicas/apodos.asp>)

b) "Mis compañeros de juego —contaba en un reportaje de Héctor y Luis Bates— no podían pronunciar correctamente aquella palabra y les salía "pacho". Poco a poco se fue divulgando el sobrenombre y así continuaron llamándome, hasta que el tiempo se encargó de confirmarlo, llegando a conocerse más que mi verdadero nombre de pila." (<http://www.todotango.com/Spanish/creadores/jmaglio.html>)

- (5.26) Durante cuatro horas, cada domingo ven luchas del bien contra el mal que casi siempre terminan con luchadores como Mr. Atlas o Batman triunfando sobre **el Barón Rojo**, la Parca o Barba Negra. (<http://www.lanacion.com.ar/724734>)
- (5.27) Entrañables y emblemáticos, **el Ratón Mickey**, su compañera Minnie, **el Pato Donald**, Daisy, Goofie, están presentes para recordar los orígenes y seguir siendo los amigos de los niños, tal vez ya no como protagonistas de aventuras, pero sí como propiciadores de fantasías. (...)  
Pinocho y Gepetto trazan el primer cuadro, con el descenso desde las alturas **del Hada Azul** que dará vida al muñeco. (<http://www.lanacion.com.ar/721722>)
- (5.28) En su lugar se verá "**El Chapulín Colorado**". (<http://www.lanacion.com.ar/721721>)
- (5.29) Pero Lavié tuvo varios motivos para aceptar, entre ellos, el 400° aniversario de la primera edición del Quijote y el interés que despertó ese hecho. Hay otros más personales: volver a encabezar una compañía en la avenida Corrientes, reencontrarse con un personaje que lo revalorizó como artista y estrenar en el aniversario de bodas con su esposa Laura. Si hasta la conquistó aquella vez, arrodillado como **el Quijote** y cantándole "Dulcinea" frente a todos sus amigos. (<http://www.lanacion.com.ar/717404>)
- (5.30) "Estaba muy gordo, pero los otros días leí que Cervantes era robusto y es él quien interpreta **al Quijote**, así que estoy en physique du rôle. Quería sentirme cómodo. Por eso me saqué un poco de papada y me arreglé la cara. Estoy muy feliz por eso", confiesa. (<http://www.lanacion.com.ar/717404>)
- (5.31) Frente al espejo de su camarín, el actor se prepara para convertirse en **el Quijote** (<http://www.lanacion.com.ar/717404>)
- (5.32) La interrupción del rodaje de su "The Man Who Killed Don Quijote" en 2001 hizo que se tendieran paralelos entre esa frustración y la otra famosa adaptación inacabada -la que Orson Welles abordó en 1955-, y hasta indujo a algunos a aventurar peregrinas leyendas sobre una presunta "maldición **del Quijote**". (<http://www.lanacion.com.ar/722521>)

Esses usos podem ser divididos em dois conjuntos. No primeiro, entrariam os exemplos em que ao artigo se segue um nome originado de um nome comum (5.26 a 5.28), o que justifica a presença desse artigo e os coloca em sintonia com os exemplos do item anterior (a).

No segundo conjunto, entram os casos de (5.29) a (5.32), os quais incluem o nome próprio *Quijote*. Este antropônimo ocorre geralmente precedido ou pelo item

*Don*, como em (5.33) ou pelo artigo definido (5.29 a 5.32). São raros os casos em que ocorre desarticulado, como em (5.34):

(5.33) En el primer sentido, el personaje protagónico es Don Miguel de Cervantes Saavedra, que es encarcelado por la Inquisición; es él quien narra la afición de Alonso Quijano por las novelas de caballería, y, a su vez, se transforma en **Don Quijote**, con sus delirantes aventuras. (<http://www.lanacion.com.ar/718072>)

(5.34) El gran soporte del espectáculo es el elenco, donde Raúl Lavié deslumbró con su potencia vocal e interpretativa. Acertado en la composición de su personaje en los tres estados (Cervantes, Quijano y **Quijote**), dio un plus al resultado final. (<http://www.lanacion.com.ar/718072>)

### c) Artigo definido + sobrenome de mulher:

Nos exemplos (5.35) e (5.36), os sobrenomes da pianista Paula Shocrón e da atriz italiana Stefania Sandrelli aparecem precedidos por artigo:

(5.35) [*Ettore Scola*] -Sí, claro. No hubiera hecho lo mismo que **la Sandrelli**, que se interpreta a sí misma, sino un personaje. Habría cerrado el film. Y de algún modo quedó como idea sugerida, en ese acercamiento en plaza Navona entre un noble y un barbone.

[*La Nación*] -*Sandrelli*, en "*Nos habíamos amado tanto*", se encontraba en la fuente de Trevi con dos famosos que se interpretaban a sí mismos..

[*Ettore Scola*] -Sí. Con gran generosidad, Fellini y Mastroianni rearmaron el rodaje de "*La dolce vita*" en torno de la fuente, donde aparecía Luciana (Sandrelli), aquella jovencita aspirante a star... (<http://www.lanacion.com.ar/718278>)

(5.36) La actuación de la pianista Paula Shocrón en ocasión de presentar su primer disco, "*La voz que te lleva*", fue impecable. (...)

**La Shocrón** propuso dos grandes líneas de interpretación; por un lado, su música original compuesta por ella, por el otro, temas de Thelonious Monk.

(...)

En efecto, Shocrón trabajó una serie de materiales sobre los cuales plasmó las señales de su estilo, por momentos locuaz, en otros, de tono introspectivo. (...)

**La Shocrón** mostró un ataque de gran potencia y nitidez que le confirió a su manera de tocar una bella sonoridad.

(...)

Tocado a tempo, Shocrón mostró ser una creativa improvisadora, ocupada en seguir desarrollando un mensaje poderoso y donde la búsqueda del estilo encuentra espacio.

(<http://www.lanacion.com.ar/718539>)

É preciso observar que, nos exemplos acima, os sobrenomes que ocorrem articulados também aparecem sem artigos. Parece ser que, no primeiro caso, essa variação acontece por ser uma entrevista com o diretor italiano Ettore Scola. Pode-se supor que o editor do texto tenha mantido uma forma da língua oral italiana, ou seja, o sobrenome italiano com o artigo (la Sandrelli). No segundo caso, os antropônimos articulados se alinham com os usos do artigo antes de sobrenome de mulher já estudados por outros autores, conforme se comenta a seguir.

Fernández Leborans (1999a: 112) – seguindo a Longobardi (1994) –, sustenta que o artigo que antecede nome de pessoa é um expletivo. Além do mais, a autora afirma que está mais generalizado o uso do artigo com sobrenomes de mulher. *La Garbo*, *La Thatcher* são exemplos da lingüista. Uma hipótese que apresenta é que o sobrenome nu (*escueto*) levaria a uma interpretação não marcada (o referente masculino). Além do mais, para a autora, o artigo, antes de nomes de mulheres célebres ou mesmo antes de indivíduos não *consagrados* socialmente, pressuporia algum *título* como *presidente*, *escritor*, etc. que poderia inclusive ser depreciativo.

O uso de artigo definido antes de antropônimos de mulheres também é comum no francês. Gary-Prieur (1994: 101) reúne *La Callas* com *La France* e *Le Luther*. Para a autora, é o mesmo mecanismo interpretativo que estaria em jogo nos seus exemplos: poderiam ser explicados pela presença de uma anáfora que remete a um pressuposto exterior ao discurso. No caso de *La Deneuve*, Gary-Prieur (1994: 102) afirma que se isola, entre as mulheres que podem se chamar /Deneuve/, aquela que os meios de comunicação tornaram célebre a tal ponto que é a imagem dela, da atriz, a que se impõe como o único referente possível do antropônimo. Ainda conforme a autora, o artigo estaria bem próximo ao valor de *ille* do latim: “o famoso”, “o célebre”, “o bem conhecido”. Ao tratar dos usos de antropônimo com artigo chamados de “familiares” (*La Léontine*), Gary-Prieur (1994: 103) sustenta que o ponto comum entre todos os exemplos é que remetem a um conhecimento prévio bem estabelecido do referente. Por fim, a autora diferencia a construção *Np* (nome próprio nu) das distintas construções *Le Np* (NPr + Art. def.) dizendo que a primeira corresponde a uma orientação (*repérage*) “dêitica” do referente e a segunda, a uma orientação (*repérage*) anafórica, em que o artigo pressupõe lingüisticamente a unicidade do referente. A autora esclarece que o uso que faz do termo *anáfora* pressupõe uma definição dessa noção em termos *memoriais* (Gary-Prieur, 1994: 104). Com efeito, para compreender



esse uso, seria necessário pensar uma anáfora não textual que apontasse para o conhecimento dos interlocutores, para um conhecimento compartilhado entre eles.

Associar um nome próprio à dêixis não é algo recente, como se viu no primeiro capítulo. Além do mais, afirmar que o uso de [Art. def + Antr.] remete a uma pressuposição exterior ao discurso ainda não explica satisfatoriamente a presença do artigo, uma vez que o uso de [Antr.] nu também implica uma pressuposição: o conhecimento da relação entre o indivíduo e o seu nome. É preciso então, diferentemente do que critica Gary-Prieur (1994: 100), considerar a natureza do particular designado pelo antropônimo, uma vez que não é todo nome de pessoa que ocorre precedido por artigo e os que ocorrem possuem traços em comum, como se vê nesta seção.

### 5.1.2. Antropônimos precedidos por artigo definido plural [Art. def. pl. + Antr.]

A análise dos casos de antropônimos precedidos por artigo definido plural permite identificar dois usos. O primeiro é aquele em que o SN antroponímico faz referência a um grupo definido de pessoas, individualizadas pelas informações do texto ou pelo conhecimento do leitor. No *corpus*, encontram-se os seguintes exemplos, os primeiros com sobrenome (5.37 a 5.39) e o seguinte com prenome (5.40):

(5.37) Esta producción de Alejandro y Diego Romay se estrenará mañana [...]

La comedia musical es un género en el que los diferentes rubros artísticos dependen uno del otro. Para eso, **los Romay** sumaron nombres vinculados con el género y brindaron oportunidades. (<http://www.lanacion.com.ar/717404>)

(5.38) *Steven Spielberg, los hermanos Wachovski, Peter Jackson, Clint Eastwood y Pedro Almodóvar, entre otros, filman las películas que se verán en 2006*

Larry y Andy Wachowski son dos personas afortunadas.

(...)

En pleno desarrollo de un proyecto que, como se verá, muestra más de una arista controvertida, **los Wachowski** -en este caso sólo como productores y guionistas de un film realizado por el asistente de dirección de "Matrix", James McTeigue- se suman hoy a una serie de destacadas personalidades del cine que han puesto casi simultáneamente manos a la obra.

(...)

De esa suma de trabajos en marcha, cuyos responsables integran una lista de realizadores tan prestigiosa que va de Peter Jackson a Clint Eastwood y de Oliver Stone a Pedro Almodóvar, entre otros, el film en

el que trabajan **los Wachowski** adquiere por razones extracinematográficas una atención muy especial....  
(<http://www.lanacion.com.ar/723328>)

(5.39) *Imitadores e imitados* . Todos los días, desde Radio Mitre, **Los Fernández** (creación de los humoristas David Rotemberg y Ariel Tarico) parodian a los dos hombres fuertes del Presidente. Pero la semana pasada, los auténticos Fernández (Aníbal y Alberto) se burlaron de la sátira en el aire de la Rock & Pop.  
(<http://www.lanacion.com.ar/721372>)

(5.40) Para interpretar a “**las Martas**” están Inés Estévez, en la interpretación de la violenta Fernández, una mujer de pesadillas cotidianas y sueños imposibles, y Eugenia Tobal, la monja que sufre hasta pasar del otro lado de un ataque de nervios.  
(<http://www.lanacion.com.ar/722100>)

Em (5.37), *los Romay* refere-se a *Alejandro Romay* e a *Diego Romay*. Em (5.38), *los Wachowski* refere-se a *Larry Wachowski* y a *Andy Wachowski*. No exemplo seguinte, (5.39), o referente de *los Fernández* são os personagens da paródia dos humoristas David Rotemberg e Ariel Tarico. Já em (5.40), *las Martas* refere-se a *Marta Fernández* e *Marta Odera*, personagens interpretadas respectivamente por *Inés Estévez* e *Eugenia Tobal*. Pode-se observar que casos como os anteriores têm uma interpretação bem próxima ao uso referencial ordinário do nome próprio. A única diferença seria a não unicidade do referente. Diferentemente dos exemplos que serão tratados adiante, é possível para o leitor individualizar os portadores do nome próprio. Voltando à proposta de Gary-Prieur (2001: 46), o que se teria seria a adição de vários indivíduos.

Embora Coseriu (1967) não tenha analisado todas essas possibilidades de uso de antropônimo no plural<sup>100</sup>, o autor afirma que um nome próprio pode ter um plural formalmente igual ao nome de família, mas no uso pluralizado já não seria mais nome próprio e sim um nome comum, de classe ou de tipo (Coseriu, 1967: 275). O que se defende aqui é que o antropônimo não deixa de ser nome próprio nos casos analisados. Além disso, nos exemplos (5.37) a (5.40), os antropônimos possuem todas as propriedades de um nome próprio de pessoa, perdendo só o traço de unicidade do referente.

<sup>100</sup> Conforme já comentado, Gary-Prieur (2001: 24), chama a atenção para a impropriedade da expressão “plural dos nomes próprios”. Conforme a autora, em *Les Socrate(s) modernes s'interrogent*, o que está no plural é o SN que contém um nome próprio e, assim, o problema que se cria é o da compatibilidade de um determinante plural com um nome próprio comportando a idéia de singular.

Nesse sentido, a proposta aqui se assemelha à de Gary-Prieur (2001: 15), que tem como um dos objetivos mostrar que é possível oferecer uma descrição semântica do nome próprio, a qual não renuncia à definição de indivíduo nem àquela de nome próprio como operador de individualização.

O segundo uso da construção [Art. def. pl. + Antr.] é aquele em que o antropônimo, um sobrenome de família, é utilizado para fazer referência aos membros de uma família<sup>101</sup>. Veja-se o exemplo abaixo:

(5.41) El reino de **los Mastrototti**. Espectáculo de títeres y actores del grupo LaBaTaRaZa, dirigido por Leticia Torres. (<http://www.lanacion.com.ar/720311>)

Apesar de o nome fazer parte de outro nome próprio, ou seja, o nome da peça teatral, o sobrenome se refere a uma família cujo sobrenome é *Mastrototti* – na verdade, uma família ficcional. Nesse caso, seguindo a análise de Gary-Prieur (2001: 46), seria possível pensar em *los Mastrototti* como *a familia Mastrototti numa totalidad singular* ou como *Mastrototti + sua mulher (e seus filhos)*. A indicação do título da obra permite ambas as interpretações. Somente ao buscar mais informações sobre a peça é que o usuário da língua poderia chegar a uma ou outra interpretação. Se interpretado como a família, esse exemplo não se enquadraria neste Grupo, uma vez que não seria possível identificar os indivíduos a que se refere o antropônimo, ou seja, não seria possível afirmar, por exemplo, que *los Mastrototti* se refere a pais e filhos com esse sobrenome. Apesar disso, convém expor os exemplos semelhantes encontrados no *corpus*, que mostram a produtividade da construção [Art. def. pl. + Antr.].

Essa estrutura, formada por artigo masculino definido plural mais um sobrenome de família, é utilizada para nomear diferentes obras, como peças de teatro (5.42), programas de TV (5.43), séries (5.44 e 5.45) e também grupos musicais (5.46) e (5.47). Os referentes nesses casos são tais obras e não mais os indivíduos membros da família. Por outro lado, observa-se que nos exemplos de (5.42) a (5.45) os indivíduos membros da família possuem o antropônimo do SN analisado, o que não

<sup>101</sup> Também se encontram no corpus outras construções com antropônimos utilizadas para fazer referência a uma família, as quais não serão discutidas nesta tese:

- (i) Y le gusta comer de todo, pero tiene debilidad por el helado", cuenta **la familia Solari** sobre gustos y placeres de su cachorro schnauzer. (<http://www.lanacion.com.ar/721112>)
- (ii) El ciclo (que aquí se ve por Sony) recibió 15 nominaciones y se espera que haga capote en la ceremonia de entrega de los Emmy, que se realizará el 18 de septiembre próximo, en Los Angeles (con transmisión en vivo de Sony para nuestro país), aunque los telefilms "The Life and Death of Peter Sellers" y "Warm Springs", sobre **el matrimonio Roosevelt**, fueron los más nominados, con 16. (<http://www.lanacion.com.ar/721421>)

acontece em (5.46), nem em (5.47). Neste último caso, apesar de o item *Pimpinela* ser usado para identificar os artistas, não se tem a ocorrência de um autêntico antropônimo (nenhum dos artistas possui *Pimpinela* como sobrenome, apesar de serem conhecidos por este nome).

(5.42) Desde "**Los Marrapodi**" nos dimos cuenta de que era el género que más nos cuadraba y en el que confluían las razas.

(...)

Siguieron "Macocos Chou", "Macocos, mujeres y rock", "Macocos, adiós y buena suerte", "Macocrisis", "La fabulosa historia de los inolvidables Marrapodi", "**Los Albornoz**" y "Continente viril", entre otros. (<http://www.lanacion.com.ar/721039>)

(5.43) Ya instalado aquí, el que me abrió las puertas fue mi gran padrino artístico Héctor Maselli, quien me convocó para integrar un equipo donde hicimos "Humor Redondo", "La Tuerca", "**Los Campanelli**", ciclos de Biondi, una cantidad de programas que tuve la suerte de escribir. (<http://www.lanacion.com.ar/720114>)

(5.44) Desde hoy, a las 23.30, por Fox, se estrenará "American Dad", la comedia de Seth McFarlane ("Padre de familia") que intenta dar sustento a los rumores de que será el reemplazo a futuro de su inextinguible predecesor "**Los Simpson**" (cuya decimosexta temporada comenzará el domingo, a las 20.30). (<http://www.lanacion.com.ar/718276>)

(5.45) La alta inestabilidad a la que se vio sometida la telecomedia "**Los Roldán**" –insistir con una segunda temporada, el cambio traumático de canal, mover todo el tiempo su horario, presentar al principio capítulos dobles, introducir más personajes y subtramas en la historia, más los esfuerzos de la competencia por derribarlo programándole enfrente impactantes largometrajes– prueba que la propia industria televisiva, con manejos desaprensivos, puede llegar a acorralar a la ficción en un callejón sin salida. (<http://www.lanacion.com.ar/722110>)

(5.46) -Fui un enamorado de Wimpi, de Pepe Iglesias, alias "el Zorro", y de Juan Carlos Mareco en aquellos años en que la radio tenía la fuerza de los grandes capocómicos. También me convocaban el "Glostora Tango Club", "Qué pareja" y "**Los Pérez García**". (<http://www.lanacion.com.ar/720114>)

(5.47) Mañana, a las 22, por Telefé, se verá un especial musical que tendrá **a los Pimpinela** como protagonistas. Los hermanos Lucía y Joaquín Galán darán un recital en el estudio de "Música para soñar" en el que repasarán su historia en los escenarios. (<http://www.lanacion.com.ar/723321>)

Uma última questão que poderia ser levantada ao observar os exemplos anteriores é a seguinte: por que em *las Martas* (5.40) o antropônimo recebe marca –s

de plural e nos outros casos (*los Mastrototti, los Romay, los Wachowski, etc*) não? Observa-se que os prenomes aceitam esse plural morfológico e os sobrenomes não. Talvez isso se deva a uma idéia de conjunto inerente ao sobrenome – por ser um nome de família, já apresentaria uma idéia de pluralidade – ao passo que o prenome estaria mais associado a uma idéia de indivíduo<sup>102</sup>.

De qualquer forma, vê-se que é preciso distinguir prenomes e sobrenomes ao tratar do plural dos antropônimos e não falar somente em plural dos nomes próprios, como ocorre em muitos trabalhos sobre o tema. Além disso, essa diferença corrobora a posição defendida neste trabalho de que não se pode falar que um antropônimo com marca de plural esteja em um uso como nome comum, que é uma idéia (esta última) corrente entre muitos autores, inclusive no fragmento abaixo de Fernández Leborans (2003: 41):

Recordemos que los NNPP [nomes próprios] no significan conjunto de propiedades codificados en el léxico, sino que designan objetos individuos claramente determinados; ahora bien, dado que tal designación es mediatizada por un componente intensional no codificado –el N propio “contiene” un concepto de ‘individuo’, no de ‘clase’– es posible **su uso ocasional como N común**, como en: Tengo varias Leticias en mi grupo; no conozco a ningún Raimundo; el Luis que llamó no era tu marido; etc.). (grifo do Autor)

### 5.1.3. Antropônimos precedidos por nome de parentesco [Art. def. pl. + nome de parentesco + Antr.]

Gary-Prieur (2001: 46), ao analisar os nomes de família, distingue três interpretações possíveis de um SN da forma *Les Np*, ou seja, artigo definido mais nome próprio:

- (a) les Bourbons  $\cong$  a família Bourbon como totalidade singular (ou ‘grupo’)
- (b) les Boulivet  $\cong$  Boulivet + sua esposa (e seus filhos)
- (c) les Cohen  $\cong$  os irmãos Cohen

<sup>102</sup> Valeria a pena observar as diferenças de variação morfológica do plural de prenomes e sobrenomes em espanhol e em português. Neves (2000: 110) registra, por exemplo, sobrenomes com marca de plural (*Os Pereiras constituíam numerosa e patriarcal família*) – seguindo a gramática normativa –, mas afirma que é comum que a pluralização ocorra apenas com o determinante (*Os Bataglia e os Manfrede desconversavam*). Caberia observar inclusive se o fator antropônimo vernáculo *versus* antropônimo estrangeiro influencia essa variação morfológica.

Segundo a autora, na interpretação (a) tem-se um indivíduo coletivo dotado de uma existência e de propriedades autônomas com relação aos indivíduos atômicos integrantes da família. No caso de (b) e (c), por outro lado, as entidades não seriam indivíduos coletivos, mas a adição de vários indivíduos. Os três exemplos teriam em comum, para a lingüista, o fato de que constroem um referente plural que reúne os indivíduos sobre a base de uma relação familiar (Gary-Prieur, 2001: 46).

Observando a distinção acima e aplicando-a à análise que se apresenta aqui, observa-se que as interpretações (b) e (c) são aquelas que se enquadram neste Grupo 1. De fato, na subseção anterior, já se havia aventado a hipótese de duas leituras para o exemplo (5.41) e eliminado a interpretação *a família Mastrototti numa totalidade singular* para os casos deste Grupo, o qual deve conter os exemplos que possui a interpretação referente à unicidade de indivíduos ou à adição de indivíduos, como em (b) e (c).

Antes de tratar dos casos semelhantes a (c) – que são os que interessam a esta subseção – é preciso deixar claro que a distinção estabelecida pela autora não é facilmente identificável nos exemplos encontrados e citados anteriormente, ou seja, em casos como (5.42) a (5.46), nos quais se nomeiam obras. Só o conhecimento do leitor sobre cada uma o levará a identificar de qual interpretação se trata, uma vez que não existe nenhuma informação contextual ou lingüística nos textos que proporcione uma ou outra leitura.

Voltando à interpretação (c), Gary-Prieur (2001: 46) aproxima *les Cohen a les frères Cohen* e cita Corblin (1995)<sup>103</sup>, para quem quando não está explícito o termo de parentesco tem-se um SN sem nome. Construções como a segunda (*les frères Cohen*) serão comentadas a seguir.

Para identificar não a uma família (numa *totalidade singular*), mas determinados membros de uma família, ou seja, dois indivíduos, encontram-se no *corpus* exemplos como (5.48) a (5.53). Em todos, *los/as hermanos/as + Antr* permite identificar 2 indivíduos que são irmãos.

(5.48) Si la harapienta es nombrada en castellano es porque se está ante la historia de la muchacha de los pies diminutos, ya sea según la versión más feérica de Charles Perrault o la más ominosa de **los hermanos Grimm**. (<http://www.lanacion.com.ar/722783>)

<sup>103</sup> CORBLIN, Francis. Les groupes nominaux sans nom du français. *Recherches linguistiques*, XIV, Paris, Klincksieck, p. 36-80, 1995.

- (5.49) Con un trabajo fotográfico y visual que remite a los films que **los hermanos Shaw** rodaron en los años 70 y el uso de efectos especiales de última generación, Chow construyó un mundo en el que conviven la fantasía y el realismo. (<http://www.lanacion.com.ar/724444>)
- (5.50) El cuarteto liderado por **los hermanos Ruiz Díaz** debutará en el Luna Park el próximo 20 de agosto. Las entradas (desde \$ 25) están a la venta en el estadio (Corrientes y Bouchard), en los locales de Locuras, Lee Chi, La Estaca y La Cueva o a través de entrada Plus, llamando al 4000-1010. (<http://www.lanacion.com.ar/721383>)
- (5.51) Danny Leiner, un realizador surgido de la industria televisiva que ya había trabajado hace cinco años un registro igualmente delirante en la exitosa "¿Dude, dónde está mi auto?", comedia con Ashton Kutcher, Seann William Scott y Jennifer Garner, se luce ahora con una lograda combinación entre la temática adolescente de la saga de "American Pie", un humor políticamente incorrecto (y a veces vulgar) que remite a los trabajos de **los hermanos Farrelly** y una puesta en escena que recuerda a "Después de hora", la vertiginosa, oscura, enfermiza y por momentos apocalíptica tragicomedia de Martin Scorsese. (<http://www.lanacion.com.ar/717711>)
- (5.52) Steven Spielberg, **los hermanos Wachovski**, Peter Jackson, Clint Eastwood y Pedro Almodóvar, entre otros, filman las películas que se verán en 2006  
Larry y Andy Wachowski son dos personas afortunadas. (<http://www.lanacion.com.ar/723328>)
- (5.53) Notable debut cinematográfico de Sofia Coppola, que adapta la novela de Jeffrey Eugenides sobre un grupo de adolescentes obsesionados con el destino trágico de **las hermanas Lisbon**. (<http://www.lanacion.com.ar/723323>)

Em (5.48), *los hermanos Grimm* se refere aos irmãos *Jakob Ludwig Karl Grimm* e a *Wilhelm Karl Grimm*. Em (5.49), *los hermanos Shaw* se refere a *Runme Shaw* e a *Run Run Shaw*, nomes artísticos de dois irmãos originários de Shangai que começaram a produzir filmes na primeira metade do século XX. No exemplo seguinte, *los hermanos Ruiz Díaz* faz referência aos músicos irmãos *Fernando Ruiz Díaz* e *Gabriel Ruiz Díaz*, ambos integrantes do grupo argentino *Catupecu Machu*. No exemplo (5.51), o SN em destaque se refere a uma dupla de irmãos que são produtores, diretores e escritores de cinema, *Peter Farrelly* e *Bobby Farrelly*. No caso seguinte, *los hermanos Wachovski* se refere aos diretores de cinema *Larry Wachowski*

y *Andy Wachowski*, como está explícito no fragmento. Em (5.53), a referência é feita a um grupo de 5 adolescentes da obra de Jeffrey Eugenides<sup>104</sup>.

Uma das primeiras constatações que o *corpus* mostra é que na estrutura [Art. def. pl. + nome de parentesco + Antr.] predomina o uso do nome *hermanos*. Embora seja possível imaginar construções com, por exemplo, *primos* (*los primos Fernández*), não se encontra nenhuma ocorrência com este nome nos dados coletados. Além do mais, nos exemplos acima, essa estrutura é utilizada preferencialmente para referência a dois indivíduos masculinos da mesma família. Somente no último caso existe a referência a mais de dois indivíduos, sendo estes do sexo feminino (são 5 mulheres).

Seria possível afirmar que alguns desses exemplos criam quase uma unidade léxica e semântica. Prova dessa nova unidade é que *los hermanos Shaw*, do exemplo (5.49), pode também ser interpretado como um uso metonímico referindo-se à companhia cinematográfica *Shaw Brothers*. Outra prova é que, no caso de *los hermanos Grimm*, o comum é que se encontre sempre essa estrutura para fazer referência aos irmãos. Isso foi verificado observando todos os usos de *Grimm* nos textos de 2004 e 2005 do jornal *La Nación*. Com exceção dos casos em que *los Grimm* aparece em uma retomada anafórica de *los hermanos Grimm*, como em (5.54) e de um único exemplo em que aparece desvinculado de *los hermanos* – exemplo (5.55) –, as outras referências são feitas por meio de *los hermanos Grimm* (ou incluindo também os prenomes: *los hermanos Jakob (Heath Ledger) y Wilhelm (Matt Damon) Grimm*)<sup>105</sup>.

(5.54) *Atípica "Hansel y Gretel"*. El director italiano Giancarlo del Monaco ofrecerá en el teatro de Erfurt, Alemania, una versión de la tradicional ópera "Hansel y Gretel", del compositor Engelbert Humperdinck, basada

<sup>104</sup> No exemplo seguinte, o SN *Los Hermanos Kelly* se refere a um filme. Mas o título da obra tem a mesma estrutura que se está analisando e remete a dois irmãos personagens: Edward "Ned" Kelly e Dan Kelly.

(i) **"Los hermanos Kelly"**

*Martes, a las 17 y a las 20, en la Alianza Francesa, Córdoba 946.*

(1970, 100') De Tony Richardson, con Mick Jagger, sobre la historia del bandido más famoso de Australia. Versión en inglés con subtítulos en castellano. Entrada libre. (<http://www.lanacion.com.ar/717713>)

<sup>105</sup> Foi encontrado inclusive um caso em que *hermanos* estava com maiúscula:

- (i) Es más, a la manera de **los Hermanos Grimm**, los cuentos infantiles que intentaron concebir - léase sus 15 nuevas canciones- están repletos de imágenes violentas, pensamientos aterradores y pesadillas de esas que a uno lo despiertan transpirando y con la boca seca. (<http://www.lanacion.com.ar/703589>)



en el cuento de **los hermanos Grimm**, pero en una versión para adultos "no apta para menores". "La versión respetará el cuento de los **Grimm** y la música original compuesta por Humperdinck hace más de cien años, pero será un duro contraste a la versión histórica y destacará los aspectos críticos de la obra", informó a DPA el teatro, al iniciarse los ensayos para la puesta en escena. (<http://www.lanacion.com.ar/663377>)

(5.55) -¿Cuándo descubrió la literatura occidental?

-También en la infancia. En casa leía los cuentos de **Grimm** y de Andersen traducidos al chino, y también novelas de aventuras en inglés. (<http://www.lanacion.com.ar/705039>)

Obviamente, uma maior ou menor unidade léxico-semântica da construção [los hermanos + Antr.] dependerá de aspectos culturais e não propriamente lingüísticos.

Com relação ao uso de prenomes e sobrenomes, observa-se que todos os exemplos de (5.48) a (5.55) apresentam um sobrenome. Mas também é possível encontrar exemplos como os seguintes, em que aparecem dois prenomes seguidos pelo sobrenome de ambos os portadores dos prenomes:

(5.56) De las catorce historias de asesinas reales que la periodista Marisa Grinstein relató en su libro publicado en 2000, doce llegarán a la TV. Diez de ellas fueron adaptadas por la propia autora en sociedad con la guionista Liliana Escliar y las dos restantes por **los hermanos Walter y Marcelo Slavich**. (<http://www.lanacion.com.ar/722100>)

(5.57) Mañana, a las 22, por Telefé, se verá un especial musical que tendrá a los Pimpinela como protagonistas. **Los hermanos Lucía y Joaquín Galán** darán un recital en el estudio de "Música para soñar" en el que repasarán su historia en los escenarios. (<http://www.lanacion.com.ar/723321>)

#### 5.1.4. Antropônimos precedido por numeral [num. + Antr.]

No *corpus* coletado, ocorrem casos em que o antropônimo está precedido por um numeral. No primeiro exemplo (5.58), o numeral *dos* precede o sobrenome *Merlo*, em (5.59) e (5.60) os numerais *dos* e *tres* precedem, respectivamente, os prenomes *Marta* e *Rita*. Em todos os casos, o texto traz as informações que serão associadas aos referentes e torna-se possível identificar os portadores dos nomes próprios. Assim, em (5.58), a referência é feita a *Hernán Melo* y *Fermín Merlo*, em (5.59), a duas personagens de nome *Marta* da série argentina *Mujeres Asesinas*, e em

(5.60), às artistas *Rita Hayworth*, *Rita Pavone* e *Rita Lee*. Com base no exposto, a interpretação desses casos é semelhante à dos exemplos (5.37) a (5.40).

(5.58) **Dos Merlo con Jodos**. El pianista Ernesto Jodos se presentará con Hernán y Fermín Merlo en contrabajo y batería, respectivamente, mañana, a las 21, en el Banfield Teatro Ensemble, Larrea 350, Lomas de Zamora (<http://www.lanacion.com.ar/719716>)

(5.59) En el primer capítulo, "Monja", se contó la historia de **dos Martas**, una religiosa que intenta redefinir sus vínculos con su vocación en busca de mayor independencia (Eugenia Tobal) y una manipuladora aspirante a actriz (Inés Estévez) cuya falta de éxito en las tablas es sólo comparable al que sí ha tenido encontrando personas frágiles en quienes fomentar sus debilidades para así alimentar las suyas.

(...)

"Mujeres asesinas" hizo gala de una interesante búsqueda expresiva en términos de encuadres, puesta en escena y edición, que privilegió tanto el suspenso (dado aquí por cuál de **las dos Martas** se revelaría como la víctima) como la caracterización de estos personajes a través de la observación de momentos privados y pequeños gestos contradictorios, tratados con una bienvenida aversión por los extremos y el lenguaje explícito (de la explotación emocional del crimen a la racionalización del asesinato como resolución de una situación sin otra salida aparente). (<http://www.lanacion.com.ar/723045>)

(5.60) Esto da lugar a un encuentro imaginario con **tres Ritas famosas** - Hayworth, Pavone y Lee (por cierto, irreconocibles si no se las mencionase)- y a un estrafalario número de acrobacia aérea, con arneses, al comienzo de la segunda parte, para el cual no se presta el reducido escenario del Maipo. (<http://www.lanacion.com.ar/718073>)

Nos três exemplos, em que um antropônimo se encontra em um SN plural, vê-se que o nome próprio, tal como proposto por Gary-Prieur (2001: 25), conserva sua especificidade de termo singular. Essas observações levam-nos a concordar com a autora, que defende que não há razão de buscar construir o plural do nome próprio sobre o modelo do nome comum.

Além do mais, novamente se verifica a presença de marca –s de plural para os prenomes (*Martas* e *Ritas*) e ausência para os sobrenomes (Merlo), o que corrobora a idéia de individualidade dos primeiros e de conjunto aos segundos, conforme defendido em 5.1.2. Isso já nos leva a distinguir pelo menos duas subclasses de antropônimos, uma, cujos membros ocorrem com marca de plural quando antecedidos por determinante no plural; e outra, cujos membros não se modificam morfológicamente quando antecedidos por tais determinantes.

### 5.1.5. Antropônimos precedidos por *mismo* [Art. def. + mesmo/a + Antr.]

A estrutura do francês paralela a essa do espanhol tem sido bem discutida por alguns lingüistas. Gary-Prieur (1996 e 2001), Noailly (2000) e Kleiber (2005) são autores que discutem a construção *le/ce + même + nom propre*. Adiante, serão retomadas algumas idéias desses autores antes da análise dos dados do espanhol.

Considerando o aspecto formal, sintático, o uso do nome próprio nessa estrutura é considerado um caso de modificação, mas, sob um ponto de vista referencial (como é o de Jonasson (1994) e também o deste trabalho), não se tem uma modificação, já que o sintagma nominal contendo [determinante, *même* e nome próprio] continua referindo-se ao portador do nome próprio (cf. também Noailly (2000)). Para Gary-Prieur (2001: 67), SNs como esse seriam bem redundantes, uma vez que apresentam três unidades identificadoras sucessivas. Essa “estranheza” da construção é um dos motivos que têm preocupado os autores.

Para Noailly (2000), essa estrutura implica a construção de uma classe, inexistente *a priori*, já que o nome próprio seria um designador rígido. Seria uma classe virtual, discursiva (*création en discours d'une classe virtuelle* (p. 28)), constituída de elementos ligados pela mesma denominação. Haveria, para a autora, o seguinte percurso para a interpretação de *le/ce même Npr*:

“afirmo, pela escolha do nome próprio, o particular, depois acesso a partir dele e secundariamente a construção de uma classe e, em um terceiro momento, volto à afirmação de unicidade: tem-se a impressão de que há uma diligência para nada, e um movimento como ida e volta, que no final faz voltar ao ponto de partida” (Noailly, 2000: 28)<sup>106</sup>

Seria possível representar, da seguinte forma, o movimento que a autora propõe: unicidade do particular → construção de uma classe → reafirmação da unicidade do particular. Mas se Noailly (2000) critica Gary-Prieur (1996)<sup>107</sup> por apresentar uma análise complicada, parece que a proposta que apresenta é antiintuitiva, pois permite o seguinte questionamento: por que postular a criação de uma classe se imediatamente ela será desfeita?

<sup>106</sup> No original: “j'affirme, par le choix du Npr, le particulier, puis j'accède à partir de lui et secondairement à la construction d'une classe, et, dans un troisième temps, je reviens à l'affirmation d'unicité: on a l'impression qu'il y a là une démarche pour rien, et un mouvement comme d'aller-retour, qui à la fin du compte fait revenir au point de départ”.

<sup>107</sup> Gary-Prieur, M.-N. Figurations de l'individu à travers différentes constructions du nom propre en français. *Cahiers de praxématique*, 27, p. 57-72, 1996.

Segundo a análise de Gary-Prieur (2001), *le même Np* serviria para marcar a presença de imagens diferentes do portador do nome próprio entre uma menção e outra: “*le même Np* faz abstração das variações construídas no discurso para impor o retorno à identidade numérica do referente inicial no mundo real<sup>108</sup>”. Mas, no caso de Gary-Prieur (2001: 68), o exemplo que esta autora apresenta, retomado a seguir, não pode ser igualado aos que serão vistos. Se, no caso da construção abaixo, em francês, existe, de fato, um contraste entre duas imagens opostas de *Pierre Angoulvent*, o mesmo não pode ser aplicado para os exemplos em espanhol encontrados no *corpus* (vejam-se os exemplos adiante, a partir de (5.62)). Em (5.61), o contexto já deixa claro que se está opondo duas imagens de Pierre Angoulvent.

(5.61) Pierre Angoulvent avait succédé à Paul; une joyeuse bande de trentenaires faisait la pluie et le beau temps... Pierre Angoulvent aimait le jazz, le ski et les romans policiers, c'était « un dandy aux antipodes de ce qu'on imaginait d'un directeur des PUF ». Le même Angoulvent qui errait l'autre jour l'âme en peine boulevard Saint-Germain, une heure avant de voter contre le changement de statut et de démissionner du conseil de surveillance. (Nouvel Observateur). (Gary-Prieur, 2001: 68)

Kleiber (2005), por sua vez, critica a análise das autoras anteriores. Primeiro, o autor trata da possibilidade de que *le/ce même Np* ocorra fora de empregos anafóricos e com outras interpretações além daquela com a idéia de multiplicidade de Gary-Prieur. Além disso, para defender seu ponto de vista, trata da semântica de *même*. Para o autor, as interpretações dessa construção partirão primeiro da semântica de *même* e, em segundo lugar, da do nome próprio.

Sobre o adjetivo *mismo*, Demonte (1999: 207) afirma que ele, em expressões como *El mismo hombre*<sup>109</sup>, orienta a interpretação rumo à “unicidade”, “singularidade” e “compacidade”. Para a autora, o adjetivo parece “querer convertir una descripción en un designador rígido, en un nombre propio”. Mas a questão que se coloca é a mesma observada pelos autores anteriores: e quando o item lexical que segue esse adjetivo já é um designador rígido, um nome próprio? Por que um elemento teria uma função de converter em designador rígido um item que já o é? Para seguir a discussão, vejam-se os exemplos do *corpus*.

<sup>108</sup> No original: “*le même Np fait abstraction des variations construites dans le discours pour imposer le retour à l'identité numérique du référent initial dans le monde monde réel*” (Gary-Prieur, 2001: 68).

<sup>109</sup> E também outros adjetivos: *Mi único apoyo*; *Mi propia madre*; etc.

Nos dados seleccionados, encontram-se 12 ocorrências de [el/la + mismo/a + Antr.]<sup>110</sup>. Não ocorreu nenhum caso com *demonstrativo* [este + mismo/a + Antr.], ao contrário dos exemplos do francês que foram analisados pelos autores citados – o que não significa, obviamente, que não seja possível no espanhol<sup>111</sup>. Entre os antropônimos dos casos registrados, há usos com sobrenomes e usos com prenome + sobrenome. Vejam-se os dados:

(5.62) La puesta en escena y dirección general está a cargo de Gustavo Zajac [...] Todos ellos son elementos importantes para hacer de este clásico un espectáculo sin olor a naftalina que sostenga la atención de los espectadores. Para eso, **el mismo Zajac** hizo su adaptación: cortó y agregó a gusto y piacere. (<http://www.lanacion.com.ar/717404>)

(5.63) *Destruirían la edición del disco de León Gieco*

(...)

Ahora, la edición del nuevo disco del músico santafecino, que finalmente se bautizó "Por favor, perdón y gracias", se encuentra con otro obstáculo: la colaboración del cantante de Callejeros, Patricio Fontanet, en el tema "Un minuto" podría quedar descartada. ¿Por qué? El sello que posee los derechos contractuales del grupo Callejeros (Pelo Music) habría trabado la salida del CD porque la compañía discográfica que edita los trabajos de Gieco, la multinacional EMI, no pidió la debida autorización por escrito para que Fontanet pudiera grabar en el disco.

(...)

Desde las oficinas de EMI señalaron que Pelo Music (dirigido por Pelo Aprile) reclama una retribución económica por la falta de autorización y que **el mismo León Gieco** había pedido reunirse con Aprile para destrabar la situación. (<http://www.lanacion.com.ar/719431>)

(5.64) La inversión en autores extranjeros no es algo que defina a la escena comercial. Así lo demuestran los hechos y lo confirma **el mismo Koppel**, que tiene en cartel dos obras de autores extranjeros: "Los productores" y "El método Gronholm". (<http://www.lanacion.com.ar/719702>)

(5.65) La imagen congelada de una nenita negra se fundió de pronto con la actualidad, cuando **el mismo Geldof** presentó a quien corporizaba que no siempre estas luchas son en vano: allí estaba, sana y salva, hermosa además, la niña de la foto, ahora mujer. (<http://www.lanacion.com.ar/718287>)

(5.66) A puro Vivaldi, la noche concluyó con el Concierto para cuatro violines, de la colección "L'estro armonico" -aquí, Onofri se integró perfectamente, sin lucimientos inconducentes- y, luego, con **el mismo**

<sup>110</sup> Incluida a forma variante *mismísimo*.

<sup>111</sup> Isso pode significar que estes determinantes, *ce* (fr.) e *este* (esp.), não tenham idêntico valor nas duas línguas, tema que não será tratado nesta tese.

**Antonini** tocando la parte solista del Concierto para piccolo y cuerdas R. 444. (<http://www.lanacion.com.ar/720792>)

- (5.67) En lo que se refiere a la programación, se abre con "Acto sin palabras", de Samuel Beckett, con la dirección de Guerberof y la actuación de Gerardo Baamonde, Facundo Ramírez y **el mismo Guerberof**. (<http://www.lanacion.com.ar/721378>)
- (5.68) Ahora, reunión cumbre de por medio, también llegará a las disquerías del país por el sello Melopea, propiedad **del mismo Litto Nebbia**. (<http://www.lanacion.com.ar/725010>)
- (5.69) El origen del camino literario pirandelliano es el drama que vivió **el mismo Pirandello** (1867-1936). (<http://www.lanacion.com.ar/726038>)
- (5.70) Resultan muy interesantes las reflexiones de Di Salvo, Antín y el recordado Kohon acerca de la conocida como Generación del 60, de la que ellos mismos formaron parte, o los cuestionamientos de Caetano acerca de la "poco afortunada" calificación de "nuevo" cine que hace algún sector de la crítica. También las anécdotas acerca de la censura, en boca **del mismo Antín**, Eduardo Calcagno y Mario Sabato. Asimismo el contrapunto acerca de cómo se planifica o no una película según las disímiles posturas de Martínez Suárez, Puenzo y Raúl Perrone, o las filosas referencias a propósito de la crítica, las del también crítico Juan Carlos Arch, de Aristarain y en especial las de Bellotti, al que la cámara muestra en La Paz poco antes de la madrugada del estreno de "Sudeste", a la espera de los diarios de la mañana en los que saldrá la crítica de su película. (<http://www.lanacion.com.ar/719098>)
- (5.71) Con tal fin, Wagner demuestra una coherencia musical y literaria inédita dentro del repertorio operístico, al tomar las sagas nórdicas y germánicas como libreto, así como por el uso de un complejo entramado de leitmotiven (motivos musicales conductores) que se identifican con personajes, situaciones, actitudes o sentimientos. Tuvo el estreno en su manera integral en el primer festival de Bayreuth, en 1876, creado por **el mismo Wagner** y con su propia producción. (<http://www.lanacion.com.ar/720309>)
- (5.72) Uno de los hallazgos es haber revivido uno de los emblemas del pop: "Time after Time" -tocada, incluso por **el mismísimo Miles Davis**-, cantada en castellano y con, al parecer, ciertas licencias literarias que probablemente mejoraron el mensaje. (<http://www.lanacion.com.ar/723360>)
- (5.73) Atilio Stampone con uno de sus éxitos ("Mi amigo Cholo") o **el mismísimo Mores** con una formación amplia, de esas que a él le gustan. (<http://www.lanacion.com.ar/717743>)

Em quase todos os casos, o uso de *el/la mismo/a* serve para retomar referente já introduzido e explícito no texto, uma pessoa da qual já se falava<sup>112</sup>. Entretanto, no texto de (5.72), ainda não havia sido feita menção a *Miles Davis*. Mas, nesse caso, a referência à canção *Time after Time* pode ser considerada uma forma de trazer à memória do leitor o referente *Miles Davis*, o músico, em uma espécie de anáfora associativa.

Observando os exemplos citados e voltando aos teóricos que discutiram a construção, parece forçoso pensar em uma multiplicidade (ou variação) de referentes ou mesmo em uma classe virtual criada discursivamente. Nos casos encontrados, pode-se afirmar que a função de *el/la mismo* é marcar a retomada de um referente já mencionado, para poder predicar desse referente algo que não era esperado pelo leitor. Assim, no primeiro exemplo, se utiliza *el mismo* antes de Zajac porque se crê que a adaptação do espetáculo teria sido por outro indivíduo e não o mesmo que dirigiu, Gustavo Zajac. Da mesma forma, no exemplo seguinte, (5.63), considera-se surpreendente que León Gieco tenha pedido, em lugar de outra pessoa, uma reunião com Pelo Aprele para destravar a situação.

Se interpretados esses exemplos dessa forma, seriam semelhantes aos casos com *propio* que serão tratados adiante. Antes, porém, de passar para a próxima construção, convém observar o seguinte exemplo em que também aparece *mismo*, mas em uma posição diferente.

- (5.74) Está en librerías porteñas la más reciente novela de Javier Cercas, el celebrado autor de "Soldados de Salamina". Este nuevo relato se llama "La velocidad de la luz" (Tusquets, colección Andanzas, 2005) y es la historia de un joven universitario y escritor español que en 1987 obtiene una beca para trabajar como adjunto de literatura en esa lengua, en la Universidad de Illinois en Urbana, ciudad vinculada con el inolvidable film de Billy Wilder "Una Eva y dos Adanes". (...) El narrador -nunca dice su nombre, pero se supone que es **Cercas mismo**- conoce allí a un tal Rodney Falk, veterano de la Guerra de Vietnam. (<http://www.lanacion.com.ar/719713>)

Esse uso é semelhante ao que se tem com pronome pessoal (*yo mismo; ella misma...*), do qual o dicionário da RAE afirma vagamente que este *mismo* serve

<sup>112</sup> No exemplo abaixo, o referente havia sido introduzido em texto anterior, ou seja, em um texto que se encontra em posição anterior dentro da sequência das páginas on-line do jornal. Na versão escrita, possivelmente os textos próximos tenham sido publicados um após o outro, uma vez que não seria natural para o leitor interpretar *el mismo Litto Nebbia* sem antes ter havido uma menção prévia.

(i) Ahora, reunión cumbre de por medio, también llegará a las disquerías del país por el sello Melopea, propiedad **del mismo Litto Nebbia**. (<http://www.lanacion.com.ar/725010>)

para “dar más energía a lo que se dice”<sup>113</sup> e que para Alarcos (1994: 159) indica insistência ou intensificação. Entretanto, nesse caso seria mais plausível postular uma interpretação baseada em um foco contrastivo. Não seria uma classe de referentes de mesmo nome, mas uma oposição entre o referente portador do antropônimo e outro indivíduo. De fato, no exemplo de (5.74) é mais aceitável um complemento como *y no otro* que nos anteriores. Dessa forma, tem-se:

(5.74a) se supone que es **Cercas mismo y no otro**

(5.62a) ? **el mismo Zajac y no otro** hizo su adaptación

(5.63a) ? **el mismo León Gieco y no otro** había pedido reunirse con Aprile

Outro ponto que merece destaque é que a forma *mismísimo*, que ocorre no *corpus* anteposta ao antropônimo em (5.72) e em (5.73), não ocorre posposta, o que indica que esta pode ser uma restrição para o uso desse item, ou seja, não seria uma construção comum da língua exemplos como: \**se supone que es Cercas mismísimo*.

#### 5.1.6. Antropônimos precedidos por *propio* [el/la propio/a + Antr.]

No *corpus* coletado, ocorreram 16 casos de [el/la propio/a + Antr.]. Dessas ocorrências, 13 apresentam como antropônimo um sobrenome, (5.75) a (5.88), e as outras 3 um prenome seguido de sobrenome (5.89) a (5.91):

(5.75) Lo vi más de 20 veces", confiesa a cámara **el propio Von Trier** en el arranque de "Cinco obstrucciones".  
(<http://www.lanacion.com.ar/719714>)

(5.76) En ese manifiesto musical-político aparecía la voz **del propio Berni** diciendo aquella definición histórica: "Juanito Laguna es un niño de extramuros de Buenos Aires o de cualquier capital de América latina. Es un chico pobre, pero no un pobre chico".  
(<http://www.lanacion.com.ar/719721>)

(5.77) Hoy, a las 18.30, se podrá disfrutar de uno de los grandes clásicos de Buster Keaton (junto a Clyde Bruckman), "El maquinista de la general" (1926), protagonizada por **el propio Keaton** y Marion Mack, en una copia nueva presentada por la Filmoteca Buenos Aires. Entrada: 5 pesos (jubilados y estudiantes, 2,50 pesos).  
(<http://www.lanacion.com.ar/721714>)

<sup>113</sup> **Diccionario de la Real Academia**. Disponível em <[www.rae.es](http://www.rae.es)>. Acesso em 20 de ago. de 2007.



- (5.78) Bullock y James, que se conocieron en 2003, llegaron a la ceremonia en un camión rojo de gran tamaño que manejó **el propio James**. (<http://www.lanacion.com.ar/722535>)
- (5.79) Buenos Aires no contará con su presencia, pero al menos se podrá escuchar parte de su música para instrumentos solistas, de cámara y con electroacústica, gracias a la llegada de tres integrantes del Ensemble Intercontemporain, creado por **el propio Boulez** en 1976. (<http://www.lanacion.com.ar/718104>)
- (5.80) Mientras intenta comprender la situación y busca una posible cura (no terminan de aceptar su nueva condición), el cuarteto debe lidiar con **el propio Von Doom**, devenido un poderoso ser de titanio cuyo aspecto remite al Darth Vader de la saga de "Star Wars". (<http://www.lanacion.com.ar/721058>)
- (5.81) Editado por el sello S´Jazz, de EMI, el álbum incluye, además de los temas firmados por **el propio Jodos**, obras de Luis Alberto Spinetta y del compositor francés Olivier Messiaen. (<http://www.lanacion.com.ar/722536>)
- (5.82) Cirujano de prestigio y buena posición, Timoteo (**el propio Castellitto**, en un trabajo de gran compromiso expresivo) tiene todo lo que presumiblemente le asegura una envidiable felicidad: una mujer bonita, distinguida y también profesional de éxito, una hija adolescente, un auto de categoría, un departamento elegante en el barrio apropiado y otra casa aún más bella junto al mar. Pero un mal día le informan que la muchacha que acaba de ingresar en el hospital gravemente herida tras un choque es su hija, Angela. (<http://www.lanacion.com.ar/724981>)
- (5.83) Ambientada en los barrios bajos de la Shanghai de los años 40, en el caótico período posterior a la Segunda Guerra Mundial y antes de la revolución comunista, "Kung-Fusión" narra las desventuras de Sing (**el propio Chow**), un marginal, un ladrón de poca monta que pretende -de manera infructuosa, claro- ingresar en la poderosa y sanguinaria agrupación de gánsters Pandilla de las Hachas para concretar una pequeña venganza personal. (<http://www.lanacion.com.ar/724980>)
- (5.84) Buena parte del encanto de cada capítulo es la forma en la que los investigadores comienzan a "pelar" la historia con la que llega el cliente de todas sus capas de mentiras, exageraciones y silencios hasta llegar a la verdadera razón por la que han sido contratados y que, muchas veces, termina con el perseguidor siendo perseguido por **el propio Judd**, que -aunque anuncie estar por encima de la ley- sí tiene abundantes códigos de honor por los que guiarse, motivados por algunos de los secretos y lealtades ocultas que él y sus empleados se guardan celosamente para sí. (<http://www.lanacion.com.ar/722534>)
- (5.85) De sus errores y sus aciertos, contados por **el propio McNamara** a cámara gracias a un dispositivo denominado Interrotron (que permite que el entrevistado pueda mirar a los ojos del entrevistador y a cámara al mismo tiempo), se desprenden 11 lecciones que, cual máximas de Sun Tzu, constituyen el hilo argumental de "Fog of War", un excelente

documental de Errol Morris -ganador del Oscar en 2004- que HBO estrenará mañana, a las 23.45 (con repeticiones el viernes, a las 18.45, y el lunes 18, a la 1.30). (<http://www.lanacion.com.ar/720321>)

- (5.86) En verdad, tamaña repercusión era previsible: poder escuchar en vivo a tres de los integrantes del fantástico Ensemble Intercontemporain (EIC), creado por **el propio Boulez** en 1976, y con entrada libre y gratuita, atrajo al público que habitualmente colma las funciones que con este repertorio se hacen en Buenos Aires en salas de mayor tamaño. (<http://www.lanacion.com.ar/718532>)
- (5.87) Menos clara todavía fue la intención de unir a Guillermo Guido, en vivo, para cantar a dúo con una juvenil Estela Raval desde un viejo registro en videotape, como si ésta hubiese perdido toda vigencia. ¿Por qué encarar esa confusa mezcla, que ni siquiera funcionó en lo musical, cuando **la propia Raval** se encuentra hoy en plena actividad y sigue disfrutando del reconocimiento del público? (<http://www.lanacion.com.ar/721419>)
- (5.88) Bellas canciones, guitarra acústica, una voz cálida (con ecos de James Taylor, Cat Stevens y Ben Harper) y un austero acompañamiento (en dos temas, con **la propia Norah** en piano), en un CD para disfrutar y recomendar. (<http://www.lanacion.com.ar/717742>)
- (5.89) Clausi vivió en Chile durante diez años, donde continuó con su formación orquestal y llegó a tener de cantor invitado al **propio Roberto Rufino**. (<http://www.lanacion.com.ar/721734>)
- (5.90) Nunca fueron normales. Si no, cómo puede ser que la misma banda que es colocada en un importante lugar dentro del rock progresivo se convierta en mentora y faro del movimiento punk (con elogios hasta del **propio Johnny Rotten**), la movida que justamente surgió para demoler las pretensiones de aquel rock. (<http://www.lanacion.com.ar/725667>)
- (5.91) Por un lado, el coreógrafo Oscar Araiz enumera posibles trabas a su nombramiento como director del Ballet Estable del Teatro Colón, pero por el otro sabe que "ya está" y que la semana que empieza lo encontrará abocado a resolver el verdadero primer problema de su gestión: tiene sólo un mes para montar "Romeo y Julieta" con una coreografía que todavía no está definida. "Se iba a hacer una versión **del propio Michael Uthoff** (ahora ex director artístico del ballet) y la idea es reemplazarla por otra, pero tampoco hay tantas versiones que yo considere interesantes como para poner." (<http://www.lanacion.com.ar/720071>)

O primeiro fato que se constata ao observar os dados é que as ocorrências com sobrenome (sem prenome) são casos em que se retomam antropônimos já mencionados no texto. As outras, ou seja, as que apresentam prenome e sobrenome, constituem exemplos de primeira menção do antropônimo. Essa distribuição pode ser

relacionada ao fato de que um referente pessoa é geralmente introduzido no texto-discurso por meio do seu nome e seu(s) sobrenomes(s).

O uso de *propio* antes de antropônimo, como se disse, assemelha-se ao de *mismo*, analisado na subseção anterior. A semelhança entre os dois itens também é atestada por Picallo e Rigau (1999: 1020), autoras que afirmam que “en posición prenominal, este adjetivo [*propio*] puede tener una función intensificadora y es sinónimo de *mismo*, como en *Lo recibió el propio rector de la universidad* donde *propio* significa el rector mismo, en persona”.

Mas, aliado a esse caráter intensificador da rigidez, é preciso pensar no componente do inesperado, proporcionado também por *propio*. Assim, em (5.75), por exemplo, não se esperava que o diretor dinamarquês Lars Von Trier afirmasse que assistiu ao filme *Cinco Obstrucciones* mais de vinte vezes. Se existe uma similaridade na interpretação semântica de [el/la *propio/a* + Antr.] e de [el/la + *mismo/a* + Antr.], pode-se apontar diferenças sintáticas com relação ao uso de *mismo* e *propio*.

Como foi visto, registraram-se exemplos de *mismo* preposto e posposto aos antropônimos – embora, também, conforme se discutiu, essas distintas posições tenham gerado interpretações diferenciadas. Mas não houve nenhuma ocorrência de *propio* posposto, construção que parece ser agramatical na língua: \**el Von Trier propio*, \**el Roberto Rufino propio*. Além do mais, parece mais natural que o sintagma com *mismo* receba um complemento modificador, como uma oração adjetiva. Assim, se se insere uma oração como *que vino aquí*, obtém-se: *el mismo Zajac que vino aquí hizo su adaptación* e, por outro lado, (?) *confiesa a cámara el propio Von Trier que vino aquí*.

#### 5.1.7. Antropônimos precedidos por adjetivo [Art. def. + Adj. + Antr.]

Gary-Prieur (1994: 120) afirma que, em construções como *la frileuse Sophie*, o adjetivo apresenta seu valor descritivo e o nome próprio remete apenas ao seu referente inicial. A autora retoma Noailly (1991) e discute a questão: Qual é o papel do artigo nessa construção? Noailly havia afirmado que se trata de um “simple automatisme syntaxique”. Para Gary-Prieur (1994: 121), o artigo é um anafórico, que remete a um conhecimento comum entre interlocutores, o qual autoriza a atribuição da propriedade expressa pelo adjetivo. Ainda conforme essa autora, o artigo expressa a *referência descritiva*, que implica uma anáfora que remete ao extralingüístico. Com base nessa análise, a autora argumenta que *le Adj Np* (Art. def. + Adj. + NPr) está

mais próximo de *le Np* (Art. def. + NPr) que de *le NP Adj* (Art. def. + NPr) – p. 122. Essa posição, que é a que se assume neste trabalho, diferencia-se da de outros autores, como Noailly (1991: 111) e Jonasson (1994: 45). A primeira compara construções como *Jacques le fataliste* vs. *le fataliste Jacques*, *Manon l'infidèle* vs. *l'infidèle Manon*, afirma que a nuance que as separa é bem tênue e associa a diferença à frequência de ocorrência - *Jacques le fataliste* seria encontrado sobretudo em títulos de obras. A segunda autora, apesar de discordar em parte de Noailly, argumenta que o complemento posposto ao antropônimo em *Marilyn la blonde* teria o mesmo papel caracterizador que o adjetivo (*épithète*) anteposto em *le blond Siegfried*. Além disso, Jonasson defende que em *Le vieux Théodule est mort hier* pode-se eventualmente hesitar entre uma leitura restritiva e uma não restritiva do adjetivo. Essa questão é retomada por Fernández Leborans (1999a: 105), que afirma que a leitura restritiva do adjetivo anteposto seria *bastante improbable*.

Embora não seja o objetivo aqui apresentar e discutir todos os casos de adjetivos antepostos aos antropônimos, uma análise dos exemplos abaixo permitirá obter algumas conclusões a respeito das interpretações possíveis da construção [Art. def. + Adj. + Antr.]. A seguir, transcrevem-se alguns exemplos do *corpus*<sup>114</sup>.

Nos casos seguintes, têm-se adjetivos descritivos, que não criam a pressuposição de um referente diferente do referente inicial. Assim, no primeiro exemplo (5.92), *polémico* apenas caracteriza o referente Michael Jackson. Não se cria a pressuposição de um aspecto não polêmico de Michael Jackson, como poderia ser imaginado se o adjetivo estivesse posposto.

(5.92) "Entiendo la asociación por las características físicas del personaje, pero la imagen me llegó mientras estaba haciendo bocetos de Wonka en casa", explicó el actor de 42 años, tratando de alejar su personaje **del polémico Jackson**. (<http://www.lanacion.com.ar/725643>)

(5.93) Que guarda una sorpresa más: cerca de la figura de Beethoven y del narguile gira, a 78 rpm, la Máquina de los sueños, la mismísima Dreamachine inventada por **el surrealista Brion Gysin**. (<http://www.lanacion.com.ar/722805>)

(5.94) Quizá también le procura algunos temas de conversación. Por ejemplo, en el segundo capítulo, una noche de confesiones públicas (alguna, bastante humillante para Marion, **la excelente Valeria Bruni-Tedeschi**), confronta a la pareja protagónica con otra, gay, integrada por el hermano de Gilles y un compañero bastante menor, y allí también

<sup>114</sup> A relação apresentada é apenas uma amostra das ocorrências do *corpus*.

se alude a los hijos de homosexuales y a la mutación del rol tradicional del varón. (<http://www.lanacion.com.ar/721062>)

- (5.95) Maria Bethânia canta la delicia de pasar una tarde al sol frente a un mar que en Itapoã no tiene tamaño; siente la dulce melancolía de que la felicidad sea tan efímera como una gota de rocío sobre un pétalo de flor; le da los buenos días a la tristeza y la invita a sentarse a su mesa y a beber de su copa; experimenta las glorias, las zozobras y las saudades del amor y avisa -siempre con la palabra **del eterno Vinicius de Moraes-**, que para hacer un samba con belleza es preciso un bocado de tristeza porque un buen samba es una forma de oración. (<http://www.lanacion.com.ar/721725>)

Observando os exemplos anteriores, vê-se que as propriedades *polémico*, *surrealista*, *excelente* e *eterno*, associadas aos portadores dos antropônimos, são apresentadas como se fossem inerentes a eles. Essas propriedades podem ser apresentadas como um conhecimento de mundo compartilhado entre autor e leitor ou não compartilhado. Neste caso, existe uma explicitação discursiva prévia para que se possa utilizar o adjetivo. É o que acontece no exemplo abaixo, em que no *ato batismal* do personagem *Ceci*, se lhe atribui a propriedade de ter seis anos, o que possibilita que posteriormente o antropônimo seja retomado antecedido pelo adjetivo *pequena*.

- (5.96) Bastante menos sugerente, climática, fantástica e inquietante que su antecesora nipona (aquí todo resulta más explícito y subrayado), "Agua turbia" describe las desventuras de Dahlia (Jennifer Connelly) y **Ceci** (Ariel Gade), **su hija de seis años**. En medio de una disputa legal con su ex marido Kyle (Dougray Scott) por la tenencia de la niña, nuestra heroína -que acarrea todo tipo de traumas infantiles y conflictos psicológicos- debe mudarse de Manhattan a la cercana, económicamente accesible, pero bastante más sórdida isla de Roosevelt. En el nuevo departamento que alquilan en un decadente edificio comenzarán a desatarse misteriosos e inexplicables acontecimientos: una creciente mancha oscura en el cielo raso y extraños ruidos en el piso superior derivan luego en una incesante gotera. Pero no estamos, apenas, ante un simple inconveniente de plomería: **la pequeña Ceci** -con esta intuición que suelen desarrollar los niños- percibe una presencia poco amigable que convertirá esa estada en una verdadera odisea. (<http://www.lanacion.com.ar/724975>)

A interpretação dos exemplos anteriores assemelha-se à dos seguintes, os quais se diferenciam sintaticamente dos primeiros pela presença de um item de valor adverbial anteposto ao adjetivo:

- (5.97) En el mismo terreno que vio ganadora a **la no menos aguerrida Bette Davis**, Fitzgerald cayó derrotada y su nombre quedó largamente marginado de la consideración de los productores, muchos de los

cuales veían a la actriz con un futuro tan promisorio como el que tuvo su coterránea Maureen O'Hara.

(...)

A partir de allí, de a poco pudo regresar al cine con papeles de suerte dispar (de "Ecos de un verano", donde descolló junto a **la muy precoz Jodie Foster**, hasta "Arturo, el millonario seductor", la taquillera comedia con Dudley Moore), y hasta probó suerte en algún film europeo, como el controvertido "Ciao, Maschio", de Marco Ferreri, junto a Marcello Mastroianni y Gérard Depardieu. (<http://www.lanacion.com.ar/722780>)

(5.98) El brasileño Walter Salles debuta en Hollywood con esta remake del aclamado exponente del "j-horror" (terror japonés) que hace tres años había rodado Hideo Nakata a partir de la novela **del no menos popular Kôji Suzuki**. (<http://www.lanacion.com.ar/724975>)

(5.99) En la piel de un policía que se encuentra bajo una presión extrema, **el siempre eficaz Bruce Willis** se pone al servicio de un relato que mezcla el thriller y el drama psicológico. (<http://www.lanacion.com.ar/725645>)

Em contraste com os casos até agora analisados nesta seção, vejamos os seguintes:

(5.100) "Mi historia fue eso y mucho más", dijo Juana González, **la verdadera Rita la Salvaje**, al subirse al escenario al final del estreno de prensa de la comedia musical que cuenta su vida. (<http://www.lanacion.com.ar/718073>)

(5.101) Carina Zampini, **la nueva Andrea del Boca**  
Juan Gil Navarro y Carina Zampini serán los protagonistas de la nueva versión de "Perla negra" que realizará el productor Raúl Lecouna. La tira, que estará basada en la exitosa historia que encabezaron Del Boca y Gabriel Corrado en 1994, se llamará "Collar de esmeraldas". El guionista Quique Torres, responsable de los libros de "Perla negra", estará a cargo de los libros de la nueva tira. (<http://www.lanacion.com.ar/722536>)

(5.102) A partir del próximo jueves, el osito Winnie Pooh, los animales de "Madagascar", el automóvil Volkswagen bautizado como Herbie (aquel recordado protagonista sobre ruedas de "Cupido motorizado") y un vástago del delirante enmascarado verde que lanzó a la fama a Jim Carrey compartirán cartel con otras rendidoras propuestas de entretenimiento puro, como la flamante "Guerra de los mundos", **el nuevo Batman**, las andanzas del Sr. y la Sra. Smith y "Papá se volvió loco". (<http://www.lanacion.com.ar/717707>)

Noailly (1991: 104) havia afirmado que, pelo semantismo de itens como *meilleur*, *pire*, *premier* e *dernier* antepostos aos nomes próprios, impõe-se um contraste. Além do mais, a autora observa que *vrai*, tanto anteposto como posposto,

cria um sistema contrastivo. Aos itens arrolados por Noailly, Jonasson (1994: 45) acrescenta *autre, nouveau, jeune e vieux*.

Analisando os dados de (5.100) a (5.102), observa-se que em (5.100) se estabelece um contraste entre a portadora do antropônimo *Rita la Salvaje* (na verdade, de nome oficial *Juana González*) e a personagem fictícia que também porta o mesmo antropônimo. A idéia de contraste também está presente em (5.101) e (5.102), os quais apresentam os adjetivos *nueva* e *nuevo*. Mas há uma diferença entre esses exemplos. Se, por um lado, o referente do SN *la verdadera Rita la Salvaje* corresponde ao portador inicial do nome próprio, o mesmo não pode ser afirmado para *la nueva Andrea del Boca* e *el nuevo Batman*. Isso faz com que esses dois últimos exemplos não possam ser inseridos neste Grupo 1 e, por isso, serão retomados posteriormente dentro do Grupo 2. Esse fato permite afirmar que a construção [Art. def. + Adj. + Antr.] no espanhol, assim como no francês, possibilita uma leitura restritiva, embora não seja freqüente.

Por fim, veja-se o exemplo de (5.103), que apresenta o item *joven* anteposto ao antropônimo. Esse item pode oferecer, em princípio, duas leituras. Na primeira, seria como presidente em *el presidente Néstor Kirchner*. Na segunda, entraria dentro dos casos analisados nesta seção, como em *el polémico Jackson*. Mas a primeira interpretação é eliminada pelo seguinte motivo: a estrutura *el presidente Nestor Kirchner* é utilizada geralmente para introdução do antropônimo no discurso – conforme já comentado – e *el joven Boulez* não tem essa função no texto. Além do mais, antecedendo essa estrutura, vinha-se o tema do passado de Pierre Boulez e o que se faz é utilizar *joven* como adjetivo descritivo.

(5.103) Sin embargo, en los años tempranos de aquella correspondencia, que se extiende entre mayo de 1949 y septiembre de 1962, con grandes silencios en el medio, **el joven Boulez** parecía reconocer en Cage a un alma gemela venida de horizontes nuevos, capaz de proyectar sobre su interlocutor preocupaciones propias. (<http://www.lanacion.com.ar/724995>)

#### 5.1.8. Antropônimos precedidos por possessivo [Pos. + Antr.]

Fernández Leborans (1999a: 123), baseada em Gary-Prieur (1994), afirma que, em emissões como *Dice que su Pepito no le come nada* ou *Mi Luis no haría tal cosa*, o possessivo serviria para indicar uma relação de compromisso ou proximidade

afetiva por parte da pessoa indicada pelo possessivo com respeito ao indivíduo referido pelo antropônimo. Para Gary-Prieur (1994: 218), em casos como esses, o possessivo não teria um poder intrínseco de designação. Os papéis de nome próprio e possessivo se distribuiriam, segundo a autora, da seguinte forma: “o nome próprio designa seu referente inicial e o possessivo introduz uma pessoa [gramatical]”<sup>115</sup>.

Além do mais, a lingüista espanhola chama a atenção para as diferenças semântico-pragmáticas entre o possessivo de primeira pessoa e os demais. Para Fernández Leborans, enquanto o primeiro possibilitaria sempre a expressão de uma relação afetiva positiva com relação ao referente do antropônimo, os outros permitiriam um certo distanciamento do emissor com respeito ao portador do nome (p. 123 – cf. também Gary-Prieur, 1994: 221).

Gary-Prieur (1994: 224) argumenta que, diferentemente do papel que tem o possessivo antes do nome comum – restringir a extensão da significação do nome –, com o nome próprio ele introduz relações intersubjetivas entre o locutor, os outros protagonistas e o referente do nome próprio.

Nos dados do *corpus*, foram encontradas ocorrências com possessivos de primeira e de terceira pessoa, ambos no singular. Em todos os casos, o SN que comporta o antropônimo refere-se ao portador do nome, diferentemente das ocorrências com possessivo que serão vistas dentro do Grupo 2. Vejam-se abaixo os exemplos:

- (5.104) -No sé si he hecho siempre personajes oscuros, pero sí dramáticos. En "Una mente brillante", **mi Alicia Nash** es una mujer determinada, luchadora. (<http://www.lanacion.com.ar/724689>)
- (5.105) Y aquí están el español Manuel Alexandre, excelente en su primero perturbado y luego optimista Fred, y China Zorrilla, que aporta a **su Elsa** toda la ternura y la picardía que pedía su nada fácil papel. (<http://www.lanacion.com.ar/724979>)
- (5.106) En el estreno de este año, en la noche del martes, el público dedicó una gran ovación a los artistas, principalmente a Peter Seiffert en el papel principal, así como a Petra-Maria Schnitzer como Elsa. Pese a que ambos tuvieron algunos momentos débiles, estuvieron completamente a la altura en las escenas decisivas. Seiffert demostró una gran fuerza de voz durante la narración del grial. También Petra-Maria Schnitzer consiguió articular de manera extraordinaria, algo nada normal en muchas cantantes de Wagner. **Su Elsa** fue rica en facetas y emocional, pero también algo estridente en los tonos más altos.. (<http://www.lanacion.com.ar/724998>)

<sup>115</sup> No original: “le nom propre désigne son référent initial, et le possessif introduit une personne”.



(5.107) Recuerdo que hace más de dos años en esta misma oficina me reuní con Antonella y le conté la historia por primera vez, y que volví a hacerlo poco antes de iniciar el rodaje, sin que se hubieran dado cambios. Lo mismo pasó con Federico [Luppi], a quien este Frank le calza a medida.

(...)

Mignogna explica que una vez que el proyecto tomó forma, Luppi (que este año cumple cuarenta años de matrimonio con el cine), tenía pensada una imagen más salvaje para **su Frank**. (<http://www.lanacion.com.ar/725333>)

(5.108) Eugenia Tobal (la misma que anteaer hizo doblete con los debuts de "Mujeres asesinas", en la tele, y "Don Juan") no logra aportarle pasión **a su doña Elvira** (un contrasentido, porque la joven que pinta Molière no le teme a pegarle un portazo a lo establecido con tal de estar junto a su amado). (<http://www.lanacion.com.ar/723031>)

Observando os casos acima, é possível identificar uma diferença entre eles e os exemplos comentados pelas lingüistas citadas. Como já havia defendido Gary-Prieur, Fernández Leborans (1999a: 123) afirma que o possessivo não serve para determinar ou restringir a extensão semântica do nome próprio. De fato, a partir do seu exemplo *Mi Luis no haría tal cosa*, pode-se defender que uma mãe, ao pronunciar essa frase, não necessariamente pressupõe a existência de mais de um *Luis*.

Entretanto, nos exemplos (5.104) a (5.108), cujos antropônimos nomeiam personagens, pode-se pensar em uma classe de interpretações feitas por distintos atores. Sobre a questão da proximidade afetiva, em (5.104), tem-se uma proximidade entre atriz e a personagem portadora do nome próprio, o que já não pode ser observado nos demais exemplos com o possessivo *su*. Note-se a produtividade dessa construção nos textos do *corpus*: o possessivo é muito comum antecedendo nomes de personagens fictícios.

Nos casos abaixo, existe a anteposição de um adjetivo antes do antropônimo (ou de adjetivos coordenados, como em (5.111)). Apesar de não se ter mais o referente como um personagem fictício nos dois primeiros exemplos, desta vez é forçoso pensar em uma idéia de restrição de indivíduos atribuída pelo possessivo e, conseqüentemente, pensar em uma oposição, por exemplo, entre mais de um *Federico Fellini* (5.109) ou mais de um *Bruce Lee* (5.110).

(5.109)) El cineasta no tuvo suerte en su intento de conocer personalmente **a su idolatrado Federico Fellini**, aunque consiguió cartearse con él ("Creo que haciendo la escena de la Fontana de Trevi, de alguna forma

cerré mi historia de desencuentros con Fellini", comenta). (<http://www.lanacion.com.ar/724217>)

(5.110) Considerado el heredero de **su admirado Bruce Lee** y de Jackie Chan, en [Stephen] Chow conviven también el espíritu de Buster Keaton, Charles Chaplin y Jerry Lewis por su permanente predisposición a la comedia física, al gag inesperado, a la parodia punzante. (<http://www.lanacion.com.ar/724980>)

(5.111) Y aquí están el español Manuel Alexandre, excelente en **su primero perturbado y luego optimista Fred**, y China Zorrilla, que aporta a su Elsa toda la ternura y la picardía que pedía su nada fácil papel. (<http://www.lanacion.com.ar/724979>)

Nos exemplos (5.109) e (5.110), é preciso observar que a presença de um adjetivo antes do antropônimo requer o uso de um determinante. Não seria possível: *\*conocer personalmente a ∅ idolatrado Federico Fellini*, nem *\*el heredero de ∅ admirado Bruce Lee*. Mas seria possível o uso de um artigo definido: *conocer personalmente al idolatrado Federico Fellini* e *el heredero del admirado Bruce Lee*. Todavía, se fosse utilizado o artigo, não haveria, como há no caso do possessivo, a atribuição pessoal ao referente da propriedade expressa pelo adjetivo. Além do mais, o possessivo indica o experienciador da situação psicológica. Com *el idolatrado Fellini* e *el admirado Bruce Lee*, o locutor criaria a pressuposição de que o interlocutor compartilharia a característica do adjetivo. O artigo, por não apontar a nenhum experienciador, abre a possibilidade de que o experienciador seja qualquer um ou todos, inclusive o leitor. Com o possessivo, não se compromete o leitor na atribuição de *idolatrado* a Fellini e nem de *admirado* a Bruce Lee.

Por fim, vejam-se os exemplos abaixo, que se aproximam dos casos de nomeação comentados anteriormente (como *el presidente Néstor Kirchner*, *el senador Lázaro Chiappe*, etc.), em que se introduz no discurso o antropônimo e se predica algo do portador do nome próprio – geralmente com prenome e sobrenome.

(5.112) Desde que agarró la guitarra acompañó a músicos aficionados que podría contar por decenas y a profesionales como Roberto Goyeneche, Adriana Varela y a **su querido y admirado amigo Luis Salinas**. (<http://www.lanacion.com.ar/719418>)

(5.113) Ya instalado aquí, el que me abrió las puertas fue **mi gran padrino artístico Héctor Maselli**, quien me convocó para integrar un equipo donde hicimos "Humor Redondo", "La Tuerca", "Los Campanelli", ciclos de Biondi, una cantidad de programas que tuve la suerte de escribir. (<http://www.lanacion.com.ar/720114>)

Entretanto, os seguintes exemplos, que têm a mesma configuração [pos. + N + NPr], contradizem o que se afirmou, uma vez que no mesmo texto é feita a retomada com a mesma construção [pos. + hermano/a + NPr]. Talvez seja essa uma idiosincrasia do item *hermano/a*, o que os dados não permitem afirmar com segurança.

(5.114) Un buen día me convocaron para escribir un programa de humor y así armé, en 1957, "La Troupe de la Gran Vía", que era un programa cómico hecho por la gente de la radio (operadores, locutores), que se convirtió en un éxito y protagonizaba **mi hermano Edgardo**, un muy buen actor cómico que después se dedicó más a sus tareas de periodista y locutor.

(...)

Me hago un mosaico variado de las radios de AM fundamentalmente, y también escucho a **mi hermano Edgardo**, en "El nochero", por Del Plata, que además de hermano es un buen amigo y un gran profesional. (<http://www.lanacion.com.ar/720114>)

(5.115) a. La presencia continua de Ada en la cocina está secundada por **su hermana Ebe**, la mejor garantía. (<http://www.lanacion.com.ar/717430>)

b. Hace 34 años que Ada y **su hermana Ebe** hacen cocina personalizada.

(...)

Las paredes tienen un atractivo particular: una larga secuencia con dibujos y pinturas en relieve de Marcelo Bonevardi. "¡No son nuestros! Me los prestó Ignacio Gutiérrez Zaldívar, gourmet y director de la galería Zurbarán", se apresura a aclarar Ada Cóncaro, creadora, junto con **su hermana Ebe**, del mítico restaurant Tomo I. (<http://www.lanacion.com.ar/724054>)

### 5.1.9. Antropônimos precedidos por demonstrativo [Dem. + Antr.]

Fernández Leborans (1999a: 120) comenta as dificuldades dos autores em explicar o valor do nome próprio precedido por demonstrativo. Entre as várias construções e interpretações possíveis que a autora expõe e discute, estão aquelas em que há um uso anafórico (endofórico) da construção [demonstrativo + NP] e outras em que o demonstrativo possui valor dêitico.

Neste trabalho, importará primeiro verificar se os usos com demonstrativo se enquadram nas características do Grupo 1 ou do Grupo 2. Assim, os casos abaixo permanecem neste Grupo, enquanto outros usos com demonstrativo serão analisados posteriormente no Grupo 2 (cf. 5.2.1). Nos exemplos (5.116) a (5.118), o referente do

SN corresponde ao portador do nome próprio – embora, como será visto, existe a possibilidade de existência de outros portadores do mesmo nome.

(5.116) *Marta y Marta*

Cuando la policía encontró a Marta Fernández, 161 puñaladas atravesaban su cuerpo. Pero si alguien era candidato a morir de esa manera violenta no era **esa Marta**, sino la otra. Marta Odera, ex monja, buena mujer para todos los que la conocían y empezaron a temer por ella desde el día en que conoció a su tocaya. Esa, a la que terminaría matando de más de cien puñaladas. A pesar de que, según los policías que se ocuparon del caso, un par eran más que suficientes para acabar con su vida. (<http://www.lanacion.com.ar/722100>)

(5.117) Recuerdo que hace más de dos años en esta misma oficina me reuní con Antonella y le conté la historia por primera vez, y que volví a hacerlo poco antes de iniciar el rodaje, sin que se hubieran dado cambios. Lo mismo pasó con Federico, a quien **este Frank** le calza a medida.

(...)

Mignogna explica que una vez que el proyecto tomó forma, Luppi (que este año cumple cuarenta años de matrimonio con el cine), tenía pensada una imagen más salvaje para su Frank. (<http://www.lanacion.com.ar/725333>)

(5.118) -Si Michael Jackson no pasó por tu cabeza, ¿cuál fue tu inspiración para interpretar a Willy Wonka?  
-No fue nadie específico. Pensé mucho en los anfitriones adultos de programas para niños que yo veía cuando crecía, gente como Captain Kangaroo o Mr. Rogers. Siempre me pareció extraña la forma en que les hablaban a los niños. También traté de usar la energía de un anfitrión de un programa de juegos. Me gustó la idea de mezclar el comportamiento del primero con los manierismos plásticos del segundo. De ahí sale esa sonrisa rara que tiene **este Wonka**. (<http://www.lanacion.com.ar/725643>)

Em (5.116), está clara a oposição entre duas mulheres de nome Marta, *Marta Fernández* e *Marta Odera*, e o SN *esa Marta* identifica uma em relação à outra. Por outro lado, em (5.117), o SN *este Frank* refere-se ao personagem sobre o qual se falava, Frank Osorio, do filme *El viento*, de Eduardo Mignogna. Não há, explicitamente, no contexto, outro indivíduo de mesmo nome. Igualmente, em (5.118), o SN *este Wonka* remete ao personagem Willy Wonka, do filme *A fantástica fábrica de chocolate* (Charlie y la fábrica de chocolate). Também não existe no contexto, de maneira explícita, outro indivíduo de mesmo nome.

### 5.1.10. Antropônimos precedidos por *tal* [art. + *tal* + Antr.]

No *corpus* desta pesquisa, encontraram-se dois casos de antropônimo precedido por *tal*. Antes de examiná-los, convém discutir a função desse item léxico, classificado nas gramáticas tradicionais como um demonstrativo. Mas sua classificação não é simples, como recorda Leonetti (1999a: 812). Esse autor afirma que esse elemento pode ser usado como determinante definido como em *Nunca dije tal cosa* e também em combinação com artigo definido e indefinido, como em *un tal Ernesto, el tal Ernesto*. Nestes casos, Leonetti afirma que *tal* parece funcionar como adjetivo<sup>116</sup>.

Algumas características de *tal* apontadas por Eguren (1999: 949) são: concorda com o substantivo só em número; não é um dêitico locativo; usa-se basicamente como elemento anafórico e não de maneira gestual ou simbólica (Cf. também Leonetti, 1999b: 58). Essas características distinguem os usos de *tal* que serão analisados abaixo dos demonstrativos *este, esta...* Além do mais, é preciso considerar que *tal* pode combinar com artigo (*el tal...*, *un tal...*) e com os demonstrativos (*este tal, esta tal...*), o que não é possível entre os artigos e demonstrativos (*\*el este, \*la esta...*).

Sobre o uso de *tal* antes de nomes próprios, expõe Martínez (1999: 2727): “Con el nombre propio (...) el hablante señala, un tanto paradójicamente, que lo nombrado le es desconocido (salvo en el nombre): *Habló con un tal Lucas, y el tal Lucas fue el que nos ayudó; Ese tal Rodríguez lo amenazó por teléfono.*”

Encontram-se no *corpus* ocorrências de [art. + *tal* + Antr.] com artigo indefinido (5.119) e com artigo definido (5.120). As interpretações são distintas. No primeiro caso, *tal* não tem função anafórica. O SN *un tal Rodney Falk* é utilizado pelo usuário para apresentar o personagem do livro de Javier Cercas. Parece que o que está em jogo não é o fato de que o personagem seja desconhecido, mas o fato de não querer dar-lhe maior destaque, o que seria diferente se dissesse: “*conoce allí a Rodney Falk, un veterano de la Guerra de Vietnam*”. Note-se que, suprimido *tal*, o SN *un Rodney Falk* daria interpretação totalmente diferente.

No exemplo (5.120), *tal* apresenta valor anafórico, tal como comentam os autores citados. Observa-se ainda que existe uma longa distância entre o SN *el tal*

<sup>116</sup> Analisando diferentes usos de *tal*, Leonetti (1999b: 59) supõe que *tal* (así como *semejante*) seja tanto adjetivo como determinante, tendo, neste caso, um comportamento não típico da classe de DET. O autor, no entanto, afirma que deixa a questão sem resolver.

*Bertoldo* e a menção anterior a *Bertoldo*, o que pode justificar a presença do item *tal*, ou seja, teríamos uma interpretação como *aquel Bertoldo citado anteriormente*.

(5.119) El narrador -nunca dice su nombre, pero se supone que es Cercas mismo- conoce allí a **un tal Rodney Falk**, veterano de la Guerra de Vietnam. (<http://www.lanacion.com.ar/719713>)

(5.120) El actor Pablo Messiez hará justamente de Bertoldo. Pablo, junto a Analía Couceyro y Lautaro Vilo, son tres de los actores de un elenco que integran Osvaldo Bonet, Horacio Peña, Roberto Castro, Pablo Caramelo, Javier Rodríguez y Francisco Civit.

(...)

Por su parte, el papel de Pablo Messiez, **el tal Bertoldo**, tampoco entiende demasiado lo que sucede.

(<http://www.lanacion.com.ar/725991>)

### 5.1.11. Outros casos

Os exemplos abaixo têm uma estrutura sintática diferente daqueles que foram analisados até agora. Em (5.121), tem-se um antropônimo seguido de oração adjetiva; em (5.122), a construção [el + SPrep]; e em (5.123) um antropônimo seguido de um sintagma preposicionado. Esses constituintes de valor restritivo (relativa e sintagmas preposicionados) não têm a função de criar uma imagem do portador do nome próprio, como será o caso dos exemplos analisados em 5.2.1. Seria possível propor que a restrição tem uma função equivalente à de um nome próprio (como um sobrenome), na medida em que delimita uma entidade de um grupo de indivíduos que possuem o mesmo nome. Assim, em (5.121), a oração *que ideó Bram Stoker* especifica o vampiro de que se fala, o Drácula do autor irlandês Bram Stoker, eliminando a possibilidade de referência a outros personagens de igual nome ou a outras versões de Drácula. Em (5.122), os sintagmas *de Francia* e *de Alemania* servem para diferenciar dois indivíduos de mesmo nome, Enrique, antropônimo que é recuperado da interrogativa anterior *¿Cuál Enrique IV es?* Em (5.123), *de "La escuela de las mujeres"* restringe a leitura ao personagem de Molière.

(5.121) Mañana, a las 16, "12 corazones", por Canal 13, se vestirá con el ropaje propio de las leyendas de vampiros. La escenografía y las consignas de seducción del día remitirán a la estética **del "Drácula" que ideó Bram Stoker**. (<http://www.lanacion.com.ar/718061>)

(5.122) La confusión también está presente en la obra de Pirandello que, con las actuaciones protagónicas de Alfredo Alcón y Elena Tasisto, se

estrenará hoy en el Teatro San Martín. "¿Cuál Enrique IV es? ¿**El de Francia?**", pregunta apenas comienza la obra el personaje Bertoldo. "¡Me podrían haber dicho que se trataba **del de Alemania** y no de Enrique IV de Francia! (<http://www.lanacion.com.ar/725991>)

- (5.123) La comedia del arte, en particular, immortalizó a dos viejos característicos como personajes risibles: el avaro Pantalón, tirano doméstico que siempre termina burlado, por sus servidores o por su pupila, joven y vivaracha, y Polichinela, el vejete jorobado que encarna la cínica sabiduría popular, con algo del Viejo Vizcacha del "Martín Fierro". De Pantalón deriva **el Arnolphe de "La escuela de las mujeres"**, de Molière, sucedido por don Bartolo, de "El barbero de Sevilla", de Beaumarchais-Rossini: hombres de edad avanzada, resueltos a impedir -por celos o por interés pecuniario- los amoríos de los jóvenes. (<http://www.lanacion.com.ar/723661>)

Esses exemplos, embora sejam diferentes formalmente dos anteriores, permanecem neste Grupo 1 pois os SNs que contêm os antropônimos<sup>117</sup> mantêm sua referência ao portador inicial. O fato de que existam outros indivíduos com o mesmo antropônimo não impede que o processo de referência seja o mesmo que o que se encontra nos casos anteriores deste Grupo.

## 5.2. GRUPO 2

Neste grupo, encontram-se os usos em que o referente do SN não é mais o portador inicial do nome próprio. Todavia, existe uma relação entre o referente e o antropônimo, a qual pode surgir a partir de uma propriedade ou de um produto do portador do nome. Ao contrário da seção anterior, serão apresentadas as subdivisões deste grupo com base em critérios semânticos e, internamente, será feita a consideração dos aspectos sintáticos dos SNs.

### 5.2.1. A interpretação "manifestação", "fase" ou "imagem" do referente

*L'identité suppose en effet une opération de reconnaissance de deux choses différentes comme étant la même chose.*

Georges Kleiber (2006 : 48)

Os casos que serão analisados nesta subseção enquadram-se no que Jonasson (1994) chama de interpretação do tipo manifestação, Fernández Leborans

<sup>117</sup> Para (5.120), seria necessário postular uma elipse do antropônimo *Enrique*.

(1999a) classifica como interpretação relativa a uma fase do referente e Gary-Prieur (2001) denomina interpretação-imagem<sup>118</sup>. Nesses exemplos, o SN no qual aparece o antropônimo refere-se a diferentes aspectos (manifestações, fases ou imagens) do portador do nome. Para Kleiber (2006: 41), este uso permitiria remeter às diferentes instâncias espaço-temporais (*instances spatio-temporelles*) de um indivíduo, uma vez que, segundo o autor, do ponto de vista lingüístico, elas não poderiam ser denominadas por um nome próprio. Em outras palavras, a língua dispõe de nomes próprios para o indivíduo inteiro e não para suas facetas, as quais necessitam de diferentes construções lingüísticas para serem explicitadas – cf. Capítulo 2.

Vejam-se primeiro os exemplos sob a forma: [art. def. + (Antr) + de + SN]:

- (5.124) Al principio, Jean-François Casanovas entregó un logrado tributo a **la Nacha Guevara de los años 60**; más tarde, junto a Eduardo Solá, quiso mezclar nostalgia con vanguardia en un pastiche que pocos comprendieron. (<http://www.lanacion.com.ar/721419>)
- (5.125) Entre los musicólogos argentinos más destacados de los últimos veinte años podrían ser mencionados Malena Kuss, Leonardo Waisman, Gerardo Huseby, Héctor Rubio, Irma Ruiz, Omar Corrado y Bernardo Illari, casi todos doctorados en universidades extranjeras. Sus investigaciones avanzan sobre temas tan diversos como la música de Alberto Ginastera, la significación de los sonidos en los rituales de las etnias aborígenes argentinas, el barroco latinoamericano, las múltiples facetas de la música popular urbana, la elaboración temática en **el Beethoven del período medio** o la formulación de teorías para la práctica musicológica. (<http://www.lanacion.com.ar/724013>)
- (5.126) –¿Qué diferencias encontrás entre **el Juanes de “Fíjate bien”**, tu primer disco, y **el Juanes de este tercer trabajo**, “Mi sangre”?  
–Pasaron cinco años y creo que la diferencia es que ahora estoy más cerca de lo que soy en realidad. En esencia, no he cambiado, pero **el Juanes de “Fíjate bien”** representa mi lado más oscuro y de rabia. (<http://www.lanacion.com.ar/723028>)
- (5.127) Como una corriente de fresco e ingenioso buen humor, llega a la cartelera de Buenos Aires esta obra maestra **del Rossini de “El barbero de Sevilla”**, en una versión pareja que cuenta con buenas voces, algunas consagradas y otras en plena afirmación ascendente. (<http://www.lanacion.com.ar/723632>)
- (5.128) Está el Vinicius teatral, **el [Vinicius] de “Orfeo”** (en el canto de “Lamento no morro” y “Mulher, sempre mulher” y en el monólogo leído con convicción y sosiego); **el [Vinicius] de los afrosambas con Baden Powell** (como el imperecedero “Samba da bênção”, donde se oye la guitarra de Powell Jr.); **el [Vinicius] de la era brillante de la bossa junto a Jobim** (“O que tinha de ser”); **el [Vinicius] de los temas**

<sup>118</sup> Também se encontra entre os autores o termo *fracionamento* (*fractionnement*).



**dramáticos que calzaban como un guante en el repertorio de Maysa**, como ese "Bom dia, tristeza" que ella recrea en clima cool. (<http://www.lanacion.com.ar/721725>)

(5.129) "**El Mateo del candombe beat** es real. Pero no hay que limitarlo a eso, era muy virtuoso en otros estilos", decía Diane durante una entrevista al diario El País de Montevideo, hace poco más de un lustro. (<http://www.lanacion.com.ar/721738>)

Em (5.124), o SN *la Nacha Guevara de los años 60* remete a uma faceta da artista Nacha Guevara, uma imagem criada por meio de um corte temporal. No segundo exemplo, também se faz um corte temporal e o SN destacado refere-se ao músico Beethoven durante a sua fase de criação artística chamada de período médio (de 1803 a 1812). Em (5.126), ressalta-se a imagem do cantor Juanes associada ou com o seu primeiro disco (*el Juanes de "Fíjate bien"*) ou com o terceiro (*el Juanes de este tercer trabajo*). Vê-se então que, desta vez, o recorte é feito com base na obra do artista. O mesmo acontece no exemplo (5.127), desta vez com a ópera de Rossini.

Segundo Fernández Leborans (1999a: 114), o nome próprio, em exemplos como esses, em que se acrescentam complementos restritivos, adquiririam usos típicos de nome comum – teriam rendimento de nome comum. Os complementos determinariam uma leitura definida de caráter contrastivo. Mas, como já destacado, neste trabalho não se associa o antropônimo sintaticamente modificado aos nomes comuns.

A mesma autora, ao tratar da construção [Artículo definido + nombre propio + complemento(s)], nos quais os complementos são formados por [de + SN], remete sua análise à de Gary-Prieur (1994), que, por sua vez, busca em Fauconnier (1984) subsídios para sua análise. Para esta autora, Gary-Prieur, a expansão em uma interpretação identificadora de *Le Np Expansion* (Art. def. + NPr + Expansão) serviria para construir uma imagem do referente. Com relação à construção com *de*, a preposição indicaria em qual espaço mental deve ser construída a imagem do referente inicial<sup>119</sup>. Ela identifica quatro tipos de espaços em que se definem as propriedades que servem para construir a imagem do referente inicial:

- a) um espaço-tempo: *la Louise de ma jeunesse; le Doriot d'avant 1940; etc.*
- b) um espaço-lugar: *la France des bistros; les Paris des musées; etc.*

<sup>119</sup> Na verdade, não é a preposição *e*, sim, todo o sintagma preposicionado o elemento responsável pela indicação do espaço mental.

c) um espaço-obra: *le Byron de la "Correspondance"*; *la Katherine Hepburn de Little Women*; etc.

d) um espaço-pessoa: *la Louise d'Hermine*; etc. (Gary-Prieur, 1994: 109)<sup>120</sup>

Observando os exemplos do *corpus*, encontram-se casos de construção de imagens a partir de um espaço-tempo (5.124) e (5.125) e também de um espaço-obra (5.126) e (5.127). No caso de (5.128), entrecruzam-se espaço-obra e espaço-tempo. Embora Fernández Leborans (1999a: 115) sugira outras possibilidades além daquelas citadas por Gary-Prieur – a lingüista espanhola sugere *el Vicente de las mil caras e la España del flamenco* –, não as nomeia. O exemplo (5.129) do *corpus* permite que se proponha um novo espaço mental e se fale em um espaço-estilo: neste caso, construindo-se uma imagem do músico Eduardo Mateo a partir do estilo *candombe beat*.

Além do complemento [*de* + *SM*], outras possibilidades sintáticas de complementos apontadas pelas autoras para esta mesma interpretação são: nome próprio seguido de orações adjetivas restritivas e nome próprio seguido de adjetivos. No *corpus* desta pesquisa, (5.130) apresenta a construção [*art. def. + Antr + or. adj.*], enquanto (5.131) apresenta a construção [*art. def. + Antr + Adj*]:

(5.130) Sí, **el Pink Floyd que exploró las posibilidades sonoras más allá**, siempre un paso delante del resto. El grupo que rompió los límites del rock. (<http://www.lanacion.com.ar/717370>)

(5.131) Sin duda, la alternancia en su trabajo profesional no sólo tuvo que ver con las variantes **del Antonio actor y el músico**. (<http://www.lanacion.com.ar/723326>)

No segundo exemplo, que pertence a um fragmento textual no qual se trata das diferentes formas de produção dos álbuns de Antonio Birabent, destacam-se diferentes imagens profissionais que poderia ter o portador do antropônimo. Assim, haveria outras (relacionadas às diferentes formas de produção do disco), além de ator e músico.

Paralelamente às construções anteriores, é possível incluir neste subgrupo os seguintes exemplos com demonstrativos:

<sup>120</sup> Privilegiou-se aqui a citação dos exemplos contendo antropônimos. O segundo caso, (b), estaria, segundo a própria autora, limitado aos nomes de lugar.

- (5.132) Agustín Markert personifica con convicção a **ese Tomás inmerso en sus dudas y revelaciones**, bien apoyado por Carolina Fal y Julieta Cardinali, en tanto que Diego Rafecas procura, sin éxito, ponerse en la piel del hermano que, al principio, no comprende situaciones que parecen estar más allá de su existencia cotidiana. (<http://www.lanacion.com.ar/721057>)
- (5.133) *A Bach le habría gustado estar en la fiesta de Babette*  
 (...)
   
Con todo, hurgando y removiendo testimonios se descubre que Johann Sebastian, el serio organista alemán, el circunspecto luterano de las cantatas más bellas jamás escritas, se deleitaba con la buena bebida.  
 (...)
   
Sin lugar a dudas, **este Bach** podría haber estado, y muy feliz, en la fiesta de Babette. (<http://www.lanacion.com.ar/719083>)
- (5.134) Ella, una argentina optimista que con sus dos hijos se refugió en España; es fantasiosa, alegre y optimista. Su deseo nunca satisfecho es entrar en la Fontana Di Trevi como **aquella Anita Ekberg de "La dolce vita"**, mientras espera a su Marcello Mastroianni, que tarda en llegar.  
 (...)
   
Y aquí están el español Manuel Alexandre, excelente en su primero perturbado y luego optimista Fred, y China Zorrilla, que aporta a su Elsa toda la ternura y la picardía que pedía su nada fácil papel. (<http://www.lanacion.com.ar/724979>)

Nos três exemplos, o demonstrativo não serve para distinguir dois ou mais indivíduos de mesmo nome, ou seja, não se cria uma classe de dois ou mais portadores dos nomes *Tomás* ou *Bach* – conforme já comentado para exemplos com demonstrativo. A expansão provoca uma leitura de aspecto do portador do nome. Também não se pode falar em um emprego ostensivo para introdução de um novo referente, uma vez que, como ressalta Kleiber (1991: 87), não é possível utilizar um SN gestual [demonst. + Antr.] (*Ce + Nom propre*) para introduzir um referente novo. De fato, em ambos os casos, já haviam sido introduzidos os referentes dos antropônimos e os demonstrativos cumprem sua função anafórica.

O que se destaca de (5.132) a (5.134) são facetas dos portadores dos nomes próprios, o que possibilita interpretação semelhante à dos exemplos anteriores desta subseção. Em (5.132), *ese Tomás inmerso en sus dudas* refere-se a um aspecto / imagem do personagem Tomás, interpretado por Agustín Market. Em (5.133), trata-se de uma maneira de ressaltar uma característica do compositor, a de uma pessoa que gosta de beber e que, por este motivo, teria gostado de estar na festa de Babette (referência ao filme *A festa de Babette*). Em (5.134), o SN *aquella Anita Ekberg de "La dolce vita"* remete a uma manifestação da atriz sueca Anita Ekberg. O sintagma

preposicionado posposto ao antropônimo também cria uma leitura do tipo manifestação.

Para Kleiber (1991: 97), o referente do SN em casos como os anteriores representa uma “parte” do portador no nome próprio. Tal construção está incluída, entre as situações analisadas pelo autor, naquela em que o locutor possui a capacidade de utilizar o nome próprio “não modificado” (*non modifié*) para o portador do nome, mas deseja remeter a um referente diferente.

Tratando da mesma construção desta subseção, Gary-Prieur (2001) afirma que é unicamente na medida em que um indivíduo é designado pelo seu nome próprio que é possível expressar, por meio da construção *Le N Exp*, uma multiplicidade de visões ligadas à multiplicidade interna deste indivíduo. A autora fala em *plural interno* de um indivíduo, que seria explicado da seguinte forma: *les deux Doriot = ‘Doriot en tant qu’il a la propriété p1 et Doriot en tant qu’il a la propriété p2’*<sup>121</sup>. Assim, conclui a autora que os nomes próprios se distinguem dos nomes comuns por conhecerem duas estruturas interpretáveis como ‘perspectivas sobre um indivíduo’<sup>122</sup>, enquanto que os nomes comuns só conheceriam uma. São exemplos seus: a) *Pierre en tant que militant*; b) *le Pierre militant* (p. 73). De acordo com Gary-Prieur, somente a primeira construção seria possível com nome comum.

Pode-se retomar o exemplo (5.126) e observar o que se afirmou:

(5.126) –¿Qué diferencias encontrás entre **el Juanes de “Fíjate bien”**, tu primer disco, y **el Juanes de este tercer trabajo**, “Mi sangre”?

(5.126a) –¿Qué diferencias encontrás entre **el cantante de “Fíjate bien”**, tu primer disco, y **el cantante de este tercer trabajo**, “Mi sangre”?

Em (5.126a), precisa-se atribuir aos SNs destacados referentes (indivíduos) diferentes, enquanto em (5.126) a referência é feita a distintos aspectos do mesmo portador do nome.

O exemplo abaixo, embora tenha uma configuração sintática idêntica, [art. def. + Antr + Adj.], recebe uma interpretação mais complicada. Em (5.135), se, em princípio, o SN *la Rita actual* poderia ser interpretado como uma remissão a uma manifestação, fase ou imagem de Rita (personagem fictícia da peça *Rita la Salvaje*),

<sup>121</sup> Esse plural interno se oporia a um *plural externo*, ilustrado pela *interpretação denominativa*, em que *les deux Doriot* corresponderia a ‘un individu x qui s’appelle Doriot et un individu y qui s’appelle Doriot’ (Gary-Prieur, 2001: 67).

<sup>122</sup> A autora retoma MOLTSMANN, Friederike. **Parts and wholes in semantics**. New York – Oxford: Oxford University Press, 1997.

também é possível propor uma distinção entre duas portadoras com mesmo nome: uma Rita jovem (interpretada pela atriz Emme) e outra mais velha (interpretada pela atriz Lidia Catalano). Neste caso, se estaria considerando que cada personagem está relacionado a um referente – embora ambos estejam conectados com a mesma pessoa do mundo real.

(5.135) Emme y Catalano, los dos rostros de Rita

Y es **la Rita actual** la encargada de la evocación, en una caracterización de veras conmovedora, y muy divertida a la vez, de la notable Lidia Catalano. (<http://www.lanacion.com.ar/718073>)

Considere-se agora a construção paralela à anterior, mas com o artigo indefinido: [*un* + antropônimo + complemento]. Fernández Leborans (1999a: 120), novamente apoiada em trabalhos de Gary-Prieur e Jonasson, afirma que essa estrutura admite uma interpretação relativa a uma entre várias fases ou modos de manifestação do portador do nome próprio. Para essa autora, o nome próprio “denota la ‘clase’ de estadios diferentes que puede asumir el portador del NP” (p. 120).

Gary-Prieur (1994: 154) afirma que, da mesma forma que *le Np Exp*, a construção *un Np Exp* também cria uma imagem do referente inicial. Seria uma imagem discursiva, ligada à temporalidade do enunciado ou situada em um mundo possível. Para a autora, na segunda estrutura, o artigo indefinido desempenha seu valor habitual: pressupõe a multiplicidade de imagens possíveis do referente inicial e introduz um objeto novo, singular, definido apenas no contexto do discurso. De acordo com Gary-Prieur (1994), seria essa dependência de *un Np Exp* ao universo do discurso o que oporia a construção com artigo indefinido à construção paralela com artigo definido. Com relação à temporalidade da imagem, a autora afirma o seguinte: “Associado ao nome próprio e a uma expansão, *um (un)* permite dar, do referente inicial, uma imagem limitada ao tempo do discurso, enquanto que *o (le)* evoca uma imagem atemporal, definida em um universo de crença exterior ao universo do discurso<sup>123</sup>” (Gary-Prieur, 1994: 156. Cf. também Gary-Prieur, 2001: 76). Em outras palavras, com o artigo indefinido apresenta-se uma imagem nova do portador do nome próprio, diferentemente da construção com artigo definido, que pressuporia o conhecimento por parte do interlocutor da imagem do portador do antropônimo.

Outra diferença destacada pela autora é que *le Np Exp* teria como forma típica a expansão de N, ou seja, um sintagma preposicionado começado por *de*, ao

<sup>123</sup> No original: “Associé au nom propre et à une expansion, *un* permet donc de donner du référent initial une image limitée au temps du discours, tandis que *le* évoque une image atemporelle, définie dans un univers de croyance extérieur à l’univers du discours”.

passo que com a construção com o artigo indefinido encontrar-se-iam apenas expansões com relativas ou adjetivos (p. 155). No *corpus* desta pesquisa, a construção [un + Antr + expansión] apresenta, principalmente, casos com orações com pronome relativo e com adjetivos. Mas há um em que se tem um sintagma preposicionado. Vejam-se os exemplos:

a) construções com oração com pronome relativo:

(5.136) Eso fue un día antes de que la cantante cumpliera 70 años y sirvió para ver de nuevo el rostro de **una "negra" Sosa que no disimula los problemas de salud sufridos durante los últimos años** y para escuchar a una voz emocionada por el premio y muy entusiasmada por su trabajo.

"Ustedes están ante **una Mercedes Sosa que canta mejor que nunca**. [Una Mercedes Sosa] **Totalmente descansada**".

(...)

Vio a **una Mercedes Sosa que anda con problemas de columna, que pidió un almohadón para su silla en medio del acto**; la que por ahora no puede volver a los escenarios. (<http://www.lanacion.com.ar/720129>)

(5.137) Un diálogo repleto de saludos, halagos y agradecimientos a productores, músicos y amigos, anécdotas con apellidos ilustres y **una Fabiana Cantilo que**, se nota, **disfrutó** al grabar este disco de homenaje al rock nacional, pero, bueno, ahora está haciendo playback, una y otra vez, para cumplir con la filmación de un video que la compañía discográfica utilizará como material promocional. (<http://www.lanacion.com.ar/724219>)

b) construções com adjetivos:

(5.138) «Queremos **una Mercedes Sosa clásica**». Y **una Mercedes Sosa clásica es una folklórica**". (<http://www.lanacion.com.ar/720129>)

(5.139) La tercera y sexta secciones de la obra contaron con **un Víctor Torres pleno en su capacidad expresiva** con parejo y vigoroso rendimiento vocal, en la contrastante visión sobre la existencia. (<http://www.lanacion.com.ar/721389>)

(5.140) Además, si bien hubo proyecciones de muy buen efecto visual: nubes, tormentas, planicies o montañas, nos parecieron excesivamente audaces las de aviones, guerras y soldados, aunque no estaría de más dejar correr la imaginación hasta el punto de imaginar a **un Richard Wagner revivido** aplicando todos esos recursos, más un televisor gigante, con la intención de mostrar la historia de la humanidad en la descarnada lucha de las pasiones, las mayoritarias siempre muy bajas y las pocas que elevan y liberan. (<http://www.lanacion.com.ar/721089>)

- (5.141) **Un Tom Cruise convincente** que no sólo debe salvarse y salvar a sus hijos de los marcianos, sino también de otro tipo de peligros internos y externos. (<http://www.lanacion.com.ar/721730>)
- (5.142) Nina Warren fue una muy buena Brünnhilde, desenvuelta en sus desplazamientos, de voz timbrada, sensitiva y refinada en el canto, muy emotiva en el decir, en tanto que Dinah Bryant, logró **una Sieglinde sumamente convincente** en el plano de actriz y desde el punto vocal muy segura con notas algo descoloridas en la zona aguda y buen volumen. (<http://www.lanacion.com.ar/721089>)
- (5.143) Coproducida entre Italia, España y el Reino Unido, "Un loco amor" también llamó la atención en su estreno europeo por la aparición en pantalla, en el papel clave de Italia, de **una Penélope Cruz afeada** y casi desconocida para una interpretación que sorprendió a muchos. (<http://www.lanacion.com.ar/724206>)
- (5.144) María Pía Piscitelli fue **una Amelia expresiva**, de canto en buen estilo, no sólo por la claridad de su italiano, sino por el fraseo cálido y comunicativo, transmitido por una voz de grato color, que maneja con solvencia, desde las notas plenas hasta filados, y terminación de frases prolijas y refinadas. (<http://www.lanacion.com.ar/720110>)
- (5.145) En lo interpretativo, **un Molière mayor** se cruza con **un Molière joven**. El primero (Pablo Aguilera) se construye con fuertes trazos grotescos que opacan la calidad del dramaturgo. El segundo (Leonardo Reale), en cambio, opta por una imagen distante, demasiado formal, por lo que no termina de justificarse como personaje, excepto cuando llega al mundo contemporáneo, pero aquí no se destaca Molière, sino el bailarín y su capacidad personal. (<http://www.lanacion.com.ar/723994>)

c) construção com preposição:

- (5.146) En cuanto al ropaje, se vio una suma de estilos, desde el traje negro contemporáneo en Wotan con la lanza, hasta **una Fricka con vestido de fiesta ya antiguo muy poco sentador** y walkyrias con polleritas, peinados y escudos diversos. (<http://www.lanacion.com.ar/721089>)

Os SNs destacados em (5.136) e (5.138) pertencem ao mesmo texto e em todos os casos apresentam-se imagens da cantora Mercedes Sosa. Essas imagens são construídas a partir de atos e atitudes relacionados a: comportamento (*no disimula los problemas de salud*); atuação profissional (*canta mejor que nunca; clásica; folklórica*); estado físico (*totalmente descansada; anda con problemas de salud*), ações de um espaço temporal definido (*pidió un almohadón*). Nos exemplos, percebe-se, com efeito, que o artigo indefinido possibilita uma multiplicidade de imagens possíveis do referente inicial. Essas imagens, que constituem facetas de um mesmo indivíduo, permitem confirmar a noção de indivíduo de Kleiber (2006): "Se o indivíduo não fosse

concebido como uma entidade permanecendo o mesmo indivíduo através de suas diferentes instâncias espaço-temporais, com efeito, não seria possível ter os famosos *empregos de fracionamento* ou de *multiplicidade interna* que estão na origem de uma boa parte de nomes próprios modificados”<sup>124</sup>.

Conforme exposto, nos exemplos desta subseção, os SNs analisados se referem a imagens dos portadores dos antropônimos. De certa maneira, eles se aproximam dos casos do Grupo 1, na medida em que o referente discursivo relaciona-se diretamente com os portadores do nome próprio. Tal proximidade pode ser o que tenha levado Gary-Prieur (1994: 154) a afirmar que, no exemplo “*Nous avançons lentement dans les rues d’un Paris tropical*”, se a caminhada tiver ocorrido na capital da França, o referente de *un Paris tropical* coincide com o de Paris.

Entretanto, o processo de modificação semântica existente cria uma nova interpretação e não mais se tem um referente tratado na sua totalidade, mas na sua parte – o que permite falar em um novo referente. Essa interpretação, manifestação, fase ou imagem, é a mesma que pode ser atribuída ao exemplo abaixo, em que não se tem uma configuração sintática dos exemplos anteriores. Isso mostra que a análise apresentada não se restringe às construções [art. + Antr. + expansión].

(5.147) "Siempre admiré a **Alfredo** como actor.  
(<http://www.lanacion.com.ar/725991>)

Em espanhol, é possível substituir este *como* pelas expressões: *en tanto que*, *en cuanto* y *en calidad de*. Dessa forma, seriam paráfrases possíveis de (5.147): *Siempre admiré a Alfredo en tanto que actor*, *Siempre admiré a Alfredo en cuanto actor* ou *Siempre admiré a Alfredo en calidad de actor*. Nesses casos, o que se faz é limitar as imagens de Alfredo Alcón, destacando aquela em que é ator. Igualmente, também seria semelhante a interpretação se no lugar de *como*, estivesse a construção com artigo e expansão que foi discutida nesta subseção: *Siempre admiré al Alfredo actor*.

---

<sup>124</sup> No original: “Si l’individu n’était pas conçu comme une entité restant le même individu à travers ses différentes instances spatio-temporelles il ne serait en effet pas possible d’avoir ces fameux *emplois de fractionnement* ou de *multiplicité interne* qui sont à la source d’une bonne partie des noms propres modifiés.”



### 5.2.2. A interpretação metafórica

*“–Tiene cara de llamarse Esteban. Era verdad. A la mayoría le bastó con mirarlo otra vez para comprender que no podía tener otro nombre.”*

*(La increíble y triste historia de la Cándida Eréndira y de su abuela desalmada, Gabriel García Márquez)*

Nos casos da subseção anterior, o referente do SN que continha o nome próprio era um aspecto do portador do antropônimo – ou, como visto, uma manifestação, fase ou imagem. Nos casos abaixo, a situação é diferente: o referente do SN que contém o antropônimo continua sendo diferente daquele do portador do nome próprio – o que justifica a inclusão dos exemplos neste Grupo 2 –, mas a referência é feita a um (ou mais) indivíduo(s) criado(s) a partir de uma ou mais propriedades do referente inicial.

Antes de ir aos exemplos do *corpus*, é preciso ressaltar que alguns autores que têm se ocupado dos diferentes usos dos nomes próprios costumam diferenciar a interpretação metafórica da interpretação exemplar, esta geralmente associada à construção [un + NPr]<sup>125</sup>. Sobre essa diferenciação, expõe Fernández Leborans (1999a: 118): “Un tipo de construcción peculiar con *un NP* es la que corresponde a la denominada interpretación ‘ejemplar’; se trata de una variedad del uso metafórico, si bien no hay unanimidad al respecto.” (grifos meus). As palavras da autora podem ser compreendidas a partir do que afirmam Jonasson (1994: 232) e Gary-Prieur (1994: 144). De acordo com a primeira, a interpretação exemplar constitui um primeiro passo para a metaforização. Para a segunda, ambas as interpretações são bem próximas e, às vezes, é difícil distinguir uma da outra. Segundo Gary-Prieur (1994: 145), a diferença entre a interpretação exemplar e a interpretação metafórica é que, no primeiro caso, tem-se uma classe virtual cujo único representante real é o referente inicial do nome próprio, ao passo que, no segundo caso, tem-se uma classe real em que se seleciona um (ou mais) indivíduo, distinto do referente do nome próprio, o qual não faz parte da classe. De maneira semelhante, Jonasson (1994: 233) afirma que o nome próprio metafórico é aplicado a um referente distinto do portador original e que o nome próprio modificado exemplar descreve no discurso seu portador original.

<sup>125</sup> Cf. também as seções 2.2 e 2.3 desta tese.

Com relação à caracterização sintática, os autores consideram a construção [art. indef. + Npr] como típica da interpretação exemplar – Gary-Prieur (1994: 146) ressalta que uma bem favorável à interpretação exemplar é a que [art. indef. + Antr.] está em posição de complemento de um nome introduzido por artigo definido (*le N d'un Np*). Fernández Leborans (1999a: 119) defende que *un NP* de construção exemplar é uma expressão em função referencial e, diferentemente do uso metafórico, não pode aparecer em função de atributo.

O efeito semântico defendido por Gary-Prieur (1994: 138) seria consequência da combinação de *un* com um nome próprio, que conservaria seu valor de termo singular. A representação proposta pela lingüista é: “un Np = un individu COMME le  $x_i$  qu'il est”<sup>126</sup> (p. 140). Em Gary-Prieur (2001: 117), a autora defende que na interpretação exemplar de *un NP* a classe construída é uma classe virtual, definida a partir da singularidade do referente inicial do nome próprio. Em seu exemplo, *Comment se fait-il qu'un Balzac, un Barbey d'Aurevilly, un Chateaubriand, si novateurs dans l'art d'écrire, aient été réactionnaires en politique?*, o uso de *un Balzac* daria a dupla instrução: a) imaginar uma classe de homens como Balzac; b) considerar que Balzac é o único representante dessa classe no mundo do discurso<sup>127</sup>. Retomando as palavras de Fernández Leborans (1999a: 119): “El referente del NP [...] importa como poseedor de ciertas cualidades susceptibles de constituir una imagen prototípica de sí mismo”.

Neste trabalho, não se pretende voltar às discussões expostas pelos autores anteriores. Igualmente, não importará a distinção entre interpretação exemplar e interpretação metafórica. Pela própria distinção entre Grupo 1 e Grupo 2, na classificação adotada neste trabalho, não faria sentido incluir uma interpretação próxima à metafórica nos casos do Grupo 1, nem admitir que um antropônimo cuja interpretação (a *exemplar*) deveria ser do Grupo 2 tivesse como representante um único indivíduo coincidente com o referente inicial do nome próprio. Estabelecida essa posição, passa-se agora à apresentação e discussão dos usos metafóricos.

Conforme exposto no Capítulo 3, para Jonasson (1994: 214), no uso metafórico, o SN que contém o nome próprio, em vez de designar um particular, passa

<sup>126</sup> Para as formas de plural, a autora propõe: “les Np<sub>1</sub> (Np<sub>2</sub>, ...Np<sub>n</sub>) ≡ les N comme  $x_{i_1}$  ( $x_{i_2}, \dots, x_{i_n}$ ) – sobre as diferenças apontadas pela lingüista entre uma interpretação exemplar associada às formas de singular e uma interpretação exemplar associada às formas de plural, veja-se Gary-Prieur (2001: 107 e ss.)”.

<sup>127</sup> Para a autora, essa última instrução seria responsável por distinguir a interpretação exemplar da metafórica. Na primeira, o referente do SN coincide com o referente inicial do nome próprio e na segunda não – veja-se também a próxima subseção. Em nota, Gary-Prieur (2001: 117) afirma: “É o contexto que permite decidir se se está diante de *un Np* exemplar ou de um *un Np* metafórico, segundo o referente do SN coincida ou não com o referente inicial do nome próprio.”

a assinalar um papel (*un type ou un rôle*), pelo qual outro particular é descrito ou identificado. Esse papel seria definido por certas propriedades de um particular bem conhecido, o *referente original* do nome próprio metafórico. Além do mais, o SN designaria o que ela chama de *referente discursivo*. Neste trabalho, adotam-se as noções de *referente original* (ao qual chamamos também de *referente inicial*) e de *referente discursivo* de Jonasson (1994), que serão úteis para a análise dos próximos exemplos.

A estrutura mais freqüente com a interpretação metafórica é a seguinte: [Art. indef. + Antr. + expansão]. A expansão, por sua vez, pode manifestar-se como um sintagma adjetivo (modificado ou não) ou por uma oração adjetiva:

- (5.148) Con **un Sancho moderno**, él y su coguionista, Tony Grosini, querían establecer paralelos y contrastes entre el mundo utópico de Don Quijote y el actual, con su crisis de valores espirituales. (<http://www.lanacion.com.ar/722521>)
- (5.149) En el catálogo local no podemos omitir al mayor personaje trágico del teatro rioplatense, don Zoilo, en "Barranca abajo", de Florencio Sánchez, algo así como **un Edipo campero**. (<http://www.lanacion.com.ar/723661>)
- (5.150) **Un Don Quijote que no pudo cabalgar**  
Quijote involuntario, seguro y grotesco, dispuesto a enfrentar cualquier escollo con tal de traducir en imágenes su propia lectura de la inmortal obra de Cervantes, Terry Gilliam terminó trezándose en lucha desapareja no ya con molinos de viento, sino con todo tipo de calamidades y contratiempos. (<http://www.lanacion.com.ar/722521>)
- (5.151) También se utilizó una grúa terrestre de 65 metros de altura, con cuya ayuda vuela un carro de fuego por la superficie del teatro de 7 metros de diámetro, **un Prometeo representado por un gigante robot de 12 metros de alto**, un águila representada por un Uroboro de 12 metros de largo y un Manto Inmortal de Quirón representado por una red colgante formada por 42 personas. (<http://www.lanacion.com.ar/718094>)
- (5.152) **Un "Enrique IV" protagonizado por Alfredo Alcón** puede conducir a una pista incorrecta, como le ocurrió a Analía Couceyro. (<http://www.lanacion.com.ar/725991>)
- (5.153) Y estos factores se hicieron presentes en la versión ofrecida, porque fue admirable el canto y la manera de decir de todo el elenco, desde **un Wotan personificado por Tom Fox**, excelente desde todo punto de vista, hasta el valioso conjunto de walkyrias, impecables en su decir y traducir su terror y dolor frente a la situación de Brünnhilde, la hija dilecta del Dios. (<http://www.lanacion.com.ar/721089>)

O exemplo (5.148) foi extraído de um texto que trata do frustrado projeto do diretor de cinema Terry Gilliam de rodar o filme *The man who killed Don Quijote* (*O homem que matou Dom Quixote*). Vê-se que, segundo informações do próprio texto, no filme, um agente publicitário do século XXI seria confundido por Dom Quixote com Sancho Pança. Esse fato permite a presença da construção *un Sancho moderno*, cujo referente não é o personagem de Cervantes, mas o personagem do filme. Cria-se um contraste entre dois referentes nomeados *Sancho*, ou seja, o da obra literária e outro da produção cinematográfica. Em (5.149), o referente discursivo é don Zoilo, personagem da obra *Barranca abajo*, do escritor uruguaio Florencio Sánchez. No SN, encontra-se o antropônimo *Edipo*, que remete ao herói grego, seguido do adjetivo *campero*.

No exemplo (5.150), o uso do antropônimo *Don Quijote* seguido de *que no pudo cabalgar* permite, em princípio, pensar em diferentes interpretações. Primeiramente, é preciso observar que o referente discursivo não corresponde ao referente inicial, o personagem de Miguel de Cervantes, mas aquele é construído a partir de propriedades deste. O Dom Quixote que não pôde cavalgar pode remeter ao personagem do filme fracassado de Terry Gilliam, e, por extensão, ao próprio filme, mas também ao diretor. Esta última possibilidade se vê reforçada com a leitura da primeira sentença do texto, que se inicia com uma caracterização de Gilliam: “Quijote involuntario, seguro y grotesco, dispuesto a enfrentar cualquier escollo con tal de traducir en imágenes su propia lectura de la inmortal obra de Cervantes”. Em seguida, afirma-se que Gilliam lutou não com moinhos de vento, mas com todo tipo de calamidades e contratempos, o que estabelece claramente o paralelo Terry Gilliam / Don Quixote, já que é bastante conhecido o episódio da luta entre o personagem Dom Quixote e os moinhos de vento.

Nos três exemplos vistos, o referente discursivo, embora remeta o leitor a um indivíduo específico, provoca a criação de uma imagem desse indivíduo a partir das propriedades de outro indivíduo, ou seja, do portador inicial do antropônimo. Esse processo de construção de uma nova imagem também se dá nos exemplos seguintes, (5.151), (5.152) e (5.153). A diferença, aqui, é que são imagens relacionadas a interpretações de personagens fictícios. Em (5.151), não se trata do clássico Prometeu, mas de Prometeu em uma nova representação. Em (5.152) e (5.153), os referentes discursivos são as interpretações que fazem Alfredo Alcón e Tom Fox, respectivamente, dos personagens *Enrique IV* e *Wotan*.

Ao tratar da estrutura *Um NPR Expansão*, Gary-Prieur (1994: 152) retoma Jonasson (1991), para quem a expansão teria como papel atenuar um contraste entre a imagem de 2 modelos mentais. Para aquela autora, no entanto, a expansão, em vez de atenuar um contraste, teria como função criá-lo. O uso metafórico construiria então um objeto novo e imaginário constituído de propriedades contraditórias. Para os exemplos acima, pode-se dizer que a idéia de contradição é mais visível nos casos (5.148) a (5.150). De fato, ser moderno opõe-se a clássico, como o é Sancho Pança; igualmente, ser *campero* opõe-se ao urbano Édipo grego, remetendo, sobretudo, a um personagem rio-platense conhecedor das tarefas e dos costumes do *gaucho*; e não cavalgar contrapõe-se às aventuras do cavaleiro Don Quixote. Por outro lado, nos exemplos de (5.151) a (5.153) a interpretação de um personagem de uma outra forma, ou por um ou outro ator, só é oposta à sua não interpretação, ou seja, não se tem uma real contradição, mas uma oposição que surge a partir das possibilidades de representação de um personagem de ficção.

Em todo caso, é preciso destacar que as características introduzidas pela expansão posposta ao antropônimo não são nunca do referente inicial.

A mesma metáfora do SN destacado do exemplo (5.150), que está no título do texto, é mantida no início do parágrafo, cujo antropônimo aparece, dessa vez, sem o artigo indefinido. Veja-se o exemplo (5.154):

- (5.154) Un Don Quijote que no pudo cabalgar  
**Quijote involuntario, seguro y grotesco, dispuesto a enfrentar cualquier escollo con tal de traducir en imágenes su propia lectura de la inmortal obra de Cervantes**, Terry Gilliam terminó trezándose en lucha desapareja no ya con molinos de viento, sino con todo tipo de calamidades y contratiempos. (<http://www.lanacion.com.ar/722521>)

Outra construção com interpretação metafórica no *corpus* é [art. def. + Antr. + expansão]. Veja-se o exemplo:

- (5.155) Castigado por su aparente falta de estilo, por su espíritu camaleónico (se lo definió como "**el Zelig del cine francés**"), Ozon se mantuvo fiel a sus búsquedas e intereses con una carrera tan rica y arrasadora como inasible y difícil de encasillar. (<http://www.lanacion.com.ar/720805>)

Em (5.155), o referente inicial é Leonard Zelig, personagem do filme Zelig (1983), de Woody Allen, conhecido como o homem-camaleão. O referente discursivo, por outro lado, nos remete ao diretor de cinema francês. O antropônimo, dessa vez,

está seguido de um sintagma preposicionado, que apresenta uma característica (ser do cinema francês) que não se relaciona com o portador inicial.

Ao tratar da construção metafórica *Le Np Expansion*, Gary-Prieur (1994: 117) afirma que esse tipo de expressão funciona sobre o modo de analogia e, para a sua interpretação, seria necessário ter do referente inicial um conhecimento que justificasse a analogia veiculada pela construção. Mas, conforme a autora, essa analogia não se apoiaria nunca sobre uma formulação explícita das propriedades que a fundamentam: ela suporia uma comparação global dos dois referentes, do ponto de vista da posição (ou da notoriedade) deles (p.118). Ainda de acordo com Gary-Prieur, essa construção seria típica dos meios de comunicação e se basearia freqüentemente sobre um evento da atualidade, suficientemente conhecido pelos interlocutores para que a analogia fosse perceptível (p. 118). No exemplo (5.155), a notoriedade dos referentes cumpre papel importante para a interpretação, embora requeira do leitor um conhecimento específico da área cinematográfica.

Nos casos abaixo, observa-se uma configuração semelhante à de (5.155), ou seja, [art. def. + Antr. + expansão] para (5.156) e [art. def. + NC + Antr. + expansão] para (5.157). Mas a diferença, agora, é que temos uma sentença copulativa, na qual o SN antroponímico apresenta uma identificação caracterizadora do indivíduo que é mencionado antes do verbo copulativo *ser*. Essa caracterização se dará a partir de propriedades dos portadores iniciais dos antropônimos *Perón* e *Cabral*. Além do mais, a expansão permite que não exista uma identificação total desses indivíduos prepostos à cópula com o portador original do antropônimo destacado.

(5.156) "Yo soy **el Perón del tango**" solía jactarse. Decía que entendía lo que la gente quería escuchar sólo con una mirada y que los bailarines se movían de acuerdo a la manera en que él cantaba las estrofas. (<http://www.lanacion.com.ar/723728>)

(5.157) **Ciro Fogliatta es el sargento Cabral de la historia del rock del país.** (<http://www.lanacion.com.ar/724989>)

Em (5.156), na reprodução da fala do cantor de tango Alberto Castillo, fragmento que está entre aspas, tem-se uma remissão à popularidade e ao poder do político argentino Juan Domingo Perón. Em (5.157), o referente inicial de sargento Cabral é o soldado argentino Juan Bautista Cabral, que morreu em 1913, ao socorrer o general San Martín, e se converteu em uma espécie de herói nacional. Nesse exemplo, parte-se de traços relacionados a essas propriedades para a caracterização do músico argentino *Ciro Fogliatta*, que se tornou famoso pela criação da banda *Los*

*Gatos*, considerada uma das fundadoras do rock argentino. Entretanto, observando esses exemplos, comprova-se o que expôs Gary-Prieur (1994: 117), isto é, as propriedades que fundamentam a metáfora não estão explícitas no texto e deverá o leitor acessar os conhecimentos de que dispõe sobre os portadores iniciais para a leitura e conseqüentemente a construção de sentidos.

Em obra posterior, Gary-Prieur (2001: 78), ao analisar casos em que um referente plural é construído a partir de um indivíduo singular nomeado pelo nome próprio, trata também de interpretações metafóricas. Para a autora, uma interpretação metafórica seleciona uma ou mais propriedades do conteúdo do nome próprio e constrói objetos diferentes do referente inicial, mas que possuem essa(s) propriedade(s) – posição que já foi comentada. A lingüista sustenta também a hipótese de que os nomes próprios metafóricos conservam, no plural, a singularidade do referente inicial. Para a autora, a metáfora nasce da contradição entre a singularidade do referente inicial e sua reprodução no discurso – se uma das propriedades do indivíduo é ser único, ou seja, não poder ser repetido, seria essa reprodução o que faz a metáfora. São exemplos de antropônimos no plural com interpretação metafórica, todos seguidos de sintagma preposicionado:

- (5.158) *Cumbre alternativa*. Luego del festival, ayer, en Edimburgo, se llevó a cabo una cumbre que criticó a Bob Geldof y a los líderes del G-8. "Geldof considera que Tony Blair y [el ministro de finanzas británico] Gordon Brown son **los Lennon y McCartney** de la lucha contra la **pobreza**, reprochó el parlamentario George Galloway. (<http://www.lanacion.com.ar/718289>)
- (5.159) Pero ahí están ellos para solucionarlo: los reparadores de muñecas, **Gepettos de barrio que ya no abundan en Buenos Aires**. (<http://www.lanacion.com.ar/718550>)
- (5.160) Es que **los Juanito Laguna de sus pinturas** se siguen multiplicando por toda la Argentina. (<http://www.lanacion.com.ar/719721>)

Em (5.158), o SN *los Lennon y McCartney de la lucha contra la pobreza* – designador do referente discursivo –, que é utilizado para relacionar *Tony Blair* e *Gordon Brown* a *Lennon* e *McCartney*, será definido por propriedades dos cantores *John Lennon* e *Paul McCartney*, que constituem os referentes iniciais. Em (5.159), a partir das características do referente inicial de *Gepetto*, constrói-se o referente de *Gepettos de barrio que ya no abundan en Buenos Aires*, que serve como base para a

metáfora com *los reparadores de muñecas*. Em (5.160), o referente inicial do antropônimo Juanito Laguna é o personagem de mesmo nome das pinturas de Antonio Berni. Já o referente discursivo são os indivíduos ficcionais criados a partir das propriedades de Juanito Laguna<sup>128</sup>.

Com exceção de (5.159), nos outros exemplos de plural, (5.158) e (5.160), convém observar a resistência do antropônimo de manifestar marca de plural, a qual só está presente no artigo definido. Esse fato pode ser relacionado à noção de singularidade do referente inicial, discutida por Gary-Prieur (2001) e comentada anteriormente. Além do mais, corrobora mais uma vez a hipótese da não identificação entre um nome próprio chamado de *modificado* e um nome comum, como fazem vários autores.

Os exemplos a seguir, com o antropônimo precedido de possessivo, também recebem uma interpretação metafórica, embora não apresentem uma expansão, como os casos anteriores.

(5.161) Pero Lavié tuvo varios motivos para aceptar, entre ellos, el 400° aniversario de la primera edición del Quijote y el interés que despertó ese hecho. Hay otros más personales: volver a encabezar una compañía en la avenida Corrientes, reencontrarse con un personaje que lo revalorizó como artista y estrenar en el aniversario de bodas con su esposa Laura. Si hasta la conquistó aquella vez, arrodillado como el Quijote y cantándole "Dulcinea" frente a todos sus amigos. "Se murieron todos: las mujeres y algunos hombres querían tener **su Quijote**", recuerda. (<http://www.lanacion.com.ar/717404>)<sup>129</sup>

(5.162) Ella, una argentina optimista que con sus dos hijos se refugió en España; es fantasiosa, alegre y optimista. Su deseo nunca satisfecho es entrar en la Fontana Di Trevi como aquella Anita Ekberg de "La dulce vida", mientras espera a **su Marcello Mastroianni**, que tarda en llegar.  
(...)  
Y aquí están el español Manuel Alexandre, excelente en su primero perturbado y luego optimista Fred, y China Zorrilla, que aporta a su Elsa toda la ternura y la picardía que pedía su nada fácil papel.  
(<http://www.lanacion.com.ar/724979>)

Em (5.163), o antropônimo está precedido por demonstrativo e seguido de uma oração adjetiva:

(5.163) El autor plantea que cuando la matemática falla surge el interrogante de si hay o no una lógica o una fórmula a todos sus

<sup>128</sup> Por extensão, também pode-se interpretar *los Juanito Laguna de sus pinturas se siguen multiplicando* como uma referência às obras citadas no texto de origem do exemplo.

<sup>129</sup> Note-se a diferença desse exemplo para os outros também precedidos por possessivo da seção 4.4.1.8.



cuestionamientos. "¿La mujer es un misterio o el fantasma de un misterio?", se pregunta **este Pigmalión que se debate entre la lógica y su lógica**. (<http://www.lanacion.com.ar/720121>)

Mas em todos esses casos criam-se referentes a partir de propriedades dos portadores iniciais dos nomes próprios, aos quais não se referem os SNs destacados. Assim, em (5.161), o SN *su Quijote*, não se refere ao personagem de Cervantes, mas a um indivíduo (não específico), que possui características de Dom Quixote. Em (5.162), *su Marcelo Mastroianni* apresenta um referente construído a partir da seleção de propriedades do ator Marcello Mastroianni, ou, se se deseja, do personagem que interpreta no filme *La Dolce Vita*. Por fim, em (5.163), o SN *este Pigmalión* remete a Leopoldo Marechal, autor da obra *Las tres caras de Vênus*. O referente inicial, no qual se buscam propriedades para a referência a Leopoldo Marechal, é Pigmaleão, escultor e rei de Chipre. De acordo com a mitologia grega, Pigmaleão se apaixonou por uma estátua que havia esculpido, a qual foi transformada em um ser de carne e osso por Afrodite. Observe-se que o antropônimo *Pigmalión* ainda não tinha sido mencionado no texto, o que exige do leitor uma recuperação de certas propriedades do referente inicial, necessárias para a localização do referente, as quais não fazem parte da oração com pronome relativo. Essas propriedades serão imprescindíveis para uma interpretação fórica do SN destacado, já que o demonstrativo não cumpre sua função de retomar um referente já introduzido lexicalmente e está excluído seu funcionamento puramente dêitico. Seguindo o raciocínio de Gary-Prieur (1994: 208), a substituição do demonstrativo por artigo definido levaria a uma interpretação imagem (ou manifestação) do portador do nome próprio: *el Pigmalión que se debate entre la lógica y su lógica*.

Observe-se agora o exemplo seguinte, em que o antropônimo está precedido por artigo indefinido:

- (5.164) Buzios propondrá un festival que irá de la playa al club con un criterio de horarios con el que sorprenderá a los bañistas en la misma arena cuando el sol empiece a caer para ir arrastrándolos, como si **un Flautista de Hamelin** los condujera, hacia el centro de la ciudad. (<http://www.lanacion.com.ar/721388>)

Nesse exemplo, o referente discursivo está construído a partir do referente inicial Flautista de Hamelin, da história contada pelos Irmãos Grimm. Aquele referente, em um mundo hipotético criado pelo contexto, conduz os banhistas de Búzios, tal

como o personagem da história conduz os ratos e as crianças. A interpretação pode ser parafraseada como “um indivíduo com as características do personagem fictício”.

Por fim, veja-se o caso abaixo, que apresenta a construção [art. def. + adj. + Antr.]. Essa estrutura já foi analisada anteriormente, no Grupo 1. Um dos exemplos apresentados foi o seguinte, em que, como afirmado, o referente do SN é o mesmo do portador inicial:

(5.93) Que guarda una sorpresa más: cerca de la figura de Beethoven y del narguile gira, a 78 rpm, la Máquina de los sueños, la mismísima Dreamachine inventada por **el surrealista Brion Gysin**. (<http://www.lanacion.com.ar/722805>)

Mas, no exemplo abaixo, a situação é diferente. Além de ter uma posição sintática diferente – ou seja, o SN em destaque está em aposição a um antropônimo –, a construção remete o leitor a um referente distinto do referente inicial Andrea del Boca. Carina Zampini, atriz argentina, é comparada com a atriz de novela Andrea del Boca, já que, de acordo com o texto, aquela atriz representaria, na obra *Collar de Esmeraldas*, um papel já desempenhado por esta na versão anterior da novela, chamada *Perla Negra*. O SN com o adjetivo *nueva* opõe o referente inicial com o referente discursivo, este criado a partir das propriedades daquele<sup>130</sup>.

(5.165) *Carina Zampini, la nueva Andrea del Boca*

Juan Gil Navarro y Carina Zampini serán los protagonistas de la nueva versión de "Perla negra" que realizará el productor Raúl Lecouna. La tira, que estará basada en la exitosa historia que encabezaron Del Boca y Gabriel Corrado en 1994, se llamará "Collar de esmeraldas". El guionista Quique Torres, responsable de los libros de "Perla negra", estará a cargo de los libros de la nueva tira. (<http://www.lanacion.com.ar/722536>)

Vale a pena ressaltar, aqui, que as propriedades que entram em jogo no uso metafórico do nome próprio partem de relações subjetivas estabelecidas pelo falante – embora, com o tempo, essas propriedades possam, nos termos de Coseriu (1971: 82), tornar-se “língua” e convencionalizar-se. Dessa forma, a metáfora se apóia

<sup>130</sup> O exemplo seguinte se diferencia de (5.165) pelo fato de que se trata, em realidade, de um referente distinto, de outro personagem, o novo Batman, embora tenha semelhanças com o personagem Batman.

(i) A partir del próximo jueves, el osito Winnie Pooh, los animales de "Madagascar", el automóvil Volkswagen bautizado como Herbie (aquel recordado protagonista sobre ruedas de "Cupido motorizado") y un vástago del delirante enmascarado verde que lanzó a la fama a Jim Carrey compartirán cartel con otras rendidoras propuestas de entretenimiento puro, como la flamante "Guerra de los mundos", **el nuevo Batman**, las andanzas del Sr. y la Sra. Smith y "Papá se volvió loco". (<http://www.lanacion.com.ar/717707>)

mais sobre a *maneira de ver as coisas* que sobre a natureza mesma das coisas – retomando as palavras de Flaux (1991: 38).

Gary-Prieur (2001: 81) ressalta que a metáfora – concebida como *metáfora viva* – é uma figura que, diferentemente da antonomásia – passagem de nome próprio a nome comum, como em *Mecenas* > *mecenas* – se realiza no discurso, não implica mudança de categoria gramatical e não corresponde a um sentido previsível, algo que seria comum nos casos de antonomásia<sup>131</sup>. No caso desta, a autora argumenta: “uma antonomásia é uma metáfora cujo sucesso e repetição determinaram a passagem do discurso ao léxico” (Gary-Prieur, 2001: 81)<sup>132</sup>. A lingüista destaca acertadamente que todos os nomes próprios podem servir de base para uma metáfora viva, enquanto a antonomásia, vista como um *comunização* do nome próprio, está limitada a certas categorias particulares<sup>133</sup>. Nesse sentido, este trabalho, que também assume essa diferenciação, afasta-se de Valério (2000), que engloba tanto os usos metafóricos como os antonomásicos nos casos chamados pelo autor de transubcategorização do nome próprio – ou, como denominam outros autores, *comunização* do nome próprio.

### 5.2.3. A interpretação metonímica

Os exemplos que serão apresentados se diferenciam dos demais pelo fato de que o referente do SN que contém o antropônimo não é constituído por um (ou mais) indivíduo(s), mas por obras produzidas pelos portadores do nome próprio. Segundo Charolles (2002: 71), nesse uso, o nome próprio refere indiretamente às entidades associadas ao seu portador. A interpretação seria como a do exemplo clássico de Fauconnier (1984) *George Sand est sur l'étagère de gauche*: passa-se do *referente fonte* designado pelo nome próprio ao *referente alvo*. Embora muitos autores defendam uma análise com base em um nome comum elíptico, autores como Gary-Prieur (2001: 96) e Kleiber (1994: 95) são contra essa postura, o que demonstra que não existe consenso entre os lingüistas.

São exemplos do *corpus*:

<sup>131</sup> Para uma visão mais ampla de antonomásia, bem como uma profunda discussão sobre o tema, veja-se Leroy (2001). Consulte-se também Díaz Hormigo (1995) e Meyer e Balain (1981).

<sup>132</sup> No original: “une antonomase est une métaphore dont le succès et la répétition ont déterminé le passage du discours au lexique”.

<sup>133</sup> Para discussão a respeito, cf. Gary-Prieur (83 y sig.) e as obras que a autora cita.

- (5.166) Si, en general, disfrutar de **Mozart** es una posibilidad cierta con sólo escuchar sus sonidos, tanto mayor será el placer si la ejecución bordea la excelencia. (<http://www.lanacion.com.ar/718792>)
- (5.167) En cuanto a lecturas, sí hemos leído mucho a **Borges** los dos, pero yo lo conocí a **Borges** antes que a él -y se ríe-; en todo caso, ahora lo compartimos". (<http://www.lanacion.com.ar/720138>)
- (5.168) En **Mozart** yo uso un toque más suspendido e iluminado, porque para su música cuanto menos apoyado estás mejor es el resultado sonoro. (<http://www.lanacion.com.ar/722784>)
- (5.169) En **Franov**<sup>134</sup> todo parece azaroso, como si la música viniese a buscarlo al piano, como si la inspiración estuviese siempre cerca, a su lado, en el piano o en el instrumento que toque. (<http://www.lanacion.com.ar/722525>)
- (5.170) Y con grandes artistas, como Gigli en "La forza" y Svanholm, Janssen, Varnay y Kleiber en **Wagner**. (<http://www.lanacion.com.ar/722279>)
- (5.171) Aquí contó con la colaboración de la orquesta en general, pero sobre todo de metales y percusión especialmente en **Shostakovich**. (<http://www.lanacion.com.ar/723633>)
- (5.172) Siempre me llaman para hacer **Chéjov** e historias muy densas. (<http://www.lanacion.com.ar/725705>)
- (5.173) Decenas de hombres libro deambulan entre la gente y dicen lo suyo; cuentan su aventura, su leyenda, su duda, su historia de amor, su paradoja, su guerra, su ilusión, apenas con la intención de memorizar un texto que vale la pena ser preservado y compartirlo con otros para evitar su desaparición. Son cerca de 60 hombres que se convirtieron en libros para resistir el atropello de una autoridad que decidió quemar la palabra escrita. Y la resistencia implica, además, transmitir la palabra para que más hombres la atesoren y la multipliquen. Esta ceremonia de transmisión, con **Borges, Dante, Calvino, Chejov, Yourcenar, Cervantes, García Lorca, Cortázar**, entre otros, diciéndose a sí mismos frente a unos espectadores que caminan conmovidos o atónitos, es la escena trascendente de "Fahrenheit", la obra de teatro que por estos días se presenta en el Cineclub Municipal Hugo del Carril de esta ciudad y que constituye un homenaje a la literatura capaz de provocar un fenómeno de convocatoria. (<http://www.lanacion.com.ar/725652>)

Em exemplos como os anteriores, os antropônimos, que estão nus nos sintagmas em que se encontram, normalmente são explicados como itens que se referem às obras dos portadores dos nomes. De fato, os dois primeiros casos podem ser parafraseados por *la obra (la música, el libro) de Antr*. Assim, a interpretação do

---

<sup>134</sup>Alejandro Franov: músico argentino.

primeiro exemplo seria: *disfrutar de la obra de Mozart es...*; do segundo exemplo: *hemos leído mucho la obra de Borges los dos*. Entretanto, de (5.168) a (5.169), essa paráfrase não seria aceitável. O ideal seria *la interpretación (de la música) de*. Assim, obter-se-ia: *En la interpretación de (la obra / música / composición) de Mozart...* No exemplo (5.172), para que se interprete *la obra de Chéjov*, é preciso que também que se interprete o verbo *hacer* como interpretar. Desse modo, a paráfrase seria: *Siempre me llaman para interpretar la obra de Chéjov...*

O último exemplo é mais curioso. Os antropônimos se referem a *hombres libro*, expressão do próprio texto em que se encontram. Seria necessário pensar em uma paráfrase como *los actores que representan a*. A relação metonímica é bem diferente, ou seja, não é obra/autor, mas ator/autor.

Nos casos abaixo, os antropônimos não estão mais nus, mas precedidos por artigo indefinido e com uma expansão. Formalmente, são semelhantes a outros casos já analisados, mas a diferença é que o SN se refere a uma produção artística que tem como base uma obra do portador do antropônimo. Poderiam ser parafraseados por *una obra de*. *Un verdi polémico* refere-se à obra *Un ballo in maschera*, do compositor italiano Giuseppe Verdi; *Un Molière poco consistente y confuso* refere-se à encenação da obra *Don Juan*, do dramaturgo francês Molière; *todo Marechal* remete às representações das obras do escritor argentino Leopoldo Marechal.

(5.174) **Un Verdi polémico** en el Avenida  
(<http://www.lanacion.com.ar/720110>)

(5.175) **Un Molière poco consistente y confuso**  
(<http://www.lanacion.com.ar/723031>)

(5.176) No **todo Marechal**<sup>135</sup> es un clásico  
(<http://www.lanacion.com.ar/720121>)

A questão é: por que é utilizado o nome próprio do portador e não o nome próprio da obra, ou seja, por que não se lê: *Un (Un) bello in maschera en el Avenida* ou *Un Don Juan (de Verdi) poco consistente y confuso*? Ou então, para o terceiro caso, por que não se lê algo como *No todas las obras de Leopoldo Marechal son un clásico*? A explicação poderia ser pensada primeiramente em termos de notoriedade do portador do nome próprio e da diferença entre a importância que se atribui ao antropônimo e ao nome próprio da obra. Em todos os casos, tem-se um antropônimo

<sup>135</sup> Leopoldo Marechal, escritor argentino (1900-1970).

cujo referente inicial é um indivíduo de reconhecida notoriedade. Sua obra adquire tamanha importância que é como se fosse uma parte do indivíduo, o que habilitaria o falante a usar, por exemplo, *Un Verdi* para toda produção, em vez de dizer Giuseppe Verdi.

Conforme destaca Leroy (2004: 72), esse emprego metonímico é diferente daquele tratado pelos lexicógrafos, como em *camembert* e *macadame*. Os usos exemplificados aqui não são lexicalizados. O que a autora está fazendo é chamar a atenção para a diferença entre uma metonímia lexicalizada e uma metonímia discursiva, construída pelo discurso. Os exemplos do primeiro caso são geralmente registrados em dicionários e constituem objeto de preocupação dos estudiosos de epônimos (cf. Grupo 3). Já os do segundo caso, ou seja, os que estão sendo tratados nesta subseção, não se encontram dicionarizados.

#### 5.2.4. O antropônimo como qualificativo

Nos exemplos desta subseção, o SN que contém o antropônimo não se refere nem ao portador do nome próprio, nem a uma produção sua. Mas a sua identificação tem como base propriedades do referente inicial.

Sobre essa construção, afirma Fernández Leborans (1999a: 109): “la caracterización especificativa del NP con respecto al NC es, en este caso, de caracterización propiamente”. Para a autora, o nome próprio define uma propriedade restritiva do componente intensional do nome comum, o que pode se dar à maneira de um adjetivo especificativo *qualificativo* (El estilo *Luis XV / Chanel / Cela...*; Su perfil *Cleopatra*) ou então *relacional* (La gestión *Churchill*; Su etapa *Sartre*).

A autora também discute a questão da possibilidade de o nome próprio ser ou não qualificativo, uma vez que ele não descreve nenhuma propriedade do objeto que denota. Conforme Fernández Leborans, se se aceita que o nome próprio tem um conteúdo intensional tácito, ou *contenu* de Gary-Prieur, pode-se explicar a aceitabilidade de advérbios de grau como em *un traje muy Chanel*. Neste trabalho, aceita-se também a idéia de um *contéudo* do nome próprio, tal como exposto por Gary-Prieur e comentado no Capítulo 2.

São exemplos do *corpus*:

- (5.177) Es George Steiner, en su libro de reciente aparición "Lecciones de los maestros" (Ed. Siruela-FCE, 187 pp.), quien acepta, usando las palabras del conocido compositor y pedagogo norteamericano Ned Rorem, que Nadia Boulanger fue, sencillamente, "la maestra más grande que ha habido desde Sócrates". Casi nada. Pero al margen del

exceso, es preciso reconocer que **el efecto Boulanger** en parte de la historia de la música del siglo XX ha sido impresionante. (<http://www.lanacion.com.ar/719085>)

(5.178) Todo bien **al estilo Floricienta**: hay muchos tules, luces de colores, peluches grandes y coloridos. (<http://www.lanacion.com.ar/721723>)

(5.179) *León Gieco, "comandante" polémico*

Look castrista en la Rolling Stone

Así se verá León Gieco, **al estilo Fidel Castro**, en el próximo número de la revista Rolling Stone, que saldrá a la venta el miércoles por la noche. (<http://www.lanacion.com.ar/725989>)

(5.180) Lejos **del estilo Noé**, que hasta ahora imprimió de fuerte contenido social a sus películas, el universo de Lucile prefiere desplegarse en una realidad mucho más confusa. (<http://www.lanacion.com.ar/724008>)

(5.181) Ian Smith ha editado una selección de comentarios de actores y directores que "describen el placer y la perplejidad de una producción pinteriana: su desafío a la emotividad del actor, la pertinencia o no de utilizar **la técnica Stanislavsky**, los problemas de ritmo y pausas". (<http://www.lanacion.com.ar/721724>)

(5.182) Los protagonistas de esta fábula satírica son Alex (Ben Stiller), un león arrogante y con todos los excesos típicos de una estrella de Hollywood (aunque en el fondo bastante más querible), la rebelde y aventurera cebra Marty (Chris Rock), la hipocondríaca y cobarde jirafa Melman (David Schwimmer en plan **Woody Allen**), y la mucho más pragmática hipopótamo Gloria (Jada Pinkett Smith). (<http://www.lanacion.com.ar/719088>)

(5.183) Para el tango, y para muchos argentinos, 2005 es **el año Pugliese** por dos motivos: coinciden la conmemoración del centenario del nacimiento con los diez años de la muerte del pianista, director y compositor. (<http://www.lanacion.com.ar/724029>)

Nos exemplos acima, o antropônimo define uma propriedade do nome comum que o precede, como um adjetivo qualificativo. O componente intensional do nome comum configura-se a partir de uma ou mais propriedades do portador do nome próprio. No exemplo (5.179), pode-se observar, inclusive, que o sobrenome *Castro* já havia derivado o adjetivo *castrista*, que serve para qualificar o substantivo *look*. Sobre o uso dessa construção com o nome *estilo*, Fernández Leborans (1999a: 110) argumenta que faria parte de um uso habitual em espanhol, no qual o nome próprio viria como complemento adjunto (*adyacente*) a um nome curinga (*comodín*), como *tipo*, *estilo* ou similar. Mas além do que expõe a autora, é preciso pensar no tipo de entidade à qual se faz a referência. Desse modo, os exemplos se diferenciariam na medida em que a entidade representada pelo nome comum tem ou não a

possibilidade de receber um nome próprio, de ser nomeada. Um *estilo* ou uma *técnica* são entidades às quais se costuma nomear, diferentemente de um *año* ou um *efecto*.

Fernández Leborans (1999a) chama a atenção para o valor expressivo de construções como as anteriores, ou seja, como (5.177) a (5.183), e afirma que é um recurso habitual na linguagem jornalística. No *corpus*, não foram contabilizados todos os casos de antropônimo qualificativo, o que impossibilita falar em frequência da construção, mas o exemplo abaixo demonstra bem a expressividade que pode ter o nome próprio de pessoa:

(5.184) En estos días, está circulando un texto sin firma que describe personalidades infantiles según modelos de compositores. Denominados "efectos", los diagnósticos se apoyan en sólidos conocimientos de técnicas compositivas y de estética. Por ejemplo, se afirma que los chicos que padecen el Efecto **Paganini** hablan muy rápido y con palabras extravagantes sin decir nunca nada importante. Los que son agrupados bajo el Efecto **Bruckner** hablan muy lento, no sonríen nunca, se repiten con frecuencia y adquieren reputación de profundidad. Están los pequeñitos que sufren el Efecto **Schönberg**, que se caracterizan por no repetir nunca una palabra antes de usar todas las otras de su vocabulario. Además, hablan al revés, y cuando la gente deja de prestarles atención, los niños, muy seguros de sí mismos, insisten en que la situación se debe a la incapacidad de los demás para entenderlos. Más serio es el cuadro de los que presentan el Efecto **Stockhausen** porque les encuentran alguna faceta artística a todos los ataques terroristas. Por último, cabe señalar que están los que acusan el Efecto **John Cage**, que se distinguen por permanecer silenciosos y estáticos durante cuatro minutos y treinta y tres segundos. (<http://www.lanacion.com.ar/724999>)

Nesse exemplo, os antropônimos dos compositores Paganini, Bruckner, Schönberg, Stockhausen e Jonh Cage são usados para qualificar diferentes personalidades infantis, por meio de diagnósticos chamados *efeitos*. No caso de *Efecto Schönberg*, por exemplo, caracterizado pelo fato de a criança não repetir nunca uma palavra antes de usar todas do seu vocabulário, a remissão é feita ao fato de esse compositor ter começado a utilizar em suas melodias todas as alturas da escala cromática<sup>136</sup>, ou seja, antes de voltar à mesma altura, passava pelas onze restantes.

Com o exemplo abaixo, embora não tenha a mesma configuração sintática dos anteriores, pode-se exemplificar a possibilidade de uso de advérbio anteposto ao antropônimo, conforme comentado anteriormente. Neste exemplo, parte-se do

---

<sup>136</sup> Escala cromática: escala que contém 12 notas com intervalos de semitons entre elas.



*conteúdo* de China Zorrilla, atriz do filme argentino *Elsa e Fred*, para qualificar a personagem que ela mesma interpreta, Elsa.

- (5.185) ¿No había posibilidades de que la protagonista fuera otra actriz? El personaje de Elsa es muy **China** porque se trata de una mujer de 35 años que habita el cuerpo de una mujer de 80. Igual que China que tiene 35 años no más. Me costaba muchísimo imaginarme otra actriz en ese personaje. (<http://www.lanacion.com.ar/725233>)

Com valor parecido aos exemplos anteriores, são aquelas construções com *lo* neutro ou na forma *{al modo / a la manera}* de *Antr.*, comentadas por Fernández Leborans (1999a: 110) e Pavón Lucero (1999: 616) e, no caso da construção correspondente do francês, por Gary-Prieur (1994: 91). Esta autora afirma que a construção *à la NP* é muito produtiva na língua francesa, mantendo sempre o artigo feminino *la*, mesmo quando o referente do nome próprio é um indivíduo do sexo masculino (*elle avait une silhouette à la Modigliani*). Para Gary-Prieur, nesse uso, estaria claro que o nome próprio tem a mesma distribuição que um adjetivo. A construção deixaria subentendido um nome comum feminino, que poderia ser maneira (*façon*). Fernández Leborans (1999a: 110) chama a atenção para a construção paralela do espanhol com *lo* neutro, embora afirme que também é comum o empréstimo da expressão francesa com adjetivos (*a la española*) – o exemplo (5.187), comentado adiante, poderia ser considerado um caso de empréstimo formado a partir de um antropônimo. Pavón Lucero (1999: 616) sustenta que a construção [a lo + NPr] tem o significado “a la manera en que suele hacerlo una determinada persona”.

No *corpus* coletado, foram registrados os seguintes exemplos:

- (5.186) De ahí que algunas piezas como "La luz de un fósforo" (incluso con esa manera **a lo Marino** de estirar algunas palabras) o "Mariposita" sean paradas obligadas, por gusto personal y también por la demanda de un público que ya lo escuchó con la Orquesta El Arranque o como solista. (<http://www.lanacion.com.ar/721102>)
- (5.187) Mar del Plata en invierno tiene la suficiente melancolía como para agregarle cosas [se ríe]. Claro que la situación nostálgica no es sólo por el recuerdo o porque se trate de una ciudad balnearia vacía. Algo así te podría poner en una situación medio **a la Marguerite Duras**, pero no. (<http://www.lanacion.com.ar/725331>)

Observando esses exemplos, é possível de fato afirmar que a construção tem um comportamento sintático de um adjetivo. Entretanto, a paráfrase mais possível de (5.187) seria “*en una situación medio a la situación de Marguerite Duras*”. Para

(5.186), efetivamente, adaptando a proposta de Pavón Lucero, poder-se-ia propor “*con esa manera de estirar algunas palabras como suele hacer Marino*”. Em ambos os casos, recorre-se às propriedades dos portadores iniciais do antropônimo.

### 5.3. GRUPO 3

Neste grupo, encontram-se os casos em que o referente do SN que contém o *antropônimo* não tem nenhuma relação com o indivíduo portador do nome próprio. Essa inexistência de relação é relativa, uma vez que o fato de ser utilizado um *antropônimo* pressupõe que tenha havido uma nomeação prévia, embora para os interlocutores essa nomeação possa não ser mais transparente.

Analisando os exemplos do *corpus*, seria possível pensar em dois subgrupos de exemplos. Em um primeiro grupo, estariam os casos em que os nomes de pessoas são utilizados para nomear espaços físicos (principalmente teatros) e prêmios:

- (5.188) Buena parte de esos y otros trabajos se podrán apreciar desde mañana en "Mis films son lo que yo soy", una retrospectiva de 19 títulos organizada con la colaboración del Instituto Goethe y de la empresa Lufthansa, en la sala **Leopoldo Lugones** del Teatro **San Martín** (Corrientes 1530). (<http://www.lanacion.com.ar/718274>)
- (5.189) "En general, se dice de mí que soy demasiado moderno para **el Colón** y demasiado clásico para **el San Martín**. (<http://www.lanacion.com.ar/720071>)
- (5.190) Néstor Marconi asegura que el espacio en **el Cervantes** no está del todo ganado. "Por eso sería bueno contar con otros escenarios alternativos. Si la orquesta del tango no puede tocar en el **Alvear**, que lo haga en el espacio **Dorrego** o en el Astral. Lo mismo para el caso de la Filiberto." (<http://www.lanacion.com.ar/722532>)
- (5.191) La velada inaugural tuvo una buena acogida de público, pero muchos asistentes desertaron al dilatarse la actuación de las principales figuras, como Rodolfo Mederos y Amelita Baltar, quienes accedieron al escenario del anfiteatro **Carlos Gardel** en horas de la madrugada. (<http://www.lanacion.com.ar/724028>)
- (5.192) "Ganar **el Martín Fierro** fue una alegría enorme, pero la gran satisfacción fue que «Locas de amor» ganara como mejor unitario. Reconocieron a todo un equipo que trabajó mucho", contó Julieta Díaz, la flamante ganadora **del Martín Fierro** a la mejor actriz protagonista de

unitario antes de recomendar sus películas y programas preferidos.  
(<http://www.lanacion.com.ar/722291>)

- (5.193) Después de casi dos años sin presentarse frente ante el público, Mercedes Sosa fue anteayer al Congreso nacional a recibir la mención de honor **Domingo Faustino Sarmiento**, distinción que la Cámara alta otorga a personalidades de la cultura, el deporte y distintas actividades profesionales, por su aporte. Eso fue un día antes de que la cantante cumpliera 70 años y sirvió para ver de nuevo el rostro de una "negra" Sosa que no disimula los problemas de salud sufridos durante los últimos años y para escuchar a una voz emocionada por el premio y muy entusiasmada por su trabajo.  
(<http://www.lanacion.com.ar/720129>)
- (5.194) Trabajó como vestuarista al lado de Horace Lannes, en tanto que importantes galardones, entre ellos **el María Guerrero y el Martín Fierro**, premiaron su extensa y exitosa trayectoria.  
(<http://www.lanacion.com.ar/719410>)
- (5.195) Ganó **tres Martín Fierro** con su programa "Indomables"  
(<http://www.lanacion.com.ar/723624>)
- (5.196) Aún se espera, por ejemplo, una amplia explicación pública por parte de la Secretaría de Cultura porteña, tras el escándalo suscitado hace poco más de un mes en la entrega de los premios **Trinidad Guevara**, que dependen de esa repartición, cuando en plena ceremonia se objetó que uno de los jurados recibiera el premio.  
(<http://www.lanacion.com.ar/726008>)

Em (5.188), *Leopoldo Lugones* e *San Martín* são nomes de indivíduos que nomeiam espaços físicos, uma sala de espetáculos e um teatro, respectivamente. O mesmo processo de nomeação ocorre nos exemplos (5.189) a (5.191). De (5.192) a (5.196), os nomes *Martín Fierro*, *Domingo Faustino Sarmiento*, *María Guerrero* e *Trinidad Guevara* fazem parte de SNs que se referem a prêmios. Note-se que não existe flexão de número em tais nomes, como mostra (5.195).

Estes últimos casos se aproximam dos exemplos do segundo subgrupo, no qual entram os chamados *epônimos* – nomes comuns originados de nomes próprios – objeto de estudo dos trabalhos sobre o léxico (cf. Amaral, 2006a; Chukwu, 1996; García-Castañón, 2001; Gebara e Pupo Júnior, 1997; Gutiérrez Rodilla, 2003; Lesay, 2004; Melhem, 1996; Neves, 2004; Oliveira Filho, 2001; Piatto, 2000). Grande parte dos itens eponímicos são lexias dicionarizadas. Próximos aos estudos de epônimos estão aqueles que investigam os itens morfológicamente derivados de nome próprio, chamados deonomásticos (Amaral, 2008; Cabré et al. 2000; Díaz Rojo, 2001; Oroz, 1956-1957).

Em (5.197), embora o nome da doença que constitui o referente (*síndrome de Down*) tenha se originado do antropônimo do médico inglês John Langdon Down, não se cria uma relação entre as informações do texto e o tal médico inglês – essa inexistência de relação é, aliás, comum a todos os exemplos deste Grupo 3. É possível que o leitor não tenha conhecimento dessa origem e mesmo assim não tenha problemas de interpretação do SN. O mesmo vale para o exemplo (5.198), em que o epônimo *Alzheimer* constitui o nome de uma doença neurológica e não mantém relação com o antropônimo do neurologista alemão Alois Alzheimer, a não ser a de que este lhe deu origem.

(5.197) Su hija menor estudia teatro y los dos mayores, que tienen **síndrome de Down**, son chicos absolutamente integrados e independientes, que eligieron distintas disciplinas artísticas. “Mariano hace acrobacia y Juan estudia canto. Lo decidieron solos, pero bueno, no se puede negar que la familia contagia y estimula. Su padre, Gustavo Garzón, también es actor, así que se criaron entre bambalinas y estudios de televisión.”  
<http://www.lanacion.com.ar/725705>

(5.198) La terrible experiencia, que comienza con una guardia de 48 horas en las que los jóvenes médicos descubrirán que las cosas son peores de lo que esperaban, se muestra a través de los ojos -y, sobre todo, de la emotiva narración en off- de Meredith Grey (Ellen Pompeo), la hija de una reputada cirujana ahora enferma de **Alzheimer**, que intenta convencerse a sí misma de que está preparada para el desafío profesional y las comparaciones con los talentos de la madre que no creyó en ella.  
<http://www.lanacion.com.ar/721720>

También é possível incluir neste subgrupo o seguinte exemplo, em que se têm nomes de marcas de bonecas criados a partir de nomes de pessoa:

(5.199) A Dios gracias, quedaron firmas como Miluplast y Yoly Bell. Pero desaparecieron marcas importantes como Rayito de Sol y Pielrose. O más antiguas, como **Linda Miranda, Mariquita Pérez y Marilú**, que era un antecedente de la Barbie.  
 (...)
   
 En la actividad, la ganancia es menos material que espiritual. "Una vez, una pareja me trajo **una Marilú**. El se la había regalado a ella hace 45 años, pero luego se separaron. (<http://www.lanacion.com.ar/718550>)

O exemplo seguinte, dicionarizado e com minúscula, é considerado um nome comum: significa *hombre elegante y refinado* (também com a forma *dandi* – cf.

Moliner, 2001). Não seria nada transparente a origem com um antropônimo, como é defendido por alguns especialistas, que apresentam a seguinte evolução: dandy (ou dandi) < Andy < Andrew.

(5.200) Cuarenta años después, allí está Litto Nebbia, el Padre de la Patria Rockera, y aquí está Ciro Fogliatta, en un bar de Palermo, con su impecable cabellera blanca, anteojos negros, pañuelo al cuello y pinta de **dandy** de otra época.  
(<http://www.lanacion.com.ar/724989>)

#### 5.4. O USO METALINGÜÍSTICO DO ANTROPÔNIMO

Ao tratar do uso denominativo do nome próprio, Fernández Leborans (1999a: 110) retoma Kleiber (1981) para falar do uso metalingüístico. De acordo com a autora, um enunciado como *Bernardo es el nombre del director de la escuela* pode receber uma interpretação metalingüística ou não. No primeiro caso, afirma-se algo sobre o nome próprio e, no segundo, predica-se algo do diretor da escola. Mas, seguindo a análise apresentada neste trabalho, a leitura metalingüística seria excluída se o objetivo textual fosse (re)estabelecer um ato de nomeação e predispor o antropônimo para ser retomado posteriormente (cf. Cap. 4). Observando somente a sentença anterior, excluída de um contexto, seria impossível afirmar se há um uso ligado à nomeação.

Exemplos autênticos de uso metalingüístico encontram-se abaixo, em que se fala dos signos lingüísticos. No primeiro, a referência é feita aos signos lingüísticos *Puchos*, *Cucarachos*, *Chingües* e *Chichos*; no segundo, aos signos *Mariah* e *Mimi*; no terceiro, aos nomes com grafia incorreta. Seria inclusive pertinente questionar se são ou não exemplos verdadeiros de antropônimos. Considerando a definição apresentada anteriormente, não seriam.

(5.201) Aquí, **los Puchos, los Cucarachos, los Chingües y los Chichos** son sólo algunos de los sobrenombres con los que se identifica a familias completas, que ya olvidaron de dónde salió el apodo. “Es una costumbre que ha pasado de padres a hijos. A mi familia le dicen los Carozos”, dice José Lucio Andrade, conocido también como *Patiquebrao*. “Nadie se pone bravo porque le digan el apodo, es más, muchos no saben a veces cuál es el nombre de uno”, anota Ricardo Toro, al que hasta su hijo de 3 años le dice *Papi amargo*.  
(<http://www.lanacion.com.ar/724465>)

(5.202) *The Emancipation Of Mimi*

*Mariah Carey*

Salvo que el reemplazo **del Mariah** por **el Mimi** con el que se la conocía cuando era chica quiera aludir a alguna búsqueda de cierta pureza infantil, resulta difícil descubrir a qué emancipación se refiere Mariah Carey. (<http://www.lanacion.com.ar/719720>)

(5.203) Entre la nómina de famosas extramuros vestidas por la marca figuraban **Cate Blanchet** (pero no Cate Blanchett), **Gisselle Bunchen** (y no Gisele Bündchen), **Naomi Campbelle** (no Naomi Campbell). (<http://www.lanacion.com.ar/718290>)

# Conclusões

Este trabalho teve como objetivo principal a apresentação de uma análise dos diferentes usos de antropônimos em textos do espanhol contemporâneo. Partindo da hipótese de que era possível apresentar uma nova descrição de tais usos com base na observação de dados de língua escrita, foi selecionado um *corpus*, constituído de textos publicados no jornal argentino *La Nación*.

Inicialmente, retomaram-se os estudos teóricos sobre os nomes próprios. Foram revistos não somente aqueles de gramáticos e lingüistas, mas também das pesquisas de filósofos e lógicos, que desenvolveram, principalmente a partir do século XIX, teorias hoje consideradas clássicas. Por isso, no primeiro capítulo foram apresentadas e discutidas as principais idéias de três grupos de autores a respeito de uma questão central em suas pesquisas, que é a da existência ou não de um sentido do nome próprio. No primeiro grupo, entraram aqueles que argumentam que o nome próprio tem, de alguma forma, um sentido. No segundo grupo, aqueles que rejeitam a atribuição de um sentido para o nome próprio. O terceiro grupo, formado já por pesquisadores da Lingüística, não coloca a questão de forma dicotômica como ausência/presença de sentido. Em geral, partem do trabalho de Kleiber (1981) e da idéia do *predicado de denominação* defendida na época e propõem análises com base em diferentes critérios morfossintáticos e/ou semântico-pragmáticos. Essa retomada dos trabalhos permitiu observar que somente os autores do terceiro grupo passaram a se interessar mais profundamente pelos diferentes usos do nome próprio, especialmente aqueles que foram denominados usos *modificados* pelo mesmo Kleiber (1981).

No Capítulo 2, foram comentados os principais trabalhos que deram essa nova propulsão aos estudos dos nomes próprios. Entre eles, estão Jonasson (1994), Gary-Prieur (1994), Gary-Prieur (2001), Kleiber (1995), Kleiber (1996) – estes dois últimos já abandonando idéias centrais do início da teoria do terceiro grupo – e Fernández Leborans (1999) – este com dados do espanhol. Nesse mesmo capítulo, chamamos a atenção para a grande quantidade de trabalhos nos últimos anos sobre os usos do nome próprio, entre os quais estão Leroy (2004), o número 15 da revista *Lexique* (2000) e o número 146 da revista *Langue Française* (2005), desta vez dedicado exclusivamente aos nomes próprios *modificados*. Mas, no final desse capítulo, decidiu-se abandonar o rótulo *modificado*, por causa das impropriedades do termo, tais como: leva a uma confusão entre modificação sintática e semântica e dá



uma denominação negativa (*não modificados*) aos usos ordinários, que são os mais freqüentes na língua.

Tendo em vista que se objetivava analisar os usos do antropônimo em um *corpus* delimitado do espanhol contemporâneo, o primeiro passo foi buscar *corpora* que pudessem fornecer um número de ocorrências satisfatório. O Capítulo 3 mostrou todo o percurso realizado até a escolha dos dados do jornal *La Nación*. Viu-se que em um primeiro momento chegou-se a cogitar uma análise de dados de língua oral, mas essa opção foi descartada por fatores como baixo número de ocorrências e alteração dos nomes próprios nas transcrições publicadas. Com respeito à metodologia de análise, o mesmo capítulo mostrou a inviabilidade de uma análise baseada em um método matemático-estatístico-computacional, bem como as limitações de um tratamento informático como o de Leroy (2001). Mostrou-se por fim que a opção metodológica mais satisfatória para os objetivos pretendidos seria a leitura e análise de dados eletrônicos escritos em língua espanhola. Os testes realizados com textos do jornal argentino *La Nación* demonstraram que a seção *Entretenimientos* seria a mais satisfatória para a análise e, a partir dessa constatação, montou-se o *corpus*, constituído por textos publicados nessa seção durante o mês de julho de 2005, os quais totalizam 324.242 palavras.

Para a delimitação do objeto de estudo, foi necessário situar os antropônimos dentro do conjunto dos demais nomes próprios. Esse foi o primeiro tema do Capítulo 4. Viu-se que existem diversas propostas de classificação dos nomes próprios, mas que todos os autores incluem o antropônimo dentro dessa classe. Observou-se, além do mais, que o subconjunto dos nomes próprios de pessoa tem uma constituição heterogênea, mas decidiu-se que todos os itens pertencentes a uma relação apresentada (prenomes, sobrenomes, patronímicos, etc.) seriam considerados itens antroponímicos, desde que estivessem sendo utilizados para nomear ou para referir a um indivíduo ou ainda contribuindo para a referência a uma propriedade ou produto do portador original do nome. A partir dessas primeiras decisões, começou-se a observação dos dados e, inicialmente, viu-se que era necessário estabelecer a noção de uso próprio do antropônimo, associando a esse uso a idéia de nomeação. Defendeu-se o seguinte: *o ato lingüístico-textual de nomear (ou seja, informar ou recordar ao interlocutor que a um indivíduo está associado determinado antropônimo) configura o uso próprio do antropônimo*. Essa tese originou-se a partir de noções sobre o ato de fala de nomear e suas relações com o sentido de denominação. Isso permitiu observar no *corpus* as diferentes construções usadas na língua para nomear

um indivíduo ou para recordar um ato de nomeação, um ato de batismo, nos termos de Kripke (1982). Foram então expostos os exemplos do *corpus* com os verbos *llamar*, *conocer* e *bautizar*. Também relacionados à idéia de nomeação foram os exemplos com itens lexicais classificadores de antropônimos (*alias*, *apellido*, *nombre*), os casos com construções apositivas e aqueles com a estrutura [el + SN [NC/Adj + Antr.]] - embora neste caso não se possa falar em uso próprio do antropônimo, o mesmo valendo para os casos de antropônimos em orações copulativas, vistos nesse capítulo. Em seguida, identificou-se o uso ordinário do antropônimo, que ocorre quando os interlocutores já têm conhecimento de uma nomeação anterior (ou então quando o locutor pressupõe que o destinatário tenha esse conhecimento). Viu-se também que esse foi o uso privilegiado durante muito tempo nos estudos sobre os nomes próprios. Na última seção desse capítulo, argumentou-se a favor do abandono do rótulo *modificado* e a favor de uma análise baseada em critérios referenciais. Defendeu-se que, sendo um antropônimo essencialmente um nome de pessoa, é a partir da idéia de referência a um indivíduo humano que deveria ser baseada a análise. Com base nesse argumento, foi apresentada a análise no capítulo seguinte.

O capítulo 5 apresentou uma nova classificação para os usos do antropônimo diferentes do chamado uso ordinário e também diferentes daqueles casos tratados no capítulo 4. Nessa divisão, foi possível identificar 3 grupos: No primeiro, entraram os casos em que o referente do SN antroponímico se identifica com o portador inicial do antropônimo. No segundo, aqueles em que o SN antroponímico não corresponde ao portador inicial, mas mantêm com este uma relação que pode surgir a partir de propriedades ou produtos seus. No terceiro grupo, já saindo dos casos autênticos de antropônimos – e por esse motivo foi apresentado e discutido muito brevemente – entraram as ocorrências em que o referente discursivo do SN não mantêm nenhuma relação com o indivíduo portador do nome próprio. Veja-se a seguir uma retomada dos principais resultados propiciados pela análise.

No Grupo 1, entraram casos com diferentes configurações sintáticas. A primeira delas, como não podia ser diferente, foi a que apresenta o antropônimo nu. A esta configuração pertencem os usos clássicos, chamados aqui de ordinários, entre os quais estão exemplos com prenome ou sobrenome ou ainda com prenome e sobrenome. Fizeram parte desses exemplos iniciais as ocorrências em que um apelido é inserido entre o prenome e o sobrenome. Embora o cunho desta obra não tenha sido contrastivo, chamou-se a atenção para o fato de que configurações antroponímicas como essas não são produtivas em língua portuguesa. Também foi incluída nesses

primeiros exemplos uma ocorrência do chamado *nome próprio complexo* (*Rita la Salvaje*), a qual já aparecia na Introdução desta tese.

Entre as outras configurações sintáticas que mantêm as características semântico-referenciais deste Grupo 1, a primeira analisada foi a que apresenta um artigo definido singular antes do antropônimo, [Art. def. sing. + Antr.]. Essas construções foram ainda subdivididas em casos com artigo definido seguido de a) apelidos; b) personagens fictícios; c) sobrenome feminino. A presença do artigo nos dois primeiros casos foi explicada devido a uma origem menos ou mais próxima a um nome comum. No terceiro caso, foi proposto que se mantenha uma explicação baseada em uma anáfora remetendo a um pressuposto exterior ao discurso (Gary-Prieur, 1994), mas também que se considere a natureza do particular designado pelo antropônimo, uma vez que não é todo sobrenome feminino que ocorre precedido por artigo definido.

Em seguida, foram apresentados os casos de antropônimo precedido por artigo definido plural, ou seja, [Art. def. pl. + Antr.]. Essa construção também foi dividida em dois casos: a) o SN se refere a um número definido de pessoas (geralmente duas); b) o SN se refere aos membros de uma família. Para justificar a inclusão desses casos no Grupo 1, defendeu-se que o antropônimo mantém praticamente todas as suas propriedades, perdendo apenas o traço de unicidade do referente – no caso de “b”, para que se mantenha neste Grupo, é necessário que a ocorrência não seja interpretada como “a família”, mas como “os membros da família”, seguindo Gary-Prieur (2001: 46). Antes de terminar a análise de [Art. def. pl. + Antr.], observou-se a presença ou ausência de marca –s de plural nos exemplos e defendeu-se a necessidade de distinção entre usos com prenomes e usos com sobrenomes (uma vez que existe uma forte tendência à presença nos casos com prenomes e à ausência nos casos com sobrenomes). Ao final, foi novamente defendida a idéia de que não se pode argumentar que um antropônimo com marca de plural seja sempre um nome comum.

Em outra construção, entraram os casos em que o antropônimo está precedido por nome de parentesco, [Art. def. pl. + nomes de parentesco + Antr.]. Foi possível constatar que houve no *corpus* um predomínio do nome *hermanos*. Em casos como *los hermanos Grimm* defendeu-se uma tendência a uma unidade léxico-semântica. Também foi constatada uma tendência à ocorrência de um sobrenome nessa construção, embora tenham sido registrados casos de dois prenomes seguidos do sobrenome de ambos os portadores.

Foram encontradas ocorrências com antropônimo precedido por numeral, [num. + Antr.]. Os exemplos analisados mostraram que o nome próprio conserva sua especificidade de termo singular, tal como propõe Gary-Prieur (2001: 25). Nesse caso, viu-se novamente a importância de distinguir os antropônimos que recebem marca de plural daqueles que não a recebem.

Ao observar os casos de antropônimo precedido por *mesmo/a* [Art. def. + mesmo/a + Antr.], verificou-se que esse item marca a retomada de um referente já mencionado e possibilita uma predicação desse referente relativa a algo que não era esperado pelo leitor. Também foram constatados e discutidos os usos de *mesmo* posposto ao antropônimo e de *mismíssimo* anteposto.

Foram vistos vários casos da construção em que *proprio/a* precede um antropônimo [Art. def. + propio + Antr.], a maioria das ocorrências com sobrenome. As que apresentam [proprio + prenome + sobrenome] são exemplos de primeira menção, o que foi relacionado ao fato de que um indivíduo é geralmente introduzido no texto por meio de [prenome + sobrenome].

Observando uma amostra de exemplos de antropônimos precedidos por adjetivos, ou seja, [Art. def. + Adj. + Antr.] viu-se que a estrutura pode proporcionar uma leitura em que o adjetivo representaria uma propriedade inerente do portador do nome próprio e, menos freqüentemente, uma leitura restritiva.

Entre as conclusões da análise com possessivo [Pos. + Antr.], observou-se a produtividade de possessivo precedendo personagens fictícios – o que se relacionaria à criação de interpretações feitas por diferentes atores. Também se constatou que o possessivo indica a atribuição pessoal ao referente da propriedade expressa pelo adjetivo, nos casos em que há um adjetivo entre possessivo e antropônimo.

No caso de antropônimo precedido por demonstrativo, isto é, [Dem. + Antr.] foi encontrado exemplo em que o SN distinguia explicitamente um referente de outro do mesmo nome e casos em que não ocorria essa explicitação.

Por fim, analisou-se [Art. + tal + Antr.]. Depois de vista a dificuldade dos autores em explicar o funcionamento de *tal*, observou-se que o *corpus* apresentou 2 casos (com artigo indefinido e com artigo definido), interpretados de maneira diferente, um sem e o outro com valor anafórico.

O Grupo 2 foi dividido em quatro partes. Diferentemente do primeiro grupo, em que os exemplos foram agrupados de acordo com a configuração sintática, no segundo grupo, os exemplos foram classificados principalmente por critérios

semânticos, embora não tenham sido abandonados os fatores sintáticos. Delimitaram-se quatro subgrupos: a) interpretação “manifestação”, “fase” ou “imagem” do referente, b) interpretação metafórica; c) interpretação metonímica e d) antropônimo como qualificativo.

Na análise do primeiro caso, viram-se os exemplos em que o SN no qual aparece o antropônimo se refere a diferentes aspectos do portador do nome próprio. Observando os casos formados por [art. def. + (Antr.) + de + SN], buscou-se apoio em Gary-Prieur (1994) e identificou-se nos dados um novo espaço mental, um espaço-estilo. Outras construções, inclusive com demonstrativos, também foram analisadas. Apoiando-se em Gary-Prieur (2001), foi possível comprovar a multiplicidade de visões ligadas à multiplicidade interna do indivíduo. Isso permitiu diferenciar os casos com nomes comuns daqueles com nomes próprios, que são, estes últimos, associados aos primeiros quando se fala em modificação. A respeito dos usos com artigo indefinido dentro da interpretação manifestação, fase ou imagem, viu-se que este elemento possibilita a criação dessa multiplicidade de imagens do referente inicial.

Para os exemplos do segundo caso, interpretação metafórica, foi proposta uma leitura em que o referente corresponde a um ou mais indivíduos criados a partir de propriedades do referente inicial – desconsiderou-se a distinção entre interpretação exemplar e metafórica. Por ser uma construção metafórica mais freqüente, a análise começou com [art. indef. + Antr. + expansão], observando os exemplos com antropônimos de indivíduos reais e fictícios. Viu-se que, em uns casos, cria-se uma contradição entre propriedades de um indivíduo e que, com outros, apenas uma oposição a partir das possibilidades de representação de um personagem de ficção. Nos casos analisados com a construção [art. def. + Antr. + expansão] e também em orações copulativas com o verbo *ser*, verificou-se que as propriedades que fundamentam a metáfora não estão explícitas no texto, o que requer do leitor conhecimentos sobre o portador inicial do nome próprio. Nos casos metafóricos com SN plural foi corroborada a hipótese de Gary-Prieur (2001) de que os nomes próprios conservam a singularidade do referente inicial. Além disso, viu-se novamente a impossibilidade de relacioná-los aos nomes comuns por causa da diferença no comportamento morfológico, isto é, com resistência à marca de plural – o que já tinha sido visto no Grupo 1. Também fez parte deste subgrupo a construção com antropônimo antecedido por artigo e adjetivo, colocada em uma posição de aposto ao nome próprio. A identificação dos casos metafóricos se deu a partir da idéia de que a metáfora se realiza no discurso, sem um sentido previsível. Essa concepção permitiu

diferenciar os casos em questão da *comunização* do nome próprio: distingue-se, por exemplo, a metáfora da antonomásia de Leroy (2001) e da transubcategorização de Valério (2000).

No terceiro subgrupo do Grupo 2 estão os exemplos com interpretação metonímica, em que o referente do SN antroponímico está constituído por obras produzidas pelos portadores do nome próprio. Viu-se a importância do fator notoriedade para o uso metonímico e que os casos analisados se diferenciam daqueles de metonímia lexicalizada, pesquisados principalmente pelos estudiosos de epônimos.

Por fim, na última subseção do Grupo 2 entraram os exemplos em que o antropônimo tem valor qualificativo. Para a análise apresentada, foi importante manter a idéia de conteúdo do nome próprio. A partir da tese de Fernández Leborans (1999a: 110) de que há para esses casos um nome *curinga*, defendeu-se ainda uma diferenciação a partir da observação de se a entidade nomeada pelo nome comum tem ou não uma tendência a receber um nome próprio. Por fim, tratou-se dos casos de antropônimo precedido por *muy* e das construções con *lo* neutro ou na forma *al modo / a la manera*.

Já no Grupo 3, foram incluídos os exemplos em que o referente do SN não possui nenhuma relação com o portador do nome próprio, ou pelo menos não é mais transparente no espanhol contemporâneo. Dois subgrupos foram identificados: no primeiro, entraram os casos em que o (ex)antropônimo nomeia espaços físicos e prêmios e, no segundo, os epônimos, itens léxicos derivados de nomes próprios.

No final do quinto capítulo, apresentou-se ainda uma seção comentando o uso metalingüístico do antropônimo, cujos exemplos não se enquadram em nenhuma das classificações propostas. Nesse caso, o antropônimo é tratado como signo lingüístico e não existe referência ao portador inicial, nem a produto ou propriedade sua. Não se tem, de fato, um exemplo de antropônimo, tal como foi definido nesta tese.

Considerando a classificação acima, é possível concluir que os exemplos estudados podem ser incluídos em um **contínuo referencial**, que vai do portador inicial, ou seja, o indivíduo que recebeu o antropônimo, até os usos do (ex)antropônimo, sem nenhuma relação com o portador do nome. Esse contínuo serve perfeitamente para mostrar a diversidade de interpretações possíveis de um antropônimo na língua. Pode-se agora voltar às hipóteses e objetivos iniciais e observar outras conclusões e contribuições desta tese.

A seleção de dados realizada para esta pesquisa possibilitou apresentar uma nova classificação dos usos, confirmando a hipótese inicial de que seria possível elaborar uma divisão com base em critérios estabelecidos a partir da observação dos dados. Com isso, alcançou-se o objetivo inicial da tese, que era propor uma nova análise para construções que eram classificadas, de maneira pouco clara, entre usos modificados e não modificados.

Entre os objetivos secundários desta pesquisa, estava a revisão do rótulo *modificado*, utilizado por vários lingüistas. Baseando-se inicialmente nas críticas de Gary-Prieur (1994), Gary-Prieur (2001) e de Noailly (2000), e depois analisando os dados do espanhol, foi possível comprovar a inadequação do rótulo *modificado* e propor uma análise que abandonasse essa classificação.

Outro objetivo alcançado foi rever a noção de uso típico ou prototípico do nome próprio. A análise permitiu postular um uso típico relacionado à nomeação, tendo em vista que a essência do nome próprio na língua é nomear um indivíduo. Considera-se positivo esse argumento, na medida em que desvincula o uso típico do uso ordinário que, apesar de ser o mais freqüente, não é o que possui a função peculiar do nome próprio.

Por fim, foi possível observar que uma análise de antropônimos deve considerar toda a diversidade de usos que apresentam. Durante muitos anos, as diferentes construções com nome próprio foram ignoradas e só há poucas décadas os lingüistas passaram a se interessar mais por essas construções. No caso do espanhol, como se viu, são poucos os estudos que se dedicam especialmente a elas. Nesse sentido, esta tese contribui para lançar novos olhares para essa diversidade de usos do nome próprio. O fato de que se tenha constituído e utilizado um *corpus* de língua em uso também foi de grande importância para que se conheçam as configurações que de fato ocorrem no espanhol escrito contemporâneo.

# **Bibliografia**



ABBOTT, Barbara. Proper names and language. In: CARLSON, Gregory N.; PELLETIER, Francis J. (ed.) **Reference and quantification: the partee effect**. Stanford, CA: CSLI Publications, 2005. Disponível em <http://www.msu.edu/user/abbottb/vita.htm>. Acesso em: 13 out. 2005.

ALARCOS LLORACH, Emilio. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

ALLERTON, D. J. The linguistic and sociolinguistic status of proper names. **Journal of pragmatics**, 11, North-Holland, p. 61-92, 1987.

ALLERTON, D. J. Proper names and definite descriptions with the same reference: a pragmatic choice for language-users. **Journal of Pragmatics**, 25, p. 621-633, 1996.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. **A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu**. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos: um caso de variação diatópica em Minas Gerais. **Estudos Lingüísticos XXXIII**, Campinas, Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo (UNICAMP), 2004. 1 CD-ROM.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. “Ser mauricinho e dar a elza”: subsídios para uma análise de epônimos contemporâneos. **Estudos Lingüísticos XXXV**, p. 657-666, 2006a. Disponível em: <http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/125.pdf>. Acesso em: 23 out. 2007.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. “Lula e outros Lulas”: aspectos do uso metafórico de antropônimos. VEREZA, Solange; SOUZA, Luiz Carlos; ALMEIDA, Ricardo Teixeira (orgs.). **Anais do II Congresso sobre a metáfora na linguagem e no pensamento**. Niterói: Assel-Rio, 2006b. 1 CD-ROM.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. A importância do fator intimidade na variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos. **Veredas**, Juiz de Fora, v.1, p. 1-10, 2007.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Los derivados de nombres de persona en las clases de E/LE. Anais do IV Congresso Brasileiro de Hispanistas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, IV, 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Hispanistas, 2008. p. 190-198. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/hispanistas/hot/lingua\\_espanhola.pdf](http://www.letras.ufmg.br/hispanistas/hot/lingua_espanhola.pdf). Acesso em: 26 abr. 2008.

ARIZA, Manuel. ¿Es propio el nombre propio? In: ALCAIDE, Esperanza R.; RAMOS, Maria del Mar; SALGUERO, Francisco J. (eds.). **Estudios lingüísticos en torno a la palabra**. Sevilla: Universidad de Sevilla, p. 33-40, 1993.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto e Henrique Graciano Murachco. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (original francês: *Grammaire Générale et raisonnée*.)

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. (original inglês: *How to do things with words*.)

BELLO, Andrés. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Madrid: Arco Libros, 1988.

BRITO, Adriano Naves de. **Nomes próprios: semântica e ontologia**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

BOSQUE, Ignacio. **Las categorías gramaticales: relaciones y diferencias**. Madrid: Síntesis, 1991.

BRIZ, Antonio; GRUPO VAL.ES.CO. **Corpus de conversaciones coloquiales**. Madrid: Arco/Libros, 2002.

BURGE, Tyler. Reference and proper names. **Journal of Philosophy**, 70, p. 425-439, 1973. Disponível em: <http://cavehill.uwi.edu/bnccde/PH38D/burge.html>. Acesso em 11 out. 2005.

CABRÉ, María Teresa et al. Nombre propio y formación de palabras. In: WOTJAK, BERD (ed.). **En torno al sustantivo y adjetivo en el español actual: aspectos cognitivos, semánticos, (morfo)sintácticos y lexicogenéticos**. Frankfurt am Maim: Vervuert / Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 191-206.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CARNAP, Rudolf. Significado e sinonímia nas linguagens naturais. In: SCHILICK, Moritz; CARNAP, Rudolf. **Coletânea de textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1998. (Coleção *Os Pensadores*)

CASANOVA, D.; LLORÉ, X.; MARÍN, R.; MERENCIANO, J. M.; PÉREZ, G. y TROTZIG, D. "ANTRO: Un sistema de reconocimiento y gestión de antropónimos", **Procesamiento del Lenguaje Natural**, n. 27, set. 2001. Disponível em: <http://www.sepln.org/revistaSEPLN/revista/27/>. Acesso em: 28 ago. 2005.

CHAROLLES, Michel. **La référence et les expressions référentielles en français**. Paris: Ophrys, 2002.

CHRISTIN, Anne-Marie (comp.). **El nombre propio: su escritura y significado a través de la historia en diferentes culturas**. Barcelona: Gedisa, 2001. Original francês.

CHUKWU, Uzoma. Science, Dénomination et partage du pouvoir: le cas des éponymes. **Meta**, XLI, 4, p. 591-603, 1996.

COSERIU, Eugenio. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. Madrid: Gredos, 1967.

COSERIU, Eugenio. **El hombre y su lenguaje**: estudios de teoría metodología lingüística. Madrid: Gredos, 1971.

COUTO, Hildo Honório. Os apelidos do Cláudio. **Humanidades**, v. 11, p. 65-70, 1986.

CURAT, Hervé; HAMLIN, Frank R. Désignation, référence et la distinction entre noms propres et noms communs. **Zeitschrift für romanische philologie**, Tübingen, v. 109, p. 1-15, 1993.

DAUZAT, Albert. **Les noms de personnes**: origine et évolution (prénoms, noms de famille, surnoms, pseudonymes). Paris: Delagrave, 1934.

D'CRUZ, Mark. A theory of ordinary proper names. **Mind**, vol. 109, p. 721-756, oct. 2000.

DEMONTE, Violeta. El adjetivo: clases y usos. La posición del adjetivo en el sintagma nominal. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.). In: **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. vol. 1: sintaxis básica de las clases de palabras, p. 129-215.

DÍAZ HORMIGO, Ma. Tadea. Nombre común, nombre propio y antonomasia. **Trivium** – Anuario de Estudios Hispánicos, Jerez de la Frontera, n. 7, nov. 1995.

DÍAZ ROJO, José Antonio. Nociones de neología: la formación de derivados y compuestos a partir de nombres de personas. **Panace@**, Alicante, n. 5, p. 25-30, sept. 2001.

DI TULLIO, Ángela. **Manual de gramática del español**. Buenos Aires: La isla de la Luna, 2005.

DOMÍNGUEZ, Carmen Luisa; MORA, Elsa. **El habla de Mérida**. Mérida: Universidad de los Andes – Consejo de Publicaciones, 1998.

DONNELLAN, Keith S. Proper names and identifying descriptions. **Synthese**, v. 21, p. 335-358, 1970.

EGUREN, Luis J. Pronombres y adverbios demostrativos. Las relaciones deícticas. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.). In: **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. vol.1: Sintaxis básica de las clases de palabras, p. 929-972.

FAUCONNIER, Gilles. **Espaces mentaux**: aspects de la construction du sens dans les langues naturelles. Paris: Les éditions de minuit, 1984.

FAURE, Roberto. **Diccionario de nombres propios**. Madrid: Espasa Calpe, 2002.

FERNÁNDEZ LEBORANS, María Jesús. El nombre propio. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.). In: **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999a. vol. 1: sintaxis básica de las clases de palabras, p. 77-128.

FERNÁNDEZ LEBORANS, María Jesús. La predicación: las oraciones copulativas. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.). In: **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999b. vol. 2: las construcciones sintácticas fundamentales – relaciones temporales, aspectuales y modales, p. 2357-2460.

FERNÁNDEZ LEBORANS, María Jesús. **Los sintagmas del español**: el sintagma nominal. Madrid: Arco Libros, 2003.

FERNÁNDEZ MORENO, Luis. **La referencia de los nombres propios**. Madrid: Trotta, 2006.

FLAUX, Nelly. L'antonomase du nome propre ou la mémoire du référent. **Langue française**: Syntaxe et sémantique des noms propres, apresentado por M.-N. Gary-Prieur, Paris, Larousse, v. 92, déc. 1991.

FLAUX, Nelly. La catégorisation du nom propre. In: NOAILLY, Michèle (ed.). In: **Nom propre et nomination**: actes du Coloque de Brest 21-24 avril 1994. Paris: Klincksieck, 1995. p. 63-73.

FLAUX, Nelly. À propos de noms collectifs. **Revue de linguistique romane**, Strasbourg, v. 63, p. 471-502, 1999.

FONTANT, Magali. Sur le traitement lexicographique d'un procédé linguistique: l'antonomase de nom propre. **Cahiers de lexicologie**, n. 73, p. 5-41, 1998.

FORSQREN, Mats. Nom propre, référence, prédication et fonction grammaticale. In: NOAILLY, Michèle (ed.). In: **Nom propre et nomination**: actes du Coloque de Brest 21-24 avril 1994. Paris: Klincksieck, 1995. p. 95-105.

FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, 1978. Original alemão.

FREITAS, Maria de Cláudia de; VIOLETA, Quental; ARANHA, Christian Nunes. Aprendendo nomes próprios. **Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN**, Brasília, p. 431-437, 2005. Disponível em: <http://www.abralin.org/publicacao/abralin2005.pdf>. Acesso em 8 fev. 2007.

FRIBURGER, N.; MAUREL, D. Élaboration d'une cascade de transducteurs pour l'extraction de motifs : l'exemple de noms de personnes. In: **Actes de la Huitième conférence annuelle sur le traitement automatique des langues naturelles** (TALN 2001), p. 183-192. Disponível em: [http://www.atala.org/article.php?id\\_article=273](http://www.atala.org/article.php?id_article=273). Acesso em: 10 nov. 2005.

GARCÍA-CASTAÑÓN, Santiago. **Diccionario de epónimos del español**. Gijón: Trea, 2001.

GARCÍA GALLARÍN, Consuelo. **Los nombres de pila españoles**. Madrid: Ediciones del Prado, 1998.

GARCÍA SUÁREZ, Alfonso. **Modos de significar**: una introducción temática a la filosofía del lenguaje. Madrid: Tecnos, 1997. (Cap. 2: Nombres propios.)

GARY-PRIEUR, Marie-Noëlle. *Du Bach, Du Colette*: neutralisation du genre et recatégorisation des noms de personnes. **Le français moderne**, Paris, v. LVIII, n. 3/4, p. 174-189, oct. 1990.

GARY-PRIEUR, Marie-Noëlle. **Grammaire du nom propre**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

GARY-PRIEUR, Marie-Noëlle. Le nom propre, suite. **Travaux de linguistique**, Louvan-la-Neuve, v. 30, p. 93-102, 1995.

GARY-PRIEUR, Marie-Noëlle. **L'individu pluriel**: les noms propres et le nombre. Paris: CNRS, 2001.

GARY-PRIEUR, Marie-Noëlle. Où il est montré que le nom propre n'est (presque) jamais «modifié». **Langue Française** – noms propres: la modification, Paris: Larousse, n. 146, p. 53-66, 2005.

GEBARA, Mansur Bittar; PUPO JÚNIOR, Rubens de Almeida. **Epônimos na prática médica**. São Paulo: Lemos, 1997.

GONZÁLEZ F., Diana. Algunas consideraciones en torno al nombre propio. **Lengua y sociedad**, vol. 7, n. 2, p. 103-108, oct. 2004.

GRANGER, Gilles. A quoi servent les noms propres? **Langages**, v. 66, p. 21-36, juin 1982.

GREVISSE, M.; GOOSSE, A. **Nouvelle grammaire française**. 3. ed. Bruxelles: De Boeck, 1995.

GUTIÉRREZ RODILLA, Bertha. Lo literario como fuente de inspiración para el lenguaje médico. **Panace@**, Alicante, vol. IV, n. 11, p. 61-67, marzo 2003.

HADIFI, Mansour. Noms propres et dictionnaire de langue: la Syrie dans le TLFi. **Le français moderne**, Paris, v. LXXII, n. 2, p. 200-208, 2004.

JAKOBSON, Roman. **Essais de linguistique générale**: les fondations du langage. Paris: Les Éditions de Minuit, 1963.

JESPERSEN, Otto. **The philosophy of grammar**. New York: WW Norton & Company Inc, The Norton Library, 1965.

JONASSON, Kerstin. **Le nom propre**: constructions et interprétations. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1994.

KATZ, Jerrold J. Semantics in linguistics and philosophy: an intentionalist perspective. LAPPIN, Shalom. **The handbook of contemporary semantic theory**. Cambridge: Blackwell, 1996.

KLEIBER, Georges. **Problèmes de référence**: descriptions définies et noms propres. Paris: Klincksieck, 1981.

KLEIBER, Georges. Du nom propre nom modifié au nom propre modifié: le cas de la détermination des noms propres par l'adjectif démonstratif. **Langue française**:

Syntaxe et sémantique des noms propres, apresentado por M.-N. Gary-Prieur, Paris, Larousse, v. 92, p. 104-112, déc. 1991.

KLEIBER, Georges. Mais qui donc est sur l'étagère de gauche? *ou* Faut-il multiplier les référents? **Travaux de linguistique et de philologie**, Strasbourg-Nancy, v. XXX, p. 82-103, 1992.

KLEIBER, Georges. **Nominales**: essais de sémantique référentielle. Paris: Armand Colin, 1994.

KLEIBER, Georges. Sur la définition des noms propres: une dizaine d'années après. In: NOAILLY, Michèle (ed.). **Nom propre et nomination**: actes du Colloque de Brest 21-24 avril 1994. Paris: Klincksieck, 1995. p. 11-36.

KLEIBER, Georges. Noms propres et noms communs: un problème de dénomination. **Meta**, XLI, 4, p. 567-589, 1996.

KLEIBER, Georges **Problèmes de sémantique**: la polysémie en questions. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1999.

KLEIBER, Georges. Retour sur les noms propres standard modifiés. **Linguística**: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, v. 1, n. 1, p. 33-51, 2006.

KNEALE, W. Modality de dicto and de re. In: NAGEL, Ernest; SUPPES, Patrick; TARSK, Alfred. **Logic, methodology and philosophy of science**: proceedings of the 1960 International Congress. Stanford, California: Stanford University Press, 1962.

KRIPKE, Saul. **La logique des noms propres**. Tradução de Pierre Jacob; François Recanati. Paris: Les éditions de Minuit, 1982. Original inglês. (Em espanhol: KRIPKE, S. **El nombrar y la necesidad**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1995.)

**LANGAGES**: Le nom propre, ed. Jean Molino, Paris, Larousse, v. 66, juin 1982.

**LANGUE FRANÇAISE** – Syntaxe et sémantique des noms propres, apresentado por M.-N. Gary-Prieur, Paris, Larousse, v. 92, déc. 1991.

**LANGUE FRANÇAISE** – Noms propres: la modification, Paris, Larousse, v. 146, juin 2005.

LECOMTE-HILMY, A. Du statut linguistique des noms propres dans cinq dictionnaires français. **Cahiers de lexicologie**, n. 54, pp. 7-32, 1989.

LEITE, Cláudia Aparecida de Oliveira. **O nome próprio e sua relação com o inconsciente**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

LEONETTI, Manuel. El artículo. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.). In: **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999a. vol.1: Sintaxis básica de las clases de palabras, p. 77-128.

LEONETTI, Manuel. **Los determinantes**. Madrid: Arco Libros, 1999b.

LEROY, Sarah. **Entre identification et catégorisation, l'antonomase du nom propre en français**. Tese de doutorado, UFR I – Lettres, Arts, Philosophie, Linguistique, Université Montpellier III – Paul Valéry, 2001.

LEROY, Sarah. Des patrons morpho-syntaxiques pour le repérage automatique de l'antonomase du nom propre. In: **JADT 2002: 6<sup>es</sup> Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles**, 2002. Disponível em: <http://www.cavi.univ-paris3.fr/lexicomtrica/jadt/jadt2002/tocJADT2002.htm>. Acesso em 10 out. 2005.

LEROY, Sarah. **Le nom propre en français**. Paris: Ophrys, 2004.

LEROY, Sarah. Les dérivés de noms propres dans TLFi: quelles bases pour quels sens? **Corela**, Numéros spéciaux, Colloque AFLS, 2005. Disponível em: <http://edel.univ-poitiers.fr/corela/document.php?id=234>.

LESAY, Jean Damien. **Les personnages devenus mots**. Paris: Belin, 2004.

**LEXIQUE** – Les noms propres: nature et détermination, Villeneuve d'Ascq : Presses universitaires du septentrion, v. 15, 2000.

LONGOBARDI, Giuseppe. Reference and proper names: a theory of N-movement in syntax and logical form. **Linguistic Inquiry**, v. 25, n. 4, p. 609-664, 1994.

LÓPEZ GARCÍA, Ángel. Lo propio del nombre propio. **Lingüística Española Actual**, Madrid, v. VII, n. 1, p. 37-54, 1985.

LÓPEZ GARCÍA, Ángel. **Gramática del español**. Madrid: Arco Libros, 1998. vol. III: las partes de la oración.

LÓPEZ GARCÍA, Ángel. Clases de nombres propios. In: WOTJAK, BERD (ed.). **En torno al sustantivo y adjetivo en el español actual: aspectos cognitivos, semánticos, (morfo)sintácticos y lexicogenéticos**. Frankfurt am Maim: Vervuert / Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 183-189.

LOZANO RAMÍREZ, Mariano. **Contribución al estudio del apodo en el habla bogotano**. Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1999.

LYONS, John. **Semântica**. vol.1. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1977.

MARÍN, Rafael; MARTÍNEZ, Begoña; MIRAMÓN, David. La codificación de la información morfológica en los lexicones computacionales. **Revista electrónica de estudios filológicos**, n. 5, abr. 2003. Disponível em: <http://www.um.es/tonosdigital/znum5/estudios/G-Morfologlexicon.htm>. Acesso em 29 ago. 2005.

MARTIN, Robert M. **The meaning of language**. Cambridge: The MIT Press, 1987.

MARTÍNEZ, José Antonio. La concordancia. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.). In: **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. vol. 2: Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales, p. 2695-2786.

MARTINS, Francisco. **O nome próprio**: da gênese do eu ao reconhecimento do outro. Brasília: UNB, 1991.

MAUREL, Denis. Les mots inconnus sont-ils des noms propres? In: **JADT 2004: 7<sup>es</sup> Journées internationales d'analyse statistique des données textuelles**, 2004. Disponível em: <http://www.cavi.univ-paris3.fr/lexicometrica/jadt/jadt2004/tocJADT2004.htm>. Acesso em: 12 out. 2005.

MELHEM, Sergio. **Dicionário de epônimos** (anatomia, embriologia, histologia). Taubaté: Editora da Universidade de Taubaté, 1996.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. **A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa**: um caso de retenção? Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

MEYER, Bernard; BALAIN, Jean Daniel. Autour de l'antonomase de nom propre. **Poétique**: revue de théorie et d'analyse littéraires, 46, p. 183-199, 1981.

MILL, John Stuart. Sistema de lógica dedutiva e indutiva e outros textos. In: BENTHAM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção *Os pensadores*, v. 34.)

MIRANDA, Florencia. O nome próprio como organizador textual. **Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística**, Lisboa, APL, p. 569-579, 2003.

MÓIA, Telmo. Aspectos da modificação de estruturas nominais. **Discursos**, 4, p. 37-63, 1993.

MOLINER, María. **Diccionario de uso del español**: edición electrónica. Madrid: Gredos, 2001. 1 CD-ROM, versión 2.0.

MOLINO, Jean. Le nom propre dans la langue. **Langages**, v. 66, p. 5-20, juin 1982.

MONTES GIRALDO, José Joaquín et al. **El español hablado en Bogotá**: relatos semilibres de informantes pertenecientes a tres estratos sociales. Tomo I. Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1997.

MOYA, Virgilio. **La traducción de los nombres propios**. Madrid: Cátedra, 2000.

MORALA, José R. El nombre propio ¿objeto de estudio interdisciplinar? **Contextos**, León, v.8, p.49-61, 1986.



MORENO FERNÁNDEZ, Francisco et al. **La lengua hablada en Alcalá de Henares – Corpus PRESEEA-ALCALÁ**: I. Hablantes de instrucción superior. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2002. 1 CD-ROM.

NEBRIJA, Antonio de. **Gramática de la lengua castellana**. 1492. Disponível em: <http://www.sgci.mec.es/br/cv/biblioteca/index.htm>. Acesso em: 23 nov. 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, Orlando. **Dicionário do nome das coisas e outros epónimos**. Lisboa: Notícias, 2004.

NOAILLY, Michele. “L’énigmatique Tombouctou”: nom propre et position de l’épithète. **Langue française**: Syntaxe et sémantique des noms propres, apresentado por M.-N. Gary-Prieur, Paris, Larousse, v. 92, p. 104-112, déc. 1991.

NOAILLY, Michèle (ed.). **Nom propre et nomination**: actes du Colóque de Brest 21-24 avril 1994. Paris: Klincksieck, 1995.

NOAILLY, Michèle. La querelle des noms propres. **Modèles linguistiques**, v. XX, 1, p. 107-112, 1999.

NOAILLY, Michèle. «Ce même Bajazet» : nom propre et principe d’identité. **Lexique – Les noms propres**: nature et détermination, Villeneuve d’Ascq : Presses universitaires du septentrion, v. 15, p. 21-34, 2000.

NOVAES, Mariluci. A letra e o significante-nome próprio na psicose. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, vol.18, n.1, p.87-105, jan/jun 2006.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, J. A. **O significado de significado**: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

OLIVEIRA FILHO, Jurandir Soares. **Palavras oriundas, pelo processo eponímico, de antropônimos**: classificações. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2001.

OLSSON-JONASSON, Kerstin. A propos de la distinction spécifique / non spécifique des syntagmes nominaux indéfinis. In: KLEIBER, G. (ed.). **Recherches en pragmasémantique**. Metz, p. 185-213, 1984.

ORLANDO, Eleonora. **Concepciones de la referencia**. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

OROZ, Rodolfo. Sobre los adjetivos derivados de apellidos en la lengua española. **Boletín de Filología**, Santiago de Chile, v. IX, p. 105-120, 1956-1957.

OSUNA GARCÍA, Francisco. Los nombres propios: ¿lexemas o morfemas? **Revista de Filología Española**, Madrid, v. LXXXIII, n. 1-2, p. 93-132, 2003.

OZAETA GÁLVEZ, Ma. Rosario. Los antropônimos: nociones teóricas y modalidades de transferencia (francés-español). **EPOS: Revista de Filología**, XVIII, p. 233-255,

2002. Disponível em: <http://62.204.194.45:8080/fedora/get/bibliuned:Epos-EAD1323D-2467-4B1D-A97C-F4BAD111F9B3/PDF>. Acesso em: 22 jan. 2008.

PAVÓN LUCERO, María Victoria. Clases de partículas: preposición, conjunción y adverbio. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.). In: **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. vol. 1: sintaxis básica de las clases de palabras, p. 565-655.

PÉREZ OTERO, Manuel. **Esbozo de la filosofía de Kripke**. Barcelona: Montesinos, 2006.

PIATTO, Vânia Belintani; BATIGÁLIA, Fernando; NEVES, Antônio de Pádua. Terminologia médica e o uso de epônimos. **HB Científica**, v. 7, n. 3, set-dez. 2000.

PICALLO SOLER, M. Carme; RIGAU OLIVER, Gemma. El posesivo y las relaciones posesivas. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.). In: **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. vol. 1: sintaxis básica de las clases de palabras, p. 973-1023.

RECANATI, François. La sémantique des noms propres. **Langue française**, Paris, v. 57, p. 106-118, fev. 1983.

ROJAS, Elena M. El español en el noroeste. In: FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz (coord.). **El español de la Argentina y sus variedades regionales**. 2. ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia / Proyecto Cultural Weinberg Fontanella, 2004.

RUSSELL, Bertrand. **Logic and Knowledge: essays 1901-1950**. London: George Allen & Unwin Ltd, 1956. (Ed. por Robert Charles Marsh.)

RUSSO, Maria de Fatima. **O sentido do nome próprio na aprendizagem da leitura e da escrita**. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

SALVÁ, Vicente. **Gramática de la lengua castellana según ahora se habla** (edición y estudio de Margarita Llisteras). Madrid: Arco Libros, 1988.

SEARLE, John. Proper names. **Mind**, vol. LXVII, p. 166-173, april 1958.

SEARLE, John. **Speech acts**. an essay in the philosophy of language. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEARLE, John. **Expressão e significado: estudo da teoria dos atos de fala**. Tradução de Ana Cecília G. A. de Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SOULE-BECK, Isabelle. Nom propre et anaphore. In: KLEIBER, G.; TYVAERT, J.-E. **L'anaphore et ses domaines**. Metz: Université de Metz, 1990. (Recherches linguistiques, v. 14)

SPITZER, Leo. El sintagma "Valencia la Bella". **Revista de Filología Hispánica**, v. VII, Buenos Aires, p. 259-276, 1945.

STRAWSON, P. F. Escritos lógico-lingüísticos. In: RYLE, Gilbert et al. **Ensaïos**. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Coleção *Os Pensadores*.)

SUÑER GRATACÓS, Avel·lina. La aposición y otras relaciones de predicación en el sintagma nominal. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.). In: **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. vol. 1: sintaxis básica de las clases de palabras, p. 523-564.

VALÉRIO, Yvanowik Dantas. **A passagem do nome próprio para comum em língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

VICARIO ARJONA, Ignacio. **Nombres, referencia y valor cognoscitivo**. Barcelona: Publicaciones de la Universidad de Barcelona, 2001. Disponível em: <http://www.tdx.cesca.es/TDX-0205104-085747/>. Acesso em : 15 jan. 2007.

WILMET, Marc. Pour en finir avec le nom propre? **L'information grammaticale**, Paris, v. 65, p. 3-11, mars 1995a.

WILMET, Marc. Monologues et dialogues sur le temps et les noms propres. **Travaux de Linguistique**, Louvan-la-Neuve, v. 30, p.81-92, 1995b.

ZAPPAROLI, Zilda Maria; CAMLONG, André. **Do léxico ao discurso pela informática**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2002.

ZINK, Sydney. The meaning of proper names. **Mind**, v. 72, n. 288, p. 481-499, oct. 1963.

# ANEXO

*Corpus*: textos de origem dos exemplos (em CD-ROM).